

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICANÁLISE: CLÍNICA E CULTURA

LUÍSA PELLEGRINI COMERLATO

TRANÇAS CLÍNICAS:
uma perspectiva sobre o corpo do analista no encontro transferencial

Porto Alegre
2023

LUÍSA PELLEGRINI COMERLATO

TRANÇAS CLÍNICAS:

uma perspectiva sobre o corpo do analista no encontro transferencial

Dissertação de mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicanálise: Clínica e Cultura, do Instituto
de Psicologia da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Andrea Gabriela Ferrari

Porto Alegre, 2023

LUÍSA PELLEGRINI COMERLATO

TRANÇAS CLÍNICAS:

uma perspectiva sobre o corpo do analista no encontro transferencial

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Banca Examinadora

Profa. Dra. Andrea Gabriela Ferrari – Orientadora

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Prof. Dr. Cleyton Sidney de Andrade

Instituição: Universidade Federal de Alagoas (UFAL)

Profa. Dra. Edna Linhares Garcia

Instituição: Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)

Profa. Dra. Sandra Djambolakdjian Torossian

Instituição: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

Agradecimentos

À Andrea Ferrari que deu corpo a esse texto com seus apontamentos, sugestões, direcionamentos e, principalmente, com sua aposta, que, nas rasuras desse trajeto, puderam movimentar a pesquisa. Sem suas orientações e biblioteca, esse texto não existiria;

Aos professores da banca pela presença: é só com seus corpos que esse momento fez-se possível;

À minha família, os que me pegaram no colo e, na minha testa, fizeram o sinal da cruz, dos que já foram da vida e em vida, porque “as crianças são levadas pela mão de gente grande”;

Aos colegas de profissão, de instituição e de grupo de pesquisa NEPIs, principalmente às amigas Larissa Moraes e Maria Eduarda Tenório, pelos encontros e, especialmente, desencontros, que me colocaram em encruzilhadas a repensar meus trajetos;

À Eduarda Xavier, pela leitura atenta e delicada, que acolhe e ensina, fundamental nos caminhos que esse texto percorreu e que eu pude percorrer nesses anos de ser “um ombro amigo e meu abrigo”;

À Cristine Kapustan, pela transformação de um encontro de trabalho em amizade, que me fez aprender, em cena, o lugar do corpo e me faz seguir pensando a clínica “todo dia de manhã quando tomo meu café amargo”;

Ao Lucas Barros de Assis que, pela janela lateral, me apresentou os seus mistérios, dando a esse texto sua formação, "sem querer descanso nem dominical";

À Julia Castilhos que, durante esses dois anos, muito suportou minhas palavras ao vento, do deserto às cachoeiras, e me faz voltar a sonhar que “o mundo inteiro está naquela estrada ali em frente”;

À Judith que "me sorriu latindo";

A todos que, com ou sem paciência, emprestaram seus ouvidos às minhas elucubrações que ainda não tinham a materialidade da escrita. Pelo monotemático da minha narrativa, sou réu confesso e, por isso, eu peço perdão;

A todos meus pacientes e seus familiares, que me ensinaram que a vida precisa de movimento e que o encontro na análise pode ser a terceira margem do rio, capaz de movimentar o próprio conceito de movimento, o que também me arrebate em movimentos;

Ao meu corpo que, apesar de sua miopia, me permite correr (não sei do quê, nem pra onde), mas que, nesses dois anos, me fez chegar neste texto.

Resumo

Esta dissertação nasce de questões suscitadas por encontros transferenciais na clínica com crianças diagnosticadas com o Transtorno do Espectro Autista. Dentre as particularidades deste trabalho, deparei-me com diversos questionamentos, especialmente, pelos momentos de recusa ao outro e de buscas pela repetição sensorial. Recolhendo da clínica interrogantes, essa pesquisa toma no a posteriori da experiência, elementos para pensar o modo como tais atendimentos colocam em primeiro plano o corpo. O recurso metodológico encontrado foi a elaboração de três narrativas, que tiveram como cenário três sessões de diferentes pacientes, com a intenção de voltar o olhar ao corpo do analista nessas cenas. As narrativas foram analisadas pela construção de três categorias: maneirismos, agenciamentos e transversalidade. Em uma proposta de debater teoricamente aspectos decantados dos escritos clínicos, articulando os conceitos apresentados na primeira parte do trabalho para dar subsídios à discussão das cenas, há uma apresentação da instituição e do serviço onde ocorreram os atendimentos clínicos. Na sequência, o texto adentra a teoria psicanalítica aproximando-se do conceito de transferência, para prosseguir aprofundando os preceitos da psicanalista Piera Aulagnier. Destaquei seus escritos pela relação que ela estabelece entre o aparelho somático e psíquico, ao tomar o corpo enquanto central para a psique inaugurar e sustentar, ao longo da vida, seu trabalho de representação. Em paralelo a isso, a proposta da existência de três processos de funcionamento do aparelho psíquico - originário, primário e secundário - permite uma leitura metapsicológica capaz de dar consistência à discussão das cenas clínicas. Isto é, permitiu uma chave de interpretação sobre a recusa ao outro e uma fixação em determinados estímulos sensoriais relacionadas a forma de representação pictográfica - própria do processo originário. O reconhecimento da diferença substancial existente entre minha posição como analista e a das crianças instigou a hipótese quanto a necessidade de uma modificação em mim para estar disponível a esse encontro transferencial. Para tal, encontrei no perspectivismo ameríndio a suposição de uma forma de produção de uma torção do modo a sustentar pela diferença a disponibilidade que passa pela corporeidade. A teorização de Viveiros de Castro possibilitou um caminho de leitura pela via da produção de um estado de devir. Na direção de articular a minha experiência clínica e as duas teorias, esse texto buscou estruturar-se como um trançado. A aposta aqui é que essa trança possa aprofundar a sustentação teórica da pesquisa em paralelo à clínica, apontando, através dessa articulação, direcionamentos que produzam contornos ao objeto dessa pesquisa: o corpo do analista na transferência.

Palavras-chave: Psicanálise. Perspectivismo ameríndio. Piera Aulagnier. Transtorno do Espectro Autista. Corpo do analista.

Abstract

This master thesis was born from questions raised by transference encounters in the clinic with children diagnosed with Autism Spectrum Disorder. Among the particularities of this work, I came across several questions, especially because of the moments of refusal to the other and of searches for sensory repetition. Collecting testimonials from the clinic, this research takes in the experience a posteriori, elements to think about how such treatments put the body in the foreground. The resource found was the elaboration of narratives, from three sessions of different patients, with the intention of turning the look to the analyst's body in these scenes. In order to provide context for the discussion of the scenes, I introduce the institution where the clinical care took place. Next, the text enters psychoanalytic theory approaching the concept of transference, to continue deepening the precepts of the psychoanalyst Piera Aulagnier. I highlighted her writings for the relationship she establishes between the somatic and psychic apparatus, by taking the body as a central element of the psychic apparatus to inaugurate and sustain, throughout life, its work of representation. In parallel to this, the proposal of the existence of three processes of functioning of the psychic apparatus - originary, primary and secondary - allows a metapsychological reading capable of giving consistency to the discussion of clinical scenes. Thus, it allowed a key to interpretation about the refusal of the other and a fixation on certain sensory stimuli related to pictographic representation - typical of originary process. The recognition of the substantial difference between my position as an analyst and that of children instigated the hypothesis of a necessity of a personal adaptation in order to be available for this transference encounter. For this, I found in Amerindian Perspectivism the assumption of a form of production of a twist in order to sustain by difference the availability that passes through corporeality. Viveiros de Castro's theorization made possible a path of reading through production of a state of becoming. In order to articulate my clinical experience and these two theories, this text sought to structure itself as a braid. The narratives were analyzed by constructing three categories taken from Viveiros de Castro's theory: mannerisms, agencies and transversality. In a proposal to theoretically discuss aspects decanted from clinical writings, articulating concepts presented in first part of work between perspectivism and psychoanalysis. The bet here is that this braid can deepen theoretical support for research parallel to the clinical context, pointing out through this articulation directions that produce contours to the object of this research: the analyst's body in transference.

Keywords: Psychoanalysis; Amerindian Perspectivism; Piera Aulagnier; Autism Spectrum Disorder; Analyst's body.

Sumário

1	Introdução	7
2	Por CER de lá.....	11
2.1	Prelúdio	11
2.2	A instituição.....	13
2.3	Público.....	14
3	Um tom de transferência	19
3.1	Todos os olhos se voltam para mim	19
3.2	Você fala que sim, que me compreende.....	23
3.3	Eu e você, Temos coisas até parecidas	28
4	Nascimento de um corpo	35
4.1	Origem de um sujeito.....	36
4.2	Origem de um aparelho psíquico.....	46
4.3	Origem de um aparelho somático.....	64
4.4	Origem de uma clínica.....	77
5	Tudo ainda é tal e qual e nada é igual	89
5.1	Perspectivismo ameríndio	89
5.2	Uma psicanálise transversal.....	104
6	Corpo no e do texto: metodologia.....	115
6.1	A Pele: pesquisa psicanalítica e seus derivados.....	115
6.2	As vísceras: da teoria às narrativas	118
7	As narrativas e suas reverberações	127
7.1	Acrobata.....	128
7.2	São João	131
7.3	Prendedor	132
7.4	Maneirismos	135
7.5	Agenciamentos.....	142
7.6	Transversalidade	152
8	Considerações finais: um texto que trançou corpo.....	166
	Referências.....	171

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação nasce de questões suscitadas por encontros transferenciais na clínica com crianças pequenas e com transtornos do desenvolvimento. Dentre as particularidades deste trabalho, deparei-me com diversos questionamentos, quando iniciei a prática enquanto psicóloga. Especialmente, em relação a como atuar em atendimentos com pacientes com dificuldades importantes na fala, que recusam o outro e que têm buscas pela repetição sensorial.

Nesse sentido, é importante situar a história desse tema em mim e colocar que essas questões começaram a me tocar ainda durante o percurso da graduação. Compus a equipe de dois projetos relacionados à primeira infância, com os protocolos dos Indicadores de Risco do Desenvolvimento Infantil (IRDI) e a Avaliação Psicanalítica aos 3 anos (AP3). Ambos vinculados ao Núcleo de Estudos em Psicanálise e Infâncias (NEPIs) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), coordenados pelas professoras Andrea Gabriela Ferrari e Milena da Rosa Silva - espaço que voltei a integrar nesse tempo do mestrado. Além disso, os estágios que realizei buscavam a aproximação entre psicanálise e diferentes dispositivos clínicos. Primeiramente, na Fundação de Atendimento à Deficiência Múltipla (Fadem), onde se realiza o tratamento de crianças e adolescentes que têm impasses no desenvolvimento. Lugar que tive o privilégio de encontrar colegas com as quais formei e participei do coletivo de contação de histórias Com fio no conto¹, que realiza oficinas nos grupos dessa instituição.

Outro espaço que integrei enquanto estagiária e, posteriormente, extensionista foi a Clínica de Atendimento Psicológico (CAP) da UFRGS. Essa instituição foi o local no qual fui colocada, e me coloquei enquanto terapeuta em atendimentos individuais pela primeira vez. Ali, tive a experiência com casos clínicos, acompanhados em supervisão, tanto de adultos, quanto de crianças - todos com particularidades e uma multiplicidade de questões. Ao chegar o momento de aproximação da colação de grau e da realização do trabalho de conclusão de curso, tive o ímpeto de me aprofundar na produção pelo desenho nos atendimentos clínicos.

A escolha desse tema se deu por uma experiência transferencial com um adolescente de treze anos com uma deficiência auditiva significativa, que era atendido por mim naquele momento da formação na CAP. O paciente fazia uso intermitente de um apare-

¹O coletivo nasceu pela parceria com as colegas psicólogas Eduarda Xavier, Lívia Dávalos, Sofia Tessler e Paula Gus.

lho auditivo e mostrava impasses na apropriação efetiva da comunicação: tanto da língua de sinais, quanto da língua portuguesa. Em toda sessão, ele realizava produções gráficas muito semelhantes entre si e pouco se detinha em comunicar algo verbalmente, ou através de sinais sobre elas. Ao iniciar o estudo teórico sobre o desenho, pude estabelecer balizas no trabalho desse manejo transferencial extremamente desafiador para mim, e, por sugestão da minha orientadora Andrea Ferrari, encontrei-me com a leitura do livro “El niño del dibujo” da psicanalista argentina Marisa Rodulfo (1992).

Esse texto se tornou a base teórica, na qual se assentou meu trabalho de conclusão (Comerlato, 2018), pois surgiu como uma fenda expansiva no entendimento do que pode ser o endereçamento transferencial de um paciente. Ou seja, a possibilidade de tomar o desenho como uma manifestação do inconsciente ele mesmo, autônomo, sem a exigência de que venha acompanhado por palavras. Além de poder estar disponível enquanto analista ao que é próprio das construções imagéticas, sem reduzi-las a um lugar de menos valia. O caso originalmente impulsor do interesse pelo desenho não foi descrito no trabalho, talvez pelas dificuldades para mim colocadas ali, mas também em uma intencionalidade de trazer uma situação clínica em que a produção gráfica não fosse um recurso tão central. Essa foi uma decisão para assumir a posição de que não é apenas quando não há discurso verbal ou escrito que o analista deve trabalhar com produções de outra ordem, como a imagem, por exemplo. Pois esse é um modo de estar disponível que não deve ser apenas incorporado como último recurso, uma vez que, no percurso de investigar o lugar do desenho na clínica, alguns atravessamentos apontavam para resistências como uma primazia pela linguagem verbal em detrimento do que há de especificidade do imagético.

A situação clínica escolhida para o trabalho de conclusão, também atendida por mim, foi de uma criança de sete anos, que estava passando pelo processo de entrevistas iniciais² para começar um tratamento. Além de produzir graficamente com tinta e lápis, também era um paciente que falava, brincava e estava no processo de alfabetização. Dessa forma, o escrito construído seguiu o percurso de investigar o lugar que o desenho tem na clínica e, debatendo a transferência antes mencionada, tomou o desenho como endereçamento da criança, com a intenção de interrogar o que havia ali de especificidade imagética. No limite, essa produção se desdobrou em um pensar clínico advertido sobre a necessidade de me manter disponível à multiplicidade de formas do paciente endereçar

²Entrevistas iniciais são o dispositivo porta-de-entrada da Clínica de Atendimento Psicológico da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Esse é o processo de acolhimento das pessoas que buscam a Clínica, configurando-se como um momento de construção da demanda de tratamento. As entrevistas iniciais encontram alguma referência nos processos de triagem, habitualmente realizados em outras instituições, e são inspiradas nas Entrevistas Preliminares propostas pela psicanálise.

suas questões. Além de abrir novos interrogantes no que concerne a como dar sequência a essa disponibilidade, não apenas no trabalho com o desenho, mas também a outras formas de endereçamentos na clínica com a infância, como brincadeiras e jogos.

É nesse ponto que surge o desejo pela continuidade e aprofundamento desse problema de pesquisa, como uma possibilidade de tomar questões que afetam o atendimento de crianças de forma ampla e colocam nesse alguns interrogantes sobre o lugar do analista no processo e as resistências que ali podem emergir. Entretanto, nesse momento, com a pretensão de não reduzir essas investigações às produções gráficas. É justamente nessa articulação que é possível condensar as interpelações que decantaram dessa pesquisa como a intenção de investigar, a partir da experiência, por quais vias, o analista que trabalha com crianças se mantém disponível à multiplicidade desses encontros transferenciais e, por quais modos, esses o atravessam. Há uma associação entre ambas pesquisas, contudo, também é possível situar uma tentativa de deslocamento, pois antes o foco estava colocado na produção do paciente, e, nesse outro momento, passa ao trabalho do analista. A amplitude desse objetivo tornaria impossível tocar tal questão, por isso, o direcionamento dessa dissertação foi pensar o modo como alguns atendimentos com crianças que recusam o outro e permanecem em repetições sensoriais produzem efeitos no corpo do analista.

O deslocamento do escopo da pesquisa para fora da questão do desenho produziu, em paralelo, a necessidade da busca por situar diferentes arcabouços teóricos. Nessa direção, persegui, pela via da psicanálise, autores que pudessem promover uma consistência metapsicológica a essa pergunta. Em tal percurso, deparei-me com a psicanalista Piera Aulagnier³ e encontrei em sua obra uma multiplicidade de conceitos que permitiram à dissertação a densidade de uma teoria que opera pela ética da psicanálise e investiga a articulação entre o aparelho psíquico e somático. Contudo, a intenção por encontrar diferentes ângulos de debate para a questão promoveu a busca por outro campo, principalmente para pensar a posição do corpo do analista. Nesse percurso, esse texto enlaçou a metapsicologia de Aulagnier com o perspectivismo ameríndio pela ótica do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, a fim de discorrer sobre as questões clínicas abordadas. A

³Apesar das grandes contribuições de Piera Aulagnier à psicanálise, é escasso o acesso a sua obra, tanto por um reduzido número de edições de seus textos, quanto por poucas traduções ao Português. Em função disso, muitos dos livros consultados foram de traduções do Espanhol, todas as referências retiradas desses foram traduzidas por mim. Essa nota pretende esclarecer algumas escolhas utilizadas. Nos livros de Piera Aulagnier, optei pelas expressões “investimento”, enquanto em algumas traduções do espanhol a palavra privilegiada foi “catexia”. Quanto ao conceito da representação do processo primário, tanto no português como no espanhol, encontram-se traduções que utilizam as palavras fantasia e fantasma, por vezes indistintamente. Em decorrência disso, buscou-se na obra original a palavra utilizada para que no texto fosse mantido uma só expressão. Desta forma, optei pelo uso da expressão “fantasia”. Além disso mantive a grafia de alguns conceitos tal como nos textos consultados, isto é, Outro e Eu com letras maiúsculas.

sustentação do escrito por essas duas teorias não buscou o estabelecimento de um comum entre ambas, mas a possibilidade de um tensionamento que produza novos questionamentos.

Na direção de articular as duas teorias e a minha experiência clínica, esse texto buscou estruturar-se como um trançado. Isto é, uma proposta de enodar esses três fios que sustentam o trabalho, de modo a associá-los, mas não apagar suas diferenças; em um movimento constante de sobreposições e retornos. A aposta aqui é que essa trança possa aprofundar a sustentação teórica da pesquisa em paralelo à clínica, apontando, através dessa articulação, direcionamentos que produzam contornos ao objeto dessa pesquisa: o corpo do analista na transferência.

O desejo por perseguir essa investigação teórica e o percurso da escrita dessa dissertação ocorreu concomitante à minha prática clínica. Também é possível afirmar que foi um modo de encontrar meios de dar vazão ao que vivencio nas cenas de atendimento. Efetivamente, é o que havia acontecido no trabalho de conclusão de curso, entretanto, após tornar-me psicóloga, minha experiência ganhou outras dimensões. Além dos atendimentos no consultório particular, passei a integrar a equipe de uma instituição que é uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAIE) e um Centro Especializado em Reabilitação Física e Intelectual (CER-II). É dessa experiência que recolho as cenas clínicas que serão trabalhadas neste escrito. Por isso, na sequência tentarei produzir um panorama desse espaço e do trabalho lá realizado para dar a materialidade textual à arquitetura dessa pesquisa.

2 POR CER DE LÁ

*"Por ser de lá
Na certa, por isso mesmo
...
Eu quase não falo
Eu quase não sei de nada
Sou como rês desgarrada
Nessa multidão, boiada caminhando a esmo"*

Lamento Sertanejo, Gilberto Gil

2.1 Prelúdio

A temperatura está baixa, uma neblina fina cobre essas ruas pouco movimentadas, mas largas - com duas pistas de cada lado e um canteiro no meio. Uma praça no meio da quadra apenas aumenta a sensação de se estar em um espaço aberto quase desabitado. Essa rua que se inicia na avenida principal da cidade precisa ser percorrida por completo: três quadras, em um passo lento, até que logo antes da última esquina se vê um muro de concreto com uma inscrição de quatro letras - APAE.

Quando na frente da instituição, um portão eletrônico é aberto e assim passando os muros que separam o pátio da calçada, é possível ver o tamanho do prédio, que nessa primeira vista, pode parecer maior do que quando se adentra o espaço. Há um aspecto curioso nesse externo - a falta de janelas, o que dá a quem está chegando ainda mais certeza sobre onde está a entrada, em sua porta de vidro posicionada à direita do prédio.

Nesses quase 30 metros que separam a rua da entrada, você, visitante, se tiver sorte já pode começar a experimentar um pouco do trabalho ali realizado e se perguntar o que estão esses adultos de jaleco fazendo com crianças nesse pátio que parece sem grandes atrativos. Uma pracinha interditada do lado esquerdo de quem entra, mostra que obras estão acontecendo e as mudanças são constantes e lentas.

Logo antes da porta de vidro, agora só se você for um dos visitantes mais atentos percebem uma listagem do que podemos chamar das filiações desse espaço. Temos um totem do Sistema Único de Saúde - SUS - o pai público - e uma lista de diversas empresas e pessoas que realizaram doações - o pai privado. Que a atenção a esse fato germine como uma discussão política, capaz de, como na adolescência, levantar questionamentos a esses dois pais. Tanto no papel da iniciativa privada na saúde pública, como na pergunta de a

quem serve essas parcerias e marketing.

Quando passar a porta de vidro, você estará na recepção, onde duas funcionárias simpáticas perguntarão seu nome e para qual profissional/atendimento estará aguardando. Do lado esquerdo, temos o que pode parecer algumas poucas cadeiras espalhadas pelo espaço, mas não se engane, essa é uma sala de espera em tempos de covid. Ali, onde antes se via muitas famílias e pacientes ao mesmo tempo, hoje é frequentada por um número bem menor de pessoas - e que, nos primeiros meses do ano de 2020, só pela poeira de uma instituição com funcionários em home office.

Depois desse ponto, temos uma encruzilhada para você, nosso visitante, de um lado uma porta, do outro, uma escada em direção a um andar superior. Daqui onde estamos nenhum dos dois caminhos pode ser antevisto sem um movimento. Para quem escolhe subir, temos dois lances de escada também com dois pequenos portões para impedir qualquer passagem sem uma pequena parada. Ao chegar no topo, você talvez se espante - temos um espaço muito amplo tanto em largura e comprimento, como na altura do pé direito. Essas dimensões só se expandem ainda mais pela falta de ocupação, quase vazio de móveis, tendo algumas cadeiras empilhadas esperando para serem usadas e caixas de equipamentos, esperando para serem entregues aos pacientes. Logo ao lado de quem entra, há uma rampa e uma elevação que compõe um palco, estando ali em cima, você poderá vislumbrar toda a dimensão do espaço nesse dia comum. Com um pouco de trabalho anímico, o imaginará cheio de adultos e crianças - tornando estreita toda essa amplitude - em dias de festa que estão no nosso remoto passado não pandêmico. Atravessando o salão, você, visitante, chegará em nossa cozinha, se no horário do almoço, acompanhará a circulação de funcionários em seu descanso. Se em outros horários, não se surpreenda com o mesmo aspecto do pátio de entrada, crianças e adultos se acompanhando.

Ao retornar escada abaixo, e seguir pela outra vereda, atrás da porta, você verá um longo corredor, muito branco, em seu piso frio e paredes de gesso, apenas interrompidas em sua continuidade por portas numeradas. Ao avançar por esse espaço que não recebe luz natural - o que ressalta aos olhos ainda mais o branco por todos os lados -, mais do que aqui pode ser visto, o principal estímulo sensorial recebido chega pelo aparelho auditivo, são diversas vozes. Aqui acontece então um fenômeno estranho ao estrangeiro, nem todas essas vozes se enlaçam a palavras como usualmente construídas na nossa língua. Há sim uma mistura de sons que não são simplesmente um diálogo de palavras trocadas, por vezes há choros, por vezes há risos, outras, há só brinquedos caindo ou músicas sendo entoadas. São esses barulhos, que escapam do outro lado das paredes desse corredor que

you atravessa, que materializam o improvisado que é a clínica.

talvez quando finda a tarde, a gente não chore, como diz Caetano, mas você observe todas as despedidas e partidas, e, nesses corredores brancos, seguirá escutando as vozes, como um eco ao longe, sem mais saber de onde vêm, mas tendo a certeza de que estivera ali.

Maio de 2021

2.2 A instituição

Para iniciar esse escrito, optei por tentar situar o espaço no qual atuo enquanto psicóloga. Localizada na região metropolitana de Porto Alegre, é uma Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais, instituição tradicional no atendimento a pessoas com deficiência no Brasil, mas que, nessa cidade, nunca foi ligada à área de educação, e sim à secretaria de assistência social, tendo sempre como escopo de trabalho atendimentos clínicos. No ano de 2018, foi conveniada ao Sistema Único de Saúde (SUS) enquanto um Centro Especializado de Reabilitação II - Física e Intelectual, um serviço de média complexidade do governo do estado. Atualmente, é referência para três municípios da região, ou seja, recebe encaminhamento e atende usuários desse território ampliado.

A particularidade da coexistência de ambos os contratos com os órgãos públicos implica algumas exigências burocráticas para a manutenção dos tratamentos e o estabelecimento de balizas que sustentam a entrada, permanência e alta dos pacientes, todos baseados na diretriz de reabilitação intelectual e física pelo CER e na regulação da prefeitura pela APAE. Aqui, irei, brevemente, apontar alguns pilares do trabalho realizado no vínculo com o SUS, especialmente pela reabilitação intelectual, pois é esse o contrato que rege os atendimentos que compõem as cenas clínicas que fazem parte desse escrito. Além disso, é com esses usuários que trabalho majoritariamente, esse é também o vínculo do maior número de pacientes que estão, atualmente, no serviço. Entretanto, não realizaremos um extenso percurso ou levantamento da política, uma vez que esse não é um dos objetivos da pesquisa, mesmo reconhecendo que há especificidades na atuação do psicólogo junto às políticas públicas, a extensão e o devido aprofundamento nessas questões desviaria o escrito do que se propõe e pode ser encontrado de forma mais elaborada em outras pesquisas.

Outro aspecto importante a ser pontuado é que grande parte da primeira equipe

clínica a atuar na instituição era composta por psicanalistas ou profissionais atravessados por essa ética. A proposta por tal viés de trabalho se mantém até o momento. Atualmente, compõem a equipe profissionais das áreas de psicologia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, assistência social, fisioterapia, neurologia, ortopedia e psicopedagogia. Sendo que, dentre esses, há duas terapeutas com formação em estimulação precoce, que realizam o atendimento de bebês e crianças pequenas. A minha contratação ocorreu no ano de 2019, portanto, já quando a instituição tinha o vínculo com o governo do estado e passava a implementar o CER. As atribuições do trabalho passaram a estar atreladas às regulamentações estabelecidas pelo Ministério da Saúde sobre as competências do serviço.

O CER é um ponto de atenção ambulatorial especializada em reabilitação que realiza diagnóstico, avaliação, orientação, estimulação precoce e atendimento especializado em reabilitação, concessão, adaptação e manutenção de tecnologia assistiva ... Todo atendimento realizado no CER será realizado de forma articulada com os outros pontos de atenção da Rede de Atenção à Saúde, através de Projeto Terapêutico Singular, cuja construção envolverá a equipe, o usuário e sua família (Brasil, 2012).

A partir desse vínculo com o SUS, há uma mudança no público da instituição e, em alguns aspectos, dos processos internos, além disso, ocorreu uma ampliação muito significativa do número de pacientes e da equipe. Entretanto, o atendimento clínico permanece sendo a principal atividade realizada, é oferecido a pessoas que possuam algum entrave ou dificuldade no desenvolvimento, podendo ser decorrente de lesões, intercorrências orgânicas ou não. Na sequência, tentaremos oferecermos um esboço dos usuários que são acompanhados no serviço do CER Intelectual, restrição realizada, especialmente, por estar dentro desse escopo os pacientes das cenas narradas nessa dissertação que serão apresentadas e ser esse majoritariamente os usuários acompanhados por mim no cotidiano do trabalho clínico.

2.3 Público

Apesar de não existir uma restrição de idade, o público que chega para atendimento no CER Intelectual é, em sua grande maioria, composto por crianças - idades menores têm prioridade no momento de conseguir a vaga após o encaminhamento. Adolescentes e adultos com questões similares a dessas crianças são direcionado normalmente a

outros serviços e/ou considerados pacientes de manutenção e, portanto, não se enquadram nas diretrizes da reabilitação e não podem frequentar esse serviço. Há aqui uma particularidade CER Intelectual em relação ao Físico, pois este possui balizas mais estabelecidas de quais situações clínicas estão no escopo do trabalho e podem ser consideradas reabilitação em uma articulação entre o diagnóstico do paciente, o tempo em que esse foi recebido, o tempo que sofreu a lesão ou se já teve tratamento anterior. Entretanto, um mesmo diagnóstico pode ser considerado ou não parte do que é acolhido no CER Intelectual. A determinação ocorre menos pela hipótese diagnóstica e mais pela sintomatologia apresentada atrelada à existência anterior de outras intervenções realizadas.

Os usuários recebem o encaminhamento para o serviço por algum profissional da rede de saúde e devem levar este a secretaria de saúde de seu município. O prosseguimento do processo ocorre através do sistema de regulação de consultas especializadas do SUS (GERCON), o qual já faz uma espécie de peneira sobre quais pacientes devem estar em um centro de reabilitação e quais devem ser encaminhados para outros serviços, de saúde como os Centros de Atenção Psicossocial Infantojuvenil (CAPSij) ou os Ambulatórios de Saúde Mental. Nesse ponto, diversas questões políticas compõem um dissonante jogral, no qual os pacientes ficam, por vezes, entre espaços, pois há divergência no entendimento do que é competência de cada serviço. Uma vez que o CER não é um ambulatório “portas abertas”, o direcionamento dos pacientes pelo GERCON também está atrelado ao contrato que cada instituição vinculada possui com o SUS, no que concerne à quantidade de pacientes novos a serem recebidos mensalmente e ao um número determinado de atendimentos a serem realizados. Atualmente, há uma lista de espera, bastante extensa, externa ao CER de usuários aguardando a possibilidade de ingresso na instituição.

A primeira consulta no CER é uma triagem realizada pela equipe interdisciplinar composta por profissionais das áreas da psicologia, terapia ocupacional, fonoaudiologia, fisioterapia e estimulação precoce. É agendado outro horário na área da psicopedagogia para determinar a indicação ou não desse tratamento conforme necessidade identificada pela equipe e possibilidade contratual (o SUS determina, por exemplo, que os atendimentos psicopedagógicos ocorram no CER apenas para usuários que tenham a partir dos sete anos). Esse processo de entrada na instituição já passou por diversas mudanças, o relato aqui apresentado é o que está estabelecido nesse momento da escrita. O que se manteve ao longo do tempo é a tentativa de determinar a existência de uma indicação de atendimento em alguma dessas áreas, tendo, como plano de fundo, a especificidade de

um tratamento em reabilitação. Considero que a diversidade de formas construídas diz de um processo de reconhecimento constante da precariedade de modos de determinação, em um tempo tão breve, das indicações terapêuticas e da complexidade da construção do que é um trabalho em reabilitação intelectual.

Após o momento da triagem, há uma discussão da equipe que fez o processo para determinar se há indicação terapêutica para o trabalho realizado na instituição em alguma das áreas de atendimento. Os profissionais podem solicitar outros momentos de encontro com o paciente para definir o prosseguimento, não restringindo necessariamente a decisão a esse único contato. Posterior à indicação, é marcada outra agenda de retorno à instituição, na qual um profissional do Serviço Social transmite aos responsáveis a decisão realizada na triagem. Nesse momento, faz-se os devidos encaminhamentos e esclarecimentos sobre o transcorrer do processo.

Apesar de ter uma restrição no número de usuários que são acolhidos mensalmente e possuir uma equipe relativamente grande (atualmente, mais de vinte profissionais), todas as áreas possuem uma lista de espera para o início dos tratamentos, uma vez que o número de pacientes é maior do que a capacidade de agendamento dos atendimentos. Normalmente, uma vez iniciado o tratamento, são realizadas sessões semanais e, é comum que um mesmo paciente, ao longo do tempo na instituição, seja acolhido por mais de uma área, de forma concomitante ou não. Para encerrar o vínculo com a instituição, os pacientes podem ser desligados por um excesso de faltas ou receberem alta quando se compreende que ocorreu uma boa evolução nos atendimentos ou que o espaço para a continuidade do tratamento não é mais um centro de reabilitação. Não há uma determinação de um tempo máximo para atendimento no CER Intelectual e, a continuidade ou encerramento do tratamento deve ser justificada clinicamente através da elaboração dos Planos Terapêuticos Singulares, composta por uma discussão em equipe documentada em prontuário.

Parte da complexidade desse processo ocorre pela indeterminação de critérios pré-estabelecidos para o que é considerado um processo de reabilitação intelectual. Não há, por exemplo, a obrigatoriedade do paciente ter um diagnóstico confirmado para o ingresso no serviço, uma vez que também seria atribuição do CER realizar avaliação e confirmar ou não um diagnóstico (Brasil, 2012). Entretanto, como o encaminhamento inicial ocorre através de um profissional ou serviço de saúde, na maior parte das vezes, os usuários já ingressam com um laudo ou, pelo menos, uma hipótese diagnóstica. Atualmente, de forma hegemônica, os pacientes chegam com CID de Transtornos Globais do Desenvolvimento,

especialmente, enquadrados dentro do Transtorno do Espectro Autista⁴. É importante pontuar que não será o objetivo dessa pesquisa pensar a relação da psicanálise com o autismo, inclusive pela complexidade de tal intersecção, mas também não seria possível articular a experiência clínica aqui abordada sem tangenciar esse tema, por isso, ao longo do escrito o texto tenta aprofundar-se, em alguma medida, nessa questão. Porém, o que ocorre efetivamente é que apesar de apresentarem sintomatologias extremamente diversas, a maioria dos pacientes que chegam para atendimento e que permanecem em tratamento no CER compartilham desse diagnóstico, seja considerado primário ou secundário, quando há outra condição associada (por exemplo, uma criança que tem paralisia cerebral e recebe também o diagnóstico de autismo). Entendemos como relevante ressaltar que essa é a perspectiva médica disseminada pelos manuais diagnósticos, que apesar da multiplicidade de manifestações clínicas todos podem ser incluídos, segundo esses manuais, enquanto parte do Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Atualmente, na instituição, foi criada uma modalidade de atendimento em grupo, na qual fazem parte crianças que estão no processo de investigação de TEA e a equipe que avalia a entrada na instituição entende tratar-se de questões mais pontuais para o tratamento, Por exemplo, atrasos de fala ou um retraimento na interação que podem ser decorrentes do isolamento social promovido pela pandemia do coronavírus. Há uma tentativa de que esse atendimento esteja à margem da instituição para marcar uma diferença, pois mantém a crença de que o deslocamento desses sintomas mais isolados poderiam promover um afastamento do fenômeno que compõem os critérios diagnósticos.

Tal recorte é uma parte do público que chega para atendimento, mas esse também é composto por crianças, de diferentes idades, que têm atrasos múltiplos e significativos em diversos aspectos do desenvolvimento psíquico e orgânico. Muitas ingressam na instituição com um laudo de TEA, mesmo que por vezes associado a outro diagnóstico. Alguns são pacientes que passam longos períodos em tratamento dentro do CER, com diversas intervenções associando diferentes áreas e profissionais. Há uma multiplicidade da gravidade e complexidade de algumas situações clínicas acompanhadas pelo serviço.

As três cenas que serão abordadas, ao longo dessa dissertação, são com pacientes que se encaixam no perfil de crianças que chegaram na primeira infância, quando receberam o diagnóstico de autismo, para atendimento e permaneceram por um longo período. Uma delas nasceu com uma prematuridade extrema e exames de imagem detectando uma

⁴Nesse momento, o Sistema Único de Saúde utiliza o CID-10, Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde, como manual diagnóstico. Apesar da existência de uma atualização recente, a décima primeira edição no ano de 2022.

paralisia cerebral, mas, posteriormente, também foi incluída, a essa, a condição de portador de TEA. A lesão teve como consequência uma deficiência visual, e havia uma recusa à utilização de óculos, além da existência de um padrão hipertônico com a contração involuntária dos músculos. As outras duas crianças não têm uma condição orgânica diagnosticada associada ao TEA. Os três possuem algumas manifestações sintomáticas similares, como a seletividade alimentar e a presença de movimentos estereotipados, além de uma recusa ao outro e, no momento dos atendimentos narrados, a não apropriação da fala enquanto uma forma de comunicação.

As imagens que serão montadas nas três cenas clínicas também pretendem exemplificar a multiplicidade do público que tentamos expor ao longo desta secção. Ou seja, são três situações clínicas que, por mais que digam de um recorte de todo trabalho realizado no CER, em alguma medida, refletem, pelas diferenças e similaridades, um panorama dos pacientes assistidos pela instituição. Porém, não poderia deixar de apontar que, para além disso, os recortes clínicos que serão trabalhados formam um mosaico de questões que me tocaram, especialmente, no ponto dessa pesquisa a movimentar o pensar no que se produz no corpo da analista na cena. Justamente, para considerar os desdobramentos da minha implicação enquanto clínica/pesquisadora nas escolhas pelos recortes que estão aqui incluídos, é que, na sequência, o debate irá teoricamente imergir na retomada de um percurso sobre a transferência para avançar nesse problema.

3 UM TOM DE TRANSFERÊNCIA

3.1 Todos os olhos se voltam para mim

*"De vez em quando
Todos os olhos se voltam pra mim
De lá de dentro da escuridão
Esperando e querendo
Que eu seja um herói"*
Todos os olhos, Tom Zé

Considerando que essa dissertação pretende investigar o corpo do analista na cena clínica, é importante iniciar o percurso dando espaço para alguns aspectos nos quais é possível recolher na teoria o lugar que esse ocupa, para isso será retomado o conceito de transferência. Um dos momentos relevantes e fundantes a serem destacados nessa busca, é o texto no qual Freud se detém a pensar o caso clínico de Dora.

Após a escrita do tratamento, o psicanalista acrescenta ao escrito um posfácio, no qual relata a interrupção da paciente do processo analítico. Freud (1895/2016) constrói algumas interpretações sobre esse abandono relacionando-o diretamente à transferência estabelecida. Isto é, o psicanalista investiga, principalmente, a forma como ele não percebeu o que dos sonhos da paciente estavam endereçados a sua figura, e logo não pôde enunciar, nem trabalhar essa questão com ela.

Nesse breve relato, posterior ao texto, fica evidente o lugar que a transferência assume para a psicanálise, pois, como afirma Freud (1895/2016), “quando nos aprofundamos na teoria da técnica analítica, percebemos que a transferência é algo necessário e inevitável”(p.312). O autor se aproxima, então, desse conceito, imputando como essencial a atenção que deve ser dedicada pelo analista para estar advertido sobre quais vivências psíquicas cada paciente está reeditando na relação transferencial. É nesse aspecto que Freud reconhece sua responsabilidade na interrupção do tratamento de Dora, pois pontua, ao longo do posfácio, leituras sobre a transferência que não foram trabalhadas em análise e, portanto, tiveram como consequência a atuação da paciente. Esse texto parece servir tanto para o autor apresentar de forma mais explícita o conceito de transferência, quanto para pôr em evidência o fazer do analista não só como o incumbido de realizar a interpretação sobre o material inconsciente trazido pelo analisando:

Interpretar os sonhos, extrair os pensamentos e lembranças inconscientes das as-

sociações do paciente e outras artes de tradução semelhantes não são difíceis de aprender: nelas o próprio doente sempre fornece o texto. Já a transferência temos que descobrir quase sem ajuda, com base em coisas mínimas e evitando inferências arbitrárias (Freud, 1895/2016, p.313).

Mesmo em um momento que pode ser considerado tão inicial na literatura psicanalítica, há um acento colocado no que é a relação transferencial pela implicação do analista nesse fazer. Portanto, está posta a insuficiência de um trabalho que não considere a leitura da transferência, ou seja, Freud pontua a necessidade de o analista estar advertido do lugar que ocupa e, a partir disso, pautar suas intervenções.

Dessa forma, a transferência tem então uma dupla dimensão do que é colocado pelo analisando - enquanto reprodução de vivências, projeções, atuações - na figura do analista e o modo como esse responde a tal relação. Esse aspecto é importante para pontuar o quanto ambas as figuras que compõem um tratamento montam esse processo. O que podemos recolher, por exemplo, do texto “Construções na análise”, no qual Freud (1937/2021b) discorre sobre o trabalho realizado, colocando uma questão sobre qual é a tarefa do analista durante esse percurso.

Aqui, porém, somos lembrados de que o trabalho analítico é composto de duas partes bastante diversas, que ele transcorre em dois palcos diferentes, que acontece em duas pessoas, e a cada uma delas é atribuída uma tarefa diferente ... Ele terá de inferir o esquecido a partir dos sinais por ele deixados, ou, mais corretamente, ele terá de construir o esquecido. Como, quando e com que explicações ele comunica as suas construções ao analisando é o que estabelecerá a ligação entre as duas partes do trabalho analítico, entre a sua parte e a do analisando (Freud, 1937/2021b, pp.366-367).

É sensível perceber que em um texto sobre a técnica, Freud (1937/2021b) evoca tal pergunta apontando para a diferença nas posições do analisando e do analista. Efetivamente, o que o autor coloca pode ser lido como a implicação desses dois personagens nessa equação. Aqui, para além de estar em atenção flutuante, há o trabalho a ser realizado a partir disso. Ao longo do texto, há o desenrolar do que seria essa construção, percurso no qual Freud chega a aproximar o fazer do analista com o do arqueólogo - para pensar o processo de reconstrução do que está apagado.

Entretanto, o psicanalista afirma que essa é apenas uma parte do trabalho e não sua totalidade, complexificando a questão imposta à clínica. Nesse aprofundamento, coloca em evidência que o que é manifestado pelo paciente não tem um valor direto e não pode

ser apreendido com simplicidade - pois tanto a concordância quanto a negativa podem ser polissêmicas. O que desloca a importância do que é dito para os desdobramentos possíveis que o analisando pode dar à associação, idealmente, rememorando algo de sua história (Freud, 1937/2021b). A ênfase nessa continuidade associativa é o que o psicanalista propõe como o trabalho de construção produzido na análise.

Mesmo circunscrevendo a regra fundamental à associação livre por parte do paciente, respondida pela atenção flutuante da parte do analista, Freud constantemente ao longo da sua obra destaca que a ocorrência de uma análise se dá apenas com o estabelecimento da transferência. Essa questão fica evidente, por exemplo, no texto “Sobre psicanálise ‘selvagem’” (1910/2021f), no qual o autor discorre criticamente sobre como uma interpretação deve ser realizada. Ou seja, o autor tangencia os modos que permitem que uma intervenção tenha efeitos passíveis de deslocamento na clínica, nesses destaca a necessidade do estabelecimento da transferência.

... a comunicação do inconsciente ao doente, via de regra, tem como consequência a intensificação do conflito dentro dele e o aumento do sofrimento. Mas como a Psicanálise não pode prescindir dessa comunicação, ela prescreve que a comunicação não se dê antes de serem preenchidos dois pré-requisitos. Primeiro, até que o doente se aproxime ele próprio do recaiado, com preparação adequada, e segundo, até que ele tenha se apegado ao médico em tal medida (transferência) que os sentimentos em relação ao médico tornem impossível uma nova fuga (Freud, 1910/2021f, p.87).

Ou seja, não basta que a interpretação do analista tenha um valor de verdade inconsciente, pois faz-se necessário que esse enunciado esteja incluído em uma série que compõe a relação transferencial.

Desse modo, somos levados a considerar que essa afirmativa freudiana - em paralelo com o que foi recortado anteriormente do texto “Construções na análise”(Freud, 1937/2021b) - coloca em destaque que o enunciado tanto do analista quanto do analisando ganha consistência, apenas na medida em que, é sustentado pela transferência. O psicanalista, portanto, expõe a essencialidade desse encontro para que possa ocorrer o tratamento. O que pretendemos sublinhar, neste momento, é como, nessa dinâmica, estão implicados ambos que compõem esse conjunto, concepção que está nos textos freudianos.

Para dar sequência a essas balizas do conceito de transferência, retomamos o texto freudiano “Sobre o início do tratamento” (1913/2021e), para ressaltar uma passagem sobre o uso do divã na análise que pode contribuir para adensar um pouco mais o debate

aqui proposto.

Em primeiro lugar, por um motivo pessoal, mas que outros possivelmente compartilharão comigo. Não suporto ser observado fixamente por outras pessoas durante oito (ou mais) horas por dia. Já que, enquanto escuto, entrego-me ao decurso de meus pensamentos inconscientes, não quero que as minhas feições forneçam aos pacientes material para interpretações, ou que os influenciem em suas comunicações [grifo meu] (Freud, 1913/2021e, p.135).

Na leitura integral dessa passagem, há dois aspectos colocados que apontam para o uso do divã: o insuportável para Freud de “todos os olhos” se voltarem a ele; e como manter o contato visual pode produzir consequências nas associações do paciente. Ou seja, assim como evidenciado sobre a transferência, aqui também analista e analisando são incluídos nesse cálculo que resultará na formação do *setting*. É interessante considerar que a presença dos dois argumentos no texto indicam a não prevalência de um e a composição de ambos na construção da técnica. As frases grifadas mostram como Freud (1913/2021e) não se furtou de inserir suas particularidades na teoria psicanalítica, o que talvez coloque a cada um, que pretende trilhar este fazer, a necessidade de voltar seus olhos para perceber os próprios limites. É possível considerar que a questão freudiana destaca um aspecto que está relacionado ao corpo na análise, como pretende investigar essa pesquisa.

Por uma afinidade teórico-clínica, esse escrito tem como alicerce a psicanálise freudolacanianiana, o que não restringe o trabalho a esses dois autores, mas aponta uma base comum entre o trânsito percorrido nessa dissertação. Ao longo da pesquisa, busquei o aprofundamento na teoria de Piera Aulagnier que encaminhou a outro direcionamento a teorização psicanalítica aqui utilizada. Entretanto, o aspecto a ser ressaltado nos três autores serve para sustentar o conceito de transferência como um único fenômeno no qual estão implicados ambos personagens de uma análise. Ou seja, promove o embasamento para contornar a pergunta da pesquisa à posição do analista em cena.

Ao longo de sua obra, Freud utiliza o termo contratransferência para conceitualizar a implicação do analista no processo, demarcando, desse modo, as reverberações do que é colocado pelo paciente transferencialmente naquele que o atende, ou, como dito por Freud (1910/1996a), “o que surge como resultado da influência do paciente sobre os seus sentimentos inconscientes” (p.150). Entretanto, o trabalho aqui em questão pretende investigar, justamente, o que há de comum e que marcas fazem a composição da posição do analista na transferência, não como um resultado do que é posto pelo paciente, mas que aponte na direção de colocar em questão o desejo do analista. Isto é, em uma suposição

que esse desejo exija a disponibilidade do corpo em algumas relações transferenciais. É por essa razão que, na sequência, tentarei aprofundar, na literatura lacaniana, o conceito de transferência, tendo, no horizonte, uma pergunta sobre o desejo daquele que se coloca na posição de analisar.

3.2 Você fala que sim, que me compreende

*“Você fala que sim,
Que me compreende;
Você fala que não,
Que não me entrega*

*...
E não vai ter happy end”*
Happy End, Tom Zé

Para trazer ao debate aqui proposto a perspectiva lacaniana, iremos nos deter em seu texto “A direção do tratamento e os princípios de seu poder” (1958/1998a), no qual o psicanalista aprofunda algumas de suas teorizações sobre a transferência. Para compreender esse escrito, é importante antes situá-lo no tempo em que foi produzido. Especialmente, considerar que há ali uma intenção crítica de colocar em questionamento a maneira como a transmissão da psicanálise e a clínica ocorriam na época. Isto é, o problemático que o autor considerava ser um afastamento dos preceitos freudianos. Para argumentar nessa direção, Lacan (1958/1998a) põe em evidência, na discussão, a posição do analista levantando diversos questionamentos sobre essa, justamente para afastar o processo de uma análise de um percurso que permaneça restrito “a seu Eu (do analista) e à realidade”(p. 597).

Lacan (1958/1998a) retoma as concepções expostas em "A Interpretação dos sonhos" para formular como, segundo Freud, o sonho seria a metáfora do desejo, de forma a articular, a partir da linguística, o modo como essa estrutura se desenrola. Desenrolar esse que ocorre também pela impossibilidade do desejo de encontrar uma satisfação, o que desloca a questão, não para na intenção de dar um fim a ele, mas sim em encontrar um modo de sustentá-lo na continuidade dessa busca. Tal apontamento tem consequências no que o psicanalista compreende como a direção do tratamento em uma análise, pois, partindo da insatisfação inerente ao desejo, o trabalho, de modo algum, deve tentar resolver esse impossível, pois “a demanda é propriamente aquilo que se coloca entre parênteses na análise, estando excluída a hipótese de que o analista satisfaça a qualquer

uma” (p.647). Essa premissa implica na condução de um percurso de abnegação do analisando e do próprio analista, ou seja, o ato de ativamente renunciar à tentativa de encontrar o que satisfaria o paciente, ou, dito de outro modo, de supor o que seria a boa forma de viver para o paciente. Lacan (1958/1998a) afirma que a incidência dessa suposição em um tratamento seria um exercício de poder sobre o analisando: “o poder de fazer o bem”(p.647).

É interessante dar espaço a tal proposição lacaniana, pois essa abre para a possibilidade de promover um lugar à singularidade da busca pelo desejo, complexificando a relação transferencial. Além de colocar a necessidade do analista de investigar suas próprias suposições para não impô-las sobre o paciente. Entretanto, para que seja possível tal dinâmica, é essencial que o analista reconheça os modos como o exercício de poder pode ganhar diferentes roupagens, tanto pela premissa de fazer bem ao paciente, como por uma tentativa de comprovação da eficácia da teoria. O que também está colocado explicitamente na obra freudiana, como no texto “Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico” (1912/2021d).

Sou insistente em recomendar aos colegas que no tratamento psicanalítico tomem como exemplo o cirurgião, que coloca de lado todos os seus afetos e até a sua compaixão humana e estabelece um único objetivo para as suas forças psíquicas: realizar a operação o mais perfeitamente possível. Nas atuais condições, para o psicanalista existe uma aspiração por afeto mais perigosa, que é a ambição terapêutica de realizar, através de seu meio novo e muito criticado, algo que possa ser convincente para outros. Dessa forma, ele não só coloca a si próprio em uma situação desfavorável para o seu trabalho, mas também se expõe, indefeso, a certas resistências do paciente, de cujo embate de forças, afinal, depende essencialmente o restabelecimento (Freud, 1912/2021d, p.98).

Portanto, de forma análoga a Freud, vale considerar que Lacan (1958/1998a) implica o analista, na medida em que, este deve assumir e sustentar o que chama de a posição “de morto” para não responder à demanda do paciente e assim permitir a permanência da busca pelo desejo. Metáfora proveniente do jogo de bridge, no qual algumas cartas são retiradas e, no processo de buscar saber quais cartas estão ali, pode-se encontrar uma resposta sobre a continuidade do jogo. Pois, o estabelecimento da transferência passaria pelo ato de colocar para a pessoa do analista uma busca por satisfação. Esse, ao não responder com seu ser, pode fazer emergir as questões do paciente - que estão sendo transferidas à figura do analista - como dito por Freud (1895/2016). Apesar de nomeado como morto, há

uma agência em incorporar essa posição, uma vez que passa por um retirar-se do lugar imputado a si nesse encontro, uma “abnegação imposta”, como afirma Lacan (1958/1998a). Além disso, o psicanalista pontua que não é propriamente o ato de produzir frustrações no paciente, mas sim que, na medida em que ele não é gratificado e não tem sua suposta demanda atendida, o que é colocado em evidência faz com que “reapareçam os significantes em que sua frustração está retida” (Lacan, 1958/1998a, p.624).

Para que ocorra tal dinâmica é necessário fundar um laço transferencial; o que ocorre pelo processo de imputar um saber ao analista. Nesse laço, o paciente é capaz de construir o endereçamento de uma demanda, ou seja, torna-se um modo do analisando de colocar esse outro no lugar daquele que sabe sobre seu sofrimento e, assim, buscar uma resposta para livrá-lo deste. Entretanto, há um descompasso entre o que o analista pode oferecer e o pedido do analisando a esse:

Se eu o frustro, é que ele me demanda alguma coisa. Que eu lhe responda, justamente. Mas ele sabe muito bem que isso seriam apenas palavras. Tais como as recebe de quem quiser. Ele nem tem certeza de que me seria grato pelas boas palavras, muito menos pelas ruins. Essas palavras não são o que ele me pede. Ele me pede ... pelo fato de que fala: sua demanda é intransitiva, não implica nenhum objeto (Lacan, 1958/1998a, p.643).

Endossando a citação acima, em outro momento do texto, Lacan (1958/1998a) afirma que “a própria satisfação da demanda lhe subtrai seu objeto”(p.643), uma vez que é próprio do desejo seu caráter evanescente. Dito de outro modo, o desejo escapa, na medida em que, se aproxima de um encontro com sua meta. Relação que o psicanalista vai construindo ao recolher elementos da insatisfação presente nos sonhos do texto freudiano. Posteriormente, em seu seminário sobre os conceitos fundamentais, Lacan (1964/2008) irá teorizar sobre como é condição para a existência da neurose “algo do não realizado”(p.28). É esse inerente desencontro da satisfação que transforma a falta como estruturante na teoria lacaniana, conferindo a essa um estatuto central na própria subjetivação. A falta inscreve a possibilidade de desejar e, conseqüentemente, de estabelecer uma demanda, tornando-se, desse modo, inerente ao sujeito. Ou seja,

o desejo é aquilo que se manifesta no intervalo cavado pela demanda aquém dela mesma, na medida em que o sujeito, articulando a cadeia significante, traz à luz a falta-a-ser com o apelo de receber seu complemento do Outro, se o Outro, lugar da fala, é também o lugar dessa falta. O que é assim dado ao Outro preencher, e que é propriamente o que ele não tem, pois também nele o ser falta... (Lacan,

1958/1998a, p.633).

É esse ponto que Lacan (1958/1998a) destaca para marcar como a posição do analista é a de quem encarna o Outro, mas é ele próprio também marcado pela falta. O autor aprofunda, portanto, o argumento da impossibilidade de responder à demanda do paciente, pois essa seria uma tentativa de tamponar a falta-a-ser do próprio analista. Dito de outro modo, uma vez que o encontro com o objeto é sempre faltoso, a análise pensada na direção de uma finalidade ganha um caráter de simulacro de verdade e de imposição de uma resolutividade, ou seja, em uma suposição do que é a realidade universal e, conseqüentemente, produz um apagamento do particular.

Nesse argumento, Lacan (1958/1998a) critica explicitamente proposições contemporâneas ao seu texto que apontavam a cura pela via do fortalecimento do Ego e o fim do tratamento definido pela identificação do paciente com o analista. Questão que o psicanalista calcula como problemática pelo caráter de sugestão, na medida em que há uma suposição do que seria a melhor forma do paciente encontrar respostas e um apego ao que é da ordem da realidade. Lacan (1958/1998a) expõe como a ênfase teórica nas relações de objeto tem como consequência um afastamento do que é central em sua concepção - o desejo -, pois este está justamente pautado pela falta e na impossibilidade de se satisfazer no encontro com o objeto. Que o paciente venha buscá-la não é para Lacan (1958/1998a) um problema, pois é na medida em que articula essa busca não realizada que pode voltar-se na direção de reconhecer o próprio desejo.

Entretanto, a problemática para o autor está quando o analista responde como se não fosse ele próprio marcado pela falta.

Ao que parece, o psicanalista, simplesmente para ajudar o sujeito, deveria estar a salvo dessa patologia, que, como vemos, não se insere em nada menos do que uma lei férrea. É justamente por isso que se imagina que o psicanalista deva ser um homem feliz. Não é a felicidade, aliás, que se vai pedir-lhe? E como lhe seria possível dá-la se não tivesse um pouco dela, diz o bom senso? (Lacan, 1958/1998a, p.620).

É a partir dessa proposição que Lacan (1958/1998a) formula a necessidade de se pensar em uma ética para sustentar o trabalho analítico, que só é possível de ser mantida ao colocar o desejo do analista em questão. O autor defende como o desejo do analista passa por suportar na relação transferencial a posição de disponibilidade à livre associação do analisando, para isso, é necessário colocar-se de modo a suspender a procura por compreender o discurso, ou seja, abdicar da tentativa de responder, o que tem como consequência man-

ter a demanda ativa produzindo espaço para a busca pelo desejo. “De tanto compreender um monte de coisas, os analistas em geral imaginam que compreender é um fim em si e que só pode ser um happy end” (Lacan, 1958/1998a, p.621), entretanto, para sustentar a ética do trabalho, é necessário um afastamento do analista do seu próprio ser. Ou seja, uma escuta que não se restrinja ao discurso na direção de montar um sentido da narrativa, mas de suportar responder apenas da posição de transferência, suspendendo a repetição da tentativa de tamponar a falta. Isto é, “não vai ter happy end”, como diria Tom Zé.

Efetivamente, o discurso serve para manter o espaço à regra fundamental, ou seja, ele não deve ser excluído porque também é o que sustenta o trabalho analítico, “isso mais seria um obstáculo, pois todos sabem, os psicanalistas de crianças em primeiro lugar, que é preciso um bocado de pequenos objetos para manter uma relação com a criança” (p.623). A continuidade da associação livre se dá na medida em que o analista coloca em cena sua presença, “que a princípio ela é apenas a implicação de sua escuta, e que esta é apenas a condição da fala” (Lacan, 1958/1998a, p.624).

Lacan (1958/1998a) discorre sobre como, para dar consistência a essa presença, há um preço a ser pago pelo analista.

Pagar com palavras, sem dúvida, se a transmutação que elas sofrem pela operação analítica as eleva a seu efeito de interpretação; - mas pagar também com sua pessoa, na medida em que, haja o que houver, ele a empresta como suporte aos fenômenos singulares que a análise descobriu na transferência; - e haveremos de esquecer que ele tem que pagar com o que há de essencial em seu juízo mais íntimo, para intervir numa ação que vai ao cerne do ser (Kern unseres Wesens, escreveu Freud [61]: seria ele o único a ficar fora do jogo? (p.593).

O ato de pagar é, portanto, o que implica o analista na transferência, na medida em que é engendrado como aquele que está presente e abdica do ato de responder. Esse processo marca a posição do analista como quem sustenta a relação transferencial ao apontar, com a sua disponibilidade à associação livre, o espaço para a emergência do ser do analisando. Entretanto, para isso, é necessário que possa efetivar uma posição implicada na relação analítica e não no próprio narcisismo, uma vez que o analista “é tão menos seguro de sua ação quanto mais está interessado em seu ser” (Lacan, 1958/1998a, p.594).

Nessa direção, é possível demarcar o lugar do analista, nas proposições lacanianas sobre transferência. Em especial, destaco o ponto em que o psicanalista problematiza os diversos modos pelos quais a relação analítica pode assumir uma dinâmica de apagamento se quem dirige o tratamento não se coloca em uma posição de disponibilidade ao

encontro. Ou seja, há um exame do que é o trabalho do analista, para se produzir uma densidade no que significa estar em atenção flutuante e, conseqüentemente, implicado na relação transferencial. Evidentemente, em toda extensão de seu trabalho, Lacan articula de maneira mais aprofundada tal tema, entretanto, o escrito aqui permaneceu restrito ao texto “A direção da cura e os princípios do seu poder” (1958/1998a), pois é possível ali recortar alguns aspectos do que é assumir a posição de abstenção do seu ser e a necessidade de que a posição do analista seja colocada “na berlinda- o que serve à continuidade dessa dissertação com a investigação do meu lugar nas cenas clínicas trabalhadas.

Dessa maneira, as teorizações lacanianas produzem outras balizas no que foi destacado, anteriormente, dos textos de Freud. Colocando ambos em articulação, é possível aprofundar os modos como se assume o ato de analisar, principalmente, a delicadeza e a fragilidade no ato de sustentar essa posição. Tanto em Freud, como em Lacan, fica evidente a necessidade de que o analista esteja disponível à diferença que pode surgir no encontro com o analisando, questão central à pesquisa que aqui se apresenta. Na direção de dar mais subsídios teóricos a esse ponto sobre a questão transferencial, o foco da próxima seção será a psicanalista Piera Aulagnier, que articula conceitos que aprofundam e circunscrevem as especificidades dessa relação clínica.

3.3 Eu e você, Temos coisas até parecidas

*"Senhor cidadão
Eu e você
Temos coisas até parecidas"*
Senhor cidadão, Tom Zé

A psicanalista Piera Aulagnier realizou um extenso trabalho em sua teorização metapsicológica, que será abordado ao longo dessa dissertação, contudo, para além desses conceitos, a autora também faz explanações sobre a transferência. É importante situar que Aulagnier foi uma discípula de Lacan, entretanto, há um afastamento de ambos em função de uma divergência teórica em relação a forma de se tornar analista, especificamente, o ritual do passe formalizado na instituição fundada por Lacan, e que Aulagnier fazia parte. O estabelecimento da condição de analisar submetida a chancela de “analistas reconhecidos” exposto por Lacan (1967/2003) em seu texto “Proposição de 9 de outubro de 1967” foi o ato político que motivou o afastamento, o que é discutido pela autora em seu texto “Sociedade de psicanálise e psicanálise de sociedade” (Aulagnier, 1967/1990a).

A proposta lacaniana tinha a intenção de colocar em evidência a pergunta sobre a emergência do desejo de analista ao final de um processo de análise. Nessa direção, Lacan (1967/2003) debate o papel de testemunho de falar a outros de sua própria análise, para assumir tal posição.

É com eles que um psicanalisante, para se fazer autorizar como analista da Escola, falará de sua análise, e o testemunho que eles poderão colher pelo vívido de seu próprio passado será daqueles que nenhum júri de aprovação jamais colhe (Lacan, 1967/2003, p.261).

Aulagnier toma esse ponto como problemático e, junto com outros psicanalistas, retira-se da École Freudienne de Paris, esse movimento tem também consequências teóricas para a autora que em diferentes escritos faz argumentos contrários à posição lacaniana. Afirmando que tal formalização da École implica a crença em um saber último que transforma o ato analítico como baliza normalizadora ao colocá-lo como uma prova a ser conquistada,

esquecendo que qualquer que possa ser o preço que o analista pague no decorrer de sua própria análise (em des-ser, em depressão ou em angústia) não estará no entanto quite face àquele que vem demandar ser ajudado a reencontrar sua verdade. Esse não “estar quite” implica que o “avanço da teoria”, muito desejável em si, permanece coextensivo a uma repetida colocação à prova da experiência clínica e do saber do analista (Aulagnier, 1967/1990a, p.97).

Ou seja, a argumentação de Aulagnier passa, portanto, pela colocação em cena da dinâmica do passe como contrária ao ato de que o fazer da psicanálise possa estar em constante questionamento para existir. A inviabilidade de uma comprovação concreta quanto ao sucesso ou fracasso do trabalho exige, em contrapartida, o exame da transferência que, no limite, só pode ser realizado por cada analista, o que, segundo a autora, “coloca a duras provas nosso próprio narcisismo” (Aulagnier, 1967/1990a, p.98). A necessária renúncia de encontrar um modelo que define a eficácia de uma análise ou a pretensão de ser o “herdeiro titular” de Freud é o que possibilita que o trabalho clínico tenha o caráter de um fazer artesanal, capaz de sustentar o singular de cada caso e o singular de cada analista, o que é construído na continuidade de cada tratamento. “O tornar-se um mesmo analista em certos casos só tem a falsa aparência da caracterização de um objeto e de um tempo futuro, quando, na realidade, se supõe que se realiza no presente atemporal da sucessão das sessões” (Aulagnier, 1977/2016, pp.79-80).

Decorre desse ponto também atravessamentos que tocam a teorização que a autora realiza sobre o conceito de transferência, destacando o cuidado necessário de se estar atento à possibilidade de ocorrerem excessos nessa relação. Em seu livro “Destinos do Prazer” (1977/2016), Aulagnier discorre sobre o que, em sua concepção, é necessário para preservar um espaço de análise, investigando quais vias podem romper com o contrato analítico, por não manterem na relação transferencial o lugar de analista/analizando.

Esse fenômeno (transferência) induzido que tentamos fazer surgir e intensificar, e que nos permite aproximarmos *in loco*, no espaço mesmo da sessão, os problemas que encontra o Eu que nos fala cada vez que investe de maneira privilegiada ao Eu de outro, do qual espera prazer (Aulagnier, 1977/2016, pp.152-153).

Aulagnier afirma que a transferência parte da relação que o sujeito estabelece com os objetos e com os outros, transmitindo ao analista notícias do modo como representa o mundo. Que existam reverberações da transferência capazes de produzir mudanças é o objetivo do espaço e o que atesta a eficácia de um tratamento. “Que outra coisa nos autoriza a crer que a experiência analítica alcançou sua meta senão a nova resposta que nós e o analisando poderemos dar a uma pergunta presente desde a primeira entrevista?”(Aulagnier, 1977/2016, p.151). A tarefa do analista seria romper fixações pulsionais permitindo assim que o sujeito possa exercer uma “função de antecipação de si mesmo” (Aulagnier, 1977/2016, p.19) e assim construir um projeto identificatório para representar-se.

Algumas dessas concepções teóricas serão aprofundadas ao longo desse escrito, entretanto, para o argumento aqui exposto é interessante recortar os pontos que tocam a transferência. Partindo do princípio que a função do aparelho psíquico é a de representar a si e ao mundo, Aulagnier (1977/2016) destaca uma “força alienante”, tendência a aderir a uma montagem da realidade sem conflitos, que acaba por matar o pensamento presente tanto em quem é alienado, como em quem aliena. “O encontro alienante-alienado não deve ocultar-nos que o primeiro projeta sobre o outro e realiza desse modo um desejo de alienação que se referia e se refere a seu próprio pensamento” (Aulagnier, 1977/2016, p.37). O exercício do pensamento próprio depende de uma construção de relações de causalidade que ocorrem também pela capacidade de questionamento. Na alienação, essa capacidade fica barrada, pois a relação fica de tal forma imbricada que o espaço para o questionar e para a produção de algo novo é inexistente, ficando o sujeito submetido ao que lhe aliena. Nessa dinâmica, é estabelecida uma relação de assimetria, na qual uma das partes exerce um poder sobre a outra.

Esse encontro Aulagnier (1977/2016) define como uma relação que é um protó-

tipo de paixão, na qual um objeto de prazer ou demanda é transformado em um objeto de necessidade, do qual a existência fica dependente e a ausência é sentida como disruptiva. A transferência não está a salvo de se formar através dessa dinâmica, a psicanalista pontua inclusive como um trabalho voltado à análise didática, por exemplo, pode produzir apagamentos da diferença na posição analista/analizando, em uma tentação de colocar o outro na posição de um objeto de necessidade, colocando o fim do tratamento com um objetivo pré-estabelecido.

Isso não significa dizer que o analisando não precisa do analista, uma vez que “para que a experiência se desenvolva, necessita encontrar de maneira regular, um espaço-tempo, uma escuta, um conhecimento, um lugar autônomo e singular em relação com o conjunto dos outros lugares que formam sua realidade” (Aulagnier, 1977/2016, p.220). Há, portanto, em sua figura, um alicerce de sustentação do trabalho analítico, entretanto, tal necessidade não pode impedir “que o sujeito continue amando em outra parte e, quando puder ou quando se tornar capaz, que continue gozando com outros” (Aulagnier, 1977/2016, p.221). Essa é a diferença do que está colocado como o amor de transferência, essencial para o desenrolar de um tratamento e uma relação de paixão. Aulagnier (1977/2016) aponta a existência de uma força de alienação, como um empuxo a uma situação na qual toda a conflitiva é suspensa, logo, para que essa força não se instale, é necessário que o analista ativamente oponha-se a assumir a posição alienante.

Quando esse rechaço já não é sustentado ativamente pelo analista, quando sua escuta, suas interpretações, o objetivo que ele investe nesse projeto compartilhado que deve ser uma análise já não vem a ajudar ao Eu do analisando a se opor à tentação de sua própria alienação ante o pensamento e o desejo do outro, passamos dos caracteres de assimetria necessários à assimetria abusiva (Aulagnier, 1977/2016, p.222).

A oposição do analista é uma resistência a ocupar um lugar tentador de ser o único objeto de amor e de estar em uma relação que não tenha atritos (Aulagnier, 1977/2016). Apesar de ter como ponto de divergência a formação do analista, é possível traçar uma aproximação desse rechaço ativo com o que Lacan (1958/1998a) afirma sobre não responder à demanda em uma análise. Ambos apontam para a necessidade de se estar advertido da posição que o analisando o coloca e uma renúncia ativa desse lugar. Precisamente, há uma grande complexidade nessa dinâmica, entretanto, para fins desse escrito, destaca-se a forma como o analista está imerso nessa relação e a impossibilidade de se pensar um trabalho sem considerar o modo como se está implicado nesse. A intenção aqui é

investigar quais vias essa implicação assume em casos clínicos que exigem uma maior disponibilidade do corpo do analista.

O encontro com teóricos que argumentam pela transferência com o recorte de qual a experiência do analista nessa, é o que dará consistência para a leitura das cenas clínicas a serem trabalhadas nessa dissertação. Nessa direção, Piera Aulagnier surge como uma autora a ser aprofundada, uma vez que seu entendimento de transferência, em paralelo ao que compreende como constituição subjetiva - especialmente, ao lugar que atribui às experiências corporais -, encaminham a construção desse escrito a uma maior complexidade. Para tanto, é necessário delimitar as balizas do que é uma análise para a autora e de qual lugar o analista e o analisando atuam.

A análise é uma experiência onde os dois corpos em presença são igualmente objeto e sujeito da experiência. Poderíamos dizer que o objeto da experiência *stricto sensu* é a relação vivida em seu movimento durante seus encontros. Esses dois sujeitos que se prestam a experiência e que permitem que esta prossiga, ao falar, ao pensar, ao experimentar os efeitos que resultam disso em seu próprio espaço psíquico, vão a aproximar-se à posição do experimentador (Aulagnier, 1977/2016, pp.209-210).

Colocar a ênfase do trabalho na relação construída nessa experiência compartilhada evidencia a singularidade de cada encontro, complexificando o fazer teórico. Nesse sentido, Aulagnier (1977/2016) aponta algumas referências que sustentam o trabalho e não apagam a particularidade de cada análise. A psicanalista ressalta a importância de que a transferência mantenha uma assimetria necessária, que não seja deslocada para uma assimetria abusiva e tenha consequências alienantes, como colocado anteriormente. Entretanto, também é imprescindível que existam pontos de aproximação, ou seja, momentos de simetria da relação: em que analista e analisando tenham coisas até parecidas.

Apontarei imediatamente, pois se trata de algo igualmente importante, que uma análise exige a presença de momentos em que uma experiência de prazer é compartilhada por ambos, e que impõe necessariamente a presença de outros momentos nos quais se compartilhará de igual maneira um sentimento de ansiedade, de tristeza e de incompreensão comum sobre as causas de um ato, de um sentimento, de um acidente que de repente irrompem na sessão ou fora de sessão (Aulagnier, 1977/2016, p.212).

Da mesma forma, em uma análise há outros momentos em que é necessário su-

portar que a fonte de prazer para um, seja a fonte de sofrimento para o outro. Como, por exemplo, a preservação de certos pontos de resistência que provocam prazer no analisando e desprazer no analista, ou momentos de desenlace desses pontos são de angústia do analisando e prazer do analista. Essas situações produzem espaços de assimetria na transferência, evidenciando que, em alguma medida, há uma diferença entre o que o analista e o analisando esperam um do outro (Aulagnier, 1977/2016).

O analisando espera alguém que o livre do próprio sofrimento e o transmita um novo modo de gozar, já para o analista a espera está colocada em “uma resposta que ateste a (e a sua) verdade de um discurso teórico” (Aulagnier, 1977/2016, p.211), que está constantemente posta em dúvida.

Se é característico de uma análise impor ao analisante o requestionamento de certo número de ilusões que até esse momento funcionavam como certezas, o trabalho do analista enfrentará respostas sobre as quais *a priori* não têm nenhuma segurança de que não vão obrigá-lo a uma revisão acerca de sua teoria, da prática e de sua relação com suas próprias referências identificatórias (Aulagnier, 1977/2016, p.211).

Aulagnier (1977/2016) recolhe dessa uma das motivações do analista em persistir no exercício de sua função, pois estão colocadas em evidência suas próprias referências identificatórias, uma vez que há um processo que passa pelo autoconhecimento, inclusive na importância de ter vivenciado uma experiência de análise. Manter uma disponibilidade ao encontro é também o que permite que a relação não se torne alienante, o que provoca consequências constantes no modo como percebemos a nós e ao mundo. Para a psicanalista, a alteridade sempre põe em perspectiva o exercício de questionamento das construções de causalidade e das dinâmicas de prazer e desprazer, o que não está fora do encontro com o analisando, nem restrito ao processo de uma análise. Dito de outro modo, mesmo depois do encerramento de um trabalho há resíduos da transferência que tocam de formas diferentes cada personagem dessa equação e que provocam modos distintos de reverberações e esquecimentos.

Em outros termos, esses resíduos transferenciais, ou mais exatamente esses resíduos relacionais, vão a persistir e manifestar-se através de certa simpatia, e só duram o tempo necessário para que nos dois participantes se opere um esquecimento diferente: para o analisando, esquecimento de uma parte das emoções experimentadas em sua relação transferencial; para o analista, esquecimento do investimento com que carregou a história escutada, a singularidade desse paciente e

essa experiência (Aulagnier, 1977/2016, p.247).

O escrito aqui construído também é uma forma de lidar com alguns resíduos transferenciais ainda não esquecidos. Esses estão colocados na materialidade de uma produção teórica, que busca reverberar em questionamentos sobre o meu trabalho clínico. Essa é a potência de uma construção que, em alguma medida, não é finalizada, mas propõe pontos de articulação ao investigar um fazer transferencial e a teoria. Nessa direção, o texto seguirá detendo-se no que são especificidades que estão no corpo do trabalho aqui exposto.

4 NASCIMENTO DE UM CORPO

Das questões levantadas sobre transferência, Aulagnier ressalta a particularidade de cada analista e de cada analisando. Nessa direção, para dar sequência à pesquisa aqui, é necessário lançar luz sobre o que há de especificidade do trabalho realizado na instituição, na qual a autora trabalha. É uma tentativa de formar uma imagem ampla para posteriormente poder enxergar os detalhes de cada cena a ser pensada.

Como dito anteriormente, atuo como psicóloga em uma instituição que realiza atendimentos clínicos. Os usuários que frequentam o espaço são majoritariamente crianças que têm algum entrave no desenvolvimento e estão incluídas na sintomatologia característica do diagnóstico psiquiátrico do Transtorno do Espectro Autista (TEA). Apesar da amplitude dos fenômenos que compõem tal diagnóstico e da diferença entre a leitura médica e a psicanalítica do autismo, é importante situar quais as premissas teóricas que sustentam o trabalho clínico com esses pacientes.

Nessa direção, é importante marcar como o trabalho com a infância esteve presente desde os primórdios da psicanálise. Além de descrever e discutir o caso do pequeno Hans, Freud (1926/2021c), ao longo de seu percurso teórico, interessa-se pela infância, pois percebe que ali poderia ter pistas para compreender o funcionamento psíquico, mesmo que seu foco de trabalho fosse os adultos.

Há diversos interesses atrelados a essas análises em crianças; é possível que no futuro ainda se tornem mais importantes. Seu valor para a teoria é inquestionável. Elas fornecem informações unívocas sobre questões que permanecem inconclusas nas análises com adultos, protegendo, assim, o analista de cometer erros que teriam graves consequências para ele (Freud, 1926/2021c, p.244).

Foi, a princípio, esse interesse por encontrar uma forma de explicar manifestações nos pacientes adultos, como a busca pela etiologia da neurose, que também construiu uma consistência para apostar na possibilidade de se realizar o tratamento psicanalítico com crianças. É instaurada, portanto, uma concepção de que o que acontece na infância tem consequências na vida adulta, e o reconhecimento de que há sofrimento psíquico nas crianças. Essas premissas contrariam uma noção desenvolvimentista de que a maturação ocorre de maneira espontânea e universal, pois há um processo a ser galgado para que cada um possa se colocar no mundo, o que não ocorre após o nascimento de maneira natural, mas sim pelas relações que são construídas.

O recém nascido precisa de tempo para passar de um universo - onde o outro (a mãe) é vivido como fragmentado no tempo e no espaço - a um mundo onde o bebê toma consciência de seu corpo em sua forma e pode esboçar uma relação *com outro* separado dele. Assim pois, o nascimento do sujeito ao outro se faz às custas de uma perda que marca para ele o desenrolar de ser (eu-tu) ao ter (eu-para-ti, eu-contigo) (Mannoni, 1985, p.13).

Decorreu, desse pressuposto, diversas construções teóricas sobre o que é particular e quais as especificidades de uma análise com esses pacientes.

Entretanto, para colocar-se para pensar a clínica com a infância, é necessário ter uma concepção de constituição subjetiva, uma vez que essa é o que sustenta o trabalho analítico, pois é o que permite fazer uma leitura de qual o momento no qual o paciente está e do que ocorre na cena do tratamento. Neste sentido, essa seção pretende narrar teoricamente proposições embasadas na psicanalista Piera Aulagnier, que irão construir as balizas para, posteriormente, subsidiar um modo de interpretar as cenas descritas e dar a ver o que compõe meu próprio entendimento do que é o trabalho clínico.

4.1 Origem de um sujeito

Para compreender a teorização de Piera Aulagnier é necessário recorrer às proposições metapsicológicas da autora, que tem raízes na teoria freudiana, mas também traz novas contribuições a essa. Além disso, é importante situar que a tentativa de encontrar um modo de explicar o aparelho psíquico esteve presente na teoria psicanalítica desde seus primórdios. Freud não apenas reconhece a importância do que ocorre na outra cena, mas essa ganha toda sua radicalidade quando centraliza o conceito de pulsão, articulando a fronteira entre o corpo e a psique (Iannini, 2019). No início do texto “A pulsão e seus destinos”, Freud (1915/2019) justifica a existência de certa indeterminação no processo de construção de uma epistemologia que sustente a atividade de uma ciência. O psicanalista argumenta pela anterioridade da descrição de fenômenos, para, posteriormente, ser possível “apreender de forma mais precisa seus conceitos científicos fundamentais e progressivamente modificá-los” (p.17). Dessa forma, Freud (1915/2019) compreende como essencial ao avanço teórico a manutenção de um espaço aberto para o questionamento e a construção de hipóteses, ao não tomar os conceitos como verdades imutáveis, afirmando que a ciência “não tolera nenhuma rigidez nas definições” (p.17). Na esteira desse

entendimento, em outro texto, Freud (1937/2021b) argumenta que “sem especulação metapsicológica e teorização – quase diria: sem fantasiar – não avançamos nenhum passo sequer” (p.326). Desse modo, a metapsicologia ganha uma centralidade nas concepções teóricas freudianas, o que não suspende a importância do trabalho clínico, mas é capaz de dar uma consistência epistemológica a esse, ao articular um modelo que pretende explicar o aparelho psíquico.

Da mesma forma, Aulagnier (1975/2001) vale-se dessas proposições freudianas para articular sua teorização da constituição subjetiva com as explicações metapsicológicas. Nesse sentido, há uma tentativa de delinear, em seu pensamento, o que vai marcando o lugar do que pretende colocar como

... a gênese do psiquismo, a partir do encontro inaugural. Encontro que, sustentado no desamparo, estará designado pela antecipação e por uma assimetria fundante: o infante deverá submergir-se invariavelmente no universo que já é preexistente e pré investido. Advém, então, em um espaço que já o espera e que - enquanto espaço falante - o oferece desde o começo um discurso que deverá incorporar e metabolizar (Aulagnier, 1975/2001, p.277).

A psicanalista compreende, portanto, que, no nascimento, há uma imaturidade biológica, que exige a sustentação de um outro para a sobrevivência. Para tal, a autora afirma que a manutenção do cuidado com o corpo e “a persistência de um investimento libidinal que resista a uma vitória definitiva da pulsão de morte” (Aulagnier, 1975/2001, p.35) são os dois fatores que permitem que o sujeito passe a representar o mundo e a si para assim ter prazer e ser capaz de construir suas identificações.

Importante situar que essa é uma proposição que converge com a teoria lacaniana, que caracteriza o infante pela “insuficiência orgânica de sua realidade natural” (Lacan, 1949/1998b, pp.99-100), o que justifica o fato da criança precisar estar em presença de outro que possa suprir suas necessidades, para assim trilhar sua maturação e alcançar sua autonomia. Entretanto, Aulagnier (1975/2001) afasta-se de Lacan ao reconhecer no bebê uma atividade que o afasta de ser um puro “pedaço de carne”, mesmo que, no princípio, dependente, o que tem consequências na forma como construir suas próprias teorias metapsicológicas.

A autora argumenta que o sujeito está constantemente buscando formas de representar a si e ao mundo, justamente, por nascer em um meio que o preexiste e do qual precisará apropriar-se para dar curso ao seu desenvolvimento. É dessa forma que é capaz de afastar-se da posição de dependência de outro, imposta pela sua condição de imaturidade

biológica. Nessa direção, ao aparelho psíquico é demandado um processo de metabolizar elementos heterogêneos e transformá-los “em um elemento homogêneo a estrutura de cada sistema” (Aulagnier, 1975/2001, p.24) - propondo, desse modo, uma equivalência do trabalho necessário ao metabolismo orgânico e o da psique. Essa atividade de representação ganha diferentes roupagens, sendo que cada uma delas tem consequências diversas sobre a interpretação que se formula do que é causa e função do objeto. Ou seja, é partindo dessas formas de representação que é possível assumir uma posição no mundo, pois é o que estabelece o entendimento do que lhe acontece e de quais as possibilidades de agência dentro disso, incidindo diretamente nas relações que o Eu faz com o mundo e com os outros Eus que encontra.

Toda essa dinâmica, segundo a autora, segue o fluxo da busca por prazer. Aulagnier (1975/2001) defende que todo ato de metabolização é guiado por uma tendência da psique por encontrar ou reencontrar o prazer. Ou seja, em todo estímulo percebido, há uma tentativa de transformação desse em uma informação libidinal.

A psique percebe muito precocemente um suplemento de prazer quando a representação é acompanhada por uma experiência de satisfação real: a condição, no entanto, de que esta satisfação possa proporcionar prazer e não se reduza à acalmar a necessidade (Aulagnier, 1975/2001, p.44).

Dito de outra forma, ao conseguir representar um estímulo, o Eu encontra um estado capaz de apaziguar as necessidades orgânicas proporcionando uma interrupção da fonte de excitação. Entretanto, a experiência não pode estar reduzida a isso para que também seja imbuída de satisfação, Aulagnier (1975/2001) argumenta que é preciso um prazer mínimo, “que, a partir do momento em que é experienciado, se converte na meta da atividade psíquica” (p.44). É pela vivência desse prazer que o Eu será capaz de suportar os momentos de sofrimento, essa é a primeira necessidade “que deve ser satisfeita e que sempre será enquanto o sujeito permaneça vivo” (Aulagnier, 1977/2016, p.155). A manutenção desse mínimo de prazer é o que sustenta ser possível permanecer desejando.

Da mesma forma, há um mínimo de desprazer - simétrico ao mínimo de prazer - que também é essencial para a constituição subjetiva, para esse argumento, Aulagnier (1975/2001) retoma o modelo econômico freudiano. O aparelho psíquico, como teorizado por Freud, precisa transformar os estímulos em representações passíveis de apaziguar a energia pulsional em uma tentativa de retorno a um estado estático. Entretanto, Aulagnier (1975/2001) ressalta como a inevitabilidade das exigências orgânicas essenciais à manutenção do corpo, que permitem a sobrevivência, são impostas desde o primeiro momento

da existência e não cessam de estarem colocadas, estabelecem, de forma constante, a percepção de um estado de necessidade que o sujeito tenta anular.

Todo surgimento do desejo de representar se origina no desejo de impedir uma possível interrupção da necessidade e do que ela testemunha: desse modo, e, paradoxalmente, o desejo mesmo pode descobrir se como desejante de um estado que o faria inútil e sem objeto (Aulagnier, 1975/2001, p.46).

Esse é um ponto da teorização da psicanalista que denota a importância que o corpo ganha em suas concepções teóricas, uma vez que o orgânico faz-se presente ao Eu desde os primórdios da existência, sem interrupção.

Desse ponto de vista, Aulagnier (1975/2001) defende que o desprazer é inevitável, pois os estímulos irão se impor ao bebê, mas é também um objeto de desejo: o desejo de deixar de desejar. Permanece, portanto, no argumento de que a psique está submergida em um espaço heterogêneo, tendo como objetivo a metabolização dessas informações, seja para reencontrar, seja para preservar o prazer, incluído aqui o ato de cessar o desprazer - interromper o desejar. Dessa forma, a libido, enquanto meio para o desejo, é vista como o que sustenta a construção das representações de si e do mundo para o sujeito, “posto que todo ato de investimento, seja qual for o agente, tenta obter um estado de prazer” (Aulagnier, 1977/2016, p.20).

É preciso, entretanto, situar que, para que esse processo ocorra, faz-se necessário a presença de um outro, nomeado como identificador para Aulagnier. Ele será o porta-voz inicial da heterogeneidade das informações para o sujeito, auxiliando-o no processo de construção de suas próprias representações.

O Eu antecipado pelo porta-voz, esse Eu projetado ... inclusive antes dessa instância poder advir na psique do infante, esse primeiro Eu que estará investido pelo identificador é um Eu idealizado. É o porta-voz quem cumpre uma primeira idealização do Eu do infante (Aulagnier, 1977/2016, p.32).

Tal idealização precisará ser abandonada - tanto pelo identificador, como pelo identificado - para que o Eu possa investir em idealizações antecipadas, ou seja, no seu Eu futuro. É nessa dinâmica que o identificador vai sustentando alguns pontos de referência que se tornarão parte do projeto identificatório do sujeito. Essa função de antecipação é construída na díade identificador-identificado e garante a existência do Eu, tornando-o capaz de produzir escolhas de investimento libidinal, para encontrar os caminhos de seu prazer. Assim, faz-se necessário que o identificador preserve uma idealização do identi-

cado atual, em conjunto com a antecipação deste, “este devir é aquilo pelo meio do qual o Eu se auto-antecipa” (Aulagnier, 1977/2016, p.23) é o que permitirá “a transformação dos objetos que sustentarão seu desejo” (Aulagnier, 1977/2016, p.23).

É preciso marcar que o conceito de Eu, para Aulagnier, é uma construção central de sua teoria que ressalta alguns dos aspectos base de suas proposições sobre a constituição subjetiva. É justamente a antecipação que sustenta o projeto identificatório e, portanto, que subsidia a existência do Eu. Assim temos que a historicização constitui parte das representações, pois, na mesma medida que o projeto identificatório narra o sujeito, o Eu é capaz de construir relações de causalidade que constroem suas representações e respondem aos questionamentos pela busca de uma apropriação discursiva. A conceitualização da autora sobre o Eu diverge tanto do uso lacaniano, como freudiano, apesar de utilizar o mesmo termo, o que é afirmado pela própria psicanalista durante sua obra.

Aulagnier (1986/1991) pontua, por exemplo, discrepâncias de seu conceito de Eu com esse termo presente na segunda tópica freudiana. O cerne da diferenciação está na importância, que a autora dá à linguagem, em como afirma que o Eu é composto pela sua historicização de pontos que o representam, ou seja, na construção de seu projeto identificatório. É dessa forma que o Eu vai se inscrevendo na criança, “desde o começo, em uma ordem temporal e simbólica” (Aulagnier e Hornstein, 1986/1991, p.369). O termo freudiano não engloba essa dimensão da antecipação, salientada por Aulagnier. Além disso, para a autora, não se trata de uma instância que “se localiza entre a realidade e o Isso, que é o propriamente anímico” (Freud, 1926/2021c, p.220), como afirmado por Freud. Ou seja, o Eu não seria o que media o conflito do mundo externo com o Isso. Portanto, é possível localizar diferenças entre os dois psicanalistas na forma como compreendem a constituição subjetiva. Freud (1926/2021c) afirma que o Eu é “a camada do aparelho anímico, do Isso, que foi modificada por influência do mundo externo (da realidade)”(p.220), instância que tem a ambição de unificação e procura resolver as conflitivas pulsionais com a realidade. Já para Aulagnier (1977/2016), o Eu recolhe do mundo externo elementos que se tornarão parte de seu projeto identificatório e a consequência disso é a irrupção “no aparelho psíquico a categoria de temporalidade e, pela mesma razão o conceito de diferença” (p.20), tanto no estabelecimento do que é a psique e o mundo externo, como na representação do Eu atual com o Eu antecipado, “a diferença de si mesmo a si mesmo”(p.20). Permanece, portanto, como uma instância ligada à realidade, entretanto, faz função propriamente na construção da realidade através das representações.

Por outro lado, Aulagnier (1986/1991) afasta-se de Lacan por considerar e res-

saltar uma agência do sujeito na construção do projeto identificatório: “o Eu não está condenado ao desconhecimento, nem é uma instância passiva” (p.369). Por mais que tenha uma sustentação do externo, especialmente nos primórdios da vida, e reconheça a importância da linguagem nesse processo, a psicanalista afirma que “o Eu é também uma instância identificante e não um produto passivo do discurso do Outro”(Aulagnier e Hornstein, 1986/1991, p.369). Apesar de também reconhecer como fundamental o “lugar que Lacan dá ao discurso no nascimento dessa instância que chamo de Eu e que se constitui pela apropriação desses primeiros enunciados identificantes” (Aulagnier e Hornstein, 1986/1991, p.369). Aulagnier (1986/1991) acentua uma crítica à forma como é entendida a constituição da subjetividade na teoria lacaniana.

O modo como Aulagnier diverge de Lacan, ao atribuir uma posição não passiva à criança, tem consequências em como entende a ação do outro que sustenta a constituição subjetiva. A psicanalista discorre sobre como a interpretação está inevitavelmente ligada à violência, pois a relação entre a psique do bebê e o mundo é marcada pela assimetria, entre os estímulos experimentados e o que o infante é capaz de representar. Dito de outra forma, há um excedente entre o que o bebê vivencia e o que ele é capaz de construir enquanto representações, entretanto, essa diferença é inevitável, por mais que seja excessiva. “A experiência do encontro (e, agregaremos, de qualquer encontro) confronta a atividade psíquica com um excesso de informação que ignorava até o momento que esse excesso a obrigue a reconhecer” (Aulagnier, 1975/2001, p.32). Dessa forma, é necessária a presença de um porta-voz que através de seu próprio Eu, transmita algumas representações para o bebê, tanto da cultura em que se está inserido, como das próprias necessidades somáticas “ a criança com a pretensão de ‘saber’ algo do que, na realidade, não tem conhecimento algum” (p.70). Essas suposições que antecipam o desejo do Eu, também excessivas, são o que Aulagnier nomeia como violência. Há constantemente um jogo, no qual o porta-voz precisa supor pela criança e, em paralelo, permitir que exista espaço para a escolha dessa. Um encontro que deve buscar continuamente marcar a separação entre o que pertence ao identificante e o que será apropriado pelo identificado, mantendo como base dessas antecipações as necessidades do infante. “Se não for assim, corre-se o risco de cair em uma biologização do desenvolvimento psíquico ou, ao contrário, de optar por uma teoria da cadeia significante que esqueça o papel do corpo e dos modelos somáticos que são por ele fornecidos” (Aulagnier, 1975/2001, p.37). Ou seja, há um movimento pendular entre os estímulos do corpo e a cultura, no qual ambos devem ser representados pelo aparelho psíquico, e ambos devem ser transmitidos pelo porta-voz como mediador privilegiado das

representações que serão investidas pelo infante.

Essa difícil equação proposta por Aulagnier denota a indissociabilidade da necessidade, do desejo e da demanda, pois o porta-voz tem como objetivo converter a realização do seu desejo no objeto demandado por quem sofre a violência. Entretanto, a psicanalista adverte os riscos dos excessos que podem ocorrer nessa dinâmica, por isso, teoriza sobre duas formas distintas da violência que podem ocorrer nesse encontro identificante-identificado.

Uma violência primária, que designa o que no campo psíquico impõe-se desde o exterior às custas de uma primeira violação de um espaço e de uma atividade que obedece a leis heterogêneas ao Eu; por outro lado, uma violência secundária, que abre caminho apoiando-se em sua predecessora, da qual representa um excesso prejudicial e nunca necessário para o funcionamento do Eu (Aulagnier, 1975/2001, p.34).

Dessa forma, há duas posições diferentes que o identificador é capaz de assumir nesse encontro que permite ou não a existência de um espaço para que o identificado tenha capacidade de escolha, ou seja, de não permanecer em uma posição passiva e alienada ao desejo do Outro, mesmo que a possibilidade de decisão seja, em princípio, uma antecipação do Eu.

Designamos como violência primária a ação mediante a qual se impõe a psique de outro uma escolha, um pensamento ou uma ação motivados no desejo do que o impõe, mas que se apoiam em um objeto que corresponde para o outro a categoria do necessário (Aulagnier, 1975/2001, p.36).

Esse primeiro modo de sustentar uma relação de assimetria que não se torne abusiva só é possível, segundo a autora, na medida em que o identificador realize suposições que antecipem também a capacidade de autonomia do identificado, além de colocar em perspectiva o que o infans ainda não se apropriou. Deste modo, é possível afirmar que “a oferta prescinde a demanda” (Aulagnier, 1975/2001, p.33), mas essa deve ter uma relação com o que é preciso em cada tempo para a manutenção da vida. Para Aulagnier (1975/2001), a meta da violência primária é a transmissão de três alicerces para a sustentação do Eu: “o sistema de parentesco, a estrutura linguística, e as consequências que têm para o discurso os afetos que intervêm na outra cena” (Aulagnier, 1975/2001, p.34). Trata-se então de uma transmissão que dá testemunho da vivência do Eu, do próprio porta-voz, que pode sustentar o Eu que está em curso.

A violência secundária apoia-se em sua antecessora - a violência primária - entretanto, transborda um limiar do que é necessário, tornando-se abusiva⁵, pois não supõe uma antecipação que tem como horizonte a autonomia, ou seja, barra a possibilidade de eleição do Eu. Dessa forma, impede a aquisição de uma atividade livre do pensamento, que só é possível quando o Eu possui as ferramentas para articular o sistema linguístico e um saber sobre as significações, para que no encontro se reconheçam enquanto alteridades que possuem direitos iguais. Nesse sentido, adquire a capacidade do questionamento e pode realizar suas próprias conclusões de causalidade. “Quando isso não ocorre “se impõe sempre a vontade e a palavra de um terceiro, sujeito ou instituição⁶, que se converte em ser o único juiz dos direitos, necessidades, demandas e, implicitamente, do desejo do sujeito” (Aulagnier, 1975/2001, p.36).

Os pontos que Aulagnier (1975/2001) expõe como consequências da violência secundária são um reflexo de sua percepção sobre a constituição subjetiva. Ou seja, a capacidade de realizar uma escolha que é interrompida pelo abusivo dessa violência tem desdobramentos em diversos recursos essenciais para a própria sustentação do Eu, na construção de seu projeto identificatório. É esse que permite a construção de uma historicização que dá subsídios de uma continuidade da busca de prazer. O Eu encontrará, dessa forma, elementos para compor suas representações do mundo e de si. Nessa direção, é interessante ressaltar o lugar de importância que o investimento da libido tem para a autora. Para a psicanalista, o Eu precisa encontrar modos de metabolizar os estímulos percebidos para transformá-los em homogêneos ao aparelho psíquico e ser possível construir representações que são investidas com a energia livre.

Aulagnier recolhe do modelo econômico freudiano as premissas do que irá sustentar suas concepções sobre a metabolização dos estímulos. No livro “A interpretação dos sonhos”, por exemplo, há um capítulo no qual Freud (1901/1996b) expõe seu entendimento do aparelho psíquico. O psicanalista afirma que “toda a nossa atividade psíquica parte de estímulos (internos e externos)”(p.518), que são percebidos pela extremidade

⁵A escolha por utilizar a expressão “abusiva” ocorreu pelo entendimento de que todo encontro tem algo de excessivo e portanto é uma tentativa de marcar essa diferença ou uma pergunta sobre o que acontece quando o limiar do excesso é transposto.

⁶Interessante pontuar que, como colocado nessa passagem, Aulagnier não restringe a violência secundária à relação entre duas pessoas, o que abre para uma dimensão social de considerar como há discursos instituídos que reproduzem relações de poder ao cercearem as possibilidades de construção de sentido, inviabilizando a existência de escolhas outras. A autora aponta para as próprias sociedades psicanalíticas como instituições que podem exercer a alienação. Efetivamente, essa é uma discussão muito mais profunda do que o exposto aqui, não sendo o enfoque principal desse trabalho. Entretanto, vale apostar que esse comentário sirva para pontuar como a dimensão política não pode ser suspendida do trabalho clínico, logo, o analista não pode ignorar os atravessamentos dos discursos do contexto sócio-histórico no qual está inserido.

sensorial e, normalmente, deslocam-se para a extremidade motora. Essa concepção apoia a compreensão da hipótese de que esse é um sistema de um aparelho reflexo, ou seja, regulado pela transformação da energia decorrente do sistema perceptivo na busca por uma descarga. Tal princípio sustenta a teoria de que os estímulos decorrentes das excitações do sistema sensorial transformam-se e permanecem no psiquismo como energia livre, que tentará ser apaziguada, ou seja investida em uma meta. Isso ocorre porque esse aumento de carga de energia é vivenciado como desprazer, uma vez que as atividades do aparelho psíquico “são reguladas pelo esforço de evitar um acúmulo de excitação e de se manter, tanto quanto possível, sem excitação” (Freud, 1901/1996b, p.612).

Dessa forma, a energia livre encontra uma forma de descarga ao ser investida em uma atividade motora, ou em uma regressão para o próprio sistema sensorial, como na formação dos sonhos. Para o psicanalista, a regressão é uma consequência da ação de uma instância crítica que suspende o curso do estímulo sensorial à atividade motora. A construção desse esquema faz Freud (1901/1996b) construir um modelo no qual é capaz de situar as instâncias que compõem o aparelho psíquico, pois ao pré-consciente é incumbida a função de censurar o estímulo caso esse seja passível de repreensão. Tal sistema está colocado entre o inconsciente e a consciência, sendo assim, as representações inconscientes precisam atravessar o pré-consciente para assim alcançarem a consciência. É nesse processo que recebem um investimento ou um contra-investimento que determinará se passarão à consciência, podendo sofrer modificações através de alguma associação, ou se irão regredir ao inconsciente, podendo retornar quando a carga de energia for mais intensa.

Freud (1901/1996b) segue seu modelo delineando uma separação entre dois processos para explicar o funcionamento de seu modelo. No primeiro sistema, os estímulos são percebidos e são orientados para preservar a livre descarga da excitação, entretanto, essas também são passíveis de provocar desprazer. Para evitar esse, entra em cena a atuação do processo secundário capaz de inibir a descarga para transformar o afeto de desprazer, para evitá-lo: “é precisamente essa transformação do afeto que constitui a essência daquilo a que chamamos ‘recalcamento’”(Freud, 1901/1996b, p.627). Ambos os sistemas coexistem e estão articulados para encontrar formas de investir a energia-livre proveniente dos estímulos sensoriais na busca de prazer, produzindo descargas das excitações. Entretanto, Freud pontua a diferença entre os dois:

O processo primário esforça-se por promover uma descarga da excitação, a fim de que, com a ajuda da quantidade de excitação assim acumulada, possa esta-

belecer uma “identidade perceptiva” [com a vivência de satisfação]. O processo secundário, contudo, abandonou essa intenção e adotou outra em seu lugar - o estabelecimento de uma “identidade de pensamento” [com aquela vivência] (Freud, 1901/1996b, p.624).

Isso acontece porque é no processo secundário que ocorre uma tratativa com o mundo externo. O pensamento é uma via de busca por reencontrar uma experiência de prazer, e tem como ponto de partida a lembrança de uma primeira satisfação que procura um investimento em uma nova meta através dos atos motores. Há, contudo, impasses nessa dinâmica, pois a intensidade das representações investidas que irão compor a busca pela satisfação causam desvios nas associações representativas e uma regulação pela fuga do desprazer. Ou seja, este é outro argumento sobre como o aumento da energia provoca dificuldades “no estabelecimento de uma ‘identidade de pensamento’” (Freud, 1901/1996b, p.625). O psicanalista afirma que o primeiro modo de funcionamento “não pode fazer nada senão desejar” (Freud, 1901/1996b, p.624), o que tem como efeito a necessidade do processo secundário de investir para evitar certas lembranças e assim afastar-se do desprazer. Entretanto, essa inibição não permite a descarga de excitação, o que faz com que a energia livre retorne ao inconsciente e busque outra via para atingir sua meta.

Apesar das mudanças teóricas que compõem a obra freudiana, o lugar que as intensidades dos afetos tem para o autor permanece sendo uma questão fundamental até seus últimos textos. Em “A análise finita e infinita” (1937/2021a), por exemplo, Freud discorre sobre a importância do fator quantitativo, inclusive para pensar os limites de um tratamento psicanalítico, uma vez que “a análise só poderá dispender quantidades determinadas e limitadas de energias” (p.345). Essa é, portanto, uma questão que não perde espaço, sendo relançados “motivos para reconhecer a importância suprema do fator quantitativo, assim como para enfatizar o direito da perspectiva metapsicológica em cada tentativa de explicação” (Freud, 1937/2021a, p.338).

Aulagnier (1975/2001) utiliza dessa topologia apresentada por Freud para construir suas próprias proposições teóricas. Especialmente, considerando, assim como o psicanalista, que o aparelho psíquico é invadido pelos estímulos capazes de provocar o desprazer, pois aumentam o nível de excitação em seu interior. Para Aulagnier (1975/2001), essa energia livre deve ser investida na construção de representações que irão permitir que o Eu busque o prazer. Nessa direção, Aulagnier (1975/2001) considera que a psique busca formas de representar os efeitos dos quais padece ao estar imersa em um espaço que lhe é externo e, portanto, estranho. Dito de outro modo, o aparelho psíquico procura suspender

os excessos de energia, investindo esses para metabolizar o espaço, em que está inserida, tornando-o representável. Desse modo, viver é propriamente uma experiência contínua de encontro, provocando um estado permanente de buscar representações do mundo e de si. “A psique e o mundo se encontram e nascem um com o outro, um através do outro; são o resultado de um estado de encontro que qualificamos como coextensivo ao estado de existência” (Aulagnier, 1975/2001, p.30).

Para teorizar sobre as possibilidades e formas que a representação assume, a psicanalista retoma a proposta freudiana da existência de duas formas de funcionamento do aparelho psíquico: o processo primário e secundário. Entretanto, preconiza a existência de um terceiro modo, que denomina de processo originário. Cada uma dessas formas de funcionamento produzem diferentes modos de representação e de interpretação do mundo: o pictograma, pelo processo originário, com a lógica em que tudo está referenciado e na agência do próprio existente; a fantasia pelo processo primário, na qual tudo é um efeito do desejo do Outro; e o enunciado pelo processo secundário, no qual se estabelece que pela apropriação do discurso é possível conhecer a causalidade e ter acesso à verdade (Aulagnier, 1975/2001). Apesar de afirmar uma preponderância do processo originário no início da vida, seguida pela dos outros dois - considerando o curso do desenvolvimento típico -, Aulagnier pontua que os três permanecem coexistindo com uma diferença de intensidade. Portanto, a autora afasta-se de uma concepção de tomar a constituição subjetiva como etapas a serem alcançadas e concluídas, mas sustenta três modos de funcionamento que se articulam e se alternam, sendo possível um deles ser mais hegemônico em determinado período do desenvolvimento ou em cada sujeito, pelo modo como se está subjetivado.

No limite, o que está colocado é uma proposta que complexifica o curso da constituição, pois retoma alguns conceitos correntes da psicanálise, mas também inclui outros, com um atravessamento metapsicológico evidente. Para dar sequência a conceitualização da autora, irei discorrer sobre os três processos, com a pretensão de marcar as diferenças e aproximações entre eles.

4.2 Origem de um aparelho psíquico

Aulagnier recolhe de Freud as bases de sua conceitualização do que é o processo primário e secundário. Por essa razão, considere importante incluir, nesse escrito, algumas premissas da teoria freudiana para auxiliar na direção do que será construído aqui,

assim como para sustentar a compreensão da leitura de Aulagnier. Nesse sentido, optei por discorrer sobre alguns conceitos freudianos antes de adentrar a relação que a psicanalista faz desses. Além disso, ao adentrar na teoria de Aulagnier, percorri a direção “anti-horária” do funcionamento do aparelho psíquico, ou seja, iniciar pelo processo secundário para finalizar com o originário. Tal escolha deu-se tanto pelo encontro articulado entre o teorizado por Freud sobre o secundário e o primário com Aulagnier, mas também como uma tentativa de propor um maior detalhamento sobre o processo originário, considerando a exigência do entendimento desse para o objetivo dessa dissertação. É importante situar ainda que ambos os autores, Freud e Aulagnier, possuem uma vasta e aprofundada teoria psicanalítica composta por similaridades e diferenças. Dessa forma, essa dissertação realiza apenas um recorte de seus pressupostos - o que não é capaz de abranger toda essa complexidade -, mas que pretende articular hipóteses em relação à clínica da autora, que serão abordadas posteriormente.

Como descrito na seção anterior, Freud (1901/1996b) discorre sobre ambos modos de funcionamento dos processos ao descrever seu modelo do aparelho psíquico. O psicanalista afirma que ambos articulam-se para resolver o impasse entre a energia livre e o mundo externo. O processo primário como o que busca a descarga das excitações, enquanto o secundário procura inibi-la para estar apto a realizar investimentos na atividade de pensamento. É importante atentar para a forma que Freud (1901/1996b) utiliza para nomeá-los e como justifica essa.

Quando descrevi como “primário” um dos processos psíquicos que ocorrem no aparelho anímico, o que tinha em mente não eram apenas considerações sobre a importância relativa e a eficiência; pretendi também escolher um nome que desse uma indicação de sua prioridade cronológica (Freud, 1901/1996b, p.626).

Dessa forma, é possível ler também no modelo proposto pela teoria freudiana uma descrição de suas concepções sobre a constituição subjetiva. Freud (1901/1996b) propõe, portanto, uma cronologia - a qual também podemos inferir certa hierarquia - para dar conta de explicar a dinâmica do funcionamento do aparelho psíquico. “Os processos primários acham-se presentes no aparelho anímico desde o princípio, ao passo que somente no decorrer da vida é que os processos secundários se desdobram e vêm inibir e sobrepor-se aos primários” (Freud, 1901/1996b, p.626). A hipótese arquitetada é então que, nos primórdios da vida, há uma prevalência do processo primário que passará a ser barrado pela ação do secundário, na medida em que, o recalçamento se inscreve. Isso ocorre quando há maior força para a atuação dos modos de funcionamento do secundário,

“vêm inibir e sobrepor-se aos primários; é possível até que sua completa supremacia só seja atingida no apogeu da vida”(Freud, 1901/1996b, p.626). O psicanalista afirma que tal fenômeno provoca mudanças como a emergência de alguns sentimentos, por exemplo, o nojo. Além disso, a possibilidade de investimento passa a ser regulada pela exigência do mundo externo através da manutenção dos afetos. Essa leitura define a importância que a ação do processo secundário tem na concepção freudiana e na sua proposta sobre a constituição subjetiva. O que chega ao ponto do psicanalista advogar sobre como uma menor atuação do processo secundário refletiria em certa inabilidade do sujeito em se relacionar com o social.

Entretanto, Freud (1901/1996b) ainda afirma que “é verdade que, até onde sabemos, não existe nenhum aparelho psíquico que possua apenas um processo primário e, nessa medida, tal aparelho é uma ficção teórica” (p.626). Poderíamos acrescentar que o mesmo ocorre sobre o processo secundário, que não é capaz de ser totalmente eficaz na inibição dos impulsos do processo primário, uma vez que “o suprimido continua a existir tanto nas pessoas normais quanto nas anormais e permanece capaz de funcionamento psíquico” (Freud, 1901/1996b, p.630). Tal argumento aproxima-se das proposições de Aulagnier, na medida em que prevê a coexistência de mais de um modo de funcionamento concomitantemente. Nessa direção, apesar de possuir um discurso que valoriza a maior atuação do secundário, paralelamente, em mais de um momento de sua obra, Freud também encurta a distância entre o patológico e o normal. No próprio livro “A interpretação dos sonhos”(1901/1996b), o psicanalista diz supor que todas as pessoas sonham e que o modo como esses se formam têm raízes comuns ao afirmar que o mundo onírico é consequência das tensões das forças presentes no processo primário, como produtos do que é recalcado pela ação do secundário.

É possível, portanto, presumir que a diferença entre os dois modos de funcionamento - com um jogo de forças entre eles - é o que forma o aparelho psíquico. Aulagnier compartilha de tal interpretação ao formular sua teoria que argumenta pela coexistência dos diferentes sistemas representativos, que mantém suas particularidades no modo como incidem sobre o aparelho psíquico, ao mesmo tempo que articulam-se entre si e permanecem em atuação. A autora considera que mesmo o mais precoce dos modos de funcionamento

... persistirá igualmente ao longo de toda nossa existência. Proporei comparar os materiais nos quais se baseiam os processos originários, primário e secundário com três conjuntos de elementos constitutivos de três escrituras ou de línguas

possuidoras cada uma de leis sintáticas próprias (Aulagnier, 1986/1991b, p.143).

Essas serão três línguas faladas pelo aparelho psíquico e a articulação entre elas irá compor a realidade do sujeito, cada uma respondendo com seu modo de representação. A psicanalista mantém similaridades com algumas premissas freudianas, especialmente, na referência aos conceitos de processo primário e secundário. Aulagnier (1975/2001) parte, por exemplo, da hipótese de que há uma dimensão temporal nas inscrições dessas formas de funcionamento. Ao considerar que o processo secundário é o que só ganha uma maior dimensão posteriormente - apesar de já dar notícias de sua existência de modo bastante precoce. Entretanto, mesmo tendo como base as propostas freudianas, há diferenças na forma como a autora discorre sobre as particularidades desses processos e como atravessam o funcionamento psíquico.

Primeiramente, Aulagnier (1986/1991b) enfatiza que esses processos são modos de interpretar a realidade, afirmando que a psique decodifica os signos “utilizando chaves diferentes segundo o momento em que se opera a interação”(p.118). Nesse sentido, é importante marcar que o momento aqui não é referente apenas a dimensão cronológica, mas de possibilidades particulares de responder a determinadas situações. Dessa forma, a centralidade da atuação referente ao processo secundário não está apenas na ação de barrar os estímulos do processo primário - de recalçamento. Ou seja, não está apenas a serviço de ser uma resposta às tentativas do processo primário de fazer escoar sua energia livre. A autora recolhe da teoria freudiana a afirmativa de que o secundário é atravessado pelas referências do mundo externo, contudo, Aulagnier (1975/2001) salienta o modo como tal atravessamento aproxima a construção da realidade ao discurso cultural sócio-histórico em que se está inserido. O que a psicanalista enfatiza, portanto, é como a cultura tem implicações e opera “uma ‘colocação de sentido’ do mundo que respeitará um esquema relacional” (p.30). Dito de outra forma, é a apropriação da compreensão das leis que regem determinado espaço-tempo que possibilitam a construção de relações de causalidade e estabelecem uma compreensão e entendimento da realidade. Nessa via, Aulagnier (1975/2001) mantém a centralidade da função em representar a si e ao mundo em sua teorização, o que no processo secundário que está diretamente relacionado com o discurso social, no qual se ancora cada sujeito.

Para Aulagnier (1975/2001), o processo secundário inclui o Eu em um contexto que é compartilhado entre aqueles que dividem um mesmo discurso social. Por esse motivo, tal modo de funcionamento está presente muito precocemente, uma vez que o porta-voz, em seu ato de violência primária, está transmitindo algumas colocações em

sentido próprias do processo secundário, pois ele mesmo é atravessado por esse. Ou seja, é inerente ao discurso da violência primária, enunciado pelo porta-voz, uma tentativa de empregar sentido às representações do bebê.

Os signos dos quais se servirá a linguagem secundária em seus enunciados têm a particularidade de estar duplamente a serviço das leis que regem uma relação de comunicação recíproca: o enunciado se constrói de entrada por referência ao destinatário ao qual é dirigido, e os signos dessa linguagem são comunicados a aquele que não os possui por aquele que já teve acesso a eles (Aulagnier, 1986/1991b, p.144).

Dessa forma, o encontro com o porta-voz, é também o encontro com a cultura, logo, com uma realidade compartilhada. Efetivamente, o infante vai apropriando-se desse ao longo de seu processo de subjetivação, mas a autora ressalta como “a atividade do processo secundário é extremamente precoce” (Aulagnier, 1986/1991b, p.24) já que a colocação de sentido apresenta-se a ele pela violência primária, mesmo que de maneira antecipada e em uma dimensão ainda escassa no início da vida, se comparada com os outros processos.

A colocação em sentido é, portanto, a inserção no que está posto como pontos de verdade para a cultura, ou seja, são formas de compreender a realidade que possibilitam uma leitura de pontos em comum entre o Eu e os outros. Desse modo, os acontecimentos ganham uma explicação relacional, estando um associado a outro, produzindo sentido através de uma rede de significações. Na atuação do processo secundário, ocorre que as relações de causalidades são formadas, portanto, através de uma representação que é compartilhada e que é construída em uma dimensão exterior, tanto da vontade do sujeito quanto de um outro. Tal modo de funcionamento característico do processo secundário é a via de representação pela ideia ou enunciado. Esse modo de representar é próprio de uma concepção que parte do princípio de que “todo existente tem uma causa inteligível que o discurso poderá conhecer; este é o postulado de acordo com o qual funciona o secundário” (Aulagnier, 1986/1991b, p.27). Nessa direção, o que ocorre é uma busca por representar através da apropriação de um discurso que permite uma compreensão da realidade compartilhada com um meio sócio-histórico. Desse encontro com o processo secundário, é formado um dos três lugares de inscrição que operam no aparelho psíquico: o enunciado, como a colocação de sentido. Ou seja, ao atuar na representação de algo, o processo secundário forma enunciados. Importante salientar que é através da interpretação que ocorre a organização do discurso, uma vez que a construção do enunciado se

dá pela associação entre postulados e a possibilidade deste ser questionado ou posto à prova. Isso porque o processo secundário inscreve “uma representação e um mundo nos quais toda certeza poderia converter-se em um objeto de dúvida já que nunca se encerra a remissão de uma palavra a outra” (Aulagnier, 1977/2016, p.19). Ou seja, permite um não fechamento de sentido que sustenta a busca pelo saber.

Tal premissa da autora denota também que a forma como o processo secundário atravessa o funcionamento subjetivo tem consequências centrais na constituição do Eu. Inclusive argumenta pela “impossibilidade de analisar a função do Eu se não considerar o campo sociocultural em que está imerso o sujeito” (Aulagnier, 1975/2001, p.18). Propriamente, a psicanalista afirma que é a atuação do processo secundário que irá garantir o funcionamento do Eu.

Por isso diremos que o que caracteriza a estrutura do Eu é o ato de impor aos elementos presentes em suas representações - tanto tratando-se de uma representação de si mesmo como do mundo - um esquema relacional que está em consonância com a ordem de causalidade imposta pela lógica do discurso (Aulagnier, 1975/2001, p.26).

Aqui é imposta a dimensão do tempo, capaz de construir o projeto identificatório que irá sustentar a existência do Eu. Esse projeto identificatório tem raízes tanto no Eu antecipado, pelo porta-voz, quanto nas incidências da cultura sobre esse. Maria Lucia Vieira Violante (2010), em seu texto “A indissociabilidade entre as dimensões psíquica e social na constituição psíquica do sujeito”, recolhe alguns conceitos de Freud e Aulagnier para argumentar sobre a impossibilidade da constituição subjetiva ocorrer fora de condições de socialização. Mesmo considerando a importância fundamental dos “processos intrapsíquicos – como desejo, libido, instâncias psíquicas -, não há como a psique se constituir sem a presença de um ‘auxiliar’ externo (já constituído)” (p.66). Essa presença, sendo ela mesma atravessada pelo discurso cultural, transmite pela violência primária, “o que é lícito ou proibido, bom ou mal, etc., enfim, os ideais são provenientes do meio social ao qual o sujeito pertence e, por meio dele, à sociedade inclusiva e à cultura”(Violante, 2010, p.65). Ou seja, os ideais que são antecipados pelo trabalho do porta-voz e que formarão o projeto identificatório do Eu têm como seus alicerces o discurso social.

Essa historicização faz-se possível também pela atuação do processo secundário, pois esse irá dispor das balizas que darão consistência às idealizações, uma vez que essas são antecipações do discurso de um porta-voz que está inserido em uma cultura. Da mesma forma, é a inscrição de que o acesso à representação ocorre pela associação entre

os elementos, que permite que a realidade comum possa ser conhecida e, além disso, questionada. Uma colocação a prova que pode manter pontos de certeza ou produzir novas buscas de sentido. É com o processo secundário, portanto, que “a psique pode recusar, ou modificar e reinterpretar” (Aulagnier, 1986/1991b, p.123) os discursos da cultura, assim como, os ideais antecipados pelo porta-voz. Sendo assim, é possível perceber como o projeto identificatório se apoia no discurso social com ferramentas para questioná-lo.

A possibilidade de afastar-se ou aproximar-se dos ideais é o que permite a ocorrência de ações de escolha e por isso da existência do Eu. É a inscrição da noção de exterioridade e do sentido estar na associação entre os elementos que dá viabilidade à capacidade do Eu de escolher. Portanto, é na medida em que o sujeito reconhece um outro e pode questioná-lo, que irá estabelecer sua própria relação nos encontros tanto com o mundo quanto com o próprio corpo, ou seja, construir enunciados que serão o produto de suas representações. Dessa forma, irá se desenhando a “relação sujeito-sociedade, indivíduo-conjunto, discurso singular-referente cultural” (Aulagnier, 1975/2001, p.18).

A violência primária atua nessas intersecções, ao antecipar um Eu que tenha a possibilidade de escolha, e, por esse motivo, diferencia-se da violência secundária. Essas antecipações são infladas de sentidos, dessa forma, é válido afirmar que é o porta-voz o responsável pelas primeiras incidências do processo secundário no infante. Aulagnier (1975/2001) ressalta a brevidade do tempo para o surgimento do processo secundário, apesar da longa distância até a compreensão de toda complexidade da associação entre os elementos nas construções de causalidade. Além disso, é importante destacar que tal afirmativa não significa que, uma vez que a manifestação do processo secundário é reconhecida, esse modo de funcionamento será único ou mesmo hegemônico no aparelho psíquico. A coexistência entre os três processos será uma constante ao longo da existência, por mais que tenham diferenças entre a predominância de um deles em determinado momento e modo de subjetividade. Nesse sentido, Aulagnier (1975/2001) aponta uma cronologia que define a constituição subjetiva, e paralelamente, mantém um argumento de que esse processo não pode ser lido como etapas que são atingidas e concluídas de um modo desenvolvimentista. A psicanalista coloca que as três formas de conhecimento da psique “se sucedem no tempo, sem por isso excluírem-se entre si” (Aulagnier, 1986/1991b, p.122). A autora ainda ressalta como esse modo de pensar o aparelho psíquico é importante para a psicanálise tomar o sujeito em toda sua complexidade, sem restringir o seu entendimento sobre esse ou mesmo o trabalho de uma análise à construção de sentido, ou seja, ao puro funcionamento secundário (Aulagnier, 1986/1991b).

Concomitante a essas afirmativas, Aulagnier (1975/2001) destaca as diferenças entre os três processos, além de ressaltar o que é necessário para que cada um ocorra. O secundário, por exemplo, demanda não apenas a construção da cisão interno/externo, ou seja, que seja possível perceber-se enquanto um indivíduo que está inserido em um mundo que lhe é exterior. Além disso, é necessário a presença da possibilidade de reconhecimento que a realidade pode ser apreendida pela apropriação de um discurso que é cultural e demanda a associação entre seus elementos. Dessa forma, o que se impõe nesta segunda proposição é tanto a busca pelo conhecer quanto a existência de questionamentos possíveis, pois o discurso deixa de ser composto por um estatuto de verdade absoluta. Ou seja, os desejos estão submetidos às possibilidades de acordos sociais. Dito de outro modo, o processo secundário permite afastar-se da ideia de que o mundo é regido pelo poder de um outro ou do próprio sujeito. Uma vez que o discurso pode ser conhecido, as relações de causalidade são criadas pela associação entre os elementos e não pela atribuição a um poder soberano unívoco.

Essa premissa é importante pois aponta para a marca de diferença que a inscrição do processo secundário realiza na subjetividade, ou seja, a incidência dessa forma de funcionamento vem na direção de inibir a percepção de que há um Outro detentor de um poder absoluto, capaz de regular invariavelmente a existência do sujeito. O processo secundário responde, portanto, impondo diferenças no modo de funcionamento primário. Nesse, também há a distinção de um interior e de um exterior, não controlável pela psique, entretanto, a esse externo é atribuída a onipotência de seu desejo e seu poder de incidir prazer ou desprazer.

A escritura que fará uso o primário possui este metassigno (quero dizer, o signo “relação”) necessário para construir o fantasma do desejo presente entre o que fantasmaliza e o desejo imputado ao outro, remodelado em sua posta em cena, uma relação de fusão, de possessão, de domínio dos espaços, mas um só desejo todo poderoso e sempre realizado (Aulagnier, 1986/1991b, p.143).

Dessa forma, o processo primário inaugura a cisão entre o que é o mundo externo e a psique. É, portanto, no estabelecimento dessa diferenciação que o que lhe acontece é percebido como uma imposição do desejo desse externo. Ou seja, passa-se a interpretar a realidade pela lente de um estado de submissão à agência de um outro que é onipotente sobre o sujeito e o mundo.

Para traçar o surgimento do processo primário, faz-se necessário considerar as consequências implicadas na dependência do bebê decorrentes de sua condição de ima-

turidade biológica. Ao perceber que a satisfação de suas necessidades só pode ocorrer com a presença de um outro, há um desmonte na percepção de onipotência de seu próprio poder. Na mesma medida em que vivencia o prazer pela satisfação das necessidades através da ação do porta-voz, o infante passa a dar-se conta da existência de algo que lhe é externo - um outro. É possível pensar, portanto, que é a experiência de prazer - produzida pela satisfação da necessidade - que estabelece a cisão entre a psique e o mundo. Além disso, é importante ressaltar que é a impossibilidade biológica do bebê de saciar suas próprias necessidades que torna imprescindível a presença na realidade de um outro para a manutenção da vida, o que aponta o lugar privilegiado que o corpo, por suas demandas, tem na construção teórica de Aulagnier.

Os fenômenos que o obrigam a dar-se conta do conceito de separável poderão ser as manifestações do desejo trabalhado na psique dos outros ocupantes do mundo, ou bem a consequência das leis que organizam o espaço sociocultural, ou inclusive as que regem o funcionamento somático (Aulagnier, 1986/1991b, pp.118-119).

A própria necessidade biológica submete o infante ao desprazer decorrente de suas sensações. Isto é, a produção de excitações, pelas exigências orgânicas, provocam experiências desprazerosas, pois marcam a necessidade, que, enquanto não sanada, produz a ausência de satisfação. A atuação de um outro na realidade é uma intervenção capaz de suspender o desconforto e, dessa forma, inaugura o momento de compreensão da existência de que há algo externo que pode alterar seu estado. Efetivamente, aqui constrói-se a percepção de que há uma cisão entre o sujeito e o mundo, ou seja, há algo que lhe é estranho e também que não é seu próprio desejo que controla a realidade, pois a tentativa de permanecer continuamente em um estado de prazer, sem excessos de excitações, não é completamente eficaz - o que impõe limites ao próprio sujeito e interrompe a sensação de onipotência. Esse outro, que passa a ser reconhecido pelo bebê, marca a constituição subjetiva de uma forma privilegiada ao produzir efeitos através da violência primária.

Concomitantemente às primeiras representações, ainda indistintas entre o interno e o externo, surge uma “violência igualmente radical que impõe a psique o discurso do Outro e as demandas dele” (Aulagnier, 1975/2001, p.70). A realidade passa a ser interpretada como a ‘colocação em cena’ de um desejo desse que lhe é externo, percebido como onímodo. Nesse ponto, Aulagnier (1975/2001) resalta como a representação produzida pelo processo primário é a construção dessa fantasia que atribui a incidência de um poder absoluto ao Outro. É importante pontuar, que na mesma medida em que essa fantasia imputa ao externo a satisfação de suas necessidades, logo, a possibilidade de ter

prazer, também interpreta como se esse fosse o responsável pelas sensações desprazerosas. Ou seja, enquanto no processo secundário, a representação construída do enunciado procurava uma causa inteligível pela associação entre os elementos, o processo primário toma as sensações percebidas prazer/desprazer, como efeitos de um desejo externo. Por essa razão, Aulagnier (1975/2001) nomeia a metabolização própria do processo primário como fantasia, afirmando que, enquanto o processo secundário é a colocação de sentido, o primário seria a colocação em cena, justamente, por ser a marca inicial do reconhecimento de um mundo fora, no qual a psique está inserida.

Diferentemente da teoria freudiana, Aulagnier (1975/2001) não compreende o processo primário como a mais precoce das formas de funcionamento psíquico, ainda que esteja presente em um momento extremamente inicial da vida. A percepção da existência de algo que lhe é externo ocorre, primeiramente, pela ação do porta-voz, presença privilegiada que incide sobre a realidade do bebê a ponto de suspender a representação de que tudo é uma pura continuidade de si, ou seja, “o originário é respondido pelo ‘secundário’, que governa a conduta da mãe, encontro cujo primeiro efeito será o começo da ação do processo primário” (Aulagnier, 1975/2001, p.70). Dessa forma, é possível considerar que a violência primária, ao antecipar a construção de sentido para o bebê, é capaz de impor uma presença que inaugura a compreensão de um mundo externo. Isto é, a violência primária modifica as sensações percebidas pela psique produzindo a existência de uma heterogeneidade.

Manifestações heterogêneas mas que a psique vai não apenas incluir na mesma ideia de realidade, senão entre as quais vai começar por postular uma mesma relação de causa-efeito. Na organização desse fragmento de realidade que o sujeito habita e investe, assim como no funcionamento de seu corpo, o sujeito lerá primeiro as consequências do poder exercido pela psique de outros que o rodeiam e que são os suportes privilegiados de seus investimentos (Aulagnier, 1986/1991b, p.119).

Nessa direção, para a eclosão do processo primário, é necessário a criação do discernimento de uma diferença entre o aparelho psíquico e o mundo. Aulagnier (1975/2001) afirma que tal funcionamento mantém, portanto, em seu cerne, a colocação em cena dos elementos a serem representados, cujo produto é a construção de uma fantasia que pressupõe que todo existente é uma consequência do desejo externo. Importante pontuar aqui que isso significa que não há distinção entre a quem se atribui a responsabilidade no ponto de interpretar as sensações de prazer ou desprazer, ou seja, tanto o desconforto quanto o

seu apaziguamento é representado nessa fantasia como efeito direto da ação do Outro. A construção da fantasia produzida pelo processo primário inaugura uma realidade em que a separação da psique com o mundo está colocada, pois ao reconhecer a incidência do desejo do Outro, “a presença e a ausência serão interpretadas como consequências da intenção deste”(Aulagnier, 1975/2001, p.76). Ou seja, é inaugurada a percepção da existência do objeto, mas esse está submetido à onipotência do desejo do externo. Diferentemente do processo secundário, esse modo de funcionamento não constrói a associação entre os elementos do discurso social como formadora de sentido. Dito de outro modo, o discurso não é reconhecido como parte de uma cultura - o que ocorrerá posteriormente -, mas como uma consequência de um desejo que não é o seu.

Da mesma forma que argumenta sobre a atuação do processo secundário na psique, Aulagnier (1975/2001) sustenta a coexistência das três formas de funcionamento psíquico. Nesse ponto, discorre sobre como a percepção de um desejo externo, capaz de regular a existência, não abandona o sujeito,

... pelo contrário, a obra de colocar em cena própria do primário, que testemunha a produção fantasmática, tem o poder de infiltrar-se no campo do secundário, ainda que este último se encontra dominado por um trabalho de ‘colocar sentido’ originado na instância chamada Eu (Aulagnier, 1975/2001, p.18).

A psicanalista afirma que o processo primário coloca em cena uma realidade que está regida pelo desejo dos outros, o que fica marcado na infância como uma onipotência dos adultos mais próximos da criança. Entretanto, mesmo após a passagem para uma vida adulta com o reconhecimento de uma ordem simbólica capaz de representar os elementos a partir de suas relações de causalidade,

... cada vez que um acontecimento do mundo vem a golpear e a transformar nossa existência, o azar raras vezes ocupa um lugar no registro das causas. Ainda que o sujeito esteja disposto a reconhecer a “naturalidade” do acontecimento, não por isso reconhecerá a “naturalidade” de seu encontro com este (Aulagnier, 1986/1991b, p.119).

A concepção do processo primário de Aulagnier complexifica de algumas formas a teorização freudiana, uma vez que a psicanalista não restringe seu funcionamento como puro princípio do prazer, pois já existe um incipiente princípio de realidade ali colocado. Isso não significa que o processo primário não esteja enlaçado com o modo de funcionamento do inconsciente, porém não se restringe a ele. Há a colocação em cena de

uma relação, por mais que a significação ainda não tenha ganho toda a profundidade presente no processo secundário. “Se, em um primeiro momento, o primário produz imagem de coisa, em um segundo, a esta vem se agregar a imagem palavra como ‘significação primária’, e não como signo linguístico” (Violante, 2001b, p.33). Portanto, algumas concepções que estão na teoria freudiana apenas no funcionamento secundário, aparecem - mesmo que de forma incipiente - em um momento anterior no processo constitutivo para Aulagnier. É possível considerar que isso ocorre também pela incidência de um processo ainda mais precoce que o primário na teorização da psicanalista: o originário.

No entanto, para além disso, Aulagnier reconhece desde os primórdios da vida uma forma possível de representação como produto do processo originário. A autora, a partir dessa proposição inovadora na psicanálise, parte de que, para o aparelho psíquico ser capaz de produzir o que Freud chama de representação-coisa (trabalho do processo primário), é necessário um recurso de metabolização anterior. Esse seria a construção de uma imagem da coisa corporal que é a representação pictográfica, ou seja, um reflexo de si mesmo.

A escritura do originário não pode dar uma forma diferente do que a corporização figurativa proposta pelo pictograma, única figuração que a psique pode forjar de suas próprias experiências afetivas, de seu próprio espaço, suas próprias produções (Aulagnier, 1986/1991b, p.145).

Aulagnier argumenta que, nesse ponto da constituição subjetiva, não há distinção entre interno e externo e, portanto, todas as sensações experimentadas pela psique são interpretadas como consequências de seu poder. Nesse sentido, formula o postulado do modo de funcionamento desse sistema como a afirmativa de que “todo existente é auto-engendrado” (Aulagnier, 1975/2001, p.17). Dito de outro modo, como está colocada a impossibilidade de saber da existência de algo alheio a si, toda sensação é inerente ao seu próprio agenciamento, ao ser representada pelo processo originário.

Dessa forma, as primeiras vivências são representadas como totalidades referenciadas às ações do próprio ser, ou seja, como consequências dessas. Por essa razão, Aulagnier enfatiza a percepção do mundo como um reflexo de si e a construção das representações pelas imagens. Entretanto, aqui há uma diferença central da teorização de Aulagnier em relação a teorização lacaniana sobre o estágio do espelho. Com Lacan (1949/1998b), encontramos um sujeito que delimita seu próprio reflexo e apropria-se da imagem do seu corpo unificada através do reconhecimento do outro. Já para Aulagnier, o fenômeno especular inicia junto com o mais primordial da vida, momento no qual “toda

criação da atividade psíquica se apresenta diante da psique como reflexo, representação de si mesma” (Aulagnier, 1975/2001, p.50). Nesse sentido, não é o reflexo da imagem que produz as bordas do próprio corpo, mas a consequência de os limites não estarem colocados é, portanto, que tudo é percebido como um reflexo.

Se se aceita que, nessa fase, o mundo - o exterior a psique - não existe fora da representação pictográfica que o originário forja acerca dele, se deduz que a psique encontra o mundo como um fragmento de superfície especular, no qual ela vê seu próprio reflexo (Aulagnier, 1975/2001, p.51).

A representação pictográfica é o produto da forma de funcionamento do processo originário: a ênfase que Aulagnier coloca nessa ser o próprio reflexo do bebê justifica outros de seus argumentos sobre essa forma de representação, como o fato dessa não ser ainda passível de construir a representação coisa, como no processo primário. Isso ocorre pois não há aqui um objeto que recebe o investimento, uma vez que só existe o próprio sujeito. Para Freud (1915/2010), o objeto, para ser acessado de forma consciente, precisa ser investido da representação palavra e a representação coisa, já para estar no inconsciente apenas pela segunda. Esses investimentos são provenientes “se não das imagens mnemônicas diretas das coisas, ao menos de traços mnemônicos mais distantes e delas derivados” (Freud, 1915/2010, p.115). Sendo assim, as representações provêm de percepções sensoriais, mas já há um trabalho psíquico que as transforma. A atividade da psique é o que irá diferenciar a representação coisa da representação palavra, podendo articulá-las ou não, pois, Freud argumenta que ambas não se tratam de diferentes registros, mas que “o sistema Ics contém os investimentos de coisas dos objetos, os primeiros investimentos objetais propriamente ditos; o sistema Pcs surge quando essa representação da coisa é sobreinvestida mediante a ligação com as representações verbais que lhe correspondem” (Freud, 1915/2010, p.116).

Dessa distinção, da teoria freudiana, é possível supor que a pergunta introduzida por Aulagnier é o questionamento sobre o que ocorre antes da possibilidade da representação coisa. Uma vez que, para a psicanalista, no mais primordial da existência, não há a percepção de um externo, é do campo da impossibilidade conceber que os traços mnemônicos sejam decompostos e investidos para tornarem-se uma representação coisa. Para o objeto ser representável, é necessário que o aparelho psíquico o reconheça e não o tome como parte de si, e, assim, “compreenderemos que o objeto só existe psiquicamente por seu mero poder de modificar a resposta sensorial (e, portanto, somática) e, por essa via, de atuar sobre a experiência psíquica” (Aulagnier, 1986/1991b, p.141).

Nessa direção, no processo originário, o estímulo sensorial decorrente do encontro da zona erógena com o objeto é interpretado como uma totalidade, ou seja, não é a boca que encontra o peito - pois isso demanda uma cisão do reconhecimento de um externo -, mas sim a inscrição de uma imagem zona-objeto que são complementares, boca-peito como um conjunto, pela incapacidade da psique de distinguir ambos. Essa indistinção do órgão sensorial com o objeto é correlata a atemporalidade presente no processo originário. Nessa perspectiva, o que se impõe é a dimensão sincrônica em que não há um anterior ou posterior no curso do processo constitutivo, como por exemplo, conceber que a boca encontra o peito. Dessa forma, “os efeitos do encontro ocupam o lugar do encontro. O que explica a razão pela qual o prazer e o sofrimento não podem apresentar-se diante a psique senão como autoengendrados por seu próprio poder” (Aulagnier, 1986/1991b, p.141).

Por essa impossibilidade de representar o encontro da zona com o objeto, Aulagnier (1975/2001) argumenta que a inscrição produzida pelo processo originário é a de uma imagem da coisa corporal, que formará o pictograma. O originário, portanto, constrói uma representação do mundo que é indistinta à representação do corpo, “alegria e dor, como sentimento do Eu, serão metamorfoseados através desse processo em hieróglifos corporais” (Aulagnier, 1975/2001, p.59). Essa será modificada posteriormente com a introdução dos outros dois modos de funcionamento psíquico na “atividade de pensar e o que implica essa mudança de ‘material psíquico’ que substitui a existência única da imagem da coisa corporal por uma representação na qual é um ‘corpo falado’” (Aulagnier, 1977/2016, p.20). Tomando a indissociabilidade entre a zona e o objeto, o encontro (boca-peito) será representado pictograficamente como uma totalidade. Se este produzir uma sensação prazerosa provocará um investimento nessa unificação e quando for uma sensação de desprazer, fará um desinvestimento total com uma tentativa de repulsa ou aniquilamento. Entretanto, pela impossibilidade de tomar algo como externo a si, “toda representação de uma zona erógena e de sua função se converte na metonímia da totalidade do espaço e da atividade do corpo e, por isso, do espaço e da atividade psíquica” (Aulagnier, 1975/2001, p.59).

Essa indistinção da psique com o mundo tem como consequência uma totalidade dos afetos, o que não significa que não há a diferenciação entre prazer e desprazer, mas esses são percebidos como totais - diferente do que ocorre nas outras formas de funcionamento da psique. No processo primário e secundário, “há a possibilidade de uma graduação, de uma relativização, da coexistência de sentimentos diversos, mas no origi-

nário, por sua parte, se encontra sempre dominado pela lei do ‘tudo ou nada’ do amor ou do ódio” (Aulagnier, 1975/2001, p.60). Ou seja, ao sentir prazer busca-se o movimento de fusão - sendo esse a expressão da pulsão de vida no processo originário -, e o rechaço ao sentir desprazer - correlato a pulsão de morte.

Em uma, a realização do desejo implicará um estado de reunificação entre a representação e o objeto representado, e justamente esta união é a que se apresentará como causa do prazer experimentado. Na segunda, o propósito do desejo será a desapareição de todo objeto que pode suscitá-lo, o que determina que toda representação do objeto se apresente como causa do desprazer do representante (Aulagnier, 1975/2001, p.29).

A impossibilidade de cisão entre os elementos também tem consequências na forma como o prazer e o desprazer reverberam e expandem sua interpretação: “o prazer ou o sofrimento de uma zona passam a ser prazer ou sofrimento para o conjunto dos sentidos” (Aulagnier, 1986/1991b, p.141). Por exemplo, quando o encontro peito-boca é prazeroso, todo o restante que é vivenciado, no mesmo momento, por outros órgãos sensoriais - o que é visto, escutado, tateado, ou a forma como se está posicionado - é experimentado como prazer e o mesmo ocorre com o desprazer. Isso porque, no processo originário, não há uma distinção passível de ser realizada entre a representação, o afeto e o que o provoca, ou seja, “seria inútil postular uma ordem de primazia entre o afeto e sua representação, assim como entre a experiência e a informação que recebe a psique acerca dela” (Aulagnier, 1975/2001, p.49). A psicanalista ressalta como a percepção de um prazer ou de um desprazer na totalidade das zonas erógenas produz uma vivência sincrônica entre os diferentes órgãos sensoriais, pois eles “se unem para formar uma experiência global e indissociável” (Aulagnier, 1975/2001, p.51). Tal ponto é fundamental para a constituição subjetiva, pois é a “condição prévia necessária para a integração do corpo como unidade futura” (Aulagnier, 1975/2001, p.51), ou seja, é a experiência que permitirá, posteriormente, a inscrição da imagem unificada do corpo e, conseqüentemente, a percepção do mundo, que lhe é externo - abrindo espaço para inaugurar o funcionamento do processo primário. É interessante enfatizar esse ponto, pois reflete como os três processos acabam se entrelaçando, de maneira que, a representação realizada em um deles desencadeia a possibilidade do funcionamento de outro e suas futuras inscrições.

Na mesma direção, é possível pensar que apesar de não reconhecer o externo à psique, o processo originário, assim como os outros dois, segue os mesmos princípios ressaltados por Aulagnier quanto ao que é essencial para o funcionamento psíquico. Ou

seja, constrói representações ao tomar os afetos percebidos para a elaboração do pictograma. Além disso, tem formas de buscar as duas metas presentes no desejo, tanto a pulsão de vida, como a pulsão de morte, o desejo de desejar - pela unificação - e o desejo de não ter que desejar - pelo aniquilamento. É importante salientar, portanto, que o ato de desejar está presente desde o início da vida, mesmo que de forma particular em cada um dos processos pela concepção teórica de Aulagnier (1977/2016). Tal aspecto marca a centralidade que o desejo tem na constituição subjetiva para a autora.

Entretanto, apesar de cumprir as exigências do funcionamento psíquico, o processo originário ignora qualquer signo de relação. Por conta disso, todas essas percepções de prazer e de desprazer são interpretadas como realizações de autoengendramento. O prazer é lido como uma prova de sua própria onipotência, enquanto o desprazer como o desejo de autodestruição, esta será a angústia produzida pelo processo originário, ou seja, uma preâmbulo da angústia de castração que é a de aniquilamento. A percepção da complementaridade zona-objeto, como indistintos, “determina que o desprazer originado na ausência do objeto ou na sua inadequação, por excesso ou por defeito, apresentar-se-á como ausência, excesso ou defeito da zona mesma” (Aulagnier, 1975/2001, p.55). Essa forma de responder ao desprazer com o impulso da autodestruição irrompe, segundo Aulagnier (1975/2001), em momentos de crise, como na psicose, por exemplo. Um ponto em que a realidade desfaz as referências identificatórias do Eu e esse defronta-se com “uma imagem de si mesmo que não pode reconhecer, mas que entra em ressonância com a representação pictográfica do Eu, em e pelo originário” (Aulagnier, 1975/2001, p.61). Esse reflexo, no qual não se reconhece, está alheio ao seu projeto identificatório, mas compõe um “fundo representativo”, o qual tem interação com as atividades orgânicas e acompanha as experiências do Eu. Entretanto, este está foracluído da possibilidade de tornar-se consciente e só pode ser antevisto em um momento de crise, no qual a tentativa - fracassada pela sua impossibilidade - é, justamente, de representá-lo pelo dito e pela atribuição de sentido.

A partir dessas comprovações, podemos definir do seguinte modo o que caracteriza a representação pictográfica: a posta em forma de uma percepção mediante a que se apresentam, no originário e para o originário, os afetos que ali se localizam de forma sucessiva, atividade inaugural da psique para a que toda representação é sempre autorreferente e nunca pode ser dita, já que não pode responder a nenhuma das leis que deve obedecer o “dizível”, por mais elementar que seja (Aulagnier, 1975/2001, pp.52-53).

Uma vez que o processo originário é o que está fora do discurso falado, também é complexo considerar como é possível tomá-lo em um processo analítico. Entretanto, a psicanalista atribui um valor clínico importante a essa forma de funcionamento psíquico, pois afirma que, por exemplo, nos momentos de uma crise é possível ter notícias da representação pictográfica. Não ficando restrito a esse aspecto, fora de tais eventos, é possível perceber que “os efeitos se manifestarão sobre o Eu mediante esses sentimentos indefiníveis” (Aulagnier, 1975/2001, p.62). O que aponta para a necessidade de também reconhecer que há algo no sujeito que escapa ao sentido:

Não creio trair a complexidade do processo analítico se digo que sua meta é conseguir iluminar as razões e sem razão responsáveis do compromisso elegido por um sujeito particular, e as consequências que dele resultam em sua relação com o corpo, com os outros, consigo mesmo (Aulagnier, 1986/1991b, p.123).

O que acontece em um momento de crise é uma força de atração do originário a qual o sujeito perde suas referências identificatórias e tenta um sentido. O que exigiria uma intervenção denominada, pela psicanalista, “contribuição figurativa”, capaz de tornar cognoscível para o Eu os efeitos do pictograma (Aulagnier, 1981/1990b). Entretanto, fora desses momentos, há outra camada da presença do originário, em uma associação entre as percepções sensoriais e o lugar que a figurabilidade tem na constituição subjetiva. Nessa via, a psicanalista recorre aos argumentos freudianos sobre a importância da linguagem figural na elaboração dos sonhos e do funcionamento do inconsciente para justificar que a presença da figurabilidade é uma constante ao longo da existência do Eu e que estaria calcada no pictograma (Aulagnier, 1981/1990b).

Isso porque, assim como o processo primário e secundário, o modo de funcionamento do originário permanece através da representação pictográfica, mesmo sendo esse o mais primitivo da vida anímica. A psicanalista constrói a hipótese da existência de um “fundo representativo”, que persiste paralelamente aos outros dois tipos de produção psíquica: a que caracteriza o processo primário e a que caracteriza o processo secundário” (Aulagnier, 1975/2001, p.16). O pictograma constrói esse fundo representativo a partir das vivências somáticas, isso porque “a primeira condição da representabilidade do encontro nos remete, pois, ao corpo e, mais precisamente, a atividade sensorial que o caracteriza” (Aulagnier, 1975/2001, p.43). Dito de outro modo, as exigências orgânicas para a manutenção da vida impõem que a psique represente essas vivências para inscrevê-las, de forma que as experiências não existam apenas no registro fisiológico, mas também psiquicamente. Com isso, entendemos que esse processo permitirá a transformação das zonas

sensoriais em zonas erógenas e, para que isso aconteça, é necessário que se experimente um prazer mínimo, assim como um desprazer mínimo (Aulagnier, 1977/2016).

No mais precoce da vida, o único modo que há de representar esse prazer e desprazer é pelo pictograma, o que significa que “a única formulação que se poderia aplicar seria a seguinte: a realidade é autoengendrada pela atividade sensorial” (Aulagnier, 1986/1991b, p.121). Ou seja, a realidade é indissociável dos efeitos sobre o soma, paralelamente a isso, nessa “primeira fase, é impossível separar no binômio zona-objeto complementar o agente e o objeto do prazer” (Aulagnier, 1975/2001, p.127), desse modo, o infante toma os afetos como consequências de sua onipotência.

Tomando de empréstimo as funções do corpo, deduz-se que no originário o único que pode representar-se do mundo é o que pode ser dado como reflexo especular do espaço corporal. Desse modo, a especularização si-mesmo/mundo é a especularização psique-corpo, designando aqui como “corpo” o lugar da série de experiências que dependem do encontro sujeito-existente, experiências que a psique representa como efeito de seu poder de engendrar os objetos fonte de excitação e de engendrar o que é causa de prazer ou de desprazer (Aulagnier, 1975/2001, p.68).

Aqui estaria a base na qual se apoia todo sujeito ao longo da vida, que está na interação da atividade orgânica e a forma como essa toca o psíquico, pois se repete a relação de amor e ódio - as ações de fusão e aniquilamento, de Eros e Tânatos. Essa repetição é contínua e constante ao longo de toda existência, pois essas duas experiências inaugurais de como os afetos são representados irão pautar os trilhos do desejo - entre o imperativo ter que desejar e deixar de desejar (Aulagnier, 1977/2016). A infinita reatualização da experiência de prazer ou desprazer ampara todos os modos de funcionamento psíquico, entretanto, há uma diferença fundamental do pictograma para a fantasia e o enunciado, pois a representação do processo originário é impossível de ser conhecida pelo Eu. Por isso, Aulagnier (1986/1991b) argumenta que, nos momentos de uma crise, ocorre uma “força de atração do originário” que faz com que o Eu fique siderado, perdendo a consistência de seu projeto identificatório. Tomado pelo pictograma, ficam enfraquecidos os signos de relação, e o sujeito encontra-se cerceado pelo postulado do autoengendramento e a representação fixada no conjunto zona-objeto complementar.

Esta representação é tributária do empréstimo tomado da imagem de uma coisa e de uma função do corpo. É através dessa mesma representação que o processo originário metabolizará as produções psíquicas tanto do primário como do secun-

dário, em todos os casos nos quais essas produções têm relação com a colocação em cena e a colocação em sentido de um afeto (Aulagnier, 1975/2001, p.72).

Considerando as três formas de funcionamento psíquico e o originário como antecessor dos outros dois, há uma brevidade no tempo no qual se supõe estar presente apenas o processo originário. Entretanto, essa é uma conclusão tão impossível de ser delimitada que talvez seja interessante ponderá-la como uma artificialidade teórica. Nessa direção, o escrito aqui pretende poder articular os três processos e considerar que a diferença possivelmente esteja na maior ou menor incidência de cada um em cada momento e em cada constituição subjetiva. Tal percepção é o que permite lançar luz sobre o trabalho clínico utilizando como chave de leitura o pensamento teórico de Aulagnier, especialmente, suas contribuições metapsicológicas à psicanálise, e tem como foco a conceitualização do processo originário. Essa introduz na perspectiva freudiana um olhar sobre as vivências mais precoces da psique, apontando para uma indissociabilidade dessas com o corpo. Nas palavras da psicanalista: “a atividade do processo originário é coextensa com uma experiência responsável do desencadeamento da atividade de uma ou várias funções do corpo, originada na excitação das superfícies sensoriais correspondentes” (Aulagnier, 1975/2001, p.42). Tendo essas questões em vista, para aprofundar o percurso teórico da autora, o próximo capítulo pretende construir uma imagem do lugar do corpo na teoria de Aulagnier e ressaltar a importância desse.

4.3 Origem de um aparelho somático

Ao introduzir em sua conceitualização questionamentos referentes às primeiras vivências após o nascimento, Aulagnier se encaminha para pensar em como as funções orgânicas atravessam e influenciam o aparelho psíquico. Apesar de ter enfatizado essas questões, ao longo de toda sua obra, no texto "Nascimento de um corpo, origem de uma história" (1986/1991b), Aulagnier condensa o modo como compreende o aparato somático em sua articulação com a vida anímica, elaborando o lugar de importância que o corpo tem em sua teoria. Pela centralidade desse tema para essa dissertação e pelo impacto que a leitura desse texto teve em mim, aqui recolhi diversas referências para pensar a minha clínica e esse trabalho.

Retomando tal texto da autora, temos que, no momento do nascimento, as sensações orgânicas produzem excitações e impõem a necessidade do exercício de uma função

fundamental do aparelho psíquico, a representação. “Essa atividade e esta excitação exigem o encontro entre um órgão sensorial e um objeto exterior que possua um poder de estimulação frente a ele. Em suas ‘colocação em forma’, o processo originário retoma este modelo sensorial” (Aulagnier, 1975/2001, pp.42-43). Importante pontuar que tais excitações também são as exigências orgânicas para a preservação do corpo e manutenção da vida. O modo de representação que a psique é capaz de investir, nesse primeiro momento, é o pictograma que forma a “imagem da coisa corporal”, o que é “representável de seu encontro com o mundo: desse espaço infinito aparece na sua cena somente o que pode converter-se em reflexo do espaço corporal, de seu modo de funcionamento e do esquema estrutural do representante” (Aulagnier, 1975/2001, p.67).

É, portanto, a fonte somática que irá movimentar a psique para realizar seu trabalho de representação, além de também ser a fonte das sensações de prazer e de desprazer - que despertam o desejo.

Os efeitos somáticos pelos quais a vida do mundo abre brecha em todo novo organismo não são um fenômeno transitório, só param com nossa morte. Freud falava de uma “fonte somática” do afeto; eu sugeriria animada a expressão de “fonte somática da representação psíquica do mundo” (Aulagnier, 1986/1991b, p.145).

Justamente por não serem um fenômeno transitório, os efeitos são contínuos ao longo da vida. Nessa direção, a psicanalista teoriza que o pictograma ocupará a construção de um ‘fundo representativo’, no qual tanto a fantasia, como o enunciado se apoiarão. Esse fundo está em constante interação com a atividade orgânica e, nessa articulação, acompanha as experiências do Eu. A psicanalista afirma que ignora “se este fundo representativo que continua tomando do soma seus materiais é a causa ou a consequência da preservação da participação do corpo nos nossos estados afetivos e emocionais” (Aulagnier, 1986/1991b, p.145). Contudo, o que argumenta é que independente da ordem de determinar o que é a causa e o que é a consequência, podemos compreender que os efeitos do aparelho somático irrompem no psiquismo e permanecem articulados com o fundo representativo. Por esse motivo, Aulagnier discorre sobre como o corpo está constantemente fazendo-se representar pela psique, e ainda afirma que “querer elucidar o porvir dessas representações separando-as do porvir do aparelho psíquico em sua totalidade seria um recurso artificial” (Aulagnier, 1986/1991b, p.50).

O corpo ganha, portanto, um lugar privilegiado para a constituição subjetiva, tanto pela persistência das excitações - pois as necessidades para a manutenção da vida são sempre atualizadas -, quanto por serem essas que inauguram a função de representação

para a psique. “Antes que o olhar se encontre com um outro (ou com uma mãe), a psique se encontra e se reflete nos signos de vida que emite seu próprio corpo” (Aulagnier, 1986/1991b, p.142). Tal indistinção entre o tempo do nascer e a emissão de estímulos sensoriais pelo corpo não significa que não exista a necessidade de um trabalho psíquico para representá-lo. Aulagnier argumenta inclusive que são as funções somáticas as responsáveis pela inauguração do que é a vida propriamente dita.

Amiúde comparei a ação do primário com uma colocação em cena e a do secundário como a de uma colocação em sentido, mas os dois têm como pressuposto essa “colocação em vida” do aparato psíquico que devemos a atividade de nossos órgãos dos sentidos. (Aulagnier, 1986/1991b, pp.137-138).

Há, no próprio corpo, uma exterioridade do aparelho psíquico, que permite a “colocação em vida” e, ao mesmo tempo, que exige a representação. Por exemplo, Aulagnier (1975/2001) argumenta que “a percepção da necessidade abre caminho até a psique graças a uma representação que põe em cena a ausência de um objeto sensível, fonte de prazer para o órgão correspondente” (p.51). Articulando assim as exigências orgânicas à inscrição psíquica, a não igualdade entre necessidade e pulsão não significa que entre ambos não exista uma relação ou “uma dependência efetiva e persistente no registro do representado” (Aulagnier, 1975/2001, p.50). A experiência de desprazer - pela necessidade - e de prazer - de saciar a necessidade - é a condição essencial da capacidade da psique de investir no aparelho somático propriamente dito, e essa é condição base para a existência, “não esquecemos que se viver exige que certos objetos sejam passíveis de investimento e investidos, há dois objetos cujo o investimento é uma condição igualmente vital: o sujeito e seu corpo” (Aulagnier, 1977/2016, p.61).

Dessa forma, a psicanalista argumenta que ambos são indissociáveis e igualmente importantes, entretanto, o corpo também é um espaço heterogêneo à psique e, por essa razão, torna-se necessária a realização de um trabalho do aparelho psíquico do ato de representar e do ato de representá-lo concomitantemente. Nesse sentido, o corpo é mais um lugar, no qual é necessária a construção de uma relação. “O corpo ocupando o lugar de outro preserva para a psique a última possibilidade de conservar o signo ‘relação’ em seus ‘alfabetos’, signo indispensável para que se organizem as construções do primário e do secundário” (Aulagnier, 1986/1991b, p.135). Portanto, não é apenas o processo originário o responsável pela articulação das sensações somáticas, mas também as três formas de funcionamento do aparelho psíquico que são atravessadas pelo corpo. No texto “Nascimento de um corpo, origem de uma história” (1986/1991b), Aulagnier discorre

sobre a existência de três discursos sobre o corpo que coexistem e encadeiam-se ao longo da vida, cada um associado a um dos processos: originário, primário e secundário.

Aqui a atividade das zonas sensoriais, a onipotência do desejo, o que o discurso cultural enuncia sobre o corpo, darão lugar a três representações do corpo e a três formas de conhecimento que a psique se proporciona a seu respeito: formas de conhecimento que se sucedem no tempo, sem por isso excluírem-se entre si (Aulagnier, 1986/1991b, p.123).

Apesar do lugar privilegiado que a incidência do orgânico tem sobre o processo originário, ao longo da constituição subjetiva, o corpo não fica restrito a representação pictográfica, pois a relação que cada sujeito estabelece com seu corpo é fundamental para o modo como percebe os afetos e vivencia as sensações de prazer e desprazer - e nessa há toda a complexidade do conjunto de modos de representar. A coexistência dos três processos é também o que permite um afastamento da representação autoengendada que está presente no início da vida. Dessa forma, a inscrição do processo primário e secundário marcam uma dinâmica radicalmente diferente, da "atividade de pensar e o que implica essa mudança de 'material psíquico' que substitui a pura imagem da coisa corporal por uma representação na qual é um 'corpo falado'" (Aulagnier, 1977/2016, p.20).

Os enunciados culturais sobre o corpo constituem os efeitos do processo secundário na construção dessa relação, o que dependerá do espaço e do tempo em que cada sujeito está inserido. Aulagnier (1986/1991b) argumenta que com o avanço, por exemplo, da medicina, essa passou a ser a base do discurso dominante no ocidente, e, dessa forma, contribuiu com uma dissecação do corpo em diversas partes que podem ser vistas e analisadas em suas particularidades e sobre cada uma delas incide um saber que o sujeito pode conhecer - como é próprio do processo secundário. No plano do primário, há o desejo que os outros, especialmente o porta-voz, investiu no corpo do infante, e tal desejo reverbera na continuidade de um pensamento mágico - "as representações sucessivas desse corpo reiterarão a evolução da vida somática, mas uma e outra vez esse corpo guardará conformidade com as motivações inconscientes que decidem sobre as causalidades as quais o sujeito imputa os acontecimentos relevantes do que vive" (Aulagnier, 1986/1991b, p.129). Ao originário, fica destinada a relação das primeiras sensações somáticas e a forma como elas ficaram marcadas como prazerosas ou não, como dito anteriormente, na construção do fundo representativo. A relação de cada um com

o corpo, “assim como a nossa relação com a realidade, são função da maneira como o sujeito ouve, deforma, e permanece surdo ao discurso do conjunto” (Aulagnier, 1986/1991b, p.123). É, portanto, a articulação entre os três processos que incidirá sobre o aparelho somático. Cada vez que algo do corpo se apresenta, como, por exemplo, uma enfermidade, é com o conjunto desses três que o sujeito poderá responder, mesmo que as representações do processo primário e originário permaneçam não acessíveis à consciência, diferente do pensamento, próprio do secundário. A seu lado e sem que possa ter conhecimento disso, o processo originário e o processo primário oferecem suas próprias representações desse movimento afetivo que acompanha o que chamei estado de encontro psique-mundo, termo que para mim é sinônimo do estado de ser vivente (Aulagnier, 1977/2016, p.146).

Da mesma forma que é desse modo que os três processos articulam-se, esses também são os pilares da construção do corpo enquanto um lugar de identificação. Isto é, a historicização que compõe o projeto identificatório do Eu também deve ser pensada na sua incidência sobre o aparelho somático. Tanto as experiências sensoriais, quanto o que é desejado e dito sobre o corpo organizam uma narrativa que o sujeito irá tecer ao longo da vida. Essa teorização de Aulagnier faz parte de seus pressupostos sobre o que sustenta a existência do Eu em cada sujeito. Ou seja, sobre o corpo também é necessário que exista a construção de uma história, pois, apenas dessa forma, é possível que esse seja um espaço no qual a psique possa realizar suas inscrições, dando curso às funções do aparelho psíquico, uma vez que, “o Eu não pode habitar nem investir um corpo despossuído da história do que viveu” (Aulagnier, 1986/1991b, p.134). A construção de uma história identificatória será uma história libidinal, visto que ela também se fundamenta nas sensações somáticas de prazer e desprazer. Nessa via, aqui temos, de forma concomitante, tanto a formação das zonas erógenas, quanto do corpo como local de identificação.

Para que essa história seja traçada, é necessário o estabelecimento de um signo de relação com o corpo: só assim pode “ocupar o lugar de aquele pelo qual e ao qual ‘*sucedem acontecimentos*’, e não o lugar do acontecimento mesmo” (Aulagnier, 1986/1991b, p.133). Conseqüentemente, para que exista uma biografia é preciso que exista um biógrafo capaz de distinguir-se, ou seja, a inauguração da relação do espaço psíquico com o espaço somático é o que possibilita uma articulação entre esses e, portanto, a construção de uma história. Dessa forma, é válido afirmar que a ação dos processos primário e secundário permite a existência desse signo de relação e, logo, a existência desses dois espaços.

Entretanto, não é possível desconsiderar a ação do originário, não só por essa dar subsídio à inscrição dos outros dois processos, mas também por seguir representando, através do pictograma, as sensações somáticas. Esses três colocados em movimento proporcionarão a efetiva presença de um corpo relacional, no qual a psique poderá atuar com a “função de mensageiro de suas manifestações somáticas, e igualmente ler nas respostas dadas a esse corpo mensagens que lhe estariam sendo dirigidas” (Aulagnier, 1986/1991b, p.133). Ou seja, investir em representações que compõem não só uma narrativa do que já lhe aconteceu e do que lhe acontece somaticamente, mas também a incidência de um desejo sobre o corpo, assim como, o desenrolar de uma busca pela satisfação, pois “todo investimento, seja qual for o agente, tenta obter um estado de prazer” (Aulagnier, 1977/2016, p.20). Para se trilhar um percurso nessa direção, torna-se essencial considerar a importância, para a psicanalista, da possibilidade de eleição do Eu - que não pode estar fora da relação que esse estabelece com o próprio corpo.

Por sua vez, essa eleição causal decidirá o lugar que ocupará o corpo (seu nascimento, seu porvir, sua morte futura) em uma historização do processo identificatório. O Eu não pode ser senão produzindo-se seu próprio biógrafo, e em sua biografia deverá dar lugar aos discursos com os quais fala de seu próprio corpo e com os quais o faz falar para si (Aulagnier, 1986/1991b, p.129).

Na criação dessa narrativa, Aulagnier (1986/1991b) não desconsidera a relevância das vivências de desprazer - pois essas são inerentes às exigências orgânicas. A psicanalista aponta como é necessário aqui também que um discurso seja elaborado sobre essas experiências: “discurso que ressoa em seus ouvidos cada vez que um sofrimento somático reaparece em seu corpo, em um conflito relacional que vai marcar sua vida psíquica” (Aulagnier, 1986/1991b, p.133). Esse sofrimento acontecido, ainda em um momento no qual não há signo de relação, será substituído por um discurso que permitirá ao sujeito a inscrição desse em sua memória. Para realizar tal trabalho de “colocação em história” da vida somática, é necessário o enlace das vivências de prazer e desprazer com acontecimentos associados pelo sujeito ao seu destino psíquico.

Aulagnier argumenta que esse “destino” traçado pelo projeto identificatório precisa ter alguns pontos de certeza que o Eu imagine imutáveis, para que possa consolidar a sensação de permanência. Ou seja, para que possa continuamente reconhecer seu corpo enquanto próprio, é necessária certa convicção que não permita um espaço para uma dúvida intensa do reconhecimento do próprio corpo - o que pode ficar fragilizado em alguns momentos de crise. Entretanto, é importante que para sustentar tal reconhecimento que

esses pontos de certeza possam, ao mesmo tempo, ser maleáveis o suficiente para que o sujeito suporte as mudanças inerentes à vida. O trabalho psíquico para manter o ato de se identificar com o próprio corpo atua, portanto, em duas frentes, aparentemente contraditórias, pois precisa tanto encontrar uma constância, quanto tolerar a inconstância sem que nenhum dos dois pontos fique frágil no limite de romper as identificações do Eu. Um pêndulo tênue, mas essencial para amparar o projeto identificatório, dando curso a historicização do Eu ao longo de toda sua vida.

Uma vez que essa história foi escrita, exigirá a periódica inversão de uma parte dos parágrafos, será necessário o desaparecimento de alguns e a invenção de outros, para culminar em um trabalho de reconstrução, de reorganização de seus conteúdos e diante tudo de suas causalidades, deve permanecer aberta cada vez que isso se faça necessário. Esta versão se mantém instável, e, só por isso, pode o sujeito assegurar-se de sua própria permanência, sem deixar de aceitar as inevitáveis mudanças físicas e psíquicas que se sucederão enquanto a morte não vier a dar-lhes um fim (Aulagnier, 1986/1991b, p.129).

Aulagnier (1986/1991b) ressalta, portanto, a necessidade de dar às vivências somáticas uma narrativa, em toda sua complexidade temporal, com passado, presente e futuro. Nessa direção, há uma importância contínua do corpo e de como esse atua sobre o seu entorno e como sofre suas influências: “por mais elementar ou complexo que seja um organismo vivo, não se pode estudá-lo o isolando do meio que atua sobre ele e com o qual se relaciona” (Aulagnier, 1986/1991b, p.138). É interessante considerar que pensar o meio de um organismo vivo, como a autora coloca, inclui pensar o próprio corpo, uma vez que, a psique precisa criar uma relação com o aparelho somático que habita. Esse argumento abre espaço para ponderar sobre como a singularidade biológica de cada organismo e das experiências sensoriais que o marcam atravessam diretamente o modo como se dá o funcionamento psíquico. Nessa direção, Aulagnier (1986/1991b) levanta questionamentos sobre como as particularidades dos aspectos orgânicos têm influências sobre a psique, em especial, da relação que essa estabelecerá com o corpo: “o porvir dessa relação não só varia de sujeito a sujeito, senão deve ser sempre, em todo sujeito, modificável segundo as experiências que enfrenta na vida psíquica e na vida somática” (p.138).

A psicanalista afirma que, nessa relação, a psique pode atuar para reparar e proteger o corpo ao ser capaz de modificar a representação que faz desse, produzindo novos investimentos, conforme as vivências e mudanças impostas no e pelo aparelho somático. Ou seja, toda modificação no organismo exige um reposicionamento da psique na

ação de representar, o que provoca a necessidade de novos investimentos e contrainvestimentos: “o perigo de morte que o corpo pode correr efetivamente, uma mutilação que ameace privar o Eu de uma função, particularmente vão modificar a relação entre psique e corpo”(Aulagnier, 1986/1991b, p.136).

O importante aqui é a proposta de que a relação entre o aparelho somático e o psíquico está em constante movimento, pois os estímulos orgânicos exigem sucessivamente a produção de representações. Ou seja, as informações recolhidas pelas funções sensoriais são imprescindíveis, tanto para a manutenção da vida (ao ler as exigências orgânicas), como para o aparelho psíquico ser capaz de construir um corpo que pode ser libidinalmente investido. A articulação entre esses dois é o que construirá um modelo que “será metabolizado em um material totalmente heterogêneo, que formará o marco constante de um argumento originário que se repete indefinidamente” (Aulagnier, 1975/2001, p.18), isto é, a formação do fundo representativo. Ainda é importante ressaltar que não é suficiente as produções sensoriais para que o aparelho psíquico seja capaz de investir em representações. Aulagnier pontua, por diversas vezes ao longo de sua obra, a importância da presença de um porta-voz, ou, dito de outro modo, da ação da violência primária para que as produções orgânicas, de fato, produzam marcas na psique.

Esses estímulos que o mundo emite não se transformariam em informações psíquicas se alguém não cumprir o papel de emissor e seletor de aquele grupo de estímulos que, nesse primeiro tempo da vida, são os únicos que podem ser metabolizados pela psique como reveladores de seus próprios movimentos de investimento e desinvestimento (Aulagnier, 1986/1991b, p.138).

A presença desse outro tem lugar para suprir a imaturidade biológica no nascimento e de atender às exigências orgânicas necessárias para a sobrevivência. Entretanto, não fica restrita a isso, pois há uma dimensão do atravessamento de sentido que é indissociável do afeto transmitido, mesmo que a apropriação efetiva do sentido ocorra apenas ao longo da constituição subjetiva. Por essa razão, Aulagnier (1975/2001) pontua como é impreciso estabelecer o momento inaugural da atuação do processo secundário ou primário, mas que ambos atuam, mesmo que de forma incipiente, em um tempo bastante inicial da vida em articulação com as sensações produzidas pelo aparelho somático.

Logo como se desperta a linguagem, o visto, o escutado, o degustado e o tato encontram-se sob o abrigo de um enunciado que decidirá sobre a mensagem efetiva que o informado e a voz informante esperam e recebem um do outro. A instrumentalização da mensagem sobre o objeto sensível determinará que o que

decide sobre a relação da experiência sensorial e o objeto sensível, com o prazer e com o desprazer, com o lícito e o proibido, será o enunciado pela mensagem (Aulagnier, 1975/2001, p.48).

Ou seja, a psicanalista considera que é também pela violência primária que os afetos serão transmitidos, permitindo que as experiências sensoriais ganhem uma complexidade, tanto de causalidade, na posterior percepção do externo, quanto da possibilidade da construção de um saber sobre essas. Já no âmbito do originário, a psique pode rechazar ou tomar para si as excitações do aparelho somático representadas como um prazer ou desprazer autoengendrados, mesmo quando são decorrentes de ações do porta-voz. Aulagnier (1986/1991b) ressalta a necessidade de preservar a relação entre o corpo psíquico (a produção pictográfica), o relacional e o emocional, pois reitera que “essa relação permitirá a colocação em forma e a colocação em cena da representação do corpo que a criança construirá” (p.154).

Aulagnier (1986/1991b) afirma que o porta-voz tem uma dupla função: a de reconhecer as necessidades do estado somático e a de antever ali a presença de um Eu futuro que será capaz de escolher por si mesmo seus desejos. A forma como o porta-voz age sobre esse corpo de quem cuida está marcada por um “conjunto de fatores que organizam sua maneira de viver seu investimento sobre a criança” (Aulagnier, 1986/1991b, p.153). Ou seja, a psicanalista afirma que a manutenção da vida - sustentada pelo porta-voz - está entrelaçada ao projeto identificatório, pois irá tomar das experiências sensoriais informações a serem decodificadas para a psique do infante, “decodificação, parcialmente arbitrária e sempre singular” (Aulagnier, 1986/1991b, p.153), isso permitirá que o porta-voz prossiga atuando nessa função, levando em consideração as mudanças necessárias a cada momento. Dessa forma, o infante poderá sustentar suas próprias representações, mesmo que, a princípio, estejam antecipadas pela função do porta-voz.

Se a representação do encontro psique-mundo, ou psique-realidade, ou psique-Eu do outro na fantasia e no pictograma podem não levar em consideração as “circunstâncias reais” necessárias para a experiência de prazer, é precisamente porque o Eu do outro assegura a presença das condições indispensáveis para que se satisfaçam as necessidades do corpo e o prazer das zonas sensoriais ou das zonas erógenas (Aulagnier, 1977/2016, pp.147-148).

Nesse argumento, a psicanalista volta a ressaltar a importância do corpo, pois, nas manifestações do funcionamento somático, é possível encontrar “uma espécie de *prova através do corpo da criança* da verdade dos sentimentos que experimenta” (Aulagnier,

1986/1991b, p.153). Dito de outro modo, o que é lido nesse corpo legitima os afetos percebidos pelo próprio agente do cuidado e atravessa a forma como este irá reagir frente às manifestações somáticas da criança, determinando assim seu comportamento, ou seja, “o conjunto daqueles seus atos que irão modificar o entorno da criança” (Aulagnier, 1986/1991b, p.153). Em paralelo a esse modo de ser afetado pela sensibilidade do infante, é necessário que o porta-voz mantenha uma “reserva teórica” ou um momento de “pausas emocionais” para ser capaz de modular o estado emocional desse encontro - entre o infante e o outro. Com isso é capaz, por exemplo, de “não antever a morte no horizonte em qualquer enfermidade ou a desnutrição em cada mamadeira rechaçada” (Aulagnier, 1986/1991b, p.154). Dessa forma, pode manter presente um “corpo do saber” que está em articulação com os estados emocionais, nem alheio, nem subjugado a esses.

Considerando toda a complexidade de tal relação, a psicanalista afirma como é essencial uma disponibilidade nas ações desse cuidado que, inclusive, envolve motivações inconscientes - sobre o lugar dessa criança e do porta-voz enquanto criança e cuidador. Isso porque “esse encontro vai exigir uma reorganização de sua própria economia psíquica, que deverá estender a esse corpo o investimento que até então gozava unicamente o representante psíquico que o precedeu” (Aulagnier, 1986/1991b, p.151). Ou seja, é preciso que quem atua como porta-voz seja capaz de realizar um trabalho psíquico de seu próprio Eu para assumir o lugar de “ser, para o infante, o enunciante e o mediador privilegiado de um ‘discurso ambiental’, daquele que transmite, sobre uma forma pré-digerida e pré-modelada por sua própria psique” (Aulagnier, 1975/2001, p.34). A psicanalista afirma que, culturalmente, essa é uma posição assumida pela mãe, existindo um discurso que parte da prerrogativa de que ela deva ocupar tal função, entretanto, também afirma que o porta-voz não deve estar restrito a uma só figura⁷.

A atuação do porta-voz é extremamente complexa pelo lugar essencial que a relação identificante-identificado tem na concepção de Aulagnier do que é o processo de

⁷Apesar da autora incluir em seu texto essa ponderação sobre a possibilidade e, quiçá, necessidade da circulação do lugar de porta-voz entre mais de uma pessoa, durante sua obra, atribui a mãe essa função. Além disso, não há uma consideração sobre uma diversidade das possibilidades de maternidade, que não restrinja essa ao biológico, ou a inclusão de uma outra figura a acompanhar a mãe que não seja nomeada como ‘pai’. O que pode ser interpretado como um atravessamento da heteronormatividade na teoria. Entretanto, pelo meu entendimento de que há uma viabilidade de construir uma chave de leitura nesses conceitos que ampliem tal normatividade que está presente na escrita da autora, optei, nesse texto, por buscar recolher de seus constructos possibilidades de expandir esses sem restringi-los nesses aspectos que entendo como normativos, inclusive, para assim tencionar esses próprios. Afinal, quando se coloca em perspectiva toda a complexidade dos conceitos de porta-voz ou de violência primária é bastante ilusório ou idealizado supor que esse esteja a cargo de uma só pessoa que poderá sustentá-lo constantemente. Por essas razões, a terminologia utilizada durante esse escrito privilegiou os termos “porta-voz” e “identificante”, por acreditar na importância da forma como os conceitos são nomeados e na possibilidade de que essa forma de mudança possa suspender, em alguma medida, a reprodução de uma normatividade.

constituição subjetiva. A psicanalista ainda afirma que a psique do porta-voz cumpre uma função de prótese para a psique do infante, posição essa “comparável a do peito, enquanto extensão do corpo próprio, por se tratar de um objeto cuja união com a boca é uma necessidade vital, mas também porque esse objeto libera um prazer erógeno, necessidade vital para o funcionamento psíquico” (Aulagnier, 1975/2001, pp.37-38). Ou seja, é o encontro que ocorre nessa relação que permite a manutenção da vida, orgânica e psíquica do sujeito. Nesse sentido, a experiência efetiva do encontro com o outro é o que sustenta a articulação entre dois Eus, fundamental para a existência do projeto identificatório. O argumento de Aulagnier vai na direção de apontar como a incidência desse processo produz reverberações nos dois lados desse encontro, ou sobre como quando um afeto é percebido por um, invariavelmente, transmite algo para o outro.

A partir do momento em que a psique pode e deve pensar seu corpo, o outro e o mundo em termos relacionais, começará esse processo de identificação que faz com que todo lugar identificatório incida sobre a dialética relacional entre dois Eus e que toda mudança em um dos polos repercute sobre o outro (Aulagnier, 1986/1991b, p.135).

Há uma transmissão que é feita corpo a corpo, através dos componentes somáticos de cada um, ou seja, no momento do encontro, a emoção sentida não fica fora dele, “uma mão que nos toca sem prazer não provoca a mesma sensação que uma mão que sente prazer ao tocar-nos” (Aulagnier, 1986/1991b, p.153). Importante acrescentar a esse fato a indissociabilidade da emoção⁸ e do prazer/desprazer, “os sentimentos acessíveis ao Eu são, em efeito, ora fonte de prazer, ora fonte de sofrimento: falar de um sentimento que não nos provocaria nem prazer, nem sofrimento é um absurdo” (Aulagnier, 1977/2016, p.146). Nesse sentido, a emoção torna cognoscível ao Eu o prazer ou o desprazer experienciados, justamente, através dos efeitos que esses têm no aparelho somático.

No entanto, não é apenas o encontro identificante-identificado que é colocado pela psicanalista nesses termos relacionais. Quando discorre, por exemplo, sobre um processo de análise, Aulagnier (1977/2016) afirma que é essencial a esse percurso “a presença de momentos em que uma experiência de prazer é compartilhada por ambos, e que impõe necessariamente a presença de outros momentos nos quais se compartilhará igualmente

⁸No texto “Nascimento de um corpo, origem de uma história” (1986/1991b), Aulagnier justifica a utilização do termo emoção argumentando por esse não ter uma conceitualização no campo da psicanálise, ela encontra em seu uso maior liberdade para incluir suas próprias reflexões sobre essa palavra. Nessa direção, a define como “a parte visível desse iceberg que é o afeto, e, portanto, as manifestações subjetivas desses movimentos de investimento e contrainvestimento que o Eu só pode apreender por resultar para ele em fonte de emoção” (p. 130).

um sentimento de ansiedade, de tristeza e de incompreensão comum” (p.212). Isso não significa afirmar que a emoção vivenciada será a mesma nos dois personagens de uma relação, mas sim de sustentar como os afetos produzem ecos no encontro e ressoam nas duas pontas de qualquer laço. Aulagnier (1977/2016) aponta que a presença do prazer é fundamental para que exista “uma condição de vida, uma condição para que o Eu invista no funcionamento da psique e do corpo, suportando os momentos de sofrimento que sempre implicará o ato de viver” (p.155). É evidente que essa também estará na relação do Eu com os outros, incluindo assim a transferência.

O encontro com o Eu dos outros também tem um lugar privilegiado na teoria, pois “desde o momento em que o Eu entra em cena, a tarefa dessa instância será de tomar conhecimento do feito que seu prazer tem como condição o encontro e a carga desses primeiro objetos exteriores que são o corpo próprio e o Eu do outro” (Aulagnier, 1977/2016, p.148). Esse encontro que precisa ser investido está presente na relação entre analista e analisando com suas particularidades. Aulagnier parte do princípio freudiano da exigência de uma “condição cuja presença é necessária para que exista análise: o amor de transferência” (Aulagnier, 1977/2016, p.11). Entretanto, a psicanalista afirma que os sentimentos vivenciados nesse processo não têm uma equivalência no registro dos prazeres, como fora do contrato de uma análise. Isso porque não respondem às mesmas causas, uma vez que é uma relação que se propõe a uma produção de uma diferença do encontro entre Eus. Nessa direção, Aulagnier (1977/2016) discorre sobre como há particularidades que mantêm os dois personagens e sustentam essa dinâmica: o analisando busca uma remodelação de seus investimentos, enquanto o analista trilha sua verdade teórica, que inclui o que retira de seu próprio autoconhecimento, ou seja, de sua clínica. De posições diferentes, ambos lidam com a maleabilidade de seus projetos identificatórios, dispostos a uma relação de não equivalência entre saber, prazer e sofrimento, “o que não impede que um e outro conservem o poder *recíproco* de ser fonte de conhecimento, de prazer e de desprazer” (Aulagnier, 1977/2016, p.210).

Em seu texto, “O trabalho da interpretação. A função do prazer no trabalho analítico”(1976/1991a), Aulagnier discorre sobre como a técnica de intervir por meio da interpretação é uma forma de proposição de sentido e de significações na “construção comum e nova que se chama análise”. Para a autora, tal construção é obra do trabalho psíquico tanto do analista, quanto do analisando, ambos personagens desse encontro que trilham a busca por uma efetiva mudança. Entretanto, há uma complexidade nesse processo que exige a disponibilidade de reorganizar seus investimentos para criar pensamentos novos

e poder sentir prazer com eles. Para alcançar esse fim, há uma mobilização de forças libidinais de ambos os envolvidos.

Para que um trabalho semelhante possa se efetuar, é preciso que o desprazer, que invariavelmente se entranhará seja acompanhado também pela presença de momentos de prazer: caso contrário, não seria possível investir nesse, salvo apelando a psicopatologia ou dizendo, arbitrariamente, que o analista não está submetido às leis que regem a economia psíquica de todos os sujeitos (Aulagnier, 1976/1991a, p.318).

Para atravessar essas vivências, é necessário que o analista sustente não apenas o contrato que mantém esse como um espaço de não equivalência dos afetos, mas também que atue na direção do seu saber.

Saber esse que é permeado pelo questionamento, mas que da parte do analista pode recorrer a “colocação a prova” ou a comprovação, durante o processo, inclusive do que pode estar no registro do observável como, por exemplo, “o silêncio, as emoções perceptíveis na voz do sujeito, a tranquilidade ou tensão que sentimos presentes em suas atitudes corporais” (Aulagnier, 1977/2016, p.94). Novamente, o que pode ser observado, do que passa pelo aparelho somático, tem um lugar de importância que deve ser pensado no trabalho clínico, pois, por meio dessa observação e escuta é possível supor sobre a constituição desse “corpo latente”, com toda sua complexidade. Isso só é possível através do “que nosso corpo faz visível no registro da emoção e do sofrimento somático” (Aulagnier, 1986/1991b, p.128). Aqui há abertura também para pensar nesses dois corpos que estão colocados em uma análise e de como o encontro transferencial reverbera no aparelho somático do analista e analisando. Desse modo, é possível desenhar o papel que o contato entre esses dois Eus tem no pensamento teórico de Aulagnier e como ela não se furta a considerar a importância do aparelho somático, inclusive, na clínica.

É aproveitando esses aspectos que esse texto pretende seguir seu percurso. Apesar de, em algumas referências utilizadas, Aulagnier restringir seus conceitos ao que seria o trabalho com a neurose, a psicanalista também considera a importância da atenção ao orgânico nas intervenções com outras estruturas ou do que chama de momentos de crise, como quando afirma a necessidade da linguagem figurativa. Ou seja, de diferentes formas, há um enlace entre o corpo e o pensamento clínico de Aulagnier, tanto quando considera a constituição subjetiva, como quando lança luz sobre o trabalho do analista - nó que dá sustentação à construção teórica dessa pesquisa. Pensando no recorte dos pacientes que se trata esse escrito, é importante situar como algumas proposições do que foi recolhido

da obra de Aulagnier podem dialogar com o fazer clínico atravessado pelo recorte da infância e da deficiência - público da presente dissertação. É nessa investigação que esse texto ganha sequência.

4.4 Origem de uma clínica

Para além dos conceitos de violência primária e secundária e dos processos do funcionamento psíquico, Aulagnier discorre em seus textos sobre a articulação desses com a clínica, especialmente, abordando questões sobre a intervenção e a transferência. Apesar de sua teorização sobre a constituição subjetiva dar foco aos primeiros momentos da vida, Aulagnier relata, em seus textos, o trabalho clínico com adultos que atendeu. A partir dessa clínica, encontra as reverberações de seus preceitos sobre os primórdios do funcionamento da psique, como, por exemplo, ao relacionar momentos de crise de uma estrutura psicótica com uma força de atração do originário. Sobre as estruturas clínicas, concomitantemente, recorta especificidades do trabalho com cada uma delas, mas também aponta para um comum ao destacar a persistência em todos os sujeitos da busca pelo prazer e da função da representação para o psiquismo.

Da mesma forma, quando afirma sobre a coexistência dos processos originário, primário e secundário, Aulagnier aproxima-se de um pensamento menos estruturalista no qual há um intercâmbio e uma interdependência entre os três processos que não são datados no tempo, nem se sustentam em uma lógica de superação ou primazia de um em detrimento de outro. O que está em seu pensamento é a diferença na forma como cada sintomatologia se relaciona com determinada representação, ou seja, Aulagnier ressalta o modo que o funcionamento dos processos incide sobre a psique e como ocorre a articulação entre eles. Nessa mesma direção, é possível recolher da obra de Aulagnier uma leitura sobre a clínica com crianças, não só porque a psicanalista fornece conceitos para pensar como se dão os momentos iniciais da constituição subjetiva, a partir da violência primária e do processo originário, mas também por perceber, desde os primórdios da vida, uma complexa relação da psique com os outros e com seu próprio corpo. Além disso, apesar de não ter atendido crianças, Aulagnier cita tanto momentos constitutivos em conexão com o desenvolvimento infantil, quanto busca referências de psicanalistas que tiveram uma clínica com a infância.

Em seu texto “Contribuições de Piera Aulagnier à análise infantil” (2001a), a professora e psicanalista Maria Lúcia Vieira Violante, que realizou um extenso trabalho sobre

a autora, condensou alguns argumentos sobre a potência de pensar a análise com crianças por essa ótica. Violante (2001a) afirma que, apesar de Aulagnier não ter conduzido uma análise infantil - assim como Freud -, a mesma tem uma conceitualização metapsicológica que fornece elementos importantes para a análise de crianças. A proposta do Eu na teoria de Aulagnier, por exemplo, enquanto um projeto identificatório que é indissociável da construção temporal, sustenta um pensamento clínico que pode envolver as crianças e permite incluir na clínica seus cuidadores, como aqueles que podem amparar e antecipar esse projeto.

Invariavelmente, o estado do Eu da criança e os obstáculos que enfrenta no exercício de suas funções - pensar e investir - encontram-se intimamente relacionados com uma história que o antecede, com a realidade histórica efetivamente vivida pela criança e pelos pais e com a história libidinal e identificatória desse corpo e desse Eu infantil (Violante, 2001a, pp.51-52).

Além dessa historicização do Eu, para considerar o atendimento de crianças, há outros conceitos fundamentais elaborados pela autora que contribuem para entender a constituição subjetiva. A proposição da psicanalista sobre como os três processos do funcionamento psíquico articulam-se desde um tempo muito inicial permite “pensar em um psiquismo em formação, antes mesmo do advento do Eu, no Estádio do espelho de que fala Lacan (dos 6 aos 18 meses de vida)” (Violante, 2001a, p.45). Na mesma via, apesar de não definir um tempo para o início da inscrição de cada um dos modos de funcionamento, afirma que “o intervalo que separa o começo do processo originário do começo do processo primário é extremamente breve; de igual modo, veremos que a atividade do processo secundário é extremamente precoce” (Aulagnier, 1975/2001, p.24) Nesse sentido, pontua tanto para a especificidade do início da vida, quanto para sua complexidade.

Ao abordar o tema da constituição subjetiva, Aulagnier (1986/1991b) propõe como o seu desenrolar passa pela possibilidade de criar uma relação com o próprio corpo. Como dito anteriormente, essa relação é a primeira percepção da psique, pois é irreal escapar das exigências orgânicas, associadas à impossibilidade de saciá-las sem a presença de um outro. Entretanto, ao longo da vida, “o sujeito recorrerá menos ao seu corpo como transmissor privilegiado de mensagens enquanto terá podido diversificar os destinatários e os objetos de sua demanda”(Aulagnier, 1986/1991b, p.158). Nesse transcurso, a “coisa corporal” ganha também um paralelo que é o “corpo psíquico”, capaz de ser investido pelas representações da fantasia e do enunciado - referentes ao funcionamento do processo primário e secundário. Dessa forma, o corpo é inscrito no enredo de uma história, de um

projeto identificatório, pois o originário é privado da dimensão do tempo, que é um modo de existência do signo de relação. Isso porque só é possível alguma perspectiva cronológica a partir de uma separação, uma causa que não esteja restrita ao autoengendramento, uma vez que essa atemporalidade também sustenta esse pressuposto. Ou seja, quando não há um antes e depois, o encontro é a existência de um só e não de um que se encontra com outro. Quando se inaugura a dimensão do tempo, é colocado em perspectiva a presença de uma sequência em que um elemento sucede ou antecede o outro.

Mesmo que as três formas de funcionamento psíquico permaneçam coexistindo, o argumento destacado aqui de Aulagnier é que a infância surge como um momento privilegiado para pensar os modos como a psique se enlaça na relação com o corpo. Especialmente, permitindo visualizar a proposta da psicanalista sobre como ocorre o início do trabalho psíquico. Nas palavras de Aulagnier (1986/1991b): “numerosos trabalhos analíticos referentes a crianças autistas e esquizofrênicas parecem confirmar minha concepção do originário” (p.147). Sobre o tratamento com esses pacientes, Aulagnier (1986/1991b) articula a sua teorização metapsicológica com o trabalho de Frances Tustin⁹, relacionando alguns conceitos de ambas.

Aulagnier (1986/1991b) associa, especialmente, a ênfase que a psicanalista inglesa atribui ao lugar privilegiado que as sensações têm em sujeitos autistas com suas proposições sobre o processo originário. Tustin (1975) foi uma autora que, além de teorizar sobre, teve uma clínica com a infância, incluindo pacientes que denominou autistas e psicóticos. A partir dessa experiência, constrói diversas conceitualizações sobre a constituição subjetiva e o modo como trabalhava com essas crianças. Dentre essas, concebe sobre como é preponderante no modo de defesa do autismo a existência de um objeto que seja capaz de provocar a repetição de uma sensação e que é enlaçado pelo psiquismo como parte do próprio corpo. A autora denomina esses como “objetos autísticos” que não compõem uma forma de autoerotismo, pois não se trataria da estimulação de uma zona erógena, mas sim de uma busca pela repetição de uma sensação sem mudança.

Da mesma forma, o objeto não ganha estatuto de um objeto transicional, assim como o conceitualizado por Winnicott (1951/1982):

Introduzi os termos "objetos transicionais" e "fenômenos transicionais" para desig-

⁹Apesar da diferença das escolas da psicanálise inglesa e francesa a qual não escapa às duas autoras, Aulagnier cita Frances Tustin, em seu texto, e propõe similaridades entre suas teorias. A partir dessa aproximação, busquei a referência da psicanalista inglesa para compor essa seção, entretanto, é preciso pontuar que essa dissertação não esmiuçou tal teoria e que a relação entre ambas autoras pode ser explorada de forma mais consistente com o devido aprofundamento. Pois, pelas limitações do trabalho, a complexidade teórica presente na obra de Tustin não pôde ser abordada aqui.

nar a área intermediária de experiência, entre o polegar e o ursinho, entre o erotismo oral e a verdadeira relação de objeto, entre a atividade criativa primária e a projeção do que já foi introjetado, entre o desconhecimento primário de dívida e o reconhecimento desta (Winnicott, 1951/1982, p.390).

O objeto autístico não tem o mesmo lugar, uma vez que não faz a função de um espaço entre a psique e o mundo, dessa “área intermediária. Da mesma forma, ele não permite um desenrolar para realizar uma separação que não seja vivenciada como uma mutilação ao próprio corpo. Nessa direção argumentativa, Marisa Rodulfo (2001) afirma que “o objeto transicional terá como função a de estabelecer uma ponte entre a subjetividade em percurso da criança que o cria e a alteridade, é dizer: o outro reconhecido em sua diferença”(p.81). O objeto transicional tem para a criança o lugar de ser insubstituível, uma vez que o sujeito está ligado a ele “por sua função na economia libidinal e não pela sensação que produz” (Rodulfo, 2001, p.82).

É possível sintetizar tais proposições colocando que, quando a ligação ocorre pelo puro estímulo, o objeto pode ser substituído por outro capaz de provocar a mesma sensação. Apesar da desorganização ao separar-se do objeto autístico, quando o sujeito encontra outro capaz de provocar o mesmo estímulo, a repetição volta a ocupar a função de autoestimulação. Dessa forma, o que Tustin (1975) conceitua é que, quando há a impossibilidade de um objeto assumir esse espaço transicional, a existência de um objeto autístico implica em uma “hipertrofia compensadora dos processos de centralização no próprio corpo, os quais irão, assim, adquirir todas as características de um sistema fechado” (p. 67), pois determinada sensação ganha um lugar de centralidade para o sujeito. Ou seja, a psicanalista inglesa realiza uma articulação teórica que enfatiza como ocorre uma busca fixada por sensações, na qual algo barra a possibilidade do corpo ser marcado enquanto um conjunto de zonas libidinais. Essas marcas ocorrem na relação, pois é a articulação do estímulo com um a mais - a função de determinado objeto como de saciar a necessidade fisiológica -, o que demanda o estabelecimento do reconhecimento do objeto como algo externo.

Aulagnier (1986/1991b) relaciona o que é proposto por Tustin ao que concebe como o funcionamento do processo originário. A psicanalista afirma que a impossibilidade de representar de uma forma diferente do que pelo autoengendramento tem como consequência o apagamento de qualquer relação - seja com o outro ou com o próprio corpo. Dessa forma, “o prazer não terá por suporte representativo uma fantasia de fusão, mas acompanha uma atividade autossensorial” (Aulagnier, 1986/1991b, p.167), represen-

tação do postulado de autoengendramento. Por essa razão, não é possível que o processo originário experiencie o autoerotismo, pois não há uma tentativa de encontrar, no objeto, o estímulo de prazer para sua zona erógena, uma vez que não há distinção entre a psique e o objeto, o que existe é a zona-objeto. Já a atividade autossensorial fica fixada na repetição da sensação, preservando a indissociabilidade.

Enquanto que, na atividade autoerótica, o prazer tem seu suporte no fantasma de uma relação fusional com o objeto de desejo, na atividade autossensorial, o prazer acompanha, como vimos, a uma figuração na qual os efeitos do encontro passam a cumprir as funções de um “objeto”, cujo referente psíquico remete meramente ao próprio corpo (Aulagnier, 1986/1991b, p.168).

Os efeitos da violência primária são, precisamente, antecipar a presença de representantes do mundo externo ao organizar um espaço no qual a relação está presente. Dessa forma, “a psique da criança pode dar um lugar e apropriar-se desse metassigno do alfabeto do primário que lhe dá acesso a um espaço e a um mundo relacionais” (Aulagnier, 1986/1991b, p.168). Nesse processo, um atrito pode causar entraves na inscrição do processo primário e, conseqüentemente, no espaço para estabelecer relações, provocando a fixação em uma atividade autossensorial ou a sua existência de forma exacerbada, própria da sintomatologia autística, quando há uma tentativa de fechamento ao outro. Essa sensação vivenciada pelo sujeito torna-se, portanto, a prova de sua existência, pois, é uma experiência percebida que sustenta o postulado do processo originário. Dessa forma, a vida somática é o que ganha centralidade, levando a ações de repetição da mesma sensação autocriada, “mediante a qual a psique mantém seu objeto complementar a uma zona e uma função sensoriais e assim garante que se conserve um estado de sobrevivência” (Aulagnier, 1986/1991b, p.147). Similar a leitura de Tustin (1975) quanto ao “objeto autístico”, nesse ponto, Aulagnier (1986/1991b) também ressalta o lugar de centralidade que o objeto e a própria estimulação sensorial têm nessa forma de estruturação. Nesse sentido, o que ambas autoras afirmam é que a função do objeto não está colocada na possibilidade de ser o representante de algo, mas o objeto mesmo é o que forja um lugar e é parte do corpo, criando um estímulo sensorial vivenciado e autoproduzido.

A proposição de Aulagnier (1986/1991b) é que o recurso do objeto como auto-estimulação está presente como uma forma que permite a preservação da vida, uma vez que, quando o sujeito mantém a estimulação, sustenta o princípio do autoengendramento. Aqui talvez seja importante pontuar que para a psicanalista, a preservação da vida está relacionada com a manutenção de um prazer mínimo e a evitação de um encontro que

pode provocar o desprazer. Ou seja, é possível considerar o prazer envolvido em uma na permanência de uma percepção sensorial, que é autocriada e pode ser controlada pela repetição da estimulação zona objeto complementar, pois a inexistência de uma relação temporal consente em uma repetição sem diferença.

Dessa forma, a representação incessante da vivência somática mantém a psique em constante atividade. Entretanto, em paralelo a esse funcionamento, “aos estímulos de fontes exteriores, o autista tentará opor seu poder de intrusão, exigindo a não mudança do meio que o rodeia” (Aulagnier, 1986/1991b, pp.147-148), pois a necessidade de representar esse encontro pode ser uma fonte excessiva de desprazer. Nessa situação, a vivência da mudança é experienciada como disruptiva, por isso, a permanência da estimulação de uma zona objeto complementar que reproduz a premissa do autoengendramento, uma vez que essa mantém em vigor a própria produção de sensibilidade e sustenta a função psíquica de representação. Portanto, ao suspender a mudança, o sujeito consegue abafar a presença de um externo que seria capaz de impor uma alteração na repetição, através de seu desejo, além de marcar a existência de algo fora do próprio sujeito. Dessa forma, é possível traçar alguns dos desafios que ocorrem na clínica com esses sujeitos, pois o analista pode ocupar o lugar de alguém que produz essas interrupções na repetição que, por vezes, pode ser uma experiência excessivamente disruptiva para o sujeito. O desafio é de que essa interrupção possa tomar outros sentidos para o analisando e que não caia no lugar de uma presença intolerável e produtora de um excesso de violência. Ainda que esse seja um risco que está em jogo em todo atendimento clínico, é possível considerar que, com sujeitos autistas, esse limiar é extremamente delicado.

Nesses casos, há uma tentativa de determinar ao mundo uma imobilidade, que só seria de fato possível com a morte do sujeito, pois as exigências orgânicas e a presença do outro se impõem invariavelmente. Em resposta a essa tentativa, o sujeito encontra, na repetição idêntica da sensação, uma forma de reduzir ao mínimo a presença externa, para “seguir acreditando na fixidez do meio” (Aulagnier, 1986/1991b, p.148). Essa é, portanto, uma forma de buscar a constância de um estímulo sensorial que suspenda o restante, corroborando com a persistência da representação de autoengendramento.

Todo estímulo imprevisto que vem do outro por ser de um espaço do mundo que já não se percebe como um reflexo do espaço do corpo - será recebido como uma intrusão que ameaça rompê-lo e destruir esse continente, o único que pode garantir à psique a preservação de seu espaço e, com isso, de um aparato psíquico incapaz de sustentar-se no vazio (Aulagnier, 1986/1991b, p.148).

O vazio seria justamente a impossibilidade do psiquismo realizar sua função de representação, o que quando há uma dificuldade na ação dos processos primário e secundário, o investimento ocorrerá com maior intensidade na representação pictográfica, tendo como consequência a tentativa de apagamento de qualquer relação. Concomitante a isso, uma perda do objeto - ou seja, a interrupção da sensação ou substituição desta por outra - pode ser vivida como uma mutilação, já que o objeto complementar é indissociável da zona corporal que vivencia o estímulo.

A psicanalista argentina Marisa Rodulfo, que tem um extenso e aprofundado estudo sobre o desenho no tratamento de crianças, recolhe de Aulagnier alguns conceitos para pensar a clínica com a infância. Dentre esses, argumenta que, ao tomar uma experiência como desprazerosa, há uma tentativa de anulá-la. Ou seja, de mutilar a zona-objeto, o que tem como consequência que os órgãos sensoriais não atuem para executarem sua função: uma boca que não fala ou não come, uma mão que não segura objetos, um ouvido que não escuta, pois “na superfície contínua do corpo, algo se inscreveu por sua negatividade” (Rodulfo, 2001, p.73). Essa inscrição negativa de uma parte do corpo é distinta do que seria uma falta de inscrição, pois, segundo Rodulfo (2001), o conceito de pictograma permite sustentar a diferença de duas formas de inscrição, uma positiva e outra negativa. Tal consideração teórica é correlata à leitura de Aulagnier (1977/2016) de que o desprazer também é um caminho pela busca de desejo: o desejo de deixar de desejar.

O reconhecimento da inscrição negativa, como distinta a uma falta de inscrição, permite pensar em um desdobramento “no que constitui ou uma perda da zona ou uma perda da atividade ligada a ela e, por consequência, uma perda do corpo” (Rodulfo, 2001, p.73). Portanto, é uma tentativa de rechaçar determinado estímulo e não de sua inexistência. Com a impossibilidade de marcar a diferença externo/interno, o objeto percebido como mal reflete uma zona má, ou seja, “o pictograma representará uma mesma unidade objeto-zona como lugar de um duplo desejo de destruição, lugar no qual se desdobra um conflito mortal e interminável” (Aulagnier, 1975/2001, p.55). Essa possibilidade de representação pode ter como consequência, em casos de autismo, momentos de autoagressão e de insensibilidade à dor, pois “a indissociação presente entre espaço do corpo/espaço do mundo: impõe ao corpo o que não se pode impor a um mundo cuja existência se quer ignorar” (Aulagnier, 1986/1991b, p.148).

Pensar o autismo envolve, portanto, considerar a tentativa do sujeito de apagamento da alteridade, já que, “no lugar do chamado ao outro, a criança se refugia em objetos e figuras autísticas de sensação” (Rodulfo, 2001, p.74). Deste

modo, barra a conexão com a alteridade e até mesmo consigo mesma - na medida em que também cerceia as sensações vivenciadas e os modos de representação da fantasia e do enunciado. Aulagnier (1986/1991b) afirma que essas situações clínicas “nos ilustram sobre as consequências da catástrofe que representa para o sujeito o desaparecimento do signo ‘relação’ em seu capital representativo ou, para ser mais exato, a redução de seu uso a uma forma relacional fixada de uma vez para sempre, imutável” (p. 146). Entretanto, quanto a esse ponto, parece existir uma divergência na obra da autora, pois, ao mesmo tempo em que faz tal afirmativa, a psicanalista também pondera que o desaparecimento completo de qualquer relação é incompatível com a existência. Portanto, aqui proponho a leitura de que há uma incidência maior, no autismo, da representação pictográfica, mas entendo que seria temerário qualquer afirmativa que o reduza ao puro processo originário, não só pelos diferentes modos que o autismo pode se apresentar, mas também por me aproximar mais da compreensão que um apagamento total da existência do externo não permite a manutenção da vida. Em sua obra, apesar de não dar muito espaço a nenhum desses argumentos citados, Aulagnier (1986/1991b) declara que “a eficácia do conceito” do originário só pode ser atestada em situações de crise psicótica, além de relacioná-lo ao funcionamento de sujeitos autistas. Concomitante a essa proposição, a psicanalista reitera a inexistência de um aparelho psíquico composto por apenas um modo de funcionamento, seja ele secundário, primário ou originário. Isto é, a hipótese levantada pela autora é a de que não há vida em um desaparecimento completo do signo de relação, ou seja, Aulagnier (1986/1991b) sustenta que mesmo nas diferentes estruturas clínicas há a articulação entre os três processos. É esse argumento que permite a leitura que propus acima e, da mesma forma, a existência da clínica com esses sujeitos, na aposta de que não estão destinados a pura repetição. Cada vez que nossa relação com o mundo se subtrai a qualquer captação em um fantasma ou em um pensamento, por não ter podido preservar o investimento de ao menos um de seus ocupantes, nos encontramos em uma situação próxima, ainda que não idêntica a aquela que inaugurou nossa existência: a vida do mundo e o mundo já não são representáveis mais que pelos “efeitos somáticos” que acompanham a angústia de um encontro com a cena vazia. A representação dessa vivência somática segue sendo o último recurso que permite ao processo primário e secundário fantasiar e pensar sua relação com essa última e única construção psíquica pela qual sinais

do mundo continuam existindo. Se preserva assim, uma última posta em relação que é a condição mesma para que o primário e o secundário não sejam conduzidos a cessar sua atividade, o que implicaria ao mesmo tempo o silenciamento do aparato psíquico; o qual, salvo morte precoce, terá aprendido sempre, bem ou mal a falar suas três línguas, e que não pode esquecer uma totalmente sem ficar mudo (Aulagnier, 1986/1991b, p.146).

Efetivamente, a questão levantada por essa hipótese põe em evidência que o trabalho psicanalítico precisa incidir sobre a articulação desses três modos de funcionamento para operar na vida do sujeito, independente de sua estrutura clínica. Contudo, é possível considerar que as diferentes formas como essas estruturas se manifestam enlaçam os processos de modos distintos, o que tem consequências na intervenção no contexto de uma análise.

Nessa perspectiva, faz-se importante situar que o recorte dessa dissertação é o tratamento de crianças que possuem o diagnóstico de autismo e, por esse motivo, há uma ênfase na leitura psicanalítica de Aulagnier e de autores que dialogam com seus conceitos sobre a constituição desses sujeitos. A tese de Aulagnier sobre tal estrutura, como trazido pelos recortes de sua obra citados aqui, foi o que traçou o caminho desse texto pela conceitualização dos funcionamento dos três processos, principalmente, do originário, e do que se compreende sobre o aparelho somático na teoria da autora. Pois a intenção é tomar o trabalho clínico como dependente “não meramente de boas intenções terapêuticas, mas do enorme desenvolvimento conceitual que a investigação psicanalítica permitiu em relação às primeiras estruturações do corpo e da subjetividade da criança” (Rodulfo, 2001, p.98).

Nesse direcionamento, considerando o papel do corpo na constituição subjetiva, é importante não apagar como diferentes modos de funcionamento do aparelho somático podem ter influência sobre a psique. Visto que “paralelamente aos objetos de necessidade que são o alimento, o ar, o aporte calórico, durante a fase de vigília, é necessário um aporte de informação sensorial contínuo; se não recebê-lo, a psique enfrenta dificuldades para poder funcionar” (Aulagnier, 1975/2001, p.48). Isto é, partindo do princípio de que os estímulos sensoriais, inclusive pelas exigências orgânicas, colocam em marcha a ação de representação, função fundamental da vida psíquica, é importante ponderar sobre as consequências que dificuldades fisiológicas podem provocar na constituição subjetiva. Marisa Rodulfo (2001) afirma que “os bebês com dano orgânico e mais ainda aqueles afetados por comprometimento neurológico nos quais, com frequência o envolvimento

pode ficar mais dificultoso, a tendência a refugiar-se em sensações se intensifica” (p.74). Ou seja, a psicanalista argentina pontua a necessidade de uma atenção maior a essas situações - indicando a importância de intervenções para auxiliar o sujeito no trabalho com suas representações, apesar de algumas vivências sensoriais estarem barradas ou lentificadas. No texto “Nascimento de um corpo, origem de uma história” (1986/1991b), ao traçar a construção das representações sobre o aparelho somático em articulação com a psique, Aulagnier pontua que “seria de máximo interesse refletir desde um ângulo analítico sobre as reações psíquicas subsequentes a certas experiências de privação sensorial” (p.142). Dentro dessa mesma perspectiva, a hipótese de Marisa Rodulfo (2001) sobre tal conceitualização é de que há uma correspondência das privações sensoriais - a partir da leitura de Aulagnier - com quadros psicopatológicos, como pensado por essa perspectiva psicanalítica.

Marisa Rodulfo (2001) sugere ainda que a uma sensação repetida indistintamente “vai igualar por continuidade (metonímica) o que é próprio do que deveria reconhecer como alteridade” (p.79). Dessa forma, alguma intercorrência orgânica que impeça outras vivências sensoriais - seja por anulação ou excesso de um órgão - pode dificultar a marca de uma diferença ou a interrupção da figura autística de sensação. Frances Tustin (1975), por outra via, faz uma distinção do que seria um momento constitutivo, pelo qual passam todas as crianças, que tem características similares ao que pode se instaurar, do que nomina como, um autismo patológico. Cabe ao analista, portanto, a função de desarmar figuras autísticas de sensação com o intuito de abrir espaço para a presença do externo, ou seja, intervir para produzir interrupções na repetição descontínua da mesma sensação.

Marisa Rodulfo (1992), em seu livro “El niño del dibujo”, no qual debate o trabalho clínico com o desenho, aborda sobre como a figura autística de sensação está presente no modo de produção gráfica dos pacientes. O que pode significar uma primazia do movimento em detrimento da figura traçada: “esse traço escapado que lança a mão da criança à folha não só ocupa espaço e configura lugares de conflito, mas também é simultaneamente energia pulsional esculpida em suas mais diversas montagens, carne traçada” (Rodulfo, 1992, p.78). Tomando no plano da folha de papel a constituição subjetiva, é o próprio ato de traçar que constrói para o sujeito esse espaço - como um lugar que possui bordas e é externo ao sujeito - ao mesmo tempo em que o subjetiva. Esse primeiro tempo da representação pictográfica, no qual o traço e o corpo são um só, assim como o próprio funcionamento do processo originário, permanece visível nas produções gráficas das crianças. Nesse diálogo, a psicanalista argentina afirma que parte do trabalho, com as

produções através do desenho, é a necessidade de destrinchar os traçados para encontrar o pictograma que insiste em cada grafismo, mesmo naqueles compostos por “belas formas”. Esse modo utilizado por Marisa Rodulfo (1992) para interpretar os desenhos pode ser transposto para a clínica de modo geral, pois parte da proposta da constituição subjetiva de Aulagnier, ou seja, de que o trabalho analítico se dá no modo de funcionamento dos três processos.

As leituras aqui trabalhadas permitem, portanto, avaliar que há consequências clínicas ao pensar uma metapsicologia que inclui o processo originário e que destaca a forma como as sensações vivenciadas pelo processo somático atravessam as representações psíquicas. Como a própria Aulagnier (1986/1991b) afirma, é a clínica com a psicose e o autismo que dá consistência ao conceito da representação pictográfica, o que leva a considerar a potência de articular esses conceitos com o tratamento de pacientes muito pequenos ou atravessados por um sofrimento pelo apagamento do reconhecimento da relação com o outro. A teorização construída aqui, ao formalizar uma discussão de três cenas clínicas, é uma tentativa de articular esses conceitos com a minha experiência clínica para pensar o lugar do analista nessa intersecção. A importância de pensar na especificidade do autismo se dá porque, como trabalhado anteriormente, a instituição, na qual atuo, atende hegemonicamente crianças com o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista. Apesar das divergências da leitura médica fenomenológica para a psicanalítica, as três crianças que serão apresentadas, nessa dissertação, têm sintomas análogos a um fechamento autístico.

É importante ressaltar que o fato do trabalho ser embasado nessas proposições teóricas dá-se pelo valor que atribuí a elas, mas que não apaga uma leitura crítica ou múltipla. Sublinho que, ao tomar o funcionamento autista não como um puro exercício do originário, o que implicaria a inexistência de qualquer reconhecimento de relação, abre-se para ser possível pensar a clínica com esses sujeitos. O mais interessante, a meu ver, parece ser refletir sobre as especificidades de cada modo de funcionamento que pode ser antevisto em como cada sujeito se coloca na relação com o outro e com o próprio corpo, pois esses são os dois lugares da representação (Aulagnier, 1986/1991b). Essa é uma aposta na possibilidade de ampliar o pensar sobre as diferentes formas de pontos de vista existentes, sem tomá-los como deficitários.

Nessa direção, é possível considerar que a clínica evoca constantemente esse desafio, que pode ser levado a outra intensidade quando nos deparamos com sujeitos que recusam, em alguma medida, entrar em relação. Tomando as proposições de Aulagnier,

posso expor o que considero como alguns dos pilares desse trabalho: a importância do corpo na constituição subjetiva e a necessidade desse ser representado, ou seja, de uma intersecção constante do aparelho somático com o psíquico; e, os três processos psíquicos que operam em coexistência ao longo da vida, principalmente, em como o processo originário constitui um fundo representativo e atravessa os outros dois. Desses podemos recolher a pergunta sobre como levar esses pilares a trabalhar para pensar a clínica e, mais especificamente, direcioná-los para o campo de pesquisa, como aqui se propõe, a colocar em questão a posição do analista nesse cenário. Sobretudo, considerando que são pacientes que, com sua recusa ao outro, marcam uma diferença, em relação a mim, mais substancial, pelo menos à primeira vista. Ou seja, que são sujeitos atravessados por uma perspectiva diversa inclusive do que é predominante como modo de se colocar na linguagem, pois não utilizam da fala como um recurso hegemônico.

Nessa via, para que essa discussão aprofunde tal problema de pesquisa me pareceu importante recuar na teoria psicanalítica em busca de uma sustentação sobre o que constitui uma perspectiva e de como pensá-la em sua multiplicidade. Portanto, antes de adentrar nas cenas clínicas discutidas e na metodologia utilizada nessa pesquisa, escolhi tomar os conceitos psicanalíticos até aqui apresentados em conexão com um autor de outro campo de saber: Eduardo Viveiros de Castro. Visto que o foco dessa dissertação é pensar o lugar do corpo do analista na análise com crianças, a leitura psicanalítica encontrada para tal foi a metapsicologia de Piera Aulagnier, em enlace a essa a possibilidade de recorrer ao antropólogo surge como uma abertura na forma de tomar o trabalho clínico. Para apresentar tal hipótese, iniciarei trazendo algumas concepções que sustentam a teoria do perspectivismo ameríndio.

5 TUDO AINDA É TAL E QUAL E NADA É IGUAL

*"Tudo ainda é tal e qual
E no entanto nada é igual
Nós cantamos de verdade"*

Os Mais Doces Bárbaros, Caetano Veloso

5.1 Perspectivismo ameríndio

Eduardo Viveiros de Castro é um antropólogo brasileiro que, a partir do trabalho com a mitologia de alguns povos indígenas amazônicos, conceitualizou a teoria do perspectivismo ameríndio para compreender a forma como esses povos se relacionam com outras criaturas, inclusive interespecies. O autor recolhe da leitura mitológica uma cena fundamental do encontro entre criaturas na mata. Nessa, uma pessoa sozinha, na mata, ao se deparar com outro ser - seja essa uma outra pessoa ou não, e que pode-se revelar como um humano, um animal ou um espírito -, é capaz de sentir-se convocado de outro ponto de vista, sendo retirado de sua posição. Essa narrativa coloca no horizonte que a condição de resposta está sempre em relação a um agenciamento do lugar convocado no encontro, ou seja, responde como humano aquele que se vê reconhecido a se ativar desse ponto de vista, porque é esse que cria a condição de sujeito, sendo essa então uma questão de contexto e não dada *a priori*. O humano é aqui colocado pela condição de semelhante, em uma suspensão da relação predatória - presa/predador. A mesma lógica se aplicaria a outra convocação, pois uma vez chamado como não-humano, esse se vê passível de perder sua condição, respondendo a essa convocação (Viveiros de Castro, 2018). Dessa forma, há “uma multiplicidade de pontos de vista: todos existentes são centros potenciais de intencionalidade, que apreendem os demais segundo suas próprias e respectivas características ou potências” (Viveiros de Castro, 2018, p.42). Nessa direção, há uma torção na proposição saussuriana que afirma que o ponto de vista define o objeto, pois na concepção do perspectivismo ameríndio, o ponto de vista é o que define o próprio sujeito, o que dá ou não condição para responder enquanto sujeito em seu potencial de intencionalidade.

Esta proposta se coloca na contramão da ciência positivista que tem como premissa a busca de leis de determinação em um furor por definir, construída por uma extensa e excessiva análise do objeto, com um afastamento do sujeito e do que aponta para o subjetivo a fim de assegurar uma pretensão de objetividade absoluta. A forma interpretativa

ameríndia realiza uma inversão dessa concepção, uma vez que o encontro com o outro é um reconhecimento do potencial de intencionalidade desse, ou seja, um ser passível de agência, não determinado *a priori*. O encontro coloca em cena a intencionalidade, tanto de convocar o outro, assim como do modo pela qual se responde à sua convocação. Há, portanto, uma concepção epistemológica que valoriza a subjetividade, pois o ponto de vista é constitutivo do próprio sujeito em sua máxima capacidade de ser agente, “aqui é preciso saber personificar, porque é preciso personificar para saber” (Viveiros de Castro, 2018, p.52). Temos assim que a necessidade de personificar vale para todos os termos dessa equação. Tais formulações levam Viveiros de Castro (2018) a apontar a problemática do pesquisador estar advertido de seu lugar, destrinchando a ilusão da existência de uma perspectiva universal, realizando, assim, uma crítica ao seu campo de estudo da antropologia, mas que pode ser estendida a outras áreas do saber.

Nessa direção, tal formalização da posição do pesquisador aponta para uma maior multiplicidade de leituras, pois vai de encontro a uma concepção universalista, também calcada na ciência positivista e na filosofia ocidental. Viveiros de Castro (2018) ressalta o mitológico em sua potencialidade de ampliação e circulação dos papéis, afastando-se assim de uma utilização do mito pela via do totemismo.

O perspectivismo ameríndio conhece então no mito um lugar geométrico onde a diferença entre os pontos de vista, é ao mesmo tempo anulada e exacerbada... Ponto de fuga universal do perspectivismo, o mito fala de um estado do ser onde os corpos e os nomes, as almas e as ações, o eu e o outro se interpenetram, mergulhados em um mesmo meio pré-subjetivo e pré-objetivo (p.59).

É, portanto, no encontro com o outro que a intencionalidade ganha espaço, inclusive em sua multiplicidade.

Deste modo, Viveiros de Castro (2018) utiliza dessa mitologia para construir uma crítica à antropologia, afirmando o atravessamento de premissas nesse campo que reduzem a leitura do outro a um semelhante de maneira *a priori*. Ou seja, o antropólogo, na condição de pesquisador, iria ao encontro de seu objeto de estudo - outro povo - de maneira a tomá-lo como um igual que vive em uma outra cultura e em busca de conhecer o ponto de vista desse. Entretanto, a problemática apontada por Viveiros de Castro (2018) é a inexistência da torção da pergunta, que seria colocar em questão o que é o ponto de vista para o nativo - questionamento essencial para se aproximar desse saber, quando se compreende a multiplicidade dos pontos de vista existentes. Ou seja, sob a lente do perspectivismo ameríndio, esse encontro deve ser permeado anteriormente pela

indeterminação, sustentando assim um não saber sobre o outro, sem agenciá-lo do meu ponto de vista, mas permitindo que o outro responda de sua própria natureza, com toda a potência de intencionalidade ali possível de ser colocada, reconhecendo assim a existência da diferença. O autor enfatiza essa como a situação necessária de um encontro que verdadeiramente dá espaço ao outro e que não o reduza a um pré conceito, ou a suposição de que um conceito representa o mesmo para dois seres diferentes. Viveiros de Castro (2018) afirma que há sempre forças que tensionam a abertura nesse evento, “o vento vira, as coisas mudam e a alteridade sempre termina por corroer e fazer desmoronar as mais sólidas muralhas da identidade” (p.27).

Na queda das muralhas da identidade para dar espaço ao encontro com o outro, está colocada a questão do reconhecimento da intencionalidade, uma vez que é essa quem agencia o ponto de vista e é comum a todos, ainda que não se apresente como igual aos envolvidos. Há aqui a crença de que todo ser possui um além do que é visto superficialmente, pois há uma perspectiva distinta. Nesse sentido, é propriamente contrária à visão cartesiana, pois toda existência é passível de ser pensante, “é humano quem ocupa vicariamente a posição de sujeito cosmológico; todo existente pode ser pensado como pensante (*‘isto existe, logo isto pensa’*)[grifo meu], isto é, como ‘ativado’ ou ‘agenciado’ por um ponto de vista” (Viveiros de Castro, 2018, p.65).

Tais proposições teóricas sustentam-se em uma mitologia que tem como horizonte a multiplicidade. Viveiros de Castro (2018) parte da premissa que a função do mito está em ser uma narrativa da passagem da natureza à cultura, o que não se trata de um processo evolucionista, como em uma filosofia antropocêntrica. Para o antropólogo, os mitos contariam mais a natureza afastando-se da cultura e, dessa forma, narram os animais enquanto detentores de atributos humanos e isso não apaga a multiplicidade de posições: “seria apenas necessário precisar que a centralidade de tal passagem (da natureza à cultura) não exclui, muito pelo contrário, sua profunda ambivalência - seu *duplo sentido* (em vários sentidos)” (Viveiros de Castro, 2018, p.60). Além disso, o pensamento indígena compreende que os animais e outros existentes cósmicos ainda possuem atributos humanos, por mais que não sejam tão evidentes.

Portanto, o mito seria, justamente, a narrativa que, de alguma forma, sustenta o valor que o perspectivismo ameríndio atribui à possibilidade de agenciamento pelo ato de assumir um ponto de vista. Pois, além do que foi dito acima sobre ser uma narrativa da cultura e da natureza, o mito traça em si diferenças que são infinitas e internas, e não finitas e externas como as diferenças entre as espécies em uma perspectiva classificatória.

Dessa forma,

. . . o que define os agentes e os pacientes dos sucessos míticos é, precisamente, sua capacidade intrínseca de ser outra coisa; neste sentido, cada personagem difere infinitamente de si mesmo, visto que é posto inicialmente pelo discurso mítico apenas para ser substituído, isto é, transformado. . . A suposta indiferenciação entre os sujeitos míticos é função de sua irreducibilidade constitutiva a essências ou identidades fixas, sejam elas genéricas, específicas ou mesmo individuais (Viveiros de Castro, 2018, pp.57-58).

Aqui se estabelece uma diferença fundamental tanto da mitologia animista - que aponta para a semelhança substancial ou analógica entre os animais e os humanos; como para da mitologia totemista - que se referencia a uma semelhança formal ou homológica entre o que seriam as diferenças das espécies. A terceira margem do rio que propõe o perspectívismo ameríndio é a afirmação de uma diferença humano/não-humano no interior de cada existente, onde as semelhanças e diferenças se interpenetram. O outro lado dessa proposição é que a condição de humanidade é sempre passível de questionamento, colocando, assim como no mito, que as diversidades estão sempre armadas e podem ser suspensas ou não. Dito de outro modo, “a humanidade de ‘fundo’ torna problemática a humanidade de ‘forma’” (Viveiros de Castro, 2018, p.62). Há sempre uma indeterminação colocada, porque o que é visível não é suficiente para determinar. É, portanto, apenas no encontro que se constitui o saber, quando permite lugar à diferença. A pergunta tem inclusive uma dupla direção, pois a própria condição de humanidade é passível de questionamento e, portanto, de ser retirada.

De acordo com Viveiros de Castro (2018), a mitologia ameríndia narra um mesmo ponto - a diferença da cultura e da natureza -, mas que, em termos de leitura, produz, retroativamente, uma retirada de definições e insere o jogo da multiplicidade de sentidos, pois “... cada ser mítico, sendo pura virtualidade, ‘já era antes’ o que ‘iria ser depois’, e por isso não é, pois não permanece sendo, nada de atualmente determinado” (Viveiros de Castro, 2018, p.58). Ou seja, ao supor a presença da equivocidade, permite a existência constante de indeterminação, na medida em que a percepção é intercambiável. Dessa forma, o mito não traz a narrativa de um processo, mas sim de uma metamorfose. O que leva a questão a não estar em uma dinâmica de estabelecer um progresso, mas de possibilitar uma dupla torção que aponta para um número indefinido de diferenças - não o recorte de unidade, como o mitema da antropologia estruturalista. Viveiros de Castro (2018) levanta inclusive um questionamento de que, na realidade, não estaria no registro

da metamorfose, mas sim do “devir” como um contínuo aberto a novas relações.

A partir dessa relação com os mitos, Viveiros de Castro (2018), ao discorrer sobre a relação da antropologia com o perspectivismo ameríndio, aponta a posição desse não como um tipo de animismo, mas sim como um conceito “...cujo emprego mais interessante não consiste tanto em classificar cosmologias que nos parecem excessivamente exóticas, mas em contra-analisar antropologias que nos são demasiadamente familiares” (Viveiros de Castro, 2018, p.73). Seguindo por essa direção, o perspectivismo incide como uma proposta teórica de desarmar conceitos. Para a antropologia, por exemplo, Viveiros de Castro (2018) narra a complexificação do conceito de ponto de vista, em que não basta a pergunta do que é o ponto de vista do nativo, mas ela precisa ir além e questionar o que é o ponto de vista para o nativo. É a suposição que se está falando da mesma coisa, que é necessário ser colocada em questionamento, pois um mesmo conceito pode ter significados distintos. Ou, ainda que seja tudo tal e qual, no entanto, nada é igual.

Nesse ponto, é possível entender que “o perspectivismo indígena é uma doutrina do equívoco” (Viveiros de Castro, 2018, p.87), no qual esse aparece no centro da comunicação, ou seja, é uma teoria que supõe a existência de uma alteridade mesmo em conceitos homônimos. Dito de outro modo, os mesmos conceitos podem ter distintas roupagens, a depender do ponto de vista. Diferença essencial de uma teoria que compreende um mundo único representado por uma multiplicidade de conceitos contingente à cultura. No cerne dessa diferença está a ideia de uma universalidade, ou seja, de uma unidade no modo de interpretação. O que Viveiros de Castro (2018) aponta é a possibilidade da existência de um mesmo conceito a diferentes representantes, por exemplo, o humano para o jaguar, não é o mesmo humano do indígena: um conceito, duas naturezas, por isso é preciso compreender que “um equívoco não é um erro, um logro ou uma falsidade, mas o fundamento mesmo da relação que o implica, e que é sempre uma relação com a exterioridade” (p.92). Uma vez que não é que um dos dois esteja errado, mas sim que cada um tem o que para si é ‘humano’. Todo o encontro, portanto, é permeado pelo equívoco, pois toda relação é o contato com o externo: “o Outro dos Outros é sempre outro” (p.93). Com isso, o que o perspectivismo ameríndio apresenta é que no equívoco está, justamente, a potência do encontro. Logo, a tentativa de apagá-lo é uma pretensão de suspender as diferenças e tomar um equívoco como uma falta de interpretação, é não perceber que “há mais de uma interpretação em jogo” (Viveiros de Castro, 2018, p.91). Esse seria, portanto, um excesso interpretativo, não pela sua quantidade, mas pela ilusão de ser unívoca.

E se o equívoco não é erro, ilusão ou mentira, mas a forma mesma da positiv-

dade relacional da diferença, seu oposto não é a verdade, mas o unívoco enquanto pretensão à existência de um sentido único e transcendente. O erro ou ilusão por excelência consistiria, justamente, em imaginar que haja um unívoco por baixo do equívoco (Viveiros de Castro, 2018, pp.-93-94).

Pois, na relação, os equívocos também são distintos, ou seja, o equívoco de um lado é diferente de sua resposta: isto é, “nenhum ponto de vista contém nenhum outro de modo unilateral. Todo ponto de vista é ‘total’, e nenhum ponto de vista é equivalente a nenhum outro” (p.180). Ao mesmo tempo, não se trata de buscar ou afirmar a existência de um “ponto de vista do todo”, mas de garantir a multiplicidade nas formas de existência. Isto é, uma suspensão do universal, pois “a relação entre pontos de vista (a relação que é o ponto de vista enquanto multiplicidade) é de síntese disjuntiva ou exclusão imanente, não de inclusão transcendente” (Viveiros de Castro, 2018, p.180).

Dessa forma, na concepção perspectivista, o mundo encontra-se em um “desequilíbrio perpétuo”, no qual as relações estão em constante mudança e os pontos de vista são intercambiáveis. Tal desequilíbrio, ao contrário de precisar ser anulado, vislumbra uma abertura à alteridade que leva à afirmativa da existência de “uma diferença intensiva que traz a diferença humano/não-humano para o interior de cada existente” (Viveiros de Castro, 2018, p.61). A possibilidade dessa inversão torna o mundo ameríndio constantemente instável. Uma das consequências disso é que “não há uma hierarquia entre os seres pré-definida ou fixa” (Viveiros de Castro, 2018, p.180), e a minha própria condição de humanidade pode ser retirada.

Essa inconstância exige um modo de conhecer que coloca no horizonte que a condição de resposta está sempre em relação a um agenciamento do lugar convocado no encontro. Com isso, temos um aspecto do contexto e não dado no *a priori* da experiência. Viveiros de Castro (2018), ao teorizar sobre essa questão para o perspectivismo ameríndio, recria uma cena fundamental do humano na mata, como dito anteriormente. O que está em jogo, então, é um deslocamento no modo que se dá o reconhecimento, em que as diferenças são, ao mesmo tempo, anuladas e exacerbadas. Existe aqui a premissa de que há uma multiplicidade de pontos de vista e esses estruturam o que se reconhece como natureza. Isso implica que a diferença entre as espécies também seja atravessada pelo que é o ponto de vista de cada uma, ou seja, “o modo como os humanos veem os animais, os espíritos e outros personagens cósmicos é profundamente diferente do modo como esses seres *os* veem e *se* veem” (Viveiros de Castro, 2018, p.44). Dito de outra forma, o humano vê a si e a outros humanos como humanos e vê os animais como animais, separados em

predadores ou de presa. Um animal de presa vê o humano como predador; um animal predador, como o jaguar, vê o humano como um animal de presa e vê a outro jaguar como um semelhante; ao ver o humano como um não humano é a si mesmo que cada espécie de animal reconhece como humano. Essa é a torção proposta pelo perspectivismo ameríndio, que se justifica, precisamente, porque a forma como cada ser é visto difere da forma como se vê (Viveiros de Castro, 2018). Portanto, o modo como sou vista não é o mesmo com o qual me percebo e, essa mesma distância está sobre o meu olhar sobre o outro. Essa é a multiplicidade que pode estar presente na cena fundamental da mitologia ameríndia: a diversidade do que pode ocorrer no encontro na mata. O que coloca em evidência que as posições são intercambiáveis a depender do agenciamento de cada perspectiva.

Ao perceber a nós como não humanos, é a si mesmo que os animais veem como humano e a seus semelhantes, dessa forma, seus hábitos também são vivenciados como expressões culturais: o alimento é alimento humano, “os jaguares veem o sangue como cerveja” (Viveiros de Castro, 2018, p.45). Ou seja, os diferentes pontos de vista têm seus próprios elementos que compõem a cultura, não em uma multiplicidade de culturas, mas na existência de diferentes recursos que a constroem. Em contrapartida, há uma filosofia que assume o lugar do universal e aplica uma concepção de que existe um mundo único com diversas percepções culturais sobre ele: “o relativismo cultural, um ‘multiculturalismo’, supõe uma diversidade de representações subjetivas e parciais, incidentes sobre uma natureza externa, una e total, indiferente à representação” (Viveiros de Castro, 2018, p.65). Enquanto a hipótese ameríndia é seu contrário, compreende que os seres veem o mundo da mesma maneira, entretanto, “o que muda é o mundo que eles veem” (p.64). Tal proposição coloca em evidência uma noção ontológica de múltiplas naturezas e em oposição à de múltiplas culturas. Portanto, da mesma forma como o lugar de humanidade pode ser atribuído a diferentes seres, os elementos culturais podem ter uma multiplicidade de roupagens, ou seja, “o fato de diferentes tipos de seres verem as mesmas coisas diferentemente é meramente uma consequência do fato de que diferentes tipos de seres veem coisas diferentes da mesma maneira” (p.65). Esse é o ponto do equívoco, no qual o mesmo conceito pode ser dois elementos distintos. Dessa forma, “o perspectivismo supõe uma epistemologia constante e ontologias variáveis: mesmas representações, mas outros objetos; sentido único, mas referências múltiplas” (p.68). Nesse sentido, o centro é colocado no ponto de vista que é total e, concomitantemente, múltiplo, pois há uma multiplicidade de pontos de vista e nenhum deles é universal. Por esse motivo, a semelhança é, ao mesmo tempo, ressaltada e anulada: “a semelhança afirmada entre humanos

e jaguares ao fazer com que ambos bebam ‘cerveja’ não está lá senão para que melhor se perceba o que faz a diferença entre humanos e jaguares” (p.67).

Dessa forma, o perspectivismo põe em evidência o problema da tradução, pois, ao não tomar o mundo como uma unidade, está colocado que “não há, enfim, um x que seja sangue para uma espécie e cerveja para outra; há, desde o início, um sangue/cerveja que é uma das singularidades ou afecções características da multiplicidade humano/jaguar” (p.67). Não há um ponto de vista hegemônico que demarca o objeto em si. Ou seja, só se pode estar em uma posição ou outra, “só existe o limite entre o sangue e a cerveja, a rigor; a borda por onde essas duas substâncias ‘afins’ comunicam e divergem”(p.67). Dito de outro modo, não é possível ocupar concomitantemente dois pontos de vista.

A humanidade universal dos seres - a humanidade cósmica de fundo que faz de toda espécie de existente um gênero reflexivamente humano - está sujeita ao princípio da complementaridade, definindo-se pelo fato de que duas espécies diferentes, necessariamente humanas para si mesmas, não podem jamais sê-lo simultaneamente uma para a outra (Viveiros de Castro, 2018, p.172).

Transpondo esse aspecto para a questão da tradução, o perspectivismo não busca uma referência comum a duas representações diferentes - um sinônimo a duas línguas -, mas dar contorno ao equívoco, ou seja, “o propósito, ao contrário, é não perder de vista a diferença oculta dentro dos homônimos equívocos que conectam-separam nossa língua e a das outras espécies”(Viveiros de Castro, 2018, p.68). Dessa forma, ao passar de uma espécie à outra, a mudança ocorre na referência desses conceitos. O ponto de vista, portanto, é o que marca inflexão, “nas cosmologias ameríndias, o mundo real das diferentes espécies depende de seus pontos de vista, porque o ‘mundo em geral’ consiste nas diferentes espécies, e o espaço abstrato de divergência entre elas enquanto pontos de vista” (p.92).

A distinção em como cada ser vê o outro está na diferença dos corpos, entretanto, essa não se restringe a uma diferença morfológica. O corpo, na perspectiva ameríndia, ganha outra complexidade, já que é por onde ocorre a disjunção - tanto em termos de lugar, como ao ser instrumento para tal.

O que estamos chamando de "corpo", portanto, não é uma fisiologia distintiva ou uma anatomia característica; é um conjunto de maneiras ou modos de ser que constituem um habitus, um ethos, um etograma. Entre a subjetividade formal das almas e a materialidade substancial dos organismos, há esse plano central que é o corpo como feixe de afetos e capacidades, e que é a origem das perspectivas.

Longe do essencialismo espiritual do relativismo, o perspectivismo é um maneirismo corporal (p.66).

Dessa forma, o corpo é o que dá consistência ao ponto de vista. Apesar da morfologia ser um signo importante, ela pode ser enganadora, pois uma figura de humano pode estar ocultando um modo-predador. Retorna aqui a questão apontada, anteriormente, sobre a problemática do fundo e da forma, no qual um não é definidor do outro. Entretanto, há entre eles uma intersecção, os maneirismos do corpo são a intencionalidade colocada em uma materialidade. Nessa direção, o corpo “é o instrumento fundamental de expressão do sujeito e ao mesmo tempo o objeto por excelência, aquilo que se dá a ver a outrem” (Viveiros de Castro, 2021, p.337), o que conflui com a afirmação sobre o agenciamento do ponto de vista. Uma vez que a perspectiva é acionada, quando se é convocado no encontro com o outro e se responde desse ponto de vista. Essa dinâmica passa, portanto, pelo corpo que é um aparelho pelo qual os afetos e a agentividade são percebidos e transmitidos. Viveiros de Castro (2021) afirma que o corpo é “o lugar da perspectiva diferenciante, deve ser maximamente diferenciado para manifestá-la completamente” (Viveiros de Castro, 2021, p.337). Por isso a importância da decoração e modificação nos rituais ameríndios, como uma forma de particularizar esse instrumento, diferenciando-o de outros coletivos humanos e de outras espécies.

Importante pontuar ainda que a questão aqui não está em uma cisão corpo/alma, o que é possível ler no perspectivismo ameríndio é, justamente, a articulação entre ambos: “não há mudança espiritual que não passe por uma transformação do corpo, por uma redefinição de suas afecções e capacidades” (Viveiros de Castro, 2021, p.338). Esse é um ponto de diferenciação do perspectivismo e do animismo, pois “a problemática ameríndia da distinção natureza/cultura, nesses termos, antes de ser dissolvida em nome de uma comum socialidade anímica humano-animal, deve ser relida à luz do perspectivismo somático” (Viveiros de Castro, 2021, p.337). Ou seja, não é sobre um apagamento da diferença do ponto de vista humano e animal, mas a existência dessa diferença dentro de cada ser e, o corpo é o instrumento para efetivar tal distinção. Nesse sentido, o corpo não é, de modo algum, um dado do *a priori* - não menos uma herança “natural”, e mais uma “fabricação contínua”. Entretanto, Viveiros de Castro (2021) pontua que nem por isso a aparência corporal é uma falsidade, o que seria a resposta a uma aceitação da existência de uma essência humana ou animal no interior de cada um: “trata-se menos de o corpo ser uma roupa que de uma roupa ser um corpo” (p.441). Dito de outro modo, o corpo não é propriamente uma fantasia que esconde um algo em seu interior, onde estaria localizada

a verdade, por isso também não é apenas uma questão puramente morfológica. A complexidade ocorre porque não há simplesmente um ser sob a pele, como um essencialismo, mas é sobre como a pele, ela mesma, ativa certo modo de funcionamento com os afetos de cada existente. A metamorfose corporal é uma transformação metafísica.

Tal afirmativa aprofunda a discussão sobre a inconstância da condição de humanidade que ameaça a perspectivista ameríndia, uma vez que “a ‘personitude’ e a ‘perspectividade’ - a capacidade de ocupar um ponto de vista - são uma questão de grau, de contexto e de posição, antes que uma propriedade distintiva de tal ou qual espécie” (Viveiros de Castro, 2018, p.46). A possibilidade de não ser mais capaz de ocupar tal condição também é inerente à existência. Portanto, a incerteza sobre qual é o ponto de vista dominante, ameaça, constantemente, a vida e a condição de humanidade de cada ser, pois não está garantida, uma vez que o “‘humano’ é o nome de uma relação e não de uma substância” (Viveiros de Castro, 2018, p.47). Essa posição reflexiva do coletivo é inevitável na relação com outros coletivos. Só se pode perder a condição de humanidade porque há aqueles que não o são para nós e o são para si. Nessa dinâmica, nós podemos deixar de ser no encontro com esse outro. Nesse ponto, Viveiros de Castro (2018) evoca a figura do xamã como um diplomata entre os diferentes interesses interespecíficos, o que é possível, pois eles são capazes de ver os outros seres como esses se veem - como humanos - sem perder sua própria condição de humanidade com seus semelhantes.

O xamanismo ameríndio pode ser definido como a habilidade manifesta por certos indivíduos de cruzar deliberadamente as barreiras corporais entre as espécies e adotar a perspectiva de subjetividades "estrangeiras", de modo a administrar as relações entre estas e os humanos. Vendo os seres não-humanos como estes se veem (como humanos), os xamãs são capazes de assumir o papel de interlocutores ativos no diálogo transespecífico; sobretudo, eles são capazes de voltar para contar a história, algo que os leigos dificilmente podem fazer. O encontro ou o intercâmbio de perspectivas é um processo perigoso, e uma arte política - uma diplomacia (Viveiros de Castro, 2018, p.48).

A afirmativa de que “os xamãs são capazes de assumir o papel de interlocutores ativos no diálogo transespecífico” (p.49) pode ser desdobrada em pensar o xamã como interlocutor, como aquele que mantém a comunicação entre dois pólos, aqui espécies. Contudo, o acréscimo da palavra ativo não é sem importância. A arte do xamanismo é fundada na concepção de que é necessário personificar para saber; ou seja, o xamã precisa ativar o ponto de vista do outro para assim realizar o diálogo, assumindo ele mesmo o ponto de

vista capaz de revelar a intencionalidade presente no outro.

É esse um ponto trabalhado por Viveiros de Castro (2018) para debater sobre o próprio campo da antropologia, pois a epistemologia ameríndia é, nesse aspecto, radicalmente oposta à filosofia moderna ocidental que preconiza a necessidade de objetificar para conhecer. Enquanto no “mundo naturalista da modernidade um sujeito é um objeto insuficientemente analisado, a convenção ameríndia segue o princípio inverso: um objeto é um sujeito incompletamente interpretado” (p.52). A ênfase no perspectivismo é a possibilidade de acessar no encontro com o outro sua máxima intencionalidade. Por exemplo, se o ponto de vista define o mundo que se vê ou se o sangue é a cerveja do jaguar, cada coletivo tem os elementos específicos que compõem a cultura. Assim, conhecer um objeto é também presumir sua função cultural.

Os artefatos possuem esta ontologia interessante e ambígua: são coisas ou objetos, mas apontam necessariamente para uma pessoa ou sujeito, pois são como ações congeladas, encarnações materiais de uma intencionalidade não-material. E assim, o que uns chamam de "natureza" pode bem ser a “cultura” dos Outros (Viveiros de Castro, 2018, p.53).

Ou seja, o âmago da busca perspectivista é identificar a intencionalidade em cada encontro. Mesmo em um objeto ou evento é possível interpretar uma ação ativa, não como um fato em si, mas como um feito, visto que “o conhecimento verdadeiro visa a revelação de um máximo de intencionalidade, por via de um processo de ‘abdução de agência’ sistemático e deliberado” (Viveiros de Castro, 2018, p.51).

Compete aos xamãs a transposição das fronteiras interespécies, sendo eles, portanto, capazes de operar com os múltiplos interesses dos existentes. Torna-se, desse modo, o mensageiro capaz de traduzir dois mundos, em um diálogo entre pontos de vista conflitantes. Para realizar o papel de interlocutor, é preciso transcender a fronteira das espécies e transitar entre as diferenças. Viveiros de Castro (2018) aponta a similaridade da posição do xamã com a do guerreiro, “ambos são comutadores ou condutores de perspectivas” (p.171). Além disso, em ambas as funções, há a percepção de uma conflitiva e, elas são marcadas “pela convicção profunda (e grave) de que toda atividade vital é uma forma de expansão predatória” (p.172). Atuam, portanto, na manutenção do ponto de vista do coletivo que representam, como a tentativa de preservá-lo. Isto é, só há razão da existência da arte xamânica pelo reconhecimento de diferentes pontos de vista que não são fixos, nem têm uma hierarquia definida. Eles ameaçam entrar em conflito e mantêm permanentemente a “inconstância da alma selvagem”. Dito de outro modo, “o xamã utiliza

- substância e encarna, relaciona e relata - as diferenças de potencial inerentes às divergências de perspectivas que constituem o cosmos; seu poder, e os limites de seu poder, derivam dessas diferenças” (Viveiros de Castro, 2018, p.173).

Para atuar como esse interlocutor, o xamanismo exige que de fato se passe de um ponto de vista a outro, ou seja, não se trata do envio de um emissário ou representante: “é o próprio xamã quem atravessa para o outro lado do espelho” (Viveiros de Castro, 2018, p.173). A arte política do xamanismo só é possível ao se habitar um outro modo de funcionamento, ao dar ao próprio corpo uma diferente perspectiva: a complexidade do corpo aqui, como dito anteriormente, vai para além da morfologia, mas está em todos seus maneirismos, por isso,

... as roupas animais que os xamãs utilizam para se deslocar pelo cosmos não são fantasias, mas instrumentos: elas se aparentam aos equipamentos de mergulho ou aos trajes espaciais, não às máscaras de carnaval. O que se pretende ao vestir um escafandro é poder funcionar como um peixe, respirando sob a água, e não se esconder sob uma forma estranha. Do mesmo modo, as roupas que, nos animais, recobrem uma “essência” interna de tipo humano não são meros disfarces, mas seu equipamento distintivo, dotado das afecções e capacidades que definem cada animal (Viveiros de Castro, 2021, p.341).

Nesse sentido, a transformação corporal não se trata de uma fantasia que se veste para passar-se por algo - assim como o corpo não é uma roupa que encobre uma essência -, mas diz de um habitar o modo de funcionamento de outro ponto de vista. O que é importante para considerar que a referência não está na busca pelo que está escondido, mas em dar espaço ao ponto de vista do outro.

Viveiros de Castro (2018) discorre sobre a diferença na Amazônia indígena do xamanismo-vertical e do xamanismo-horizontal, distinção composta “entre duas trajetórias possíveis da função xamanica: a transformação sacerdotal e a transformação profética (p.176). O xamanismo vertical estaria presente nos coletivos nos quais há uma separação de duas posições distintas entre mortos e animais, “o que tem, por consequência, a possibilidade simétrica de uma ‘objetivação’ mais acabada dos não-humanos” (p.178), construindo o valor da ancestralidade na continuidade diacrônica entre vivos e mortos. Já no xamanismo-horizontal, tem-se que “a diferença entre humanos vivos e humanos mortos é pelo menos tão grande quanto a semelhança entre humanos mortos e não-humanos vivos” (pp.176-177), o que aproxima os animais dos mortos e, logo, a possibilidade dos não-humanos serem, em algum lugar, humanos e não estabelece uma descontinuidade entre

os vivos. Ou seja, “se o Outro arquetípico com quem se confronta o xamã horizontal é teriomórfico, o Outro do xamanismo vertical tende a assumir as feições antropomórficas do Ancestral” (p.176).

Entretanto, Viveiros de Castro (2018) afirma que, mesmo nas sociedades ameríndias nas quais se encontra a presença do xamanismo vertical, permanece a existência de um xamanismo horizontal, “todo morto continua um pouco bicho; todo bicho continua um pouco gente” (p.179). Dessa forma, o xamanismo horizontal, por ter como base o perspectivismo, é uma prática da imanência, ou seja, há uma ativação de pontos de vista que não têm uma descontinuidade estabelecida entre humano, não humano e morto. Dito de outro modo, “o xamã horizontal amazônico marca, em sua onipresença na região, a impossibilidade de uma coincidência perfeita entre poder político e potência cósmica” (p.179).

Nesse ponto, Viveiros de Castro (2018) aproxima-se do conceito de devir proposto por Deleuze e Guatarri como a descrição de “uma relação cuja apreensão é, a primeira vista, dificultosa dentro do quadro analítico do estruturalismo, onde as relações funcionariam como objetos lógicos molares, apreendidos essencialmente em extensão (oposições, contradições, mediações)” (p.184). Nessa direção, não se trata da existência de uma instabilidade conceitual por carência, mas, efetivamente, da indeterminação própria da estrutura, ou seja, da impossibilidade de categorização total. O devir, portanto, não busca uma correspondência, nem uma produção. Ele é um modo de criar relações por uma “conexão parcial” e desapropria ambos os termos a serem relacionados. Esse é o ponto de articulação que o antropólogo estabelece com a arte xamânica transversal, pois

... o verbo devir, neste sentido, não designa uma operação predicativa ou uma ação transitiva: estar implicado em um devir-jaguar não é a mesma coisa que virar um jaguar. O jaguar "totêmico" em que um homem se transforma "sacrificialmente" é imaginário, mas *a transformação é real*. E o devir ele próprio que é felino: em um devir-jaguar, "jaguar" é um aspecto imanente da ação, não seu objeto transcendente, pois devir é um verbo intransitivo (Viveiros de Castro, 2018, pp.184-185).

Desse modo, é inerente ao devir a multiplicidade, pois não se trata de uma produção por finalidade, mas de um modo de habitar o entre - por isso o interesse perspectivista no conceito de devir. Todo devir é uma aliança, mas aqui não se trata de uma aliança simbiótica e natural, já que nenhum ponto de vista apreende o outro. A referência está, então, na possibilidade de estabelecer alianças contranaturais e de não suspender as diferenças. É precisamente aí que se dá a arte do xamanismo, pois “quando um xamã ativa um

devir-jaguar, ele não ‘produz’ um jaguar, tampouco se ‘filia’ à descendência dos jaguares: ele adota um jaguar; ele coopta um jaguar - ele estabelece uma aliança felina” (Viveiros de Castro, 2018, p.189). Isto é, o xamanismo é menos uma metamorfose e mais um habitar outro modo de funcionamento. O devir encontra-se colocado “transversalmente ao dualismo entre filiação, continuidade metonímica e semelhança serial, por um lado, e aliança, descontinuidade metafórica e diferença opositiva, por outro lado” (p. 190). Há um movimento de ocupar-se da diferença, ao mesmo tempo, ressaltando-a e anulando-a. Para efetivar tal movimento, é necessário habitar a fronteira em um agir transversal. Dessa forma, o que se estabelece é a exterioridade inerente às relações - a equivocidade -, “não uma teoria das relações fechadas dentro dos termos, mas uma teoria dos termos como abertos às relações” (p. 197). Marca-se, assim, uma distinção substancial da mitologia totêmica que narra a correspondência simétrica entre as diferenças e estabelece, por meio disso, relações classificatórias, construindo estruturas (não à toa o subtítulo do livro *Metafísicas Canibais* (2018) é “elementos para uma antropologia pós-estrutural”).

Viveiros de Castro (2018) aponta como esse habitar a fronteira e a percepção da “relação como pura exterioridade” não desfaz as conflitivas existentes, mas, pelo contrário, dá espaço ao reconhecimento dessas. A função do xamã sustenta-se, na medida em que, no jogo cosmológico, há diferenças entre o interesse de múltiplos pontos de vista que podem ser ameaçadoras entre si.

Pois os dons podem ser recíprocos, mas isso não faz de sua troca um movimento menos violento; todo o propósito do ato de doação é forçar o parceiro a agir, extrair um gesto do outro, provocar uma resposta: roubar, em suma, sua alma (a aliança como roubo recíproco de alma). E, neste sentido, não há ação social que não seja uma "troca de dons", pois toda ação só é social enquanto, e apenas enquanto, é ação sobre uma ação, reação a uma reação. Reciprocidade, aqui, quer dizer apenas recursividade. Nenhuma insinuação de sociabilidade; menos ainda de altruísmo. A vida é roubo (Viveiros de Castro, 2018, p.194).

Esse “desequilíbrio perpétuo” impõe a necessidade de um interlocutor capaz de adentrar numa arena cosmopolítica e apto a transmutar entre diferentes perspectivas com sua multiplicidade de afetos e de agenciamento. Por esse motivo, a arte xamânica é, precisamente, a ativação do potencial de intencionalidade do outro no encontro com esse, levando com isso ao seu próprio agenciamento a uma perspectiva distinta com seus maneirismos específicos. Dessa forma, faz-se possível “o estabelecimento de correlações ou traduções entre os mundos respectivos de cada espécie natural” (p.172), mesmo que isso não ocorra

de maneira a igualar perspectivas - por isso o xamanismo transversal. Para pensar essa ação da arte xamânica é importante considerar novamente o lugar que o equívoco tem no perspectivismo ameríndio, não como aquilo “que impede a relação, mas aquilo que a funda e a propela” (p.91). Desse modo, a ação de ser o intérprete de dois mundos, própria do xamã, “é presumir que há desde sempre e para sempre um equívoco” (p.91).

O ponto a ser destacado é como o não apagamento do equívoco está intimamente relacionado com o reconhecimento da multiplicidade de pontos de vista. Esse outro modo de perceber as relações tem implicações na possibilidade da existência de novas alianças - de um devir. A potência dessas prerrogativas está na proposta de um modo de encontro, que dá espaço à diferença, ativando ao máximo a intencionalidade dos interlocutores. Nessa intencionalidade, está condensado um outro conceito de relação que tem o “devir como multiplicidade intensiva universal” (pp.197-198). Com isso, temos que a lente perspectivista permite “comunicar pela diferença, em vez de silenciar o Outro ao presumir uma univocidade originária e uma redundância última - uma semelhança essencial” (p.91). Viveiros de Castro (2018) toma essa afirmativa como um pilar para discutir o campo da antropologia, especialmente, os estudos etnográficos.

Para percorrer esse caminho, Viveiros de Castro (2018) inicia o livro “Metafísicas Canibais” com o capítulo intitulado “O Anti-Narciso”, em uma referência à obra de Deleuze e Guatarri “O Anti-Édipo”. O autor discorre sobre como, se para a psicanálise o mito de referência é o edípico, no centro da antropologia está a figura de Narciso em um afã “pela determinação do atributo ou do critério fundamental que distingue o sujeito do discurso antropológico de tudo aquilo que não é ele, isto é, que não é ‘nós’, a saber: o não-ocidental, o não-moderno” (p.25). Em resposta a isso, o perspectivismo surge como uma resistência “à força de ver sempre o Mesmo no Outro” (p.21) e, dessa forma, coloca uma questão, ao tornar múltiplos os pontos de vista. Nessa esteira, põe em jogo a pergunta sobre “o que acontece quando o classificado se torna o classificador?” (p.83). A extensão do argumento recai sobre a filosofia ocidental de forma mais ampla, tornando importante questionar se o princípio de universalidade não é um modo de colonizar o pensamento ao supor no outro um ponto de vista, prévio e estereotipado, vindo de uma forma impositiva.

A radicalidade do perspectivismo está em um horizonte de um devir-outro, uma vez que “não se trata de apagar contornos, mas de dobrá-los, adensá-los, enviesá-los, irisá-los, fractizá-los” (p.27). A questão evoca a necessidade de que todo fazer esteja atravessado pela multiplicidade. Nesse sentido, articular a chave conceitual - colocada por Viveiros de Castro - não furta a psicanálise de problematizar sua própria teoria. Além

disso, há consequências clínicas, ao tomar a lente do perspectivismo no encontro analista-paciente saindo do campo cosmopolítico interespécies, de questionar, por exemplo, como não apagar as diferenças e, conseqüentemente, ativar o máximo de intencionalidade do outro. É viável supor que assumir essa posição é sustentar clinicamente a emergência do desejo inconsciente. Frente a essas indagações, temos que, se é do particular que trata a psicanálise, é possível pensar a correlação com a imanência da perspectiva de cada um, no habitar a diferença, uma vez que “um ponto de vista não é senão diferença” (p.65).

Afunilando essas questões para pensar a pesquisa dessa dissertação, cabe a consideração de que as narrativas tratam de um trabalho analítico com pacientes que escancararam as diferenças em relação a mim, não só pela posição analisando-analista, mas também no âmbito etário, sensorial, e linguístico, ou seja, no modo como se colocam em relação ao outro e como habitam seus próprios corpos. Nessa via, ao mesmo tempo em que as distâncias estão alargadas, a imposição da minha perspectiva neste encontro seria, a meu ver, apenas um modo de perpetuar violências, pois está do meu lado um poder hegemônico de um recorte sociohistórico adultocêntrico e neurotípico. A questão que se coloca, portanto, é como tomar o outro nesse encontro em toda sua multiplicidade. A aposta desse trabalho é de que pela lente perspectivista - supondo a transversalidade da relação - em paralelo a uma consistente teoria dos primórdios da constituição do sujeito - como a de Aulagnier -, é possível estar “atento e forte” para pensar a clínica, de forma ética e implicada, além de, conseqüentemente, refletir sobre o lugar ocupado pelo analista.

5.2 Uma psicáanalise transversal

Para iniciar a aproximação de alguns aspectos do perspectivismo ameríndio com a psicanálise, vale situar uma leitura que faz referência ao antropólogo está presente no livro escrito pelo psicanalista Christian Dunker, “Mal-estar, sofrimento e sintoma: uma psicopatologia do Brasil entre muros” (2015). Nesse texto, Dunker (2015) trata da relação da modernidade com a experiência da falta e da incompletude - bastante presente na teoria lacaniana -, o que é respondido culturalmente por uma “expansão da razão diagnóstica” (p.287), ou seja, em um impulso à nomeação do mal-estar e ao reconhecimento do sofrimento como uma forma de defesa. Tal perspectiva tem como horizonte a produção de experiências produtivas de determinação. Isso atravessa radicalmente a psicopatologia lacaniana, uma vez que “mesmo que subsidiada por uma teoria da constituição do sujeito na qual processos metonímicos ocupam papel significativo, entende o sintoma como déficit

de reconhecimento de uma determinação metafórica (paterno-totêmica)” (Dunker, 2015, p.302).

Entretanto, o que é proposto por essa lógica, por vezes, negligencia a possibilidade de experiências produtivas de indeterminação e é nesse ponto que o encontro com o perspectivismo ameríndio faz uma marca de abertura. Dunker (2015) recolhe como a sustentação de uma posição transversal para o psicanalista, permitiria a presença da indeterminação e a existência de tais experiências. Ao produzir ativamente a suspensão de processos classificatórios, abre-se espaço para traçar outros trajetos que não os já reconhecidos e determinados (Dunker, 2015). Aqui, o autor faz uma aproximação da experiência do analista com a do xamã transversal narrada pelo antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (2018), situada anteriormente nessa dissertação. Pois, sendo o xamã apto a transcender as fronteiras do agenciamento dos pontos de vista, é capaz de manter na contingência do encontro um lugar de indeterminação. Dessa forma, acessa a experiência de reconhecimento com o máximo de intencionalidade de outras formas de vida ao encontrá-las e, mesmo assim, mantém certa agência ao assumir sua posição. Nessa narrativa, o xamã é aquele que, potencialmente, pode saber, mesmo que não o saiba *a priori*.

Dunker (2015) propõe que o perspectivismo ameríndio possibilita uma dupla torção assimétrica, capaz de “acrescentar uma nova articulação nas oposições entre falta e excesso e entre determinação e indeterminação” (p.300). Tal como é proposto por Viveiros de Castro (2018), ao afirmar que as diferenças na mitologia ameríndia, são, ao mesmo tempo, anuladas e exacerbadas. Ou seja, a própria relação da diferença é o que se apresenta de maneira mais complexa do que o estabelecimento de relações opositivas que devem ser extirpadas. Partir da prerrogativa da inexistência de um ponto de vista do todo e, portanto, de uma perspectiva universal, tem como consequência a construção de um plano de fundo indeterminado. Ou seja, a impossibilidade de uma determinação no *a priori* pode apontar para pensar como sustentar a diferença, pois o apagamento dessa é correlato com a invalidação de um dos pontos de vista. É esse traço que é ressaltado por Dunker (2015) ao discorrer sobre a possibilidade da inscrição de experiências produtivas de indeterminação e suas potências.

A noção de perspectivismo pode ser aplicada à razão diagnóstica por meio da noção de forma de vida. Reconstruir uma forma de vida não é apenas tomar a perspectiva do outro, de acordo com a inversão simples, decorrente do sentido renascentista de perspectiva, nem admitir a inversão dupla, tal como no sentido mais comum da dialética intersubjetiva. O terceiro tempo dessa gramática do reconhe-

cimento deve admitir que, se são as perspectivas que criam os sujeitos, se não há comensurabilidade perfeita entre as perspectivas, é porque elas abordam experiências de indeterminação, ou seja, uma das facetas mais interessantes daquilo que Lacan chamou de Real (Dunker, 2015, p.294).

Dunker (2015) utiliza tais proposições como argumento para repensar a lógica diagnóstica, problematizando a existência de uma matriz neurótico-cêntrica na teoria psicanalítica. Essa matriz parte de uma premissa interpretativa na qual as experiências indeterminadas são inevitavelmente improdutivas. Esse cenário produz uma marginalização de outras estruturas clínicas que não a neurose, tomando-as como deficitárias, ao presumir a diagnóstica por uma lógica mononaturalista da existência de uma condição universal. O psicanalista não utiliza o perspectivismo para analisar as estruturas clínicas em si ou para justificá-las, mas para aprofundar sua argumentação sobre a própria ferramenta do diagnóstico, problematizando sua expansão que produz um tempo no qual “todas as formas de vida, encontram-se regidas pelos parâmetros avaliativos e comparativos de produtividade”(Dunker, 2015, p.287). Os produtos desses atravessamentos na psicanálise são uma psicopatologia neurótico-cêntrica e androcêntrica permeada por um totemismo naturalista. O que, por vezes, é respondido em uma tentativa de inversão que busca dar outro centro à discussão - “um psicótico-centrismo, um feminino-centrismo ou um relativismo-culturalista” (p.292), mantendo, portanto, uma matriz totemista, sem subverter a estrutura do problema. O efeito do perspectivismo ameríndio está, precisamente, em propor outra geometria, não mais sustentada por uma centralidade - uma vez que não há um universal que mantenha fixa a estrutura.

Para avançar em tal debate, Dunker (2015) propõe uma aproximação ao multinaturalismo da psicopatologia psicanalítica. Apoiando-se na concepção do perspectivismo de que todo ponto de vista é total, logo, “todos existentes são centros potenciais de intencionalidade”, tem-se que a condição de humanidade é o que há em comum entre humanos e animais. Já para a psicanálise, não é a normalidade a condição comum entre os indivíduos, mas sim a patologia - a psicopatologia está até na vida cotidiana: “tais humanos ‘normais’ são uma perspectiva e uma forma de vida impossível, uma vez que esta não é mais pensada como essência interior comum e universal, consoante ao humanismo trivial” (Dunker, 2015, p.299). Colocar ambas as proposições em paralelo, é também afirmar pela existência de um “potencial de intencionalidade” no interior de cada perspectiva, inclusive em cada estrutura clínica - sendo todas dessas capazes de apreender “os demais segundo suas próprias e respectivas características ou potências” (Viveiros de Castro, 2018, p.42).

Por essa razão é possível sustentar que uma estrutura não é deficitária em relação a outra, uma vez que “não se trata de uma disputa para estabelecer a hegemonia entre modos de ver, representar ou conceituar, mas uma luta para fazer reconhecer qual mundo é necessário e obrigatório, tendo em vista um conjunto indeterminado de perspectivas possíveis” (Dunker, 2015, p.299).

Dunker (2015) utiliza, desse modo, o perspectivismo ameríndio como uma chave de leitura capaz de ampliar o debate em relação à expansão da razão diagnóstica, com suas reverberações na psicopatologia psicanalítica. Esse não é o objeto dessa dissertação, entretanto, tal argumento possibilita pensar a clínica com outras psicopatologias que não a neurose, de forma a interpretá-las como não deficitárias. Nesse ínterim, faz-se necessário recorrer a um modo de trabalho que não apague as especificidades presentes em cada psicopatologia. Aqui vale retomar que os pacientes atendidos que estão narrados nas cenas clínicas têm o diagnóstico de autismo, com sintomas como buscas autossensoriais e uma recusa ao outro. Em sequência a tal argumento, é possível pensar o papel do analista quando consideramos os atravessamentos do perspectivismo ameríndio propostos até aqui.

Uma consequência do princípio da inexistência de um universal é a multiplicidade dos pontos de vista, o que coloca em jogo a necessidade de uma forma de relação que abarque “as diferenças de potencial transformativo entre os seres” (Viveiros de Castro, 2018, p.180). A existência dessa multiplicidade é sustentada pelo perspectivismo, na medida em que, mesmo o xamã - ser capaz de transcender as fronteiras interespécies - não transforma-se em outro ser. Dessa forma, entende-se que não há uma confluência a outra forma de vida, mas sim uma transformação que inscreve um devir. Esse é o argumento de Viveiros de Castro (2018) para propor o conceito de xamã transversal, como esse habilitado a transitar por outras perspectivas, mas que mantém a premissa da impossibilidade de um ponto de vista ser incorporado por outro. Assumindo assim os próprios limites das relações. Tais limites não são tomados como simples barreiras rígidas e permanentes, mas como constantemente tensionados pelo movimento do devir, enquanto criação de novas alianças.

Há uma potência em aplicar esses termos à relação transferencial, ao considerar a análise como um espaço no qual estão colocados em cena dois elementos. A partir dela, temos o encontro de duas perspectivas diferentes: não só por ser uma relação de dois sujeitos, mas também por serem duas posições distintas - analista e analisando. Um mesmo processo que põe a seus dois atores demandas que não são correspondentes, o que retoma

a discussão sobre a assimetria própria da transferência. A impossibilidade de um ponto de vista assimilar outro também coloca em questão como toda relação é permeada por espaços inacessíveis, uma vez que muda o mundo que cada um vê e, assim, as percepções nunca chegam a ser totalmente homólogas. Na transferência, portanto, não há uma apreensão do sofrimento ou do prazer por parte do analista. Estar advertido de tal limite é o que sustenta a assimetria necessária e não abusiva, como é apresentado por Aulagnier (1977/2016). Ou seja, colocar nos termos propostos por Viveiros de Castro (2018), é complexificar a relação de assimetria, retirando-a da verticalidade de uma hierarquia, sem que seja jogada para seu oposto da simetria. Entretanto, dispondo-a em uma transversalidade que não suspende as diferenças, sustenta-se que o próprio encontro produz a abertura para um lugar novo, que não está reduzido à hegemonia de um dos termos dessa equação.

Esse ponto de partida da articulação entre Viveiros de Castro e Aulagnier pode ser desdobrado a partir de então. Efetivamente, é importante considerar que essa dinâmica, em alguma medida, atualiza-se em todas as relações, embora, ao tomar o analista como objeto dessa pesquisa, torna-se essencial explorar as particularidades que tal relação ganha nessa cena. O espaço da análise expõe em seu horizonte uma direção de um tratamento com dois personagens que se acompanham nessa trajetória. Além de ser um encontro de procura por um saber, também é uma relação que põe em cena as resistências de cada uma das partes. Resistências essas que não são correspondentes, pois o equívoco não é o mesmo - “o Outro dos Outros é sempre outro” (Viveiros de Castro, 2018, p.93). Entretanto, justamente por não serem a mesma posição, é importante complexificar a questão e analisar de forma aprofundada as resistências que estão em jogo. Além disso, é necessário considerar como a especificidade do atendimento de crianças que estão pela via do autismo pode trazer à cena determinadas resistências.

No livro “Los destinos del placer”, Aulagnier (1977/2016) discorre sobre três roupagens que a relação analítica pode assumir com a condição base do amor de transferência: alienação, paixão e amor. A psicanalista debate, durante todo o livro, os atravessamentos que esses podem ter nas relações em geral e também na particularidade do que é uma transferência. Para pensar a direção dessa dissertação é importante o conceito que Aulagnier (1977/2016) propõe quanto à paixão. Ela produziria as ferramentas para uma relação de assimetria abusiva, ou seja, para a existência de uma forma de alienação, que se inscreve como possibilidade de “abolir toda situação conflitiva” (p.35), mas que tem como consequência a “morte efetiva do pensamento” (p.35), pois o poder de eleição do

Eu é suspenso em detrimento do desejo do Outro. Esse poder é o que garante a própria existência do Eu, portanto, sua proposição, acerca da alienação, alerta para como, nas relações, há o risco de perder o que dá consistência ao sujeito em exercer as capacidades do funcionamento de seu aparelho psíquico. Sendo a análise também uma experiência entre dois Eus, essa não está a salvo desse risco.

Nesse debate, Aulagnier (1977/2016) discorre sobre a paixão na transferência e certos funcionamentos de pacientes que colocam o analista nesse lugar. Pensar, nesses dois elementos da relação, impõe à sua condução uma responsabilidade compartilhada sobre o tratamento, que “não reduz a importância de uma pergunta que preocupa eternamente o analista: qual foi o papel de seu funcionamento psíquico, de seus conhecimentos e das coisas que desconhece sobre suas defesas e suas resistências no resultado obtido?” (Aulagnier, 1977/2016, p.210). No âmago dessa pergunta, a teoria do perspectivismo ameríndio pode trazer alguns lugares de apoio para formar no horizonte a construção de respostas viáveis, pois a psicanalista enfatiza em sua leitura que o estado de alienação é a perda de possibilidade de escolha ao encontrar-se submetido ao desejo do Outro. Há também o outro lado dessa dinâmica - ao se “ver sempre o Mesmo no Outro” (Viveiros de Castro, 2018, p.21), ocorre o exercício de um poder alienante. Dessa forma, pensar as resistências do analista passa por jogar luz em quando as diferenças são apagadas e se supõe no outro o próprio ponto de vista.

A suposição do mononaturalismo, que o perspectivismo problematiza, tem como uma de suas matrizes o pressuposto do universal, da existência de um mundo uno que é tomado de diferentes formas por cada sujeito. O que o multinaturalismo propõe pode apontar para que a atividade psíquica de representação, proposta por Aulagnier, tenha como consequência uma diferença de fato profunda ao ser a construção de outro mundo, de outra realidade, que pode ter pontos compartilhados, análogos, mas também com suas particularidades inerentes. A radicalidade do perspectivismo é considerar que esse mundo está sob permanente ameaça para cada ponto de vista - “a inconstância da alma selvagem” -, o que coloca em questão que esse encontro entre dois sujeitos realizado de maneira transversal provoca constantemente o estado de indeterminação e, portanto, a produção de uma abertura. Esse argumento serve para pensar a importância da disponibilidade do analista de não suturar as diferenças - ou seja, suspender suas resistências - argumento comum também a teorização de Aulagnier. Entretanto, a sequência do argumento pela ótica perspectivista aproxima essa interlocução entre seres da arte xamânica¹⁰ transversal. Pois

¹⁰Efetivamente, o xamã não é o único a vivenciar esses encontros, ele tem sim um lugar privilegiado por ser capaz de atuar enquanto interlocutor interespecífico. Transcendendo as fronteiras e sendo apto a permane-

é o xamã o interlocutor capaz de transitar, aproximando-se de outras entidades cósmicas para encontrar um diálogo possível. Essa emblemática figura pode produzir interrogantes ao que se entende por apagamento da multiplicidade em uma relação ou por resistência em uma análise. O profundo tensionamento está, a meu ver, como mais um modo de colocar em questionamento o analista em uma implicação inerente ao processo do encontro. Não há como transitar entre perspectivas por intermediários: “o xamã é ao mesmo tempo o oficiante e o veículo do sacrifício” (Viveiros de Castro, 2018, p.173). Portanto, afetar-se é o único modo de sustentar a existência do ponto de vista.

Importante pontuar ainda que não significa que esses aspectos, que podem ser lidos à luz do perspectivismo ameríndio, estejam completamente desassociados da teorização de Aulagnier. A psicanalista argumenta pela necessidade da existência de momentos de prazer e de sofrimento compartilhados durante um tratamento, por exemplo. Entretanto, a potência do perspectivismo ameríndio está em sintetizar problemáticas de uma relação pensando na materialidade do corpo, aspecto não abordado pela psicanalista, apesar da ênfase que dá ao aparelho somático na sua teoria. Ao suspender a concepção de essência e complexificar a dialética relacional enquanto indeterminada, o perspectivismo supõe nos maneirismos corporais a forma de ativar o potencial de intencionalidade de cada ser e, logo, de assumir um ponto de vista e relacionar-se com o outro de maneira transversal. O corpo é pensado enquanto suas “afecções ou encontros de que ele é capaz, suas potências e disposições” (Viveiros de Castro, 2018, p.66). Sustentação teórica que subsidia essa pesquisa que toma enquanto objeto o corpo do analista no contexto de atendimentos que colocam esse como instrumento da intervenção, não somente pela via da voz e do olhar. É possível pensar que uma série de tratamentos exigem, em maior intensidade, que os corpos ali colocados tenham destaque, ou seja, dos dois corpos convocados em cena, sendo ativados e ativando-se reciprocamente.

Aulagnier (1986/1991b), de modo algum, desconsidera a importância do aparelho somático, entretanto, a ênfase da psicanalista da transmissão do corpo a corpo está na constituição subjetiva - apesar de apontar a permanência em todo sujeito do funcionamento de um fundo representativo da coisa corporal, no qual se apoiam o processo primário e secundário. Na mesma esteira, Aulagnier (1986/1991b) argumenta que a violência

cer humano ao tocar de forma transversal outra perspectiva, por isso a ênfase nesse texto em tentar apreender dessa dinâmica uma forma de relação capaz de sustentar a multiplicidade. Entretanto, a complexidade das consequências possíveis da cena fundamental do encontro na mata não puderam ser abordadas em profundidade nessa dissertação. No capítulo “Perspectivismo e multinaturalismo na América Indígena” do livro “A inconstância da alma selvagem”, Viveiros de Castro (2021) faz uma síntese sobre as possibilidades desse encontro e sua relação pronominal que introduz o tema em sua obra.

primária tem como consequência no porta-voz, a modificação de sua economia psíquica. Ambas as proposições teóricas condensam premissas importantes para essa dissertação, contudo, a proposta colocada aqui é voltar o olhar ao que ocorre no analista. O que difere de suas proposições teóricas talvez seja, justamente, porque a autora não atendeu crianças e colocou-se a pensar a posição de quem analisa a partir de sua experiência com analisandos adultos. O salto argumentativo é colocar esses conceitos a examinar as resistências do analista, enquanto um corpo atravessado por afetos fabricados no encontro. É essa torção que produz um empuxo ao perspectivismo como uma forma de sustentar um movimento reflexivo de examinar meu ponto de vista.

Tal posição não está privada da conflitiva do que é a interlocução entre seres, o que também é uma torção que o perspectivismo permite da concepção de violência apresentada por Aulagnier (1975/2001). Para a psicanalista,

... a experiência do encontro (e, acrescentamos, de todo encontro) confronta a atividade psíquica com um excesso de informação, que ignorará até o momento no qual esse excesso a obrigue a reconhecer que o que fica fora da representação característica do sistema retorna a psique pela forma de um desmentido referente a sua representação da sua relação com o mundo (p.32).

O excesso presente no encontro é o que dá a essa experiência, necessariamente, o tom de violência, pois a psique depara-se com algo que lhe é externo. Aqui há uma aproximação possível com o perspectivismo, na prerrogativa de que todo encontro “é sempre uma relação com a exterioridade” (Viveiros de Castro, 2018, p.92). Para o perspectivismo ameríndio, o acento não está colocado no excessivo da experiência, mas no equívoco. Tal diferença não opõe ambas teorias, entretanto, reconhecer espaço à equivocidade é virar-se para os dois personagens de qualquer encontro. Ou seja, assim tratamos o conflito inerente a essa cena, não a partir apenas do reconhecimento do excesso de excitação produzido pela imaturidade biológica de um de seus elementos - o que não deixa de ser essencial para compreender a constituição subjetiva. A tentativa de pensar sobre o lugar do analista exige, a meu ver, expandir essa dinâmica, não unicamente enquanto estamos na posição de agenciadores da condução de um tratamento, mas de considerar, em quais pontos, somos necessariamente agenciados no encontro.

Dessa forma, é importante pontuar ainda que isso não significa que não há elementos na obra de Aulagnier para considerar a existência de atritos no encontro. A psicanalista afirma que “toda relação implica momentos de conflito, que toda comunicação só é possível se a diferença (dos desejos, dos juízos, das demandas) pode estabelecer-se

nela” (Aulagnier, 1977/2016, p.69). Esse é um ponto essencial para que a relação não se estabeleça em um estado de alienação. Há, em Aulagnier (1977/2016), um lugar privilegiado para a dúvida ao direcionar a suspensão da certeza, que aponta para a continuidade da busca pelo saber.

Saber que não se sabe é a posição menos natural que pode existir para o pensamento; é uma aquisição, muito secundária, sempre frágil, a aceitação de uma verdade que se deve ao questionamento que muitas vezes havíamos desconsiderado de uma certeza que a precedia... Este momento de dúvida é essencial para a estrutura do Eu e para a disposição de uma atividade de pensamento que aceite a supremacia do princípio de realidade, apesar de uma perda de prazer compensada, é certo, por outro prazer vinculado com uma primeira conquista de uma autonomia de pensar parcial (pp.63-64).

Entretanto, a distância dos recursos do perspectivismo e da colocação em dúvida de Aulagnier é consequência da diferença na concepção multinaturalismo e mononaturalismo. Ao tomar a natureza como múltipla, há um estado permanente de indeterminação, um “devir-outro intrínseco a cosmopraxis amazônica” (Viveiros de Castro, 2018, p.92). O reflexo dessa montagem está na radicalidade do questionamento que se desdobra em todo encontro para todas as direções. Enquanto, o mononaturalismo traça a via de que o mundo é uno e há um processo psíquico para aprendê-lo, o multinaturalismo enfatiza a instabilidade de qualquer apreensão e, portanto, defende a existência de um desequilíbrio permanente que provoca uma multiplicidade daquilo que encontro. Dessa forma, a noção de Aulagnier sobre a representação como função essencial do aparelho psíquico pode ser desdobrada, com essa outra lógica, mais em uma construção do que na apreensão dos elementos do mundo. O que tem espaço no ponto em que a autora enfatiza a realidade enquanto uma articulação dos três processos psíquicos e que está sempre em movimento pela colocação em dúvida e necessidade constante de remodelação do projeto identificatório. Assim, faz-se possível perguntar, quais os conflitos que se estabelecem em uma transferência quando duas realidades distintas encontram-se? E, para fins dessa pesquisa, quais os efeitos desses no corpo do analista?

A existência desse tensionamento em qualquer contexto clínico conduz a um afunilamento da questão para o objetivo dessa dissertação, assim como o levantamento de algumas hipóteses. No tratamento de crianças que estão fixadas em determinados modos de sensação, seja com o outro seja com o próprio corpo, está colocado uma maior diferença da minha posição como uma adulta que utiliza a linguagem verbal para a comu-

nicação. Esses pontos de distinção trazem uma complexidade a esse encontro, na medida em que também é importante traçar que há, socioculturalmente, uma matriz hegemônica fonocentrada, adultocêntrica e neurótico-centrada (Dunker, 2015). Tal panorama contextual aponta para o lugar de privilégio ocupado por mim nesse encontro. A importância de expor esse quadro está na necessidade de colocar em questão qual a diferença das posições para então pensar suas consequências. Ou como coloca Viveiros de Castro (2018), “estamos todos necessariamente localizados por nossas ‘circunstâncias’ e nossas ‘configurações relacionais’, mas uns estão, e como!, mais sistematicamente localizados, mais circunstanciados e mais configurados - que os outros” (p. 74). Esse lugar privilegiado torna-se passível de um exercício maior de poder, com a possibilidade de um apagamento de outras formas de vida que não a estabelecida hegemonicamente.

Os tensionamentos propostos por Eduardo Viveiros de Castro (2018), quanto ao trabalho da antropologia, podem auxiliar em aprofundar tal questão. O antropólogo afirma que, por mais que a etnografia tenha se afastado de uma visão paternalista que toma o nativo enquanto primitivo, examinar “o pensamento selvagem” sob a lente da filosofia ocidental é a permanência da busca por nós mesmos nos outros - outra volta do colonialismo. A posição transversal do devir, proposta perspectivista, abre para outra possibilidade. Isto é, ao tomar a existência como um diálogo entre pontos de vista que não está em transformar-se em nativo, aposta em, pelo devir-outro, fazer novas alianças entre elementos heterogêneos. Dessa forma, é necessário contra-analisar o próprio pensamento, deixando-se afetar pela pensamento do outro. Esse leva a antropologia a ser um “projeto de interiorização e estranhamento da razão que sempre a empurrou insistentemente, muitas vezes à sua própria revelia, para fora da alcova sufocante do Mesmo” (Viveiros de Castro, 2018, p.23). Acrescentaria ainda que, na clínica, empurramos e, concomitantemente, somos empurrados à produção da multiplicidade, o que tem seus próprios contornos a depender da diferença entre os sujeitos que está colocada - e precisa ser sustentada. Talvez esses contramovimentos sejam o âmago de um trabalho analítico, pois esse propõe a busca pela inscrição de uma diferença do Eu.

A totalidade dos fenômenos psicopatológicos que encontramos na clínica, seja qual for sua forma, são a consequência e a manifestação, mais ou menos disfarçada de um conflito que está funcionando nos investimentos do Eu e, logo, em sua economia identificatória (Aulagnier, 1977/2016, p.18).

A questão abordada por essa dissertação está em pensar como essas diferenças passam inevitavelmente pelo corpo e, portanto, exigem uma disponibilidade do analista de permi-

tir que seu aparelho somático seja atravessado por tais diferenças.

Aqui foram recortados determinados elementos que apontam para algumas correlações possíveis entre o perspectivismo ameríndio e as concepções metapsicológicas de Aulagnier: a eleição do Eu com o potencial de intencionalidade; a alienação e o apagamento da multiplicidade; o xamanismo transversal e a assimetria necessária; a atividade de representação e a perspectiva; a violência e o estado de ameaça do ponto de vista; e o lugar da relação com o corpo enquanto elemento fundamental das formas de vida. Além de colocar em debate também suas diferenças enquanto dois modos distintos de tomar o mundo, como mononaturalista ou multinaturalista. É possível a existência de outras correlações que não foram abordadas nesse escrito e também a descrição do que afasta ambas teorizações, mas, além desses traços de similaridade passíveis de serem apontados, é preciso levar o debate ao ponto em que ambas teorias podem ser suplementares na direção de pensar o trabalho clínico. Nessa direção, a tentativa de propor tal diálogo é supor nele a abertura para novas relações entre os conceitos que permitam questionar o lugar do analista. Ou seja, a radicalidade e a potência de pôr a psicanálise a encontrar o perspectivismo, está no fato desse transformar a relação em um contínuo “deslocamento reflexivo” (Viveiros de Castro, 2018, p.72). Isto é, a possibilidade de uma dupla torção, da pergunta sobre o conceito retornar para questionar o que é o conceito de conceito, do objeto ser o sujeito, “porque é preciso personificar para saber” (Viveiros de Castro, 2018, p.52). Nesse processo de contra-analisar o que é demasiadamente familiar, pensar a clínica talvez seja não só pensar a transferência enquanto suas resistências do paciente e analista, mas em um devir-transferencial, em analisar o momento em que uma nova relação é formada e o que essa aponta de multiplicidade. Essas questões apontadas para essa pesquisa constroem a pergunta sobre quais as consequências de colocar o corpo implicado nesse devir.

Dessa forma, a inclusão do perspectivismo nessa dissertação não tem a intenção de analisar um outro modo de estar no mundo, de sujeitos que habitam seus corpos e a linguagem em um limiar de distância maior do que é compartilhado socialmente, mas de levantar a questão de como esse encontro com essa diferença reverbera no analista.

6 CORPO NO E DO TEXTO: METODOLOGIA

6.1 A Pele: pesquisa psicanalítica e seus derivados

Essa dissertação tem a intenção de ser uma pesquisa que articula a teoria com a experiência. Nesse sentido, ao abordarmos a problemática de pesquisa, a partir da contextualização teórica, até aqui apresentada, é importante ressaltar que o presente trabalho intenta pensar os impactos no corpo do analista em atendimentos de crianças que mantêm buscas por sensações e que não estão tão colocadas na relação com o outro. Sendo então uma leitura de situações transferenciais em que estive implicada, essa é uma pesquisa que recolhe - no *a posteriori* seus efeitos - do encontro com o campo clínico seus interrogantes.

Para dar subsídios ao percurso dessa pesquisa, buscou-se principalmente a articulação entre dois autores que trazem o corpo para o debate - Piera Aulagnier, do campo psicanalítico, e Eduardo Viveiros de Castro, do campo da antropologia. Os conceitos filosóficos/antropológicos do perspectivismo podem ser lidos como uma ampliação da metapsicologia da psicanalista e direcionar a discussão à figura do analista. Entretanto, nesse texto, também há uma assumida tentativa de não fixar os conceitos psicanalíticos, mas de produzir intersecções entre os autores, uma vez que “... não há um sentido único para cada conceito, e sim uma articulação com a trama teórica, com a prática, com os pares. Essa é a relação teoria e prática em psicanálise” (Rosa e Domingues, 2010, p.184).

É nesses meandros que essa pesquisa pretende se deter, permitindo a emergência do que afeta e produz escritura do que são encontros inintencionais, guiados pela posição de serendipidade proposta por Caon (1997). Nessa, está colocado tanto o desejo do pesquisador, como o modo como se aproxima do objeto, em atenção flutuante. Isso permite manter um espaço aberto para encontros não antecipados, justamente, porque as manifestações do inconsciente irrompem nessa hiância que produz uma fissura no discurso (Lacan, 1964/2008).

Tendo em vista o debate realizado até aqui, é importante ressaltar que toda pesquisa psicanalítica tem especificidades que a singularizam e fazem com que o pesquisador que pretende adentrar esse campo o faça de modo, no mínimo, advertido das articulações que perpassam o encontro com seu objeto, ou seja, das transferências que ali se estabelecem. Essas relações exigem certo distanciamento para se contruírem, o que vai ao

encontro do que é trabalhado no texto de Waldir Beividas (1999) referente ao cuidado que a pesquisa em psicanálise deve ter de não se deixar tomar em uma posição de transferência excessiva, que põe o estatuto de verdade ao que foi afirmado por Freud e Lacan. Isto é, ao interpretar os textos desses autores como produtores de uma direção unívoca à psicanálise.

A escolha pela teoria de Piera Aulagnier já coloca pontos de diferença a esses dois autores, como abordado anteriormente. Da mesma forma, é proposta dessa dissertação o diálogo perspectivista com a teorização de Aulagnier, pois acredita-se que esse é capaz de também abrir os conceitos da psicanalista para buscar outros deslocamentos.

Nesse sentido, o trabalho em questão pretende manter um afastamento necessário a toda transferência, o que faz possível a ocorrência de certa subversão da teoria ao questioná-la. Em alguma medida, podemos afirmar que essa questão é própria de toda pesquisa, que encontra na prática psicanalítica um espaço de sustentação, que é o inconsciente como subversão do sujeito ou o que Aulagnier (1975/2001) nomeia como o poder de eleição do Eu. A psicanalista, que se afastou da teoria lacaniana por considerar o passe como um mecanismo de exercício de poder, também alerta para os riscos do estabelecimento de um estado de alienação produzido pela relação que se estabelece com a teoria.

Em um elevado número de casos, a força alienante vai instrumentalizar sua ação por meio de um texto (teoria científica ou teoria religiosa) cujo autor é outro sujeito e, frequentemente, um morto. Mas nesse caso se comprova que a relação de alienação com esse texto (graças ao qual se disfarça de realidade a alienação com um sujeito) implica que o texto pode ser reduzido a uma ação, a uma ideologia que tenta atuar sobre outros sujeito que tenta um poder efetivo (Aulagnier, 1977/2016, pp.36-37).

Para pensar a pesquisa psicanalítica talvez seja válido retomar que o encontro do sujeito na análise é sempre faltoso por sua fugacidade, sendo apenas, nesse intervalo, que é possível a emergência do inconsciente. O trabalho do analista é, justamente, não suturar essa hiância, uma vez que é nela que o desejo do sujeito pode advir (Lacan, 1964/2008). A posição do pesquisador vai por esse mesmo caminho: de sustentar a hiância na teoria, apontando para uma subversão de um saber anterior que é o único modo possível a qualquer ciência para existir e avançar (Beividas, 1999). É na hiância que cada pesquisador e analista pode se apropriar da teoria para avançar em seu fazer clínico.

Sabemos que o trabalho de análise, em especial quando forma um analista, prioriza o estilo e a marca singular daquele que se coloca como analista para um outro.

Assim é com a pesquisa psicanalítica. Ela é sempre uma apropriação do autor que depois de pesquisar o método freudiano descobre um método seu, filiado a essa vertente e o singulariza na realização de uma pesquisa (Iribarry, 2003, p. 117).

Por essas considerações, vale ressaltar que a pesquisa, aqui sustentada, é um modo como a articulação entre a clínica e a teoria reverberam em mim, culminando nesse escrito. Assim, salienta-se que esse texto não tem a intenção de produzir uma confirmação teórica, mas sim uma apropriação de determinados conceitos para movimentar questionamentos produzidos pelas relações transferenciais. A busca aqui se dá na direção de pensar algumas especificidades que atravessam esses atendimentos, considerando que estes exigem uma disponibilidade à invenção de outras formas de encontro para o estabelecimento de um contato com o outro - uma vez que são crianças que, por vezes, recusam a relação com o outro. Há aqui, portanto, o questionamento sobre quais as consequências para o analista nessa diferença. No entanto, essa pergunta tem uma amplitude excessiva para que essa dissertação pudesse traçar algumas respostas, por conta disso, as cenas clínicas que aqui foram escolhidas foram as que produziram sensações físicas no meu corpo, enquanto analista. Tal problemática é importante para pensar como essas diferenças também incidem sobre a pesquisa.

Para aproximar-me desse problema aqui colocado, foram construídas três narrativas de cenas clínicas, nessas não me absteve de tomar o ato de escrita na primeira pessoa. Em uma aposta de que talvez tal apropriação gramatical permita, de forma mais substancial, que os traços da arquitetura do meu corpo marcados transferencialmente possam decantar em texto. Considerando que o objetivo a que esse estudo se propõe é recolher da experiência clínica situações que tocam a materialidade do corpo para pensar quais efeitos ali se produzem.

Essa subversão do sujeito acadêmico também faz função ao marcar uma diferença que aponta para a particularidade da minha experiência e, especialmente, do cuidado em não cair em uma possível mimetização do pensamento dominante, mas sim colocá-lo em questionamento - como presente na discussão sobre a antropologia proposta por Viveiros de Castro (2021). A abertura para repensar a teoria com um outro pensamento permite a construção de novas alianças, o que não ocorre quando a direção é apenas investigar qualquer formulação a partir dos mesmos conceitos. Dessa forma, também não se debate os limites da própria teoria, tornando-a imaculada ou universal. Nessa direção, penso ser importante preservar o que há e se mantém como particularidade quando se assume a autoria de um texto em primeira pessoa, o que aponta para um afastamento do

lugar de universalidade tão presente na cultura ocidental, eurocêntrica, branca e heteronormativa. E que produz suas marcas na história e na teoria psicanalítica de uma forma bastante imbricada, como bem aponta Paul B. Preciado (2020).

Tal subversão só é viável com o auxílio de construções que não conduzam ao apagamento de traços de diferença, e é por isso o cuidado que esse texto pretende ter para não cair na mimetização citada acima. A consequência dessa pretensão é a construção das narrativas em primeira pessoa, de sessões nas quais eu vivenciei e que alguma descrição do meu corpo também estivesse presente. Como proponho a caracterização dos maneirismos das crianças dentro das narrativas, entendo que voltar o olhar a mim é uma tentativa que não sejam apagados os signos das diferenças entre nós. São os traços que nos distinguem que produzem efeitos no encontro, sendo a investigação sobre esses o que visa se debruçar essa pesquisa. Essa dissertação pretende estar disponível a sustentá-los em sua multiplicidade, como uma posição ética necessária para a não reprodução de exclusão e de exercício de poder. Pois, não assumir esse lugar crítico do debate é um modo de tomar o paciente como um universal, com um olhar sobre o próprio ponto de vista projetado. Descarrilhar esse trajeto é possível pela subversão da teoria, essencial para uma atualização da clínica - considerando que nem a prática, nem os conceitos são atemporais.

Esses são os contornos gerais da metodologia dessa dissertação que se referem a uma pesquisa psicanalítica e parte da experiência clínica na direção de buscar na teoria, não respostas, mas a possibilidade de movimentar questionamentos. Após a exposição desses construtos gerais da pesquisa, que formam sua pele, é importante adentrar o texto traçando como o objetivo desse decantou o percurso teórico construído até o ponto de desaguar na construção e análise das cenas.

6.2 As vísceras: da teoria às narrativas

A partir do objetivo de investigar o que reverbera no corpo do analista durante o atendimento com crianças que possuem alguma recusa ao outro, o recurso que encontrei foi a escrita de narrativas de sessões das minhas experiências transferenciais. Dessa forma, ao utilizar esse recurso, meu corpo torna-se, ao mesmo tempo, objeto - já que as narrativas são ferramentas de investigação dos efeitos dos atendimentos nele -, e sujeito dessa pesquisa, uma vez que a escolha por cursar o mestrado, pelo tema, e pela construção do texto também atravessa e se manifesta pelo e no meu corpo. Efetivamente, esses dois lugares trançam um só emaranhado, impossíveis de distinguí-los. Além de serem indisso-

ciáveis, essas posições assumem a condição de existência no encontro com o outro. Isso coloca em evidência mais um aspecto do objetivo dessa dissertação, pois aqui a intenção é pensar os efeitos corporais do encontro com esses pacientes, portanto esses outros corpos também são descritos, para colocar em questão as especificidades do encontro.

Foi nessa busca que encontrei, por sugestão da banca de qualificação e da minha orientadora - Andrea Ferrari -, os textos de Piera Aulagnier. A potência das proposições teóricas ali expostas para investigar os aspectos corporais da relação transferencial está, principalmente, em como o aparelho somático tem um lugar privilegiado, enquanto articulador do funcionamento psíquico. Pois é esse que, através das exigências para a manutenção da vida, põe em marcha a atividade de representação e, conseqüentemente, a atuação do processo originário, primário e secundário - cada um deles atuando em sua especificidade, mas em conjunto. Além disso, a atividade pictográfica, produto da representação do processo originário, constrói um “fundo representativo”, uma imagem do corporal, na qual irão apoiar-se tanto a fantasia como o pensamento - os processos secundário e primário. O pictograma é, justamente, a marca construída das primeiras vivências representadas como autoengendradas, uma vez que o sujeito não reconhece, nesse momento, a existência de um externo, capaz de inscrever a dimensão do tempo e a cisão entre zona corporal e objeto, por exemplo. Ou seja, o modo como o aparelho somático provoca um excesso de excitação - o aumento de energia livre -, exige da psique o exercício de sua função de representação. Aqui se coloca a profunda importância que as sensações físicas têm para a atividade psíquica, no desenrolar da constituição subjetiva e ao longo da existência.

Essa contribuição metapsicológica é extremamente frutífera para discutir a clínica com a infância e, de maneira mais específica, com sujeitos que possuem a busca excessiva por estimulações autossensoriais - próprias do funcionamento do processo originário. A conceitualização de Aulagnier (1986/1991b) permite pensar que, com a impossibilidade de estabelecer uma cisão entre o interno e o externo, a estimulação contínua de uma sensação é capaz de manter o postulado do autoengendramento, que rege o processo originário, e, conseqüentemente, sustentar a percepção da existência. Justamente por isso, a insistência nas repetições invariáveis como uma tentativa de aplicar ao mundo o maior limiar de imobilidade. Tal leitura abre para aprofundar a função que determinados movimentos - como a estimulação autossensorial - têm para o aparelho psíquico. Adentrar essa questão é pensar suas reverberações na análise.

Aulagnier (1975/2001) afirma que o processo originário tem, na clínica, um lu-

gar importante, ao mesmo tempo, que não é passível de ser cognoscível a consciência “já que não pode responder a nenhuma das leis que deve obedecer o ‘dizível’” (p.53). O pictograma é tanto o que permanece sem sentido em todos os sujeitos, assim como é uma ‘força de atração do originário’ responsável por momentos de crise, no que a psicanalista atribui ao atendimento de pacientes psicóticos, no qual o Eu não se reconhece e perde as referências de seu projeto identificatório. Além disso, Aulagnier (1986/1991b), no texto “Nascimento de um corpo, origem de uma história”, discorre sobre as formas que o originário assume em sujeitos autistas, voltando seu olhar então a como a dificuldade de reconhecer a alteridade e a fixidez da repetição de uma sensação somática, em especial ao movimentos de autoestimulação sensorial, pode manter em excesso uma representação pictográfica e impedir a atuação dos outros modos de funcionamento psíquico. É esse ponto que provocou a escolha pela teoria dessa autora na pesquisa, pois tomar seu esquema de articulação entre os três processos psíquicos e o lugar do pictograma para pensar a intervenção na clínica com sujeitos autistas põe no horizonte a complexidade da posição do analista. A partir dela, pode-se discutir sobre o encontro possível da presença do analista com um sujeito, cujas representações psíquicas ocorrem majoritariamente pelas percepções sensoriais de repetições invariáveis.

O encontro com essa teórica, portanto, complexifica o objetivo dessa dissertação, na medida em que forra o solo da pesquisa. Dito de outro modo, tenho, como ponto de partida, reverberações que ocorrem no meu corpo, enquanto analista implicada transferencialmente. O primeiro recorte deu-se ao considerar sobre quais situações clínicas seriam abordadas e, assim, a direção escolhida foi pelo atendimento com crianças que têm o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, com sintomas de recusa ao outro e de uma fixidez na busca por sensações. Trocando em miúdos, o fato do corpo estar envolvido em toda transferência ou na economia psíquica como um todo - pois é central aos processos do funcionamento psíquico e é parte essencial do projeto identificatório (Aulagnier, 1986/1991b) - não torna menos importante considerar as especificidades desses encontros. A direção de pensar as reverberações no aparelho somático da analista nessa especificidade ocorreu porque são atendimentos que exigem, na cena clínica, uma colocação do corpo em um movimento ativo e em sua integralidade na intervenção. Em outras palavras, são analisandos que a insistência pela atividade autossensorial produz um modo de funcionamento corporal em uma intensidade da repetição e, logo, a intervenção precisa atuar no limiar suportável da abertura que passa pela expansão do que é percebido pelas sensações. Essa busca do analista tem como consequência ações que atravessam o próprio

corpo, no mínimo, colocando o sistema proprioceptivo e tátil em movimento - ou seja, um corpo não estático. É um encontro, portanto, no qual o sistema visual e auditivo não estão em primeiro plano, mas são acompanhados pela necessidade de outras percepções. Desse modo, esses atendimentos foram entendidos como relações que radicalizam o encontro entre os corpos em um processo de análise e, conseqüentemente, a inevitabilidade de deixar emergir questionamentos sobre os efeitos somáticos dessas transferências.

Como dito anteriormente, a experiência com atendimentos de crianças com questões do Transtorno do Espectro Autista coincidiram com o início da minha prática profissional e são parte do meu cotidiano desde então. Entretanto, minha clínica não se restringe a esses atendimentos, nem pelas delimitações etárias, nem psicopatológicas. Ampliar o recorte dos atendimentos utilizados nessa dissertação seria um debate capaz de encaminhar a pergunta de pesquisa a outros horizontes. Concomitantemente a isto, esse escrito não tem a intenção de estabelecer uma formalização sobre a técnica com determinados pacientes, mas sim traçar alguns percursos teórico-clínicos de discussão que colocam em questão a transferência e, nesse recorte, seus efeitos somáticos. Efetivamente, essa pesquisa pôde tomar esse rumo pois parte da ética da psicanálise ao compreender o encontro como "a presença de dois sujeitos que se prestam a experiência e que permitem que esta prossiga, ao falar, ao pensar, ao experimentar os efeitos que resultam disso em seu próprio espaço psíquico" (Aulagnier, 1977/2016, pp.209-210). Ou seja, a pergunta dessa dissertação faz-se possível por presumir que a análise não é a aplicação de um protocolo de atendimento, mas sim que há, necessariamente, uma implicação envolvida nessa relação, o que provoca resistências e reverberações do encontro tanto no analisando, como no analista.

Ao tomar como ponto de partida a ética da psicanálise - que também sustenta minha prática clínica -, o estreitamento à teoria de Aulagnier foi decorrência do encontro com o que a autora conceitualiza sobre a constituição subjetiva e o que inscreve, na teoria psicanalítica, do conceito de processo originário e a representação pictográfica. Isto é, o aprofundamento na teoria de Piera Aulagnier deu-se pela busca por um viés na psicanálise que estudasse o lugar do corpo e sua relação com a psique. Tal escolha teórica não pretende, de modo algum, afirmar que essa é a única via possível para traçar hipóteses a partir da pergunta que o objetivo da dissertação coloca. Há diversos psicanalistas que teorizaram sobre a relação do aparelho psíquico e somático, inclusive mais especificamente sobre o atendimento clínico com crianças, tais como Françoise Dolto, Frances Tustin e Mahmoud Sami-Ali - cada um contendo suas contribuições particulares à técnica e à clí-

nica. Entretanto, pela limitação do tempo do mestrado optei por um direcionamento em uma psicanalista, na aposta que circunscrever a abrangência dos teóricos pudesse permitir um maior aprofundamento nos conceitos, logo, nas questões levantadas por essa pesquisa. A decisão por Aulagnier ocorreu pelo pensar metapsicológico da autora, principalmente, no modo como os três processos de funcionamento psíquico e como a articulação entre esses não fica restrita ao tempo da constituição subjetiva, o que permite correlacionar com o que permanece insistindo no corpo do analista, em paralelo, ao que está no momento da infância - tempo dos sujeitos que estão nos encontros narrados.

O aprofundamento nos textos de Aulagnier proporcionou a esse escrito a sustentação teórica que constrói a base do que se compreende enquanto um sujeito, pois parte das premissas da autora sobre a constituição subjetiva. Permite, por exemplo, estabelecer uma conjunção entre o modo de funcionamento do aparelho psíquico e somático - o que tem consequência na forma como se pensa o trabalho clínico e a direção do tratamento. Efetivamente, é importante pontuar que, ao partir dessas premissas, faz-se possível contemporizar um entendimento não apenas da clínica e do analisando, mas de poder incluir o analista igualmente como um sujeito que tem em si a articulação entre os três processos de funcionamento psíquico e também em sua relação com o aparelho somático.

Entretanto, no processo de avançar na teorização de Aulagnier, deparei-me com alguns impasses para pensar a posição do analista no âmbito que pretende essa pesquisa. Apesar de colocar como questão a transferência como decorrência do encontro de dois sujeitos em uma relação de assimetria, mas com pontos de simetria, a psicanalista não aborda os atravessamentos do funcionamento somático no processo transferencial. Algumas aberturas para essa leitura estão nos textos de Aulagnier como sobre a “contribuição figurativa” (1981/1990b), que põe ao paciente os efeitos do pictograma, e prazer na interpretação (1976/1991a), como um afeto compartilhado entre analista e analisando na clínica. Contudo, tais textos especificam essas possibilidades, respectivamente, referentes à psicose e à neurose, além de ambos tratarem de intervenções pela via de tornar aspectos do funcionamento psíquico cognoscíveis ao Eu. Esse limite obrigou-me a recuar em alguns pontos para assim enveredar por outros caminhos, isto é, retornar para estabelecer de quais lugares pretendo tratar alguns conceitos chave para essa pesquisa, tais como encontro e corpo. Foi nesse movimento que recorri a proposta teórica do perspectivismo ameríndio.

A conceitualização do antropólogo, Eduardo Viveiros de Castro, encaminhou a discussão da pesquisa a afastar-se da psicanálise para, posteriormente, aproximar-se desta

a partir de outro lugar. Ao tomar a ontologia como variável - multinaturalismo -, a visão perspectivista desloca a relação estabelecida no encontro para a necessidade de um processo de questionamento que abarca a multiplicidade das possibilidades de formas de vida, cada uma delas com suas especificidades. Nesse fluxo, Viveiros de Castro (2018) argumenta pela impossibilidade de conhecer *a priori* e, portanto, marca a exigência de subjetivar para dar espaço à alteridade - o que é possível ao ativar o potencial de intencionalidade no momento do encontro. Tal formulação serve de maneira privilegiada à clínica, não apenas como um espaço que contém a presença de dois sujeitos, mas reconhecendo a existência de duas perspectivas que, no processo de aproximarem-se, agenciam uma à outra de seus respectivos pontos de vista. Esse conflito inerente às relações, ao não ser tomado na via de um apagamento, permite a existência de contornos que produzem a possibilidade do novo.

O argumento sobre a necessidade de sustentar as diferenças retira o encontro como horizontal - uma vez que nenhuma perspectiva é simétrica a outra -, assim como afasta-o da verticalidade, pois esta extirpa o potencial de intencionalidade dos dois pontos de vista - projetando ao outro a nossa própria visão. Por essa razão, Viveiros de Castro (2021) retoma, na filosofia de Deleuze e Guattari, o conceito de devir como uma produção transversal capaz de construir alianças entre elementos distintos. Nessa direção, o perspectivismo aponta para o lugar privilegiado do corpo enquanto veículo condutor de pontos de vista. Nesse aparelho fisiológico, estão condensados o que o antropólogo nomeia como “maneirismos”, isto é, modos de tomar os afetos e produzir agenciamentos. A possibilidade, portanto, do encontro, enquanto um espaço para a emergência da intencionalidade, é apenas pela transmutação de afetos, ou seja, na confluência de um lugar comum que, concomitantemente, contorne as diferenças não para apagá-las, mas para encontrar um devir-outro ao sustentá-las - o que só é possível ao recolocar questionamentos a partir dos agenciamentos do encontro.

A “dupla torção” perspectivista, que coloca em indeterminação os lugares de existência, desdobra seus efeitos de maneira a complexificar a posição do pesquisador enquanto esse que precisa personificar para buscar o saber. Isto é, desdobra o pesquisador como aquele que se permite agenciar e ser agenciado, tornando a posição sujeito/objeto uma intersecção indeterminada que só é “resolvida” pelo estado de devir - como esse que não se transforma em outro, mas em um devir-outro (Viveiros de Castro, 2018). Essas premissas servem à clínica na medida em que argumentam pela existência de uma posição transversal, ou seja, não se trata de entender ou sentir como o outro, mas de, na

relação, sustentar a alteridade para dar espaço ao seu potencial de intencionalidade. O que não ocorre em um encontro que, ao supor um universal, só percebe no outro o próprio ponto de vista.

Essas construções também podem ser lidas na obra de Piera Aulagnier, especialmente, quando discorre sobre a assimetria da transferência. Entretanto, entendi como importante essa guinada ao perspectivismo pois é uma forma de radicalizar essas questões, uma vez que não restringe a discussão ao campo clínico, mas propõe outro modo de tomar os conceitos de ponto de vista, corpo e, portanto, de diferença. Compreendo a necessidade de abrir essa discussão no texto para aprofundar o debate dos efeitos transferenciais no analista, considerando também a distância maior entre meu ponto de vista e o dos pacientes das narrativas. Isto é, levando em conta que sou uma adulta capaz de, substancialmente, diminuir a repetição da busca por estímulos sensoriais e com uma apropriação da linguagem verbal que me permite estar em relação usando-a como ferramenta, enquanto os pacientes são crianças com uma recusa ao outro e a insistência pela repetição autossensorial, que, naquele momento, não utilizavam a linguagem verbal como uma forma de comunicação. Pretendi sustentar que articular a leitura perspectivista a essa pergunta de pesquisa permite pensar a necessidade de encontrar contornos que incidam em um trabalho que não apague as diferenças, mas que as coloque em questionamento. Dessa forma, tomar os conflitos como inerentes às relações é assumir o lugar da equivocidade (Viveiros de Castro, 2018) e, a partir deste, encontra um novo que não está na direção do que é comum.

Esse percurso pelo perspectivismo problematiza algumas premissas de Aulagnier e abre para outros modos de operar com seus conceitos. Em especial aqui, sobre como a transferência coloca o analista em um estado de devir para entrar em contato com outro ponto de vista transversalmente e, para isso, é fundamental a própria afetação. Retomando, desse lugar, o objetivo dessa dissertação em paralelo a teorização psicanalítica de Aulagnier, é possível hipotetizar que a intervenção na análise passa por um constante rearranjo da articulação entre os três modos de funcionamento psíquico tanto para o analisando, como para o analista - para assumir o lugar de agenciado e agenciador. A direção de pensar sobre esses efeitos e suportá-los é colocar em questão o ponto de vista do analista e assumir que esse está no corpo, enquanto “suas potências e disposições” (Viveiros de Castro, 2018, p.66), ou seja, também delineando os traçados de suas resistências no encontro.

Esse foi o percurso teórico dessa pesquisa construído a partir da pergunta colo-

cada, como dito anteriormente, pelas reverberações vivenciadas por mim nos atendimentos clínicos. Na intenção de trazer à dissertação a minha experiência nessas transferências, construí três narrativas curtas cada uma de uma sessão, o que estabeleceu um contorno e delimitou o debate dessa pesquisa. A escolha pelos três atendimentos deu-se em função de como esses provocaram sensações físicas em mim - as quais tentei expor nas narrativas - e, por isso, convergem a questão levantada. Ao mesmo tempo, são cenas nas quais levanto como hipótese que nesses efeitos entre analista e analisando algo de novo foi produzido. É importante pontuar ainda que são escritos que têm o intuito de debater o que repercutiu dos encontros em mim e, nessa direção, utilizei neles analogias como uma ferramenta para marcar o lugar do ficcional na tentativa assumida de suspender uma pretensão pela busca de um realismo - saída encontrada para o conflito da transmissão do encontro.

Retomando o objetivo da pesquisa de como pensar as reverberações no corpo do analista a partir do recorte desses atendimentos, a cena a ser montada é a de um encontro, ou seja, da presença de dois pontos de vista, - da existência de uma diferença -, provocando disjunção entre perspectivas, o que tem como consequências transformações em ambas. Ou seja, para pensar os efeitos no corpo do analista também é importante perceber as formas pelas quais os dois corpos, nesse encontro, se agenciam e assim afetam um ao outro de maneira transversal. Nessa direção, as narrativas são um esforço de tentar transmitir os efeitos somáticos despertados em mim e, sob a minha ótica, quais os contornos desse encontro que os provocaram.

As três cenas foram escritas após o início do percurso do mestrado, já como um recurso buscado para propor um modo de discutir o objetivo dessa pesquisa. A análise das narrativas foram realizadas apenas após a escrita da primeira parte teórica desta dissertação e, para tal, considere algumas possibilidades de como decantar dos textos um debate capaz de pôr em questão os corpos no encontro transferencial. A releitura das cenas, posterior ao aprofundamento teórico, direcionou a percepção de contornos que, concomitantemente, conectam os textos e desmembra-os em si - no interior de cada um. Dessa forma, retirei das narrativas fragmentos que proporcionam um diálogo entre as cenas dentro de três constructos teóricos até aqui utilizados. Os pontos de foco que encontrei nas cenas e que me parecem essenciais para pensar a pergunta dessa dissertação foram os maneirismos, os agenciamentos e a transversalidade - três dimensões do encontro, ligadas ao corporal e capazes de provocar disjunções, isto é, de expor a multiplicidade. Essa escolha metodológica é uma aposta que elencar tais elementos, no *a posteriori* da escrita e do embasamento teórico, produzam novas associações, tal como um devir é capaz de agir

pela aliança entre o que é heterogêneo (Viveiros de Castro, 2018).

As três categorias encadeiam-se de maneira a construir uma ferramenta discursiva sobre o corpo e sobre as narrativas. Isto é, a intenção de separar, dessa forma, deu-se por uma aposta em aprofundar as questões do corpo no encontro, com a pretensão de delinear três aspectos que podem situar os dois sujeitos e seus movimentos na transferência. Na direção de cumprir tal proposta, as narrativas foram relidas por mim e delas recolhi trechos que comporiam cada uma das análises. Apesar da separação, ao longo da escrita, as análises se entrelaçaram e alguns trechos estiveram presentes em mais de uma discussão. O desdobramento de cada análise aproximou as categorias, misturando-as.

De forma análoga, a escrita da dissertação também percorreu essa estrutura ao propor uma articulação entre dois campos do saber para pensar a clínica e o corpo do analista. A proposta é que tal forma textual reflita a tentativa de produzir novas associações entre os elementos, não tomando ambas teorias puramente por suas correlações, mas que a sustentação de suas diferenças produza aberturas. A intenção foi impor ao texto um movimento de escrita que mimetiza a imagem de uma trança: sobrepondo, a cada momento, uma teoria, mantendo outra nos bastidores para preservar as articulações. Da mesma forma, deu-se a discussão das narrativas, fundamentada na primeira parte do trabalho escrito que pretendeu fazer emergir, no texto, o corpo trançando-o com a sustentação teórica. As três análises replicam o modelo da trança, pois elencam três categorias fazendo submergir alguns aspectos do trabalho, que não desaparecem, enquanto miram a discussão em um laço. Isto é, a proposta de uma afetação transversal necessária à clínica, que tem seus contornos intensificados pela especificidade da clínica com crianças com alguma recusa ao outro. Além disso, é importante salientar que esse movimento foi essencial para sustentar um espaço fora, uma vez que sigo atuando, até o momento, na mesma instituição em que ocorreram tais atendimentos, o que ocorreu durante todo o percurso do mestrado.

Essa foi a forma que encontrei para articular os questionamentos suscitados pela pergunta dessa pesquisa, pois permite que eu me aproximasse do seu objeto que também é o que me faz sujeito. Esse corpo que, simultaneamente, desaparece e afeta-se em uma dialética entre emergir e afundar na transferência, entre transformações do encontro, em um estado de devir.

7 AS NARRATIVAS E SUAS REVERBERAÇÕES

As cenas que serão apresentadas foram escritas entre o final de 2021 e início de 2022, cada uma é um recorte de uma sessão de três diferentes pacientes, que ocorreram nos anos de 2019, 2021 e 2022. Todos os atendimentos aconteceram na instituição que atuo, sendo eu a psicóloga responsável pela condução do tratamento clínico dos pacientes. As crianças tinham na época quatro, seis e sete anos e estavam em atendimentos semanais individuais em psicologia.

Os três têm o diagnóstico Transtorno do Espectro Autismo (TEA), um deles com dano neurológico e deficiência visual, decorrente de uma prematuridade extrema. Os outros dois não têm nenhum diagnóstico associado ao TEA. No momento do tratamento no qual ocorreram as sessões narradas, nenhum dos três utilizava a linguagem verbal através de palavras inteligíveis ou sons que parecessem direcionados à comunicação, faziam uso, por vezes, da busca pelo outro em uma condução direcionada. Como, por exemplo, pegando na minha mão e levando-a até a porta para abri-la mesmo que a alcançassem com as próprias mãos. Além disso, faziam buscas por movimentos estereotipados, descritos por Aulagnier (1986/1991b) como autossensoriais. Os três possuíam restrições alimentares importantes, mas apenas um deles foi diagnosticado com disfagia, em um período do seu desenvolvimento, o que obrigava que todos alimentos fossem triturados antes da ingestão. Nenhum deles possui feições sindrômicas, além disso, são corpos brancos, designados como masculinos, inseridos em núcleos familiares com pai e mãe biológicos presentes e, em nenhum momento, passaram por institucionalizações. Os pontos levantados aqui em suas similaridades e diferenças ganharão outros elementos ao longo das narrativas.

É importante, além dessa pequena caracterização dos pacientes, uma descrição do meu corpo. Pois, esse é tanto sujeito dessa pesquisa como objeto, da mesma forma que os pacientes das cenas narradas. Tenho um corpo branco, magro, designado como feminino, e, tal como Edu Lobo, “brasileiro, de estatura mediana”. Meus músculos não são substancialmente fortes, o que é compensado por um fôlego satisfatório. Essa relativa boa capacidade pulmonar talvez seja o que faz meu tom de voz elevar-se com frequência, principalmente, durante os atendimentos. Não tenho nenhuma dificuldade de locomoção, nem lesões atuais ou pregressas importantes. O único ponto que me aproxima de uma debilidade é uma visão monocular decorrente de significativa miopia que provocou o não

desenvolvimento da função efetiva do olho direito, e a necessidade do uso de lente de correção para o outro olho. Meus atuais vinte oito anos permitem que eu represente, socialmente e reconhecidamente, o lugar de adulta. Além do que, com uma paixão não tão correspondida pela literatura e música brasileira, tenho uma apropriação da linguagem verbal razoável, que me permitiu escrever esse texto. Isso tudo somado a uma agitação motora talvez justificada por um excesso de cafeína que também me deu subsídios para chegar nesse escrito. Enquanto clínica, desde o início da minha prática, ainda nos estágios, tive interesse e atuei no atendimento de crianças, além de buscar outros dispositivos clínicos, como participação em grupos terapêuticos e oficinas. Dessa forma, meu corpo-profissional foi colocado nas intervenções, como as expostas aqui, em uma multiplicidade tanto em atendimentos individuais, quanto em outros dispositivos clínicos. Esses são alguns signos que marcam a diferença do meu corpo e atravessam a relação com esses pacientes¹¹

7.1 Acrobata

Ao abrir a sala, a nova presença a modifica, suspende a formalidade de ser um espaço de atendimento dentro de uma instituição de saúde. O que chama atenção, deixa de ser as paredes excessivamente brancas ou os brinquedos à mostra. Passa a saltar aos olhos o aparecimento de um menino, que, na literalidade, desloca-se dando pequenos pulos por toda a extensão do ambiente, como um ginasta no início do solo. A sala se transforma em um picadeiro, o acrobata entrou.

Brinquedos são arremessados ao alto, e voam em direção ao teto até serem sugados pela gravidade em queda livre. Os móveis, especialmente as cadeiras, têm suas funções subvertidas, sendo deitados ao chão com as pernas ao ar. Ali permanecem, imóveis, esperando, enquanto o menino se movimenta entre e sobre eles, marcando, com seu saltitar, um ritmo allegro moderato. Sua magreza somada ao compasso de seus pulos imprimem

¹¹Aqui foram ressaltadas as particularidades dos maneirismos do meu corpo, entretanto, também é importante pontuar as diferenças sócio-políticas desses encontros. Sou uma pessoa de classe média, terceira geração familiar a poder frequentar a universidade, segunda a morar e primeira a nascer na capital. Os pacientes das narrativas são moradores da região metropolitana de Porto Alegre, o pai de um deles possui um pequeno negócio e os outros dois têm trabalhos formais de nível médio. Apenas a mãe de um deles tem um trabalho formal, as outras duas permanecem em tempo integral dedicadas aos filhos. São todos os primogênitos, dois tiveram o nascimento de uma irmã cada e o terceiro permanece filho único. Além disso, os três frequentavam espaços da rede de educação, mas não possuíam outro local com atendimento especializado de terapias na rede de saúde de média complexidade. Essas também são diferenças importantes que, por diversas vias, marcam uma maior distância condensada na minha vestimenta: o jaleco.

uma ideia de leveza extraordinária a quem o olha. Seus braços abertos elevados acima dos ombros e da cabeça criam a linha vertical mais longa possível da ponta dos dedos das mãos à ponta dos dedos dos pés. Esse movimento com os membros superiores tem um andamento mais lento que os impulsos de suas pernas, produzindo um aparente harmônico descompasso. Durante a execução dessa coreografia irrompem alguns sons de sua voz que chegam tão alto quanto os objetos jogados para cima, nos quais se distinguem vogais interpostas.

Entretanto, ao aproximar a lente nesse espetáculo, é possível perceber a complexidade montada na cena. A transparente leveza tem em seu cerne uma dureza excessiva - para iniciar e dar continuidade aos movimentos, esse pequeno acrobata realiza uma força imensurável. Por um funcionamento hipertônico, todo seu corpo se mantém em um perene estado de contração. Os pés de bailarina são, na realidade, decorrência de um encurtamento dos tendões, calcanhares que não tocam mais o chão. São os músculos enrijecidos do pulso ao cotovelo que mantém os braços estendidos, e a mão ora fechada, ora com os dedos estirados. Os gritos são emitidos em um mesmo tom, frequência, volume e timbre, sem modulação. Todas as partes do corpo enlaçadas por uma contração contínua. Talvez remonte os primeiros setenta e quatro dias de uma vida incubada, consequência de uma prematuridade extrema.

Uma possibilidade de aproximação ocorre pelo convite a me abaixar, o meu corpo e seus adereços provocam interesse - meu cabelo e minha máscara são tocados. Brinquedos complementam minha arquitetura: óculos que remetem a super-heróis tapam meu rosto, enquanto um pandeiro vira um chapéu a ser colocado e tirado da minha cabeça. Mas o intercâmbio das posições é obstruído, os objetos transformados em órteses do meu corpo são repelidos pelo acrobata, quando tento colocá-los nele.

Seu interesse me circunscreve. Posiciona-se nas minhas costas, de forma que não posso vê-lo, sigo escutando seus pés saltitando no chão. Uma contração irradia do centro da minha espinha e progressivamente se estende para a musculatura da minha lombar, e, como um abraço, fecha sua circunferência enrijecendo meu abdômen. Entretanto, esse fechamento não atenua, meus músculos não aliviam, é como se houvesse uma força pulsativa na porção final da minha medula que não cessa de não relaxar, mantendo meu corpo tenso. A mão espalmada encontra minhas costas ou minha cabeça com toda força do máximo de rigidez daquele corpo miúdo. Penso que é a espera pelo contato com essa mão que transforma meus movimentos involuntários em apertos. Essa é uma hipótese, por outro lado, poderia ser que a reação do meu corpo mimetiza o do meu paciente, meus

músculos se contraem e não destensionam da mesma forma como ele mantém seu padrão hipertônico.

Abro a torneira, o som da água escorrendo pelo ralo suspende a atenção por mim e pelos objetos. Proponho uma brincadeira de encher potes e esvaziá-los, o que faço sozinha. Entretanto, algo permanece, o acrobata segue olhando para a pia, coloco então a minha mão e o convido a fazer o mesmo, o que o afasta ainda mais, agora perdi até seu olhar. Insisto por uma reaproximação, arranco o papel toalha do suporte da parede e o ofereço, primeiro na mão, depois tocando-o no braço. As suas mãos se contraem agora em torno desse objeto, amassando-o: o movimento ganha função. Os saltos e o estender dos braços são interrompidos, só retornam quando, após jogar o papel na pia, aguarda que eu me aproxime com ele molhado, quase desfazendo-se na minha mão. Nesse percurso de alguns segundos, em que afasto o papel pingando da água corrente em direção ao seu braço, ele o ergue para me alcançar. Esse movimento contém um conflito invisível, ao estender o braço parado em frente ao corpo, seus músculos precisam fazer uma força oposta a contração muscular involuntária que percorre seus nervos. Mesmo assim agora aparenta estar relaxado, como se a iminência de se umedecer, em alguma medida, liquifizesse sua rigidez.



Jovem acrobata com bola, Pablo Picasso, 1905

7.2 São João

O acender e apagar da luz transforma-se em uma brincadeira de dormir, passamos meses em que ao tocar no interruptor para a direita emito um “bom dia!”, alternando em reposicioná-lo para a direita e enunciar “boa noite”. Com o passar do tempo, alternamos entre quem anuncia o divino “faça-se a luz”.

Essa se torna uma das brincadeiras da nossa festa semanal. Celebração jejuada, pois, apesar de seus quatro anos, essa criança recusa quase tudo que não é leite. O que tem consequências evidentes em toda sua caracterização. Não só o seu corpo parece quebra-diço, mas seus movimentos denotam uma lentidão extrema, por vezes uma imobilidade, permeada por um excesso de cuidado e medo. Minha presença parece inibi-lo ainda mais, como se eu o assustasse, é um constante desconforto entre uma ânsia por um fazer que talvez o aterrorize.

Nas brincadeiras de derrubar, meus carrinhos percorrem a mesa até chegarem ao seu abismo e cair, já os seus são delicadamente tomados em suas mãos e, por ele, posicionados no chão. Dessa forma, nossos encontros são musicados por um “cai, cai balão” em ritmo de valsa. Há aí um descompasso entre nossas danças, sinto minha agitação crescente ao seu lado, uma tentativa desesperada de contagiá-lo, como se essa fosse a forma de provocar sua movimentação. O mesmo está na fala, é preciso que eu me contenha para não preencher com a minha voz todo silêncio que recai sobre a sala. Passam-se meses de atendimento, nos quais seus únicos sons são algumas vogais ditas em sussurros. Mas também há a ausência de outros barulhos, pois a delicadeza com que se move e brinca é tanta que não parece deixar restos de ruídos. Assim são as sequências de nossas semanas, mas em todo calendário, há um solstício de inverno.

Ele apaga a luz, o que faz com que eu me posicione e comece a encenação: deito com as costas no chão e tenho como última imagem o teto da sala antes de cerrar os olhos e simular um sono. Mantenho uma fresta aberta para ainda ser acometida pela iluminação do acender da luz e partir para a próxima cena. Escuto seus passos rápidos ao meu redor, marcando o ritmo de um andar pela sala, que eu não enxergo. Talvez por estar com o rosto mais próximo ao chão, escuto em um volume maior o barulho que a ponta de seus pés fazem ao tocar o solo. Apesar de seu baixo peso, lembram a dança de uma quadrilha apressada e solitária. Junta-se a esse som, estalinhos de objetos sendo arremessados para baixo. Os carrinhos de brinquedo e os potes de tinta que haviam ficado em cima da mesa onde brincávamos, tornam-se bombinhas que estouram no chão.

Enquanto isso, caminha em torno do meu corpo imóvel aproximando-se em seus pulinhos de pés equinos. Sinto a fragilidade de quem pode ser pisado e atingido por um objeto. O medo passa para meu corpo que se enrijece esperando um peso que o prene junto ao piso gelado. Temor que cresce na medida em que o tempo passa e suas ações, que ocupam a sala, parecem se acelerar. Começo a perder a imagem mental de por onde se movimenta. O que, em outras vezes, foi uma brincadeira que durou segundos, passa a se estender, e sinto, no meu corpo, uma agitação constante que tento conter. Não é a primeira vez que sinto tal agitação com ele, ela surge em quase todos os atendimentos, mas normalmente está ligada a sua imobilidade, a lentificação de seus movimentos que respondo quase com o ímpeto de completá-los. Essa é a primeira vez em que ele se movimenta e eu não. Agora a paralisia está em mim. Dessa música, ele é o sanfoneiro solo, ao som dos seus pés e objetos, juntam-se inclusive pequenas vocalizações entoando um canto. Escuto sua voz em um volume muito maior do que nas outras sessões.

Tenho que me fiar na audição enquanto aguardo a noite findar, não escuto uma movimentação para o acender da luz. Sinto a tensão dos músculos dos meus braços esticados ao lado do corpo, uma mistura de expectativa e movimento interrompido. E eu sigo dormindo, assim como São João Batista, a espera que me acordem.

Capelinha de melão
é de São João
É de cravo, é de rosa, é de manjeriço
São João está dormindo,
não me ouve não
Acordai, acordai, acordai, João

7.3 Prendedor

No horário do atendimento, saio da minha sala e me posiciono na recepção. Observo enquanto outros pacientes se afastam de seus familiares e rumam as salas dos atendimentos acompanhados de seus terapeutas. Nas sessões anteriores, combinamos que seria dessa forma, pedi para que chegassem um pouco “atrasados”, assim, não precisam ficar na sala de espera, a desconforto da inércia do sentar parece insuportável. E, assim, o aguardo.

Aguardo alguns minutos até que o vejo passar pelo portão segurando a mão de sua mãe. Aproximo-me, convidando-me para acompanhá-los oferecendo um cumprimento para pegar sua outra mão. A mãe me alerta que ele segura um pedaço do que foi o ferro

de um prendedor de roupas, o que não é algo incomum, afirma que já havia tentado tirar antes de virem para o atendimento, mas que não teve sucesso. Em casa, não mais tem acesso aos prendedores, porque desmonta-os para manter consigo essa parte, a mãe relata que foi um acaso ter encontrado um nesse dia. Arrancar de sua mão provoca um desespero imediato e irremediável. Meu braço ficou esticado no ar, e minha mão aberta em espera, enquanto a sua permanece fechada, junto ao corpo, de maneira que nem enxergo a forma do que segura. Dobrando-me e recolhendo o cumprimento, posiciono-me então na frente de sua mãe e troco sua mão pela minha de forma sutil o suficiente para que ele pouco fique sem a mão cerrada em torno da outra. Não sei o quanto reconhece a nova roupagem de quem o acompanha, mas seguimos para a sala.

Entrando, sento em uma cadeira de escritório e, eu me posiciono em outra, ao seu lado. Ambos estamos na altura da mesa, fica interessado em uma folha branca que está ao seu alcance. Como um telespectador entusiasmado, observa o papel, sinto sua excitação crescendo, na medida em que aperta a ponta dos dedos de ambas as mãos afastadas enquanto o prendedor permanece em sua palma direita. Enxergo toda a força que aplica contraindo não só seus braços, mas todo seu corpo, forma-se em seu rosto um bordado com as linhas de expressão que o cerrar dos dentes provoca. É seguido desse movimento que o escuto vocalizar pela primeira vez nesse dia, ainda que em volume baixo.

Tentando acompanhar e dar materialidade a seus movimentos, começo a rasgar a folha, ao que ele não me acompanha com as mãos, mas seu olhar se direciona ao meu ato. Levanto o papel até meu rosto e cada vez que o rasgo, trocamos olhares, pareço uma sequência da folha parada na mesa, pois não há modificação nele, igualmente se anima aperta os dedos e emite o som de algumas vogais. Enquanto isso, na mesa entre nós, os fiapos de papel vão se emaranhando.

Algo produz uma mudança. Ele sai de onde está sentado e, como se o chão fosse lava, passa para a minha cadeira. Espremidos no mesmo assento não mais podemos manter contato visual, alinho seu corpo de modo a fazê-lo sentar no meu colo, com as costas em meu peito. Meu corpo se transforma em sua cadeira e, da minha, aproveito suas rodas para aproximá-la do espelho localizado na parede oposta da sala. Assim, posso voltar a ver seu rosto e crer ser vista também.

Nessa posição, nossos 70 centímetros de diferença fazem com que seus tênis toquem minha calça. Faz uma rotação extensiva de suas pernas de forma a encaixar perfeitamente como um botão o peito do pé na parte posterior da minha panturrilha. Seguindo seu movimento, posiciono meus membros superiores de forma a manter seu antebraço

sobre o meu, e minha mão sob a sua, tentando entrelaçar nossos dedos, o que só consigo de princípio em sua mão esquerda. Na direita, o prendedor fica comprimido entre minhas unhas e sua palma. Passo uma das partes do ferro no vão entre meu anelar e mindinho, afasto-os enquanto pressiono os outros dedos em direção aos seus, sem deixar de mover todo meu braço e o seu, por consequência. Nossas mãos permanecem sobrepostas, mas abro os dedos descosturando o que sustentava o prendedor, que cai como uma agulha perdida entre os novelos de papel picado que cobrem o chão. Não sinto seu peso sobre minhas pernas, talvez pela sua magreza, talvez porque, nessa “desordem do armário embutido”, nem o percebo. O que se contrai são os músculos dos meus ombros até minhas mãos, faço força para juntá-las na linha média dos nossos corpos, enquanto ele, por vezes, faz força na direção oposta. Não sei se por não querer juntar suas mãos e rasgar o papel ou se em uma repetição dos movimentos dos braços ao lado do corpo com as mãos fechando-se no ar.

No vai e vem de nossos braços, alternando qual das forças ganha mais intensidade, criamos um ritmo. As vocalizações ganham uma percussão dos pés tocando o chão e das mãos rasgando as folhas. Os retalhos brancos formam uma nova camada que cobre nossos corpos. Agora é a quatro mãos que tricotamos esse tecido de papel que passa a se enredar em nosso colo, enquanto enredamos nossos corpos.

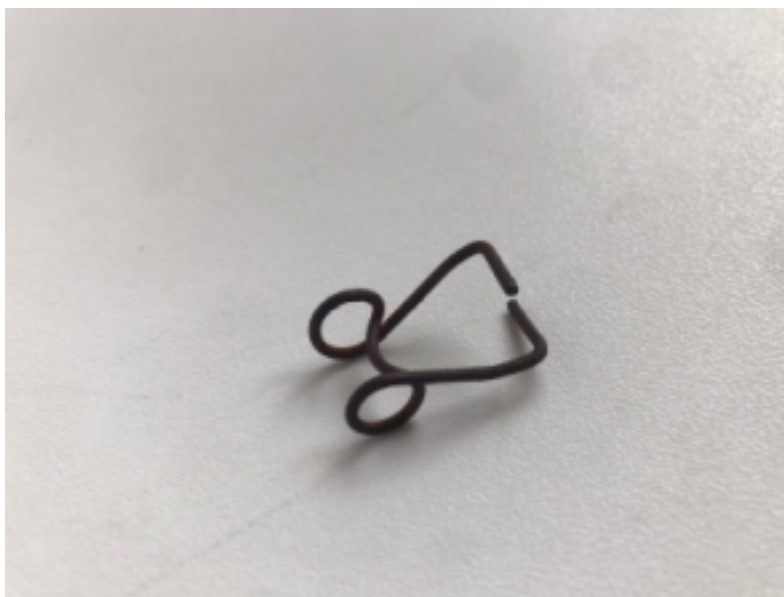


Foto do ferro do prendedor

7.4 Maneirismos

Para a análise das cenas, compreendi como necessário iniciar o processo a partir de um ângulo de visão amplificado para, posteriormente, adentrar no encontro entre os corpos. Em função disso, a primeira discussão traz os recortes que dão a ver a multiplicidade de formas de vida em seus diferentes modos de assumirem um ponto de vista, isto é, em seus diferentes maneirismos corporais. Para tal, é importante retomar o que é esse conceito sob a ótica perspectivista.

O que estamos chamando de "corpo", portanto, não é uma fisiologia distintiva ou uma anatomia característica; é um conjunto de maneiras ou modos de ser que constituem um habitus, um ethos, um etograma. Entre a subjetividade formal das almas e a materialidade substancial dos organismos, há esse plano central que é o corpo como feixe de afetos e capacidades, e que é a origem das perspectivas. Longe do essencialismo espiritual do relativismo, o perspectivismo é um maneirismo corporal (Viveiros de Castro, 2018, p.66).

Nesse sentido, tomei como termo para debater esses fragmentos o maneirismo corporal, uma vez que este abrange não apenas a fisiologia, “mas aos afetos que atravessam cada espécie de corpo, as afecções ou encontros de que ele é capaz (para evocarmos a distinção espinosista), suas potências e disposições” (Viveiros de Castro, 2018, p.66). Ao não restringir o aparelho somático a um efeito puramente biológico e instintivo, o perspectivismo relaciona o conjunto de formas que o corpo assume à intencionalidade de cada ser. Isto é, afirma que através do corpo cada um habita um ponto de vista, marcando sua diferença na forma como é afetado e transita entre os encontros.

A escolha do termo maneirismo corporal como um dos vetores de análise, diz do modo como uma forma de vida assume uma perspectiva. É importante pontuar que não se trata de uma pura expressividade de um ato de revelação de uma essência. O corpo não se limita ao fisiológico, entretanto, também não é desassociado deste. Ao compreender a condição de humanidade como imanente - e não transcendente -, o perspectivismo presume que cada corpo é dotado de um potencial de intencionalidade, portanto, cada ato é passível de ser interpretado enquanto uma manifestação da cultura. Ao ver a si mesmo como humanos, as ações de seus corpos também são humanas, ou seja, “os não-humanos veem as coisas como os humanos as vêem - isto é, como nós humanos as vemos em nosso departamento. Mas as coisas que eles veem, quando vêem como nós vemos, são outras” (Viveiros de Castro, 2018, p.64) - o sangue/cerveja. Dessa forma, o ato de se alimentar,

por exemplo, evoca diversas dimensões relacionadas à ontologia e não só a saciedade de uma necessidade vital e é capaz de implicar diretamente a ameaça à posição de humanidade no encontro - “não há existente que não possa ser definido nos termos relacionais gerais de sua posição em uma escala relativa de potência predatória” (Viveiros de Castro, 2018, p.45).

A percepção de uma intencionalidade nas ações e formas de afeto apontam à subjetivação dos maneirismos corporais e, conseqüentemente, à importância desses como fundamentais para pensar as formas de vida. Tal concepção perspectivista conjuga, portanto, um lugar para o corpo como um instrumento ao ser, que não é uma resposta de uma posição universal. Mas um corpo que pela apropriação de maneirismos transmuta seu próprio ponto de vista. A hipótese aqui é que há a possibilidade da construção de pontos de aproximação desse aspecto perspectivista à metapsicologia de Aulagnier, uma vez que a psicanalista também parte da prerrogativa que o corpo é uma construção articulada pelo aparelho psíquico e pela relação que esse estabelece com o externo. Aulagnier (1986/1991b) ressalta a impossibilidade de uma existência que não seja constantemente movida pelas sensações, ou seja, aponta a existência de uma "fonte somática da representação psíquica do mundo"(p.145).

Pensar o corpo a partir das proposições de Aulagnier não desmobiliza a proposta perspectivista, essa é a articulação proposta nesse escrito. Como dito anteriormente, a antropologia de Viveiros de Castro tem espaço nessa dissertação na medida em que permite uma multiplicidade de questionamentos às estruturas na qual se sustenta a psicanálise, especialmente, ao questionar a prerrogativa do universal inscrevendo o multinaturalismo. Essa é uma proposta que tensiona determinados pontos da teoria, entretanto, pode estabelecer diferentes bases para a sustentação da metapsicologia de Aulagnier. Dessa forma, pôde estabelecer alguns contornos dos maneirismos dos pacientes na análise das cenas. Para tal, é importante retomar aspectos abordados ao longo do texto sobre essas proposições e suas intersecções.

Aulagnier (1975/2001) encontra na representação uma função fundamental do aparelho psíquico. Essa é constituída pelo exercício do processo originário, primário e secundário, que produzem, respectivamente, três formas distintas: o pictograma, a fantasia e o enunciado. Essas formas de representação não são apenas modos de compreender o mundo, para além disso, esse processo é o que constitui o projeto identificatório do Eu, ou seja, é essencial à representação, não apenas do mundo, mas de si - o que também implica o próprio aparelho somático em suas sensações e percepções. Esse trabalho psíquico

é constante, ao mesmo tempo em que a psique determina suas relações pelas representações, essas também as modificam, o que estabelece um estado de tensão ininterrupto. É a tentativa de apaziguá-lo que mantém o funcionamento psíquico, pela formação de novas representações. As excitações, portanto, precisam ser metabolizadas para assim serem representadas. Contudo não se trata de um encontro passivo, em que o sujeito apenas recebe do externo e realiza esse trabalho psíquico. Ao mesmo tempo em que se constitui nesse processo, há uma atividade na busca ou evitação de determinados estímulos, e esse modo como cada um se posiciona é consequência do funcionamento psíquico - o que retoma a concepção do maneirismo corporal enquanto forma de estar. Ou seja, no modo como, concomitantemente, produz e sofre agenciamentos nas relações.

É a articulação entre os três modos de funcionamento do aparelho psíquico que perpassa o agir. Em decorrência disso, é possível, em um tratamento, tomar uma posição interpretativa de ler metapsicologicamente uma transferência. Como trabalhado anteriormente no capítulo sobre a clínica, uma recusa ao outro e uma repetição na busca por estímulos autossensoriais podem ser consequências de uma insistência da representação pictográfica em seu postulado de autoengendramento e da complementaridade da zona-objeto. Isto é, uma vez que o processo originário não reconhece a existência de algo externo, a totalidade dos estímulos é representada como autoproduzida. Consequentemente, não há possibilidade de distinção entre o que pode ser causa de uma sensação em um encontro da zona erógena com um objeto; o prazer ou desprazer está nessa união, ou seja, “a complementariedade zona-objeto e seu resultado é a ilusão de que toda zona autoengendra o objeto adequado a ela” (Aulagnier, 1975/2001, p.55). Um corpo capaz de moldar-se a um espaço, em uma integração dos limites da fisiologia com o que o toca, e, por outro lado, uma angústia de perda do corpo, com a necessidade de alterar o espaço: *a desconforto da inércia do sentar parece insuportável* (Prendedor). Dessa forma, o movimento de integração pode ser o próprio corpo em sua dimensão estática como também em seu funcionamento dinâmico: *passa a saltar aos olhos o aparecimento de um menino, que, na literalidade, desloca-se dando pequenos pulos por toda a extensão do ambiente, como um ginasta no início do solo* (Acrobata). Esses são dois trechos com vetores de cinesia opostos mas que apontam na mesma direção da inércia da continuidade. Tal possibilidade de leitura amplia o entendimento do que são os contornos de um corpo, contribuindo com a proposição de que a circulação de um maneirismo é também um modo de habitar um espaço.

Da mesma forma, podem acontecer resistências à troca de postura, ou seja, à in-

terrupção da inércia propioceptiva. Além disso, o corpo também aplica seus movimentos no espaço: *Brinquedos são arremessados ao alto, e voam em direção ao teto até serem sugados pela gravidade em queda livre. Os móveis, especialmente as cadeiras, têm suas funções subvertidas, sendo deitados ao chão com as pernas ao ar. Ali permanecem, imóveis, esperando, enquanto o menino se movimenta entre e sobre eles, marcando, com seu saltitar, um ritmo allegro moderato. Sua magreza somada ao compasso de seus pulos imprimem uma ideia de leveza extraordinária a quem o olha. Seus braços abertos elevados acima dos ombros e da cabeça criam a linha vertical mais longa possível da ponta dos dedos das mãos à ponta dos dedos dos pés. Esse movimento com os membros superiores tem um andamento mais lento que os impulsos de suas pernas, produzindo um aparente harmonioso descompasso. Durante a execução dessa coreografia irrompem alguns sons de sua voz que chegam tão alto quanto os objetos jogados para cima, nos quais se distinguem vogais interpostas (Acrobata).* Aqui é possível perceber como os movimentos do corpo incidem sobre o espaço, em um conflito que cada ser tem com a arquitetura de seu corpo e dos lugares.

Nessa situação clínica, há outro aspecto que ganha destaque, como relevante à compreensão do aparelho somático, isto é, encontra-se a incidência de padrões orgânicos, que por uma diversidade de causas insiste no corpo - *remonta os primeiros setenta e quatro dias de uma vida incubada, consequência de uma prematuridade extrema (Acrobata).* Uma lesão no sistema nervoso ou uma alteração cromossômica pode incorrer em efeitos sobre a musculatura, por exemplo, que têm como consequência estímulos constantes ou sua pouca eficácia e ausência. Para que se suceda a alteração do padrão, é necessário que ocorra um esforço com intensidade contrária, pois não há intervalo à força de empuxo padronizada *A transparente leveza tem em seu cerne uma dureza excessiva - para iniciar e dar continuidade aos movimentos esse pequeno acrobata realiza uma força imensurável. Por um funcionamento hipertônico, todo seu corpo se mantém em um perene estado de contração. Os pés de bailarina são, na realidade, decorrência de um encurtamento dos tendões, calcanhares que não tocam mais o chão. São os músculos enrijecidos do pulso ao cotovelo que mantém os braços estendidos, e a mão ora fechada, ora com os dedos estirados. Os gritos são emitidos em um mesmo tom, frequência, volume e timbre, sem modulação. Todas as partes do corpo enlaçadas por uma contração contínua (Acrobata).* É possível construir a hipótese de uma dificuldade de representar marcando uma diferença do processo originário, pois cessar os movimentos pode exigir mais força do que sua continuidade, uma vez que é necessário a ação de uma força contrária a que irradia nos

próprios músculos. Dessa forma, o aparelho psíquico encontra-se em constante tensão, em que o menor limiar do estímulo talvez seja o próprio movimento constante, pois é um corpo marcado pela contração involuntária. Nessa direção, é válido considerar como essa dificulta a modulação da força e, conseqüentemente, da manipulação de objetos em uma maior multiplicidade dos atos exploratórios, uma vez que os impulsos neuronais insistem de forma intensa e constante, o que provoca que os gestos também sigam um mesmo padrão. O ato de pegar para aproximar é distanciando se o movimento constante é o de arremessar o que está na mão. Importante pontuar ainda que é significativo para uma criança experimentar a ação de jogar o que apreende, inclusive para a própria construção da permanência de objeto ao deparar-se com sua ausência. Entretanto, é possível levantar como questão a necessidade da variedade de explorações para a construção de uma maior multiplicidade também das ações de cada maneirismo corporal.

Nessa mesma direção, há outro movimento análogo pela repetição, mas diverso na distância e nos efeitos de estímulo produzidos: a atividade autossensorial. Aulagnier (1986/1991b) afirma que, no funcionamento próprio do processo originário, em função do não reconhecimento do externo, toda representação é autoengendada por uma zona-objeto. Ao não suportar a cisão entre o que lhe é externo, o sujeito só é capaz de interpretar as ações como tendo a si como agente, dinâmica que também interrompe a construção de uma diferença entre o próprio corpo e os contatos que poderá fazer. Pois, atividade autoerótica “depende da introjeção de uma imagem do objeto que dá corpo a uma fantasia” (Aulagnier, 1975/2001, p.173), isto é, exige a construção de uma zona-erógena marcada por circuito pulsional que busca o encontro com um objeto. Enquanto a atividade autossensorial mantém a prerrogativa do autoengendramento, no qual não há distinção entre o interno e o externo, marca-se também a impossibilidade de um erotismo. O que está presente é uma zona-objeto complementar, ou seja, a indistinção das zonas libidinais. Dessa forma, a atividade autossensorial produz, na psique, estímulos representados pictograficamente, logo, o aparelho psíquico mantém sua função. Entretanto, a permanência desse movimento não impõe a existência de uma relação capaz de abrir para outras formas de representação. O que provoca que o estímulo percebido, em tal movimento, fabrique um efeito somático que sustenta a própria manutenção da vida psíquica, uma vez que não infringe o desprazer do reconhecimento do outro, nem a imobilidade da inexistência de um trabalho da psique. Dito de outro modo, a atividade autossensorial é uma tentativa de regular o menor limiar de mudança possível para a continuidade da vida, ou seja, as alterações provocam tanta angústia que o sujeito protege-se mantendo o máximo de con-

tinuidade possível tanto no mundo, como em suas sensações (Aulagnier, 1986/1991b).

Aulagnier (1986/1991b) discorre sobre o estímulo dessa zona-objeto enquanto um encontro sensorial.

O objeto não é nada mais, nem outra coisa que a sensação de dureza característica dessa coisinha de madeira ou ferro que a mão tritura e manipula com gestos estereotipados, esse movimento repetitivo que a derruba, a faz dar voltas, para que a mão volte a recolhê-la (Aulagnier, 1986/1991b, p.147).

Ou seja, é pelos efeitos táteis, cinestésicos, visuais, olfativos, auditivos ou gustativos que o movimento é mantido. Ao não ser representado como algo externo, o objeto é também parte do próprio ser e sua perda tem efeito de destruição cessado no reencontro de algo que produza uma sensação análoga. *A mãe me alerta que ele segura um pedaço que foi o ferro de um prendedor de roupas, o que não é algo incomum, afirma que já havia tentado tirar antes de virem para o atendimento, mas que não teve sucesso. Em casa, não mais tem acesso aos prendedores, porque desmonta-os para manter consigo essa parte, a mãe relata que foi um acaso ter encontrado um nesse dia. Arrancar de sua mão provoca um desespero imediato e irremediável* (Prendedor).

Assim como não há distinção entre interno e externo, na atuação do processo originário, o prazer ou desprazer são percebidos como totais. Isto é, quando percebe no encontro a “ausência do objeto ou na sua inadequação, por excesso ou por defeito, apresentar-se-á como ausência, excesso ou defeito da zona mesma” (Aulagnier, 1975/2001, p.55). Da mesma forma, “qualquer que seja a zona-objeto privilegiada pela figuração, toda experiência de prazer o é só graças a irradiação totalizadora do prazer experimentado” (Aulagnier, 1975/2001, p.86). Como um telespectador entusiasmado, observa o papel, sinto sua excitação crescendo, na medida em que aperta a ponta dos dedos de ambas as mãos afastadas, enquanto *o prendedor permanece em sua palma direita. Enxergo toda a força que aplica contraindo não só seus braços, mas todo seu corpo, forma-se em seu rosto um bordado com as linhas de expressão que o cerrar dos dentes provoca* (Prendedor). A partir desse momento narrado, pode-se reconhecer que há algo que ele vê que é capaz de motivar um prazer que se expressa em todo o corpo, além de todos os outros estímulos sensoriais que o tocam, naquele momento, serem também tomados como prazerosos. Intrigante leitura possível a partir dessa formulação que ao mesmo tempo que sustenta o postulado do autoengendramento, como a não existência de um externo, talvez instigue a própria construção de um corpo unificado, uma vez que nesse total da percepção do prazer e do desprazer há uma integração dos sentidos.

Além disso, é interessante retomar a afirmativa de Aulagnier que os três processos psíquicos seguem coexistindo em todos os sujeitos, o que pode encaminhar o debate a considerar que, em alguns lugares, o prazer e o desprazer irradiam pela totalidade dos sentidos. Isso porque

... entre os estímulos captados por nossos receptores sensoriais, alguns em função da qualidade e intensidade da excitação, entretanto, ainda mais em função do momento no qual se efetiva o encontro zona-estímulo, serão fonte de uma experiência sensorial capaz de levar sua irradiação ao conjunto das zonas (Aulagnier, 1986/1991b, pp.140-141).

A questão que pode ser colocada é como há também uma articulação entre o aparelho somático e o psíquico, inclusive na dimensão da realidade, como os efeitos de uma lesão. Ou seja, há consequências nos afetos e nos movimentos ao se ter músculos tensionados intensamente e constantemente.

Nessa direção, é importante pensar quais os efeitos possíveis dessa forma de representação quando o afeto presente é o desprazer. Aulagnier (1986/1991b) coloca que o desprazer é provocado quando o encontro com o objeto é marcado por sua ausência, inadequação ou excesso. Nesses momentos, há uma tentativa de apagamento de toda essa zona corporal, uma vez que não é possível um afastamento do objeto, pois ambos formam um único elemento psiquicamente. Em outras proposições teóricas, Aulagnier (1977/2016) realoca o desprazer em um contato com o ato desejante: o desejo de deixar de desejar. Marisa Rodulfo (2001) articula esse desprazer e desejo com efeitos de inscrição negativa das zonas corporais, isto é, no ponto em que o sujeito percebe a ausência, inadequação ou excesso do encontro zona-objeto há uma tentativa de apagamento dessa. O que ocorre, portanto, não é uma mutilação efetiva, mas de sua função, ou seja, junto com o objeto, se tenta perder a zona: “que os olhos veem, mas não enxergam ou que as mãos não pegam os objetos, senão se limitam ao *flapping*” (Rodulfo, 2001, p.73). Assim, há uma tentativa de provocar a inexistência da zona, ao deixar de receber determinados estímulos e, portanto, de deixar de desejar.

Por outro lado, é interessante investigar como a boca tem um lugar privilegiado na constituição subjetiva. Aulagnier (1975/2001) aponta que o binômio boca-peito cumpre uma necessidade vital, que tem função de protetização, pois o peito torna-se parte do próprio corpo - quando em um encontro prazeroso. Entretanto, há situações em que esse é marcado pelo desprazer. Esse desenrolar retoma as consequências colocadas acima sobre a inscrição negativa e o apagamento da função de um órgão. Ou seja, a partir

dessa chave de leitura é possível de se pensar nos sintomas de restrições alimentares e emudecimentos como manifestações da inscrição negativa - de uma marca de desprazer que apaga a zona em sua função. *Celebração jejuada, pois, apesar de seus quatro anos, essa criança recusa quase tudo que não é leite. O que tem consequências evidentes em toda sua caracterização. Não só o seu corpo parece quebradiço, mas seus movimentos denotam uma lentidão extrema, por vezes uma imobilidade, permeada por um excesso de cuidado e medo Passam-se meses de atendimento, nos quais seus únicos sons são algumas vogais ditas em sussurros. Mas também há a ausência de outros barulhos, pois a delicadeza com que se move e brinca é tanta que não parece deixar restos de ruídos* (São João). Aqui há dentes que, por poucos momentos, deixam de estar cerrados, mantendo a boca em um lugar de inexistência tanto à introjeção do alimento, como à projeção da voz.

Esses movimentos de análise dos maneirismos recortam trechos das cenas que apontam, principalmente, às formulações do funcionamento do originário - como teorizado por Aulagnier. Efetivamente, essa foi uma tentativa, na dissertação, de traçar alguns pontos de intersecção entre os casos clínicos com a leitura dos processos de representação da metapsicologia da autora, a partir do enlace com as narrativas. A proposta dessa análise foi trazer luz aos modos que as crianças das narrativas colocam em cena seus afetos e qual o uso que fazem de suas vias sensoriais. Isto é, no limite, dizer sobre as formas que se relacionam com seus corpos. É importante pontuar ainda que essa é uma leitura realizada a partir da escrita de cenas de uma sessão com cada criança, e são hipóteses levantadas que conjugam proposições calcadas na transferência que vivenciei com esses pacientes. É, portanto, um desenho delimitado em uma dimensão do tempo, tanto do estabelecimento desses encontros transferenciais, quanto do escrito aqui, pelos encontros teóricos produzidos. Nesse sentido, essa análise teve a pretensão de ressaltar alguns pontos das maneiras pelas quais esses sujeitos constituem seus corpos para seguir a investigação sobre os modos de agenciamento no encontro do analista com o analisando.

7.5 Agenciamentos

A proposta aqui foi de tomar os maneirismos corporais como uma categoria capaz de movimentar o pensar sobre os modos como cada corpo percebe e busca determinados estímulos sensoriais, além da forma como esses têm e são efeitos da realidade orgânica do aparelho somático. Tais proposições trabalhadas derivam, neste segundo momento, a considerar quais as consequências desses maneirismos no encontro com o outro - cir-

cunscrito, nessa pesquisa, à sessão de análise e ao encontro transferencial. Para enlaçar as mudanças que os corpos sofrem e provocam, irei me deter no termo agenciamento, também retirado do perspectivismo ameríndio que compreende o ser enquanto essa “unidade representativa puramente pronominal - é humano quem ocupa vicariamente a posição de sujeito cosmológico; todo existente pode ser pensado como pensante (‘isto existe, logo isto pensa’), isto é, como ‘ativado’ ou ‘agenciado’ por um ponto de vista” (Viveiros de Castro, 2018, p.65).

Nesse ponto, é importante retomar a instabilidade do mundo ameríndio, pois, na medida em que, a condição de humano não é um atributo de determinada matéria, mas está em articulação com o contexto, não há uma garantia que sustente tal condição de forma perene. “Nas cosmologias ameríndias, o mundo real das diferentes espécies *depende* de seus pontos de vista, porque o ‘mundo em geral’ consiste nas diferentes espécies, e o espaço abstrato de divergência entre elas enquanto pontos de vista” (Viveiros de Castro, 2018, p.92). Ao argumentar pelo multinaturalismo e romper com a concepção de um mundo uno que dita o universal, o perspectivismo coloca em debate que as hierarquias entre as espécies não são fixas, logo, há um constante estado de ameaça. Este é ilustrado na cena mítica fundamental do encontro na mata, na qual um humano sozinho depara-se com outro ser, o que pode retirá-lo de sua posição, pois “duas espécies diferentes, necessariamente humanas para si mesmas, não podem jamais sê-lo simultaneamente uma para a outra” (Viveiros de Castro, 2018, p.172).

A forma canônica desses encontros sobrenaturais consiste, então, na intuição súbita de que o outro é humano, entenda-se, que ele é o humano, o que desumaniza e aliena automaticamente o interlocutor, transformando-o em presa – em animal. E este, enfim, seria o verdadeiro significado da inquietação ameríndia sobre o que se esconde sob as aparências. As aparências enganam porque nunca se pode estar certo sobre qual é o ponto de vista dominante, isto é, que mundo está em vigor quando se interage com outrem. Tudo é perigoso; sobretudo quando tudo é gente, e nós talvez não sejamos (Viveiros de Castro, 2018, p.344).

Dessa forma, a condição de humanidade pode ser sempre perdida e conquistada, na medida em que, as capacidades de agenciamento são colocadas no momento do encontro com o outro.

A partir da imagem desse quadro, é possível considerar que o encontro entre dois seres é sempre o encontro entre duas perspectivas. Em outras palavras, é a colocação em cena das diferenças, uma vez que todos “são centros potenciais de intencionalidade,

que apreendem os demais existentes segundo suas próprias e respectivas características ou potências” (Viveiros de Castro, 2018, p.42). Tal contato é disparador de um conflito na tentativa de cada um ao deparar-se com a indeterminação do encontro, já que não é possível saber no *a priori*, “o conhecimento verdadeiro visa a revelação de um máximo de intencionalidade, por via de um processo de ‘abdução de agência’ sistemático e deliberado” (Viveiros de Castro, 2018, p.51). Por isso o lugar privilegiado do xamã, nesse movimento de diálogo interespecífico, enquanto esse capaz de transitar sem perder sua condição, ou seja, pode ser agenciado de outro ponto de vista sem perder sua humanidade e, concomitantemente, revelando o potencial de intencionalidade do outro. O delicado equilíbrio, que a posição xamânica exige, evidencia a existência de agenciamentos próprios de cada encontro, isto é, do confronto entre dois pontos de vista onde estão colocados movimentos de produção de diferença, na medida em que há um mútuo agenciamento.

Tomando essas hipóteses, construídas a partir das proposições de Viveiros de Castro, é possível transpor essa dinâmica do encontro a questionar os agenciamentos que são produzidos no encontro analítico. Dito de outro modo, reflete-se sobre de qual lugar cada ponto de vista - analista, analisando - tenta agenciar o outro. Considerando como princípio que a transferência é uma relação, na qual estão colocadas demandas distintas, há um percurso a conceitualizar sobre a diferença das duas posições, tal como traçado por Aulagnier (1977/2016). Para a psicanalista, o analisando busca, no espaço de análise, outra forma de colocar em funcionamento “os investimentos do Eu e, por consequência na sua economia identificatória” (Aulagnier, 1977/2016, p.18). Ou seja, são formas de colocar em curso seus ideais na função de antecipação, logo, marca a possibilidade de construção de um projeto identificatório que sustente seu Eu. Enquanto, do lugar de analista, o que está traçado no horizonte, é a sua relação com a teoria em constante questionamento para formar as referências que sustentam sua prática clínica. Aulagnier (1977/2016) afirma que, para a manutenção dessa relação na direção do tratamento, é necessário que esta se estabeleça entre a simetria e a assimetria, isto é, com circunstâncias de simetria - em referências comuns - e uma assimetria que não seja abusiva. A suposição aqui é de que, para manter esse lugar transferencial tal como coloca Aulagnier (1977/2016), ambos os atores dessa relação são colocados a produzir agenciamentos em uma tensão constante pela busca de ativar sua perspectiva e colocando em evidência suas diferenças. É a hipótese sobre esse traço que buscarei destacar das cenas escritas durante essa categoria de análise.

Primeiramente, é importante retomar a especificidade das situações clínicas presentes nas narrativas; o encontro com três sujeitos que têm uma recusa ao outro circuns-

creve um lugar diferente do atendimento com adultos que procuram o espaço analítico à demanda e à posição do analista. A existência da alteridade pode impor ao mundo uma diferença impossível de ser sustentada pelo sujeito, retirando-o da continuidade passível que é representada pelo processo originário. Aulagnier (1986/1991b) aponta que a colocação em cena da violência primária é o que obriga o início de atuação do processo primário, por meio do porta-voz, enquanto esse que atua para a manutenção da vida somática e psíquica. Entretanto, em determinadas circunstâncias a presença da alteridade só é suportável em um pequeno limiar, caso contrário, as sensações produzidas nesse encontro a tornam intolerável. *Minha presença parece inibi-lo ainda mais, como se eu o assustasse, é um constante desconforto entre uma ânsia por um fazer que talvez o aterrorize* (São João). Esse é um questionamento incessante sobre qual o intervalo clínico da intervenção como uma mensuração constante da angústia. Nessa via, há uma forma singular de almejar o estabelecimento de uma relação sem que essa se direcione à assimetria abusiva - como colocado por Aulagnier (1986/1991b).

Nesse aspecto, a esperança equilibrista é não impor uma presença que torne o encontro insuportável, nem ser apagada ao ponto do não reconhecimento da alteridade. *Meu braço ficou esticado no ar, e minha mão aberta em espera, enquanto a sua permanece fechada, junto ao corpo, de maneira que nem enxergo a forma do que segura. Dobrando-me e recolhendo o cumprimento, posiciono-me então na frente de sua mãe e troco sua mão pela minha de forma sutil o suficiente para que ele pouco fique sem a mão cerrada em torno da outra. Não sei o quanto reconhece a nova roupagem de quem o acompanha, mas seguimos para a sala* (Prendedor). Posição complicada, em especial nessas situações, nas quais há a tentativa de uma busca pela repetição sensorial como possibilidade da representação pictográfica. Entretanto, a existência da alteridade, justamente, rompe com tal postulado, logo, ameaça a forma como cada sujeito se sustenta.

Em função da impossibilidade de construir representações por outros processos, “aos estímulos de fontes exteriores, o autista tentará opor seu poder de intrusão, exigindo a não mudança do meio que o rodeia” (Aulagnier, 1986/1991b, p.147). Nesse sentido, há uma intenção de proteger-se na medida em que garante a repetição idêntica, assim como o corpo “por momentos pode não existir senão por um movimento rítmico, e em um balanço, reduzido em sua totalidade a pura sensação do movimento que o anima” (Aulagnier, 1986/1991b, p.147). A hipótese aqui é que isso que o sujeito aplica ao próprio corpo e ao mundo é também colocado na relação com o outro, ou seja, há um apagamento da alteridade. Para o reconhecimento dessa, é necessário, primeiramente, um modo de existência

que suporte a presença do outro - o que é possível quando o outro assume uma posição análoga a atividade autossensorial e, a partir disso, marca sua diferença. Dito de outro modo, é necessário sustentar a continuidade de um estímulo sensorial como uma tentativa de estabelecer um primórdio de relação. *Tentando acompanhar e dar materialidade a seus movimentos, começo a rasgar a folha, ao que ele não me acompanha com as mãos, mas seu olhar se direciona ao meu ato. Levanto o papel até meu rosto e cada vez que o rasgo, trocamos olhares, pareço uma sequência da folha parada na mesa, pois não há modificação nele, igualmente se anima aperta os dedos e emite o som de algumas vogais (Prendedor).* Nesse momento, para que ele me olhe, faço uso do papel, objeto buscado por ele; essa é uma tentativa de introduzir na percepção de suas sensações o estímulo visual da troca de olhar, ou seja, o princípio do que poderia abrir a um reconhecimento da minha presença enquanto uma alteridade, não no signo da destruição, que tem o movimento do outro como disruptivo.

Uma possibilidade de aproximação ocorre pelo convite a me abaixar, o meu corpo e seus adereços provocam interesse - meu cabelo e minha máscara são tocados. Brinquedos complementam minha arquitetura: óculos que remetem a super-heróis tapam meu rosto, enquanto um pandeiro vira um chapéu a ser colocado e tirado da minha cabeça. Mas o intercâmbio das posições é obstruído, os objetos transformados em órteses do meu corpo são repelidos pelo acrobata, quando tento colocá-los nele (Acrobata). Nessa cena, parece existir uma manipulação do meu corpo similar a de um objeto, mesmo que minha tentativa seja uma mimetização de seus atos, isto é, meus movimentos são rechaçados, enquanto ele utiliza meu corpo para colocar adereços. De modo diverso do trecho anterior, a minha tentativa de realizar atos similares aos dele não produziu aproximações, mas afastamento, por vezes, inclusive um distanciamento dos gestos que ele fazia na minha direção. Isso porque, por mais que estivesse em uma condição de objeto, ainda havia os meus movimentos de encontro, diferente de uma busca pelos móveis da sala.

Ambos recortes são de intervenções minhas enquanto analista; nesse escrito, há a tentativa de expor essas à luz de um desenrolar de um pensamento clínico fundamentado na metapsicologia de Aulagnier. A proposta aqui é também investigar como esses atos meus e deles são, concomitantemente, ações de agenciamentos. Há uma atuação do meu corpo em uma tentativa de cruzar as fronteiras estabelecidas na diferença dos maneirismos de cada um; retomando as proposições sobre o perspectivismo ameríndio, uma tentativa de agenciar o outro. Entretanto, para dar sequência, é importante insistir que a análise é uma relação entre duas pessoas, na qual ambas produzem agenciamentos. Voltando com

esse olhar à clínica, é viável supor que, na transferência, o analista realiza as intervenções em uma tentativa de agenciar, enquanto o analisando coloca em cena suas demandas - mesmo na intenção de uma recusa ao outro.

Essa formulação pode ser ilustrada na disputa pelo olhar na sequência das nossas ações na cena do Prendedor. *Algo produz uma mudança. Ele sai de onde está sentado e, como se o chão fosse lava, passa para a minha cadeira. Espremidos no mesmo assento não mais podemos manter contato visual, alinho seu corpo de modo a fazê-lo sentar no meu colo, com as costas em meu peito. Meu corpo se transforma em sua cadeira e, da minha, aproveito suas rodas para aproximá-la do espelho localizado na parede oposta da sala. Assim, posso voltar a ver seu rosto e crer ser vista também* (Prendedor). Há uma fragilidade na manutenção do exercício de sustentar a troca do contato visual, quando se está no encontro com sujeitos que se esquivam da alteridade. No fragmento destacado dessa sessão, primeiro utilizo o rasgar do papel para encontrar sua mirada, contudo, seu movimento de tomar meu corpo como o lugar para sentar-se suspende essa troca, que é reestabelecida e mantida pela virtualidade. É possível construir a hipótese que, ao nos aproximarmos do espelho, o reflexo da imagem garante uma mediação que permite que a presença não se torne excessiva - para os dois. Isto é, tomando a hipótese de que se trata de uma criança com uma recusa ao outro, a virtualidade do olhar através do espelho pode ser interpretada como uma abertura a esse estímulo sensorial da visão, sem que este ganhe uma dimensão disruptiva. Pois, sem o recurso do espelho, poderia passar do limiar que o aparelho psíquico suporta para o desenrolar do funcionamento de seus processos, ou seja, transpor o limite de estímulo capaz de ser metabolizado pela psique.

É importante retomar aqui a discussão de Aulagnier (1975/2001) sobre seus conceitos de violência primária e secundária para avançar no debate. A escolha da psicanalista pelo termo violência é argumentada pela percepção de que todo encontro com o outro provoca um estímulo sensorial excessivo para o sujeito, e, justamente por isso, exige do aparelho psíquico um trabalho de representação. Esse excesso, ainda capaz de ser metabolizado pela psique, é o que permite que o sujeito construa suas representações e, conseqüentemente, seu projeto identificatório. Com tal formulação no plano de fundo, é fundamental atribuir importância à particularidade de cada sujeito nesse processo; ou seja, é viável supor, pelas especificidades das crianças que compõem essas narrativas, que há diferenças em como cada forma de vida vivencia as experiências sensoriais. Mesmo que sem adentrar na etiologia dessas diferenças, o que ocorre são variações na intensidade da percepção sensorial, nas quais, por vezes, um determinado estímulo pode ser perce-

bido como insuportável, ultrapassando o que o sujeito pode antecipar. Tal percepção pode provocar uma reação de retorno à atividade autossensorial, em uma busca pela repetição da continuidade de um estímulo - apagando a presença de outros. Essa é uma forma de garantir “à psique a preservação de seu espaço e, com isso, de um aparato psíquico incapaz de sustentar-se no vazio” (Aulagnier, 1986/1991b, p.148). A premissa de Aulagnier está na suposição de que a psique está imersa em um espaço heterogêneo, o qual precisa representar para permanecer capaz de desejar, que é o que inaugura e sustenta a vida. Importante sublinhar ainda que as representações ocorrem pelas três formas de funcionamento psíquico, que coexistem ao longo da vida (Aulagnier, 1986/1991b). Essa afirmativa abre para a possibilidade de especular que é possível que uma insistência na atividade do processo originário sustente a existência em momentos em que o aparelho psíquico encontra-se fragilizado de recursos para operar outros modos de representação.

Esse ponto condensa a forma como as diferenças passam pelo corpo, dito de outro modo, de como os maneirismos corporais atuam em uma dinâmica constante de conflito entre o aparelho psíquico e os estímulos sensoriais. *Nas brincadeiras de derrubar, meus carrinhos percorrem a mesa até chegarem ao seu abismo e cair; já os seus são delicadamente tomados em suas mãos e, por ele, posicionados no chão. Dessa forma, nossos encontros são musicados por um “cai, cai balão” em ritmo de valsa. Há aí um descompasso entre nossas danças, sinto minha agitação crescente ao seu lado, uma tentativa desesperada de contagiá-lo, como se essa fosse a forma de provocar sua movimentação. O mesmo está na fala, é preciso que eu me contenha para não preencher com a minha voz todo silêncio que recai sobre a sala* (São João). A diferença perceptível nos nossos movimentos alarga a distância do desencontro, enquanto sua imobilidade me provoca ímpetos à aceleração, meus movimentos parecem inibi-lo ainda mais. Os afetos produzidos no encontro transmitem-se em nossos corpos e através deles.

Retomando a cena do olhar através do espelho, para essa análise, é possível efetuar outra torção. Isto é, argumentei a tentativa de sustentar o estímulo visual do encontro com o outro pela insistência em manter a percepção de um traço de alteridade, enquanto apontei seus movimentos como maneiras de suspender tal olhar em um afastamento do outro e manutenção das mesmas sensações. Entretanto, em paralelo a essa interpretação, é necessário construir também os espaços pelos quais essa montagem de cena atravessa o meu corpo, que ali ganhou aparência de extensão. *Nessa posição, nossos 70 centímetros de diferença fazem com que seus tênis toquem minha calça. Faz uma rotação extensiva de suas pernas de forma a encaixar perfeitamente como um botão o peito do pé na parte*

posterior da minha panturrilha. Seguindo seu movimento, posiciono meus membros superiores de forma a manter seu antebraço sobre o meu, e minha mão sob a sua, tentando entrelaçar nossos dedos, o que só consigo de princípio em sua mão esquerda (Prendedor). Ao deixar sua cadeira e sentar-se comigo, ele marca uma distância pelo olhar e pela interrupção da cena que estava sendo construída entre nós com o recurso do papel. Concomitante a isto, contudo, aproxima-se de mim - também pelos meus movimentos para isso -, de maneira tão intensa que, na sequência, consigo retirar da mão dele o prendedor. Na direita, o prendedor fica comprimido entre minhas unhas e sua palma. Passo uma das partes do ferro no vão entre meu anelar e mindinho, afasto-os enquanto pressiono os outros dedos em direção aos seus, sem deixar de mover todo meu braço e o seu, por consequência. Nossas mãos permanecem sobrepostas, mas abro os dedos descosturando o que sustentava o prendedor, que cai como uma agulha perdida entre os novelos de papel picado que cobrem o chão (Prendedor). O que acontece sem que ele represente essa retirada como uma perda do próprio corpo. A partir do debate anterior, é possível interpretar que já não há uma fixação na estimulação provocada por esse objeto, enquanto uma atividade autossensorial (Aulagnier, 1986/1991b). É um recorte de um momento no qual ele pôde experimentar outros estímulos sensoriais, em que parte deles são decorrentes do contato com o meu corpo.

Em uma proximidade extrema, entrelaçamos nossos corpos de forma que quando eu movimento minhas pernas, as suas também se movem. Enquanto o agir de nossos braços misturam-se, porque, apesar de sua pouca força, permito que seus gestos me conduzam, ainda que não totalmente, pois entrelaço meus dedos ao prendedor para deixá-lo cair e aproximo minhas mãos da linha média para seguir rasgando o papel. Há um uso do meu corpo como um instrumento de intervenção capaz de provocar o afastamento dele da fusão com o objeto: é, nesse ponto, que ele pôde separar-se do prendedor sem as reações de sofrimento vivenciadas em outros momentos; inclusive sem nem perceber a perda deste, pois deixou de ter a função que estava ocupando de estímulo. Apesar da substituição do objeto prendedor pelo meu corpo, proponho aqui a hipótese de que não há, nessa mudança, uma repetição fixada como próprio da atividade autossensorial. Quando eu também imponho meus movimentos, é preciso que ele suporte a existência de algo que fure a totalidade da representação pictográfica - delicado limiar de abrir intervalos no postulado do autoengendramento. Esse argumento sustenta-se na concepção de que as três formas de funcionamento do aparelho psíquico coexistem, isto é, na possibilidade de pensar essa intervenção como um modo de criar um estado no qual algumas represen-

tações da alteridade podem ser construídas sem que o sujeito as sinta como destrutivas. A expansão de momentos que permitem a entrada do outro é uma leitura sobre a própria direção da cura em casos de recusa à alteridade.

A outra camada passível de ser incluída nessa interpretação tem a dimensão de considerar o meu corpo como um instrumento da intervenção. Decantar essa questão é colocar em análise dois horizontes: as contingências que provocam essa necessidade e suas consequências - justificadas pela discussão anterior sobre a centralidade que um estímulo somático tem nas situações clínicas narradas e, logo, a utilização de recursos que toquem essas; e dissecar os atravessamentos que tais transferências provocam nos afetos do meu corpo. No trecho recortado do *Prendedor*, ao posicionar seu corpo em meu colo e convergirmos nossos movimentos em um duplo agenciamento, é estabelecido um lugar de proximidade que demanda a ação das minhas pernas aos meus braços. Esse conjunto coloca meu aparelho somático em uma exigência de atuar na intervenção. O fato da forma como se acomoda ser precedida pela suspensão do olhar, corta a cena na qual eu estava operando o recurso do papel para manter o contato visual com ele. Ao nos levarmos para a frente do espelho, não é apenas a retomada desse olhar que encontro, mas também a possibilidade de eu ter uma visão dessa montagem em sua totalidade por outro ângulo. Isto é, volto a enxergá-lo em uma distância podendo ver seu rosto, ao passo que também olho minha própria imagem no espelho, circunstância não pouco significativa quando seus movimentos de agenciamento apontam na direção de produzir o meu apagamento. Poder ver-me, através do espelho, é um modo de suportar um exercício de desaparecimento necessário à intervenção sem permitir que esse extrapole o limite da minha identificação. A hipótese levantada aqui é que, ao ter um panorama da cena de fora - pela visão do espelho -, posso manter a proximidade e similaridade com ele e ainda assim sustentar a diferença. Diferença essa importante à intervenção, pois é o que garante que meu corpo não repita apenas a função de objeto que sustenta a atividade autossensorial, e também que eu encontre contornos à resistência dessa disponibilidade física que toca o desaparecimento.

A questão que se articula nesse ponto é como a produção de mecanismos de agenciamento atravessam os dois personagens de qualquer encontro e têm, na relação transferencial com essas crianças, algumas particularidades. Em especial, em como uma intervenção que coloca o corpo em cena da forma descrita nas narrativas impõe uma proximidade dos maneirismos desses outros do encontro. Dito de outro modo, essas relações transferenciais trazem o funcionamento psíquico dos analisandos para o plano de uma intensidade do aparelho somático. O ato de pensar sobre esses atravessamentos é dar espaço

para que essa dimensão da transferência possa ser analisada e que sejam investigadas as resistências que ali habitam, pois é também a suposição de que uma análise perpassa o corpo.

Desta forma, para investigar a relação entre os corpos no tratamento, é fundamental transitar pelos mecanismos de agenciamento e, portanto, refletir sobre como é parte do processo de uma análise a proximidade que ocorre nesse encontro. *Seu interesse me circunscreve. Posiciona-se nas minhas costas, de forma que não posso vê-lo, sigo escutando seus pés saltitando no chão. Uma contração irradia do centro da minha espinha e progressivamente se estende para a musculatura da minha lombar, e, como um abraço, fecha sua circunferência enrijecendo meu abdômen. Entretanto, esse fechamento não atenua, meus músculos não aliviam, é como se houvesse uma força pulsativa na porção final da minha medula que não cessa de não relaxar, mantendo meu corpo tenso. A mão espalmada encontra minhas costas ou minha cabeça com toda força do máximo de rigidez daquele corpo miúdo. Penso que é a espera pelo contato com essa mão que transforma meus movimentos involuntários em apertos. Essa é uma hipótese, por outro lado, poderia ser que a reação do meu corpo mimetiza o do meu paciente, meus músculos se contraem e não destensionam da mesma forma como ele mantém seu padrão hipertônico (Acrobata).* Nesse trecho, tentei percorrer a cadeia de afetos que transcorreram em meu corpo durante a sessão. A necessidade de descrevê-los decorre, principalmente, do modo como essa transferência trazia a minha consciência a percepção dos estímulos dos meus músculos do tronco - deixando como resíduo uma dor na lombar. Focar nessa sequência é poder investigar o que da particularidade do encontro com esse analisando é capaz de provocar sensações. Isto é, nessa sessão, havia um agenciamento que aproximava meu corpo da função de um objeto - como colocado anteriormente. Além disso, há outra dimensão do agenciamento que é o ponto em que passo a perceber no meu corpo a similaridade dos estímulos sensoriais vivenciados por ele. Uma hipótese passível de ser construída é a existência de uma camada transferencial que toca inclusive o aparelho somático não apenas em seu âmago perceptível, mas nos estímulos sensoriais involuntários, como a contração ou relaxamento muscular.

Na esteira desse argumento, é importante retomar que Aulagnier (1986/1991b) sublinha que os efeitos do aparelho somático são o que inauguram o funcionamento psíquico, e apenas deixam de existir com a morte. A psicanalista afirma que, com o desenrolar da constituição subjetiva, “o sujeito recorrerá menos a seu corpo como transmissor privilegiado das mensagens, se terá podido diversificar os destinatários tanto como os ob-

jetos de sua demanda” (Aulagnier, 1986/1991b, p.159). Entretanto, é possível produzir o questionamento sobre como algumas relações transferenciais recolocam o corpo em um lugar central, justamente, quando trata-se do encontro com analisandos que têm a busca pela continuidade de um estímulo sensorial enquanto sua principal demanda. Tal cenário de dar foco a uma diversidade de estímulos sensoriais remonta, portanto, vivências já experienciadas por todos os sujeitos, mas que ganham uma diversidade de roupagens ao longo do processo de constituição subjetiva.

A hipótese dessa dissertação está justamente em colocar em questão como a especificidade de algumas transferências impõem uma intensidade aos afetos produzidos nesse encontro. Para além desse argumento, é fundamental analisar os efeitos clínicos dessa disponibilidade do analista em utilizar o próprio corpo como um instrumento da intervenção. Isto é, esse texto discorreu até então sobre o modo como cada sujeito constitui-se pelo corpo na construção de seus maneirismos e como, nos encontros com a alteridade, são produzidos processos de agenciamento no qual ambos impõem afetos que tocam também os estímulos sensoriais. Para finalizar essa análise, a proposta é investigar como o encontro com essas diferenças atuam na fabricação de mudanças.

7.6 Transversalidade

Na direção de finalizar a análise das cenas, o que se impõe é enquadrar o olhar para a mudança que o encontro entre essas diferenças é capaz de produzir. Retomando, para tal discussão, alguns preceitos do perspectivismo, é interessante examinar o percurso de aproximação do fazer do xamã com o conceito de devir, que Viveiros de Castro (2018) propõe em seu livro “*Metafísicas Canibais*”.

O antropólogo discorre sobre as diferentes formas da arte xamânica do alto Amazonas, diferenciando-as em duas posições, uma vertical e outra horizontal. Essa distinção conduz a diferença nas formas de organização social e nos modos de estabelecer o diálogo interespecífico. Viveiros de Castro (2018) afirma que mesmo em sociedades mais hierarquizadas ainda é possível encontrar a presença do xamã horizontal como mediador de determinados conflitos. Esse é apresentado como um ser capaz de transmutar as fronteiras entre as espécies inscrevendo a possibilidade de uma dialética na diferença; para isso é necessário que esteja implicado no processo, é o próprio veículo da mensagem. Isto é, concomitantemente, ocupa duas posições; é “sacrificador-vítima”. Dito de outro modo, para encontrar contornos entre os diferentes pontos de vista, é fundamental que o

xamã ative e seja ativado por outra perspectiva; nesse trânsito, está colocado o encontro entre diferentes. Para decantar suas consequências, é preciso compreender que, para o perspectivismo ameríndio, não há um universal, o que acarreta na impossibilidade de um ponto de vista conter outro. Essa afirmativa põe em evidência que é inviável o apagamento total das diferenças, e aponta para a construção de relações que as sustentem e as transformem. A saída argumentativa encontrada por Viveiros de Castro (2018) está na utilização do conceito de devir, com a proposta de um xamanismo que, na realidade, é transversal, pois é a manutenção de um encontro na diferença, não imposta de maneira vertical.

As diferenças de potencial transformativo entre os seres são a razão de ser do xamanismo, mas nenhum ponto de vista contém nenhum outro de modo unilateral. Todo ponto de vista é "total", e nenhum ponto de vista é equivalente a nenhum outro: o xamanismo horizontal não é, portanto, horizontal, mas transversal. A relação entre pontos de vista (a relação que é o ponto de vista enquanto multiplicidade) é de síntese disjuntiva ou exclusão imanente, não de inclusão transcendente (Viveiros de Castro, 2018, p.180).

A proposta de uma posição transversal implica na necessidade de uma existência outra no encontro. Isto é, não se trata de uma transformação na qual se assume *o ponto de vista do outro*, mas uma transformação na qual se assume *um ponto de vista outro*. “O verbo devir, neste sentido, não designa uma operação predicativa ou uma ação transitiva: estar implicado em um devir-jaguar não é a mesma coisa que virar um jaguar (Viveiros de Castro, 2018, p.184)”. O conceito de devir abarca a dimensão de conectar elementos heterogêneos e, a partir disso, construir um novo. Nesse sentido, é um encontro que sustenta as diferenças não em uma tentativa de apagá-las, nem em um ponto dessas encerrarem as transformações decorrentes da alteridade. Há no devir um processo de deslocamento contínuo de abrir espaços, a princípio, inexistentes, pois ao conectar dois elementos transversalmente, desenha um novo contorno, nessa direção, “o devir e a multiplicidade são uma coisa só”(Viveiros de Castro, 2018, p.186).

Elencar esses elementos conceituais nesse momento da dissertação, permite circunscrever nas cenas alguns pontos de contato transversal. Estabelecendo como plano de fundo as análises anteriores, a proposta está em encontrar no desenrolar das narrativas momentos de torção nas transferências. O transcorrer do percurso escrito é a construção da hipótese que o encontro transversal é possível no intervalo do mútuo agenciamento que atravessa e modifica os maneirismos de cada um. *Não sinto seu peso sobre minhas*

pernas, talvez pela sua magreza, talvez porque, nessa “desordem do armário embutido”, nem o percebo. O que se contrai são os músculos dos meus ombros até minhas mãos, faço força para juntá-las na linha média dos nossos corpos, enquanto ele, por vezes, faz força na direção oposta. Não sei se por não querer juntar suas mãos e rasgar o papel ou se em uma repetição dos movimentos dos braços ao lado do corpo com as mãos fechando-se no ar. No vai e vem de nossos braços, alternando qual das forças ganha mais intensidade, criamos um ritmo. As vocalizações ganham uma percussão dos pés tocando o chão e das mãos rasgando as folhas. Os retalhos brancos formam uma nova camada que cobre nossos corpos. Agora é a quatro mãos que tricotamos esse tecido de papel que passa a se enredar em nosso colo, enquanto enredamos nossos corpos (Prendedor). Os desdobramentos dessa sessão envolveram, como colocado anteriormente, o encontro e o desencontro da sustentação do olhar e, em paralelo, uma sequência de movimentos dos corpos de afastamento e proximidades. Entretanto, o trecho aqui recortado demarca um momento no qual algo da diferença de um contínuo se apresenta na relação transferencial, construindo um fazer comum, que modifica o maneirismo corporal de cada um.

Para aprofundar esse argumento, é necessário resgatar os conceitos de Aulagnier que permitem dar consistência metapsicológica a esse debate. As veredas interpretativas que a cena pode percorrer lançam alguns aspectos para discussão. Partindo do ponto da análise anterior, na proximidade impelida por essa transferência, há uma tentativa de aplicar na intervenção uma continuidade dos estímulos sensoriais. O intervalo entre nós é estabelecido quando não permaneço como um objeto/extensão de seu corpo e também imponho meus movimentos na transferência; isto é, abrindo brechas no postulado do autoengendramento, ainda que minhas ações tenham como ancoragem a similaridade com seus maneirismos. A proposta que pretendo desenvolver é que a sustentação desse intervalo pôde decantar na emergência de novas articulações, construídas pela alteridade, isto é, a existência de um devir.

Retomando o trecho, é possível considerar que a díade da mistura corporal e agenciamentos da mediação com os objetos (espelho e folha) inscreve um fazer compartilhado em um íterim que atravessa nossos corpos e utiliza como recurso a materialidade do papel no ato de rasgá-lo. Ação que demanda uma modificação em seus movimentos: *Ambos estamos na altura da mesa, fica interessado em uma folha branca que está ao seu alcance. Como um telespectador entusiasmado, observa o papel, sinto sua excitação crescendo, na medida em que aperta a ponta dos dedos de ambas as mãos afastadas enquanto o prendedor permanece em sua palma direita (Prendedor).* O recorte do início da sessão

apresenta o modo como a zona-mão prende-se ao estímulo sensorial de contrair os dedos, cerrando as mãos e apertando o ferro; o que, apesar do interesse no papel, não impele ao movimento de pegá-lo. Tal cenário, remete a inscrição negativa, como trabalhado por Marisa Rodulfo (2001), isto é, a destituição de determinadas funções das zonas corporais, que estão fixadas em um estímulo sensorial e a produção de um apagamento do conjunto zona-objeto quando esse for interpretado como desprazeroso. Dito de outro modo, essa é uma consequência da prevalência do funcionamento do processo originário no sujeito, que impõe, pela representação pictográfica, a exigência do postulado do autoengendramento como a percepção não cindida, na qual o sujeito “se encontra sempre dominado pela lei do ‘tudo ou nada’” (Aulagnier, 1975/2001, p.60). Nesse sentido, possibilitar uma mudança em seus gestos é a inscrição de um intervalo capaz de permitir a experimentação de objetos - o que é possível transpor a pensar na ampliação da multiplicidade de maneirismos corporais.

No momento em que toma o papel em suas mãos, a experiência de um novo gesto é também a percepção de diferentes estímulos sensoriais; o que reverbera no trabalho do aparelho psíquico de representação. A colocação em curso de tal trabalho é a própria manutenção da vida, segundo Aulagnier (1986/1991b), entretanto, o que se coloca aqui não é apenas um contínuo da repetição, mas a ampliação das representações. Isto é, na cena narrada, há não apenas a aproximação física de nossos corpos, mas, no momento em que ele passa a rasgar o papel, mimetiza a minha ação de modo a efetuar uma alteração de seus movimentos. Além disso, a vivência de outro gesto, que encadeia outra percepção sensorial - incluindo aqui a sustentação do contato visual - decanta na suposição de como as experiências somáticas promovem mudanças psíquicas. Igualmente, é viável considerar a causalidade inversa, o fato de ter suportado minha presença, enquanto eu realizava movimentos similares com algumas alterações, permite que tenha, nesse momento, os subsídios necessários para que sustente o excesso de estímulo de um novo ato - gesto distinto da estereotipia do cerrar os dedos nas palmas ao lado do corpo. Importante pontuar ainda que, nessa ação, coloca uma mão a encontrar a outra ao rasgar o papel, diferindo da estereotipia que mantinha os braços estendidos ao lado do corpo. Tal contato é a realização de um gesto que pode ser visto por ele, isto é, não é apenas uma sensação diversa, mas a abertura ao estímulo visual de poder enxergar seu ato. Percorrer essa direção interpretativa, permite supor que uma mudança de postura ou de ação desdobra-se também em uma multiplicidade de novos estímulos.

Esse texto permanece insistindo que o que ancora e consente espaço a essa cadeia

de ações descritas - e suas possíveis reverberações - é o contato com um outro quando este não se apresenta de modo insuportável para a representação. Dito de outro modo, a existência de uma relação transferencial que não provoca a todo momento sensações disruptivas. Tal proposição é distinta da crença em uma transferência sem atritos ou sem momentos de desprazer. Aulagnier (1977/2016) afirma que é inerente à análise “a presença momentos em que uma experiência de prazer é compartilhada por ambos, e que impõe necessariamente a presença de outros momentos nos quais se compartilhará de igual maneira um sentimento de ansiedade, de tristeza e de incompreensão mútua” (p.212). Na esteira desse argumento, a psicanalista coloca que também ocorrerão tempos nos quais não haverá paridade nos afetos, ou seja, que o prazer e o desprazer se desencontram na mesma situação, isso porque “toda relação implica momentos de conflito” (Aulagnier, 1977/2016, p.69). O ponto a ser destacado aqui é a existência de prazer e desprazer intrínseca à relação transferencial. Tal premissa coloca em cena que o trabalho de uma análise perpassa também por suportar momentos de angústia.

Entretanto, é necessário que esse limiar seja sempre um ponto em questionamento, pois é um cálculo entre uma abertura para a intervenção e um estado de aniquilamento do sujeito - uma vez que, a ação do processo originário impõe, no desprazer, a destruição da zona-objeto complementar e, no limite, do próprio Eu. Tais situações, frequentemente, desembocam em ações de autoagressão em uma aparente indiferença à dor, ou em uma “tentativa de impor ao corpo o que não se pode impor a um mundo cuja existência se quer ignorar” (Aulagnier, 1986/1991b, p.148). Por isso, a necessidade do analista de permanecer habitando um estado de devir, isto é, um ponto de transformação que não se fixa ao manter constante o questionamento. Isso é particular de cada transferência e de cada momento de um tratamento; “porque minha atividade de pensamento durante a sessão também está motivada pela pergunta que me coloco sobre seu ponto de partida e de seu possível ponto de chegada” (Aulagnier, 1977/2016, pp.79-80).

Dessa forma, tomar esses argumentos, sobre no que consiste o trabalho de uma análise, é também compreender a transferência enquanto uma relação que aloca em si um estado contínuo de instabilidade que impõe à direção da cura uma pergunta sobre os afetos que ali estão presentes. Retomando desse ponto a questão do corpo na cena clínica, é importante perceber que não são apenas os afetos do analisando que produzem resistências. Isto é, o modo como o analista vivencia a transferência, movimentando-se entre os agenciamentos presentes, tem efeitos que desdobram-se na própria clínica. Como a leitura de que o ato de me aproximar do espelho é também uma forma de assegurar

minha própria permanência, pois dá consistência ao meu reconhecimento ao manter sob meu estímulo visual minha própria imagem.

Há, nessa leitura, um duplo movimento, pois efetuo um afastamento - ao incluir a superfície do espelho como mediadora - e, concomitantemente, permaneço assumindo seus maneirismos: *seguindo seu movimento, posiciono meus membros superiores de forma a manter seu antebraço sobre o meu, e minha mão sob a sua, tentando entrelaçar nossos dedos, o que só consigo de princípio em sua mão esquerda. Na direita, o prendedor fica comprimido entre minhas unhas e sua palma. Passo uma das partes do ferro no vão entre meu anelar e mindinho, afasto-os enquanto pressiono os outros dedos em direção aos seus, sem deixar de mover todo meu braço e o seu, por consequência* (Prendedor). Um encontro transversal entre nós que provoca ambos a realizarem ações distintas: *No vai e vem de nossos braços, alternando qual das forças ganha mais intensidade, criamos um ritmo. As vocalizações ganham uma percussão dos pés tocando o chão e das mãos rasgando as folhas* (Prendedor). É possível considerar que a transversalidade opera um encontro que não é disruptivo, entretanto, que mantém a disjunção de dois pontos de vista. Isto é, que estabelece um trânsito no qual há um intercâmbio, que não apaga as diferenças.

Essa dupla posição de similaridade e diferença remonta alguns aspectos trabalhados por Aulagnier (1986/1991b) em sua conceitualização sobre o projeto identificatório como o estabelecimento de alguns pontos de certeza que permitem que o sujeito reconheça-se nesses ideais. Entretanto, é necessário que apesar do estabelecimento do estatuto de certeza, esses não permaneçam imutáveis. Isto é, que exista espaço para suportar as mudanças inerentes ao curso da vida. É apenas nesse pêndulo que é possível ao sujeito seguir investindo em suas identificações. Deste modo, é interessante considerar que as intervenções - tais como as propostas nesse debate -, são formas de tentar transitar nesse intervalo. Ou seja, articular, no processo de análise, a produção de mudanças nos maneirismos de cada sujeito, que só é possível porque, em paralelo, sustenta-se um espaço no qual não deixa de reconhecer-se. Essa é uma proposta de apostar no intervalo entre os pontos de identificação e a produção de tensionamentos que possam operar nas brechas nas quais o sujeito suporta deslocamentos. Efetivamente, a diferença entre esse intervalo é particular, entretanto, é válido considerar como algumas transferências impõem de forma mais substancial a brevidade deste; quando há, por exemplo, uma maior prevalência do processo originário e, portanto, uma recusa ao outro, ou seja, uma busca pela repetição com o mínimo de abertura para a mudança.

Tomar esse argumento enquanto analista para pensar o trabalho clínico é colocar-se na busca por atuar nesse intervalo. Nessa busca, compreende-se que a instabilidade é inerente ao sujeito, ou seja, que a constituição ocorre no processo de construir certezas e desconstruí-las - afirmativa que decanta em operar o espaço analítico como um lugar que acompanhe o sujeito nessa travessia. É possível traçar um paralelo entre o projeto identificatório e a assunção de um ponto de vista, correspondência viável na dimensão do encontro ser a colocação em cena de dois projetos identificatórios, ou de duas perspectivas. Deste modo, a hipótese é que, na clínica, é necessário a circulação entre dois pólos de distância, ou, como coloca Aulagnier (1977/2016), entre a simetria e assimetria na transferência. Entretanto, retomando o escopo dessa dissertação, ou seja, olhando para atendimentos realizados com pacientes que têm uma recusa ao outro e uma maior fixidez nas buscas por estímulos sensoriais -, é possível considerar qual a especificidade desse atravessamento na circulação entre a simetria e a assimetria. A forma encontrada nesse texto de trilhar tal direção é ressaltar a relação com o corpo, isto é, uma suposição de que essas duas posições atravessam e são atravessadas pelo aparelho somático - por isso o início dessas análises deu-se pelos maneirismos corporais.

Nesse sentido, é importante marcar que os pontos de resistência também podem ser lidos no aparelho somático. *Uma contração irradia do centro da minha espinha e progressivamente se estende para a musculatura da minha lombar, e, como um abraço, fecha sua circunferência enrijecendo meu abdômen. Entretanto, esse fechamento não atenua, meus músculos não aliviam, é como se houvesse uma força pulsativa na porção final da minha medula que não cessa de não relaxar, mantendo meu corpo tenso* (Acrobata). A persistência dessas sensações durante a sessão e o resíduo desse encontro - que vem na forma de uma, posterior, dor nas costas - são dois afetos produzidos transferencialmente que percebo em meu corpo e que provocam afastamentos, o que precisa ser respondido com movimentos que proponham o deslocamento dessas sensações. Isso porque para que o trabalho de uma análise possa ocorrer

... é preciso que o desprazer, que invariavelmente se entranhará seja acompanhado também pela presença de momentos de prazer: caso contrário, não seria possível investir nesse, salvo apelando a psicopatologia ou dizendo, arbitrariamente, que o analista não está submetido às leis que regem a economia psíquica de todos os sujeitos (Aulagnier, 1976/1991a, p.318).

Isto é, dar lugar para que as resistências do analista também sejam investigadas no processo de uma análise, é ter recursos para avaliar os atravessamentos das sensações

somáticas provocadas pelo encontro com cada analisando; especialmente, em situações clínicas nas quais o corpo ganha uma centralidade na relação com o outro. A hipótese aqui sustentada é que a articulação entre uma proximidade e um afastamento é o que baliza a relação em um devir que possibilita a construção de um novo que atue transversalmente nos dois sujeitos.

De forma diversa à cena do olhar o espelho, o enrijecimento da minha musculatura e a tensão nas minhas costas não são atenuados pela utilização de um recurso de objeto que media a relação - como o espelho ou o papel -, a minha ação junto aos objetos eram repelidas. Dessa forma, é possível considerar que a aproximação não ocorreu por um efeito de assumir em meus movimentos seus maneirismos, ou seja, uma proposta ativa de similaridade. O que não suspendeu que essa proximidade ocorresse pelas sensações somáticas, isto é, a produção no meu corpo de algumas de suas sensações. O encontro de forma transversal ocorreu em um afastamento mais substancial de uma separação entre os corpos na busca por outro recurso que operasse uma aproximação. *Abro a torneira, o som da água escorrendo pelo ralo suspende a atenção por mim e pelos objetos. Proponho uma brincadeira de encher potes e esvaziá-los, o que faço sozinha. Entretanto, algo permanece, o acrobata segue olhando para a pia, coloco então a minha mão e o convido a fazer o mesmo, o que o afasta ainda mais, agora perdi até seu olhar (Acrobata).* Repete-se certa repulsa aos meus movimentos que de forma ativa são afastados, mas, mesmo assim, apresenta-se um interesse instantâneo pela água. É importante pontuar que essa propriedade da matéria não é sem história, pois, durante a gestação, escuta-se o fluxo da corrente sanguínea e se está submerso no líquido amniótico. Há uma experiência comum da vivência sensorial tátil e auditiva, que, nessa narrativa, ganha aspectos particulares de uma prematuridade extrema.

O que remete a essa vivência talvez tenha operado como ponto de abertura, capaz de provocar uma mudança em seus maneirismos e na forma como me agenciava e era agenciado por mim. *Insisto por uma reaproximação, arranco o papel toalha do suporte da parede e o ofereço, primeiro na mão, depois tocando-o no braço. As suas mãos se contraem agora em torno desse objeto, amassando-o: o movimento ganha função. Os saltos e o estender dos braços são interrompidos, só retornam quando, após jogar o papel na pia, aguarda que eu me aproxime com ele molhado, quase desfazendo-se na minha mão. Nesse percurso de alguns segundos, em que afasto o papel pingando da água corrente em direção ao seu braço, ele o ergue para me alcançar. Esse movimento contém um conflito invisível, ao estender o braço parado em frente ao corpo, seus músculos precisam fazer*

uma força oposta a contração muscular involuntária que percorre seus nervos. Mesmo assim agora aparenta estar relaxado, como se a iminência de se umedecer, em alguma medida, liquifizesse sua rigidez (Acrobata). A sequência de movimentos presentes nesse recorte expõe a busca pela sensação tátil provocada pelo líquido em seu braço, que ocorre entre o intervalo do esperar - que eu o toque com o papel molhado - e o agir - de retirar o papel do suporte, amassá-lo e jogá-lo na pia. Há, portanto, a possibilidade de que eu insira minhas ações. Suspende-se a minha posição como mais um objeto da sala a ser manipulado e inscreve-se uma ânsia pelos meus movimentos como capazes de produzir estímulos prazerosos. De forma análoga, os meus músculos aliviam, cessando a minha expectativa pelo encontro com sua mão que eu não podia ver - um afastamento do meu corpo ao dele que permite outra aproximação. Além disso, é estabelecida uma diferença no fluxo dos movimentos: ao pegar o papel, ele o amassa - gesto que já realizava em um contrair e espalmar a mão - e o joga sob a água corrente, ao que, posteriormente, permite que eu me direcione com o papel molhado rumo ao seu braço.

Na cena anterior, meus movimentos que visavam sua direção eram reconduzidos a um afastamento, enquanto ele era quem produzia as ações que trilhavam o encontro com o meu corpo. Tal mudança na orientação de nossos gestos constrói um outro diálogo entre nossos corpos, que exige dos dois uma ação e uma espera pelo outro. Outro ponto a ser destacado é como a diferença marca-se nas próprias sensações somáticas, pois a busca por novos estímulos sensoriais exige disjunções que promovam um intervalo nas repetições. Ou seja, há uma reorganização necessária dos afetos com a busca por outra sensação. É possível realizar a leitura de que cada percepção de um outro estímulo exige um trabalho do aparelho psíquico, pois a “metabolização que opera a atividade de representação persiste durante toda a existência” (Aulagnier, 1975/2001, p.68). Dito de outro modo, mesmo que as percepções sensoriais remetam a outro momento da constituição subjetiva, põem em curso diferentes lugares da representação. Isto é, pensar a coexistência dos três processos é articulá-los como uma historicização; que é a marcação de uma diferença, uma vez que é o enlace entre os tempos, o que não está presente na pura repetição.

Dessa forma, esse trecho coloca no horizonte inclusive a possibilidade da intervenção na busca pela sensação tátil da água exigir a suspensão dos movimentos dentro de seus padrões de maneirismo, mesmo que esses sejam atravessados pela lesão orgânica. Efetivamente, tal ato demonstra que não há uma impossibilidade física em estender o braço em frente ao corpo e mantê-lo imóvel por alguns segundos, por exemplo. Entretanto, há atravessamentos de seu aparelho somático que dificultam essa ação, ao exigir

que ele execute uma força contrária ao estímulo de movimento que irradia em sua musculatura. Isto é, o encontro com uma vivência sensorial prazerosa é capaz de promover uma modificação do padrão de maneirismos corporais e, em paralelo, uma abertura ao outro em uma multiplicidade, uma vez que, ele passa a permitir que eu atue em sua direção, ao mesmo tempo que faz movimentos para que isso ocorra.

Nesse sentido, o que a cena ilustra é a possibilidade da modificação com a reordenação das posições que estavam impostas inicialmente. Isto é, na medida em que me afasto para propor outra intervenção trazendo a água para a cena, ele passa a fazer movimentos que traçam esse encontro. Entretanto, é importante pontuar que tal fato só ocorre após ele receber o estímulo auditivo de escutar o fluxo do líquido e o estímulo tátil, pois eu o toquei com o papel molhado antes dele buscá-lo. Da mesma forma, é possível considerar que essa construção só foi viável de ser armada, uma vez que, primeiramente, eu pude me aproximar dele, o que provocou sua atenção em mim; deslocada, posteriormente, à água quando abri a torneira. Essa é uma leitura que percebe como necessário o momento inicial da sessão, no qual ele colocou os adereços em meu corpo e manteve-se nas minhas costas, pois é pela sequência que os desvios foram possíveis. Nesse ponto, é interessante retomar a expressão de Aulagnier (1986/1991b) quanto à existência de uma “fonte somática da representação psíquica do mundo” (p.145), ou seja, o modo como a percepção dos estímulos sensoriais impulsiona a busca pelo prazer que é capaz de reordenar a forma de estar no mundo - dito de outro modo, os maneirismos corporais. Analisar essa mudança de postura aponta a uma transversalidade, isto é, poder assumir um estado outro, por mais que ele não tenha deixado de conter seu padrão hipertônico, naquele instante, produz um novo movimento: um estado de devir, no qual se torna capaz de ocupar também outra posição.

Essa é uma hipótese de interpretação da narrativa construída, que foi escrita a partir das sensações percebidas no momento da sessão e passa inclusive por reviver esses afetos fisicamente no momento da elaboração do texto e de sua releitura da cena para a análise. Essa chave explicativa reafirma a necessidade de uma disponibilidade do analista que perpassa o corpo para que ocorra um encontro entre os dois sujeitos, ou seja, a vivência dos afetos produzidos transferencialmente, que têm especificidades em cada situação clínica. Para tal disponibilidade, é necessário uma abertura a deixar-se agenciar pelo outro e, conseqüentemente, experienciar os estímulos sensoriais decorrentes desse encontro, mesmo que esses sejam, a princípio, incompreensíveis.

É certo que o analista não pode e não tem que compreender o que ocorre em

cada momento, nem sequer em cada sequência de um tratamento: analisar exige que estejamos em condições que nos permitam dar-nos tempo para compreender e para suportar sem prejuízo, nem para o analisando, nem para nós mesmos, um estado de questionamento, um estado de espera referente a causa e ao sentido de tal ou qual vivência no espaço-tempo da sessão (Aulagnier, 1977/2016, p.94).

Esse estado de suspensão da certeza e da disponibilidade do corpo está, em alguma medida, presente em todo trabalho analítico. Entretanto, circunscrevendo o debate aos atendimentos aqui narrados, podemos retomar a implicação das especificidades desses. Primeiramente, o quanto os atendimentos de crianças demandam um corpo ativo a um fazer lúdico do ato de brincar; e a centralidade dos estímulos sensoriais em sujeitos que estabelecem uma fixidez nessas buscas. Além disso, é possível considerar a necessidade do corpo do analista de estar mais em cena quando não há o intermédio do encontro pelo diálogo verbal. *Ele apaga a luz, o que faz com que eu me posicione e comece a encenação: deito com as costas no chão e tenho como última imagem o teto da sala antes de cerrar os olhos e simular um sono. Mantenho uma fresta aberta para ainda ser acometida pela iluminação do acender da luz e partir para a próxima cena* (São João). Nessa situação, meu corpo é o próprio personagem da brincadeira, não há um objeto que animamos, mas atuo como um intérprete que responde aos seus movimentos: não só enuncio um “bom dia”, mas acordo quando ele aciona o interruptor.

Desse modo, meu corpo assume, nesse momento, um estatuto de instrumento para a intervenção, condicionado às ações dessa criança. Esse é o segundo ato desse espetáculo que se iniciou como um convite meu a marcar a alternância do estímulo visual claro/escuro, enquanto um representante de algo. *O acender e apagar da luz transforma-se em uma brincadeira de dormir, passamos meses em que ao tocar no interruptor para a direita emito um “bom dia!”, alternando em reposicioná-lo para a direita e enunciar “boa noite”. Com o passar do tempo, alternamos entre quem anuncia o divino “faça-se a luz”* (São João). Dito de outro modo, ao propor essa atribuição de significado da diferença percebida pelo estímulo visual, atuo em um exercício de violência primária, pois essa “se manifesta essencialmente através de uma oferta de significação” (Aulagnier, 1975/2001, p.37). Nesse sentido, a brincadeira busca uma articulação das percepções sensoriais com significações capazes de produzir outras experiências de maneirismos corporais, como o deitar/levantar e uma simulação de atuar um estado de sono.

Ao longo dos atendimentos, o investimento na continuidade dessa brincadeira é capaz de produzir uma nova torção. *Escuto seus passos rápidos ao meu redor, marcando*

o ritmo de um andar pela sala, que eu não enxergo. Talvez por estar com o rosto mais próximo ao chão, escuto em um volume maior o barulho que a ponta de seus pés fazem ao tocar o solo. Apesar de seu baixo peso, lembram a dança de uma quadrilha apressada e solitária. Junta-se a esse som, estalinhos de objetos sendo arremessados para baixo. Os carrinhos de brinquedo e os potes de tinta que haviam ficado em cima da mesa onde brincávamos, tornam-se bombinhas que estouram no chão. Enquanto isso, caminha em torno do meu corpo imóvel aproximando-se em seus pulinhos de pés equinos. Sinto a fragilidade de quem pode ser pisado e atingido por um objeto. O medo passa para meu corpo que se enrijece esperando um peso que o preense junto ao piso gelado. Temor que cresce na medida em que o tempo passa e suas ações, que ocupam a sala, parecem se acelerar. Começo a perder a imagem mental de por onde se movimenta. O que, em outras vezes, foi uma brincadeira que durou segundos, passa a se estender, e sinto, no meu corpo, uma agitação constante que tento conter. Não é a primeira vez que sinto tal agitação com ele, ela surge em quase todos os atendimentos, mas normalmente está ligada a sua imobilidade, a lentificação de seus movimentos que respondo quase com o ímpeto de completá-los. Essa é a primeira vez em que ele se movimenta e eu não. Agora a paralisia está em mim. Dessa música, ele é o sanfoneiro solo, ao som dos seus pés e objetos, juntam-se inclusive pequenas vocalizações entoando um canto. Escuto sua voz em um volume muito maior do que nas outras sessões. Tenho que me fiar na audição enquanto aguardo a noite findar, não escuto uma movimentação para o acender da luz. Sinto a tensão dos músculos dos meus braços esticados ao lado do corpo, uma mistura de expectativa e movimento interrompido (São João).

A sequência da brincadeira coloca no horizonte a potência da clínica em um contínuo desdobrar-se em novos movimentos. A cena, em princípio, era formada por um simples apagar e acender das luzes e depois ganha consistência em um movimento de troca, no qual o agente desse ato alterna e demanda outros movimentos do corpo, com o deitar-se e o cerrar dos olhos. Em um segundo tempo, ela assume uma nova dimensão com um giro que recai sobre o primeiro ato. Isto é, ele subverte um dos pontos da ação que inaugurou a brincadeira, o acender das luzes sendo, dessa forma, capaz de aplicar uma contenção às minhas ações. *Minha presença parece inibi-lo ainda mais, como se eu o assustasse, é um constante desconforto entre uma ânsia por um fazer que talvez o aterrorize* (São João). É nessa dinâmica que ele promove uma suspensão da minha presença, utilizando o veículo da brincadeira já estabelecida entre nós, ou seja, instiga a minha imobilidade ao não acender a luz. Enquanto suspende meu olhar, meus movimentos e a minha

fala, há uma abertura para os seus e passa a ocupar todo o espaço da sala, fisicamente com seu corpo pelo deslocamento, pelos objetos ao arremessá-los ao chão, e pela sua voz ao balbuciar sons.

Aceito o convite a permanecer no solo em uma suposição da intencionalidade dele ao não acender a luz. Não interpreto tal ato como um mero esquecimento ou como um retorno a uma condição de repetição. Outorgo um valor da diferença nessa não-ação na direção do interruptor, conseqüentemente, compreendo como necessário meu apagamento da cena e aceito meu destino de permanecer deitada ao chão, mas aguardo que ele o descontinue. Uma chave de leitura aos seus atos é a percepção da presença do outro como ameaçadora, como se todos os espaços estivessem "submetidos ao poder onímodo do desejo de um só"(Aulagnier, 1975/2001, p.72). Isto é, um efeito de uma inscrição do processo primário em sua representação fantasiada que sustenta a diferença de um espaço interno e outro externo, mas que, concomitantemente, apaga qualquer disjunção entre esses ao supor que ambos são regidos pelo mesmo desejo. Encontra no ato de não acender a luz um modo de apagar minha existência e, conseqüentemente, meu desejo na cena. Essa é uma relação complexa entre ambos agenciamentos, pois transferencialmente sentia-me convocada, de fato, a exceder a intensidade das minhas ações na sua presença. *Há aí um descompasso entre nossas danças, sinto minha agitação crescente ao seu lado, uma tentativa desesperada de contagiá-lo, como se essa fosse a forma de provocar sua movimentação* (São João). É uma sensação possivelmente decorrente de seu próprio apagamento no encontro, pelos seus maneirismos corporais lentificados e próximos à imobilidade.

Apesar da torção na cena que ele pôde produzir, a sensação de uma agitação permanece em meu corpo, entretanto, há uma mudança na direção dessa. Enquanto anteriormente movia-me tentando controlar a intensidade de minhas ações, mas ainda com a tentativa de agenciá-lo ao aproximá-lo do meu ritmo. A posterior agitação é atravessada por uma percepção de fragilidade; ao que meu corpo torna-se rígido em uma incerteza produzida pela impossibilidade de receber os estímulos visuais de forma ampla. Nesse ponto, parece ocorrer que nosso contato provoca a inversão de determinados maneirismos, cada um apropriando-se de parte do outro para a realização de um novo. Ele incorre em uma ocupação do espaço atípica a sua, na qual põe em curso uma multiplicidade de ações: um caminhar acelerado, um atirar os objetos e a utilização de sua voz. Dessa forma, é possível supor que apropria-se de alguns de meus atos quando os suspende em mim. Em contrapartida, o fato de eu permanecer ao solo sem saber o que está acontecendo ao meu redor, coloca-me em uma posição de fragilidade, sinto-me sob ameaça, tal

como ele parecia sentir-se inibido frente à minha presença.

Entretanto, é importante pontuar que não é uma simples troca de lugares, no qual ele assumiria o meu e eu o dele. Há a permanência, em cada um, de seus maneirismos, pois não se trata de assumir o ponto de vista do outro, mas sim de ocupar uma posição outra. Em mim, por exemplo, permanece a agitação em uma necessidade de conter meu corpo, por mais que, nesse momento, esse afeto tenha outro lugar. Como debatido anteriormente, uma perspectiva não é uma roupa da qual é possível desfazer-se, mas sim uma articulação complexa de uma forma de vida que não pode ser nem enquadrada, nem enquadrar outra, pois não são equivalentes, uma vez que, “todo ponto de vista é ’total’” (Viveiros de Castro, 2018, p.180). É por essa razão que na análise destaca-se o termo transversalidade, como esse encontro de duas perspectivas que não visa o apagamento da diferença, mas que sustenta a aposta na produção de um novo.

É válido destacar que para dar espaço à transversalidade, faz-se necessário que ocorra um intercâmbio dos afetos que atravessam os maneirismos corporais de cada sujeito de forma distinta. Pensar tal atravessamento à luz do debate clínico, é considerar a posição do analista como parte desse processo em sua disponibilidade que atravessa, inclusive, seu próprio corpo. A minha experiência clínica, traçada aqui por essas três narrativas, foi o que produziu o questionamento sobre o lugar do meu corpo enquanto instrumento atravessado pela transferência. Com essa pergunta como ponto de partida, o encontro com a metapsicologia de Aulagnier e o perspectivismo ameríndio permitiram que a discussão ganhasse consistência teórica. Primeiramente em um aprofundamento da concepção de constituição subjetiva e, conseqüentemente, do processo de uma análise e, posteriormente, em uma torção desses conceitos para dialogar com a multiplicidade dos pontos de vista; especialmente, considerando a diferença substancial entre a minha posição e a das crianças nesses encontros transferenciais. Dessa forma, a análise das narrativas pretendeu utilizar os conceitos trabalhados dessas duas teorias em um diálogo capaz de decantar a minha experiência clínica na produção de novos debates. Nessa direção, as três categorias construídas permitiram dar contornos à discussão proposta. Entretanto, é importante pontuar que, concomitantemente à separação entre três análises, elas entrelaçam-se em uma sobreposição que não produz o apagamento. Da mesma forma, a escrita da dissertação pretendeu articular os dois autores utilizados com a experiência clínica em um trançado, isto é, em um espaço de encontro de lugares heterogêneos, assim como o encontro da psique com o externo, como o encontro de dois pontos de vista, ou como o meu encontro com esses analisandos.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM TEXTO QUE TRANÇOU CORPO

O contorno temporal de dois anos do programa de pós-graduação sustentou algumas balizas para a elaboração dessa dissertação. Entretanto, para compreender o panorama dessa escrita, é importante estender ao passado esse enquadre. Ainda na produção do trabalho de conclusão de curso, havia um interesse meu por recursos utilizados pelos analisandos que encontravam vias de expressão que não a palavra. Foi na intenção de aprofundar o debate e incluir na discussão outros modos do sujeito apresentar-se na clínica que o tema do mestrado surgiu, ainda que de forma incipiente, na construção do anteprojeto para o ingresso no programa.

Apesar da existência de um escrito anterior e um desejo por aprofundar questões clínicas em um tensionamento do que compreendia enquanto uma psicanálise tradicionalmente voltada à linguagem verbal, a pesquisa permanecia em uma abrangência de perguntas com escassos direcionamentos. Durante o percurso das disciplinas do mestrado, deparei-me com a leitura do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, o que assentou em mim um encantamento pelas propostas do perspectivismo ameríndio. No tempo do projeto, o encontro com essa teoria encaminhou o debate ao tensionamento da existência na psicanálise de uma matriz totêmica que tem, no estruturalismo, sua filiação. A sequência argumentativa encadeada na discussão levantava a hipótese de que tais sustentações da teoria incidem em resistências na clínica, especialmente, quando deparamo-nos com sujeitos que encontram-se, por qualquer razão, fora da norma. O que toca de modo particular a minha clínica como psicóloga de uma instituição de saúde que atende majoritariamente pacientes com o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista. Isto é, argumentei no projeto que a psicanálise, por vezes, sustenta leituras que tomam determinadas estruturas como deficitárias ou apontam apenas para uma possibilidade da experiência (Dunker, 2015) e que centralizam a constituição subjetiva ao momento edípico em uma lógica psicogênica (Van Haute e Geyskens, 2017). O perspectivismo ameríndio - em paralelo a outras propostas teóricas - surgiu como uma possibilidade de encaminhar esse debate a uma abertura a partir de outra leitura mitológica.

Esses argumentos demandariam um aprofundamento em outras concepções teóricas e um maior embasamento que dificilmente poderia ser contemplado no recorte de um mestrado. Além disso, durante o projeto, o debate ficou concentrado em uma crítica a essas bases totêmicas presentes em algumas proposições psicanalíticas, na qual, mesmo

tomando o perspectivismo ameríndio como outra chave de leitura, permaneci utilizando-o para sustentar o argumento em uma problematização das questões. A escrita do projeto finalizou, portanto, afastando-se de sua intenção inicial de debater a clínica e, em especial, a minha experiência com crianças que têm questões no desenvolvimento. Tal problemática foi apontada durante o momento da qualificação, o que permitiu que o trabalho ganhasse, em parte, outros trajetos.

De início, após esse período, retomei meu olhar à psicanálise, aberta para o encontro com teóricos que construíram trabalhos clínicos não restritos à neurose e no aprofundamento da concepção da constituição subjetiva a pensar, principalmente, o princípio da vida. Nesse processo, encontrei os textos de Piera Aulagnier, psicanalista dissidente da filiação lacaniana e que fez contribuições inéditas à teoria. Destaquei seus escritos como um terreno fértil à discussão do meu trabalho, especialmente, pelo enlace proposto por Aulagnier entre a exigência do aparelho psíquico pela representação em seus três processos de funcionamento como diferentes formas que, mesmo distintas, coexistem. Entretanto, o que cravou o ponto da escolha por essa psicanalista foi a relação que ela estabelece entre o aparelho somático e o psíquico, principalmente, ao tomar o corpo enquanto central para a psique inaugurar e sustentar, ao longo da vida, seu trabalho de representação e, conseqüentemente, o ato de desejar. A leitura da metapsicologia proposta por Aulagnier decanta na possibilidade de um pensamento clínico que é capaz de voltar um olhar interpretativo mesmo para as ações mais incipientes da constituição subjetiva.

A decisão por utilizar, na dissertação, as concepções teóricas de Aulagnier, demandou um aprofundamento em um conjunto de seus textos, inclusive por ser uma autora que eu não possuía nenhuma proximidade. Para adentrar seu pensamento, optei por um percurso inicial de retomar outros psicanalistas, Freud e Lacan, para encontrar nesses balizas que foram marcando as similaridades e diferenças com Aulagnier. O que me proporcionou poder voltar o olhar à posição do analista na transferência. Esse aspecto, marcado no terceiro capítulo da dissertação, foi essencial para a construção recortar o que há de especificidade no encontro analista/analizando, que sustentou a continuidade da escrita.

Com o desdobramento do texto, tornou-se necessário um retorno à base de conceitos de Aulagnier, ou seja, a sua concepção de sujeito e a sua leitura sobre a constituição subjetiva. Foram tais propostas colocadas, posteriormente, ao trabalhado de seu entendimento da posição do analista na transferência que permitiram uma visão da proposta clínica da autora. Essa foi a forma que encontrei para dar consistência à chave de leitura psicanalítica ao aproximá-la do meu percurso clínico, tornando viável a utilização

de seus conceitos para a interpretação das narrativas produzidas. Entretanto, essa pesquisa nasce a partir da inquietação com os efeitos da transferência em meu corpo, o que produz uma pergunta sobre o lugar desse nos atendimentos clínicos. Efetivamente, encontrei algumas formas de examinar a questão pela teoria de Aulagnier, principalmente, tomando suas concepções sobre a transferência e sobre a continuidade da importância do corpo ao longo de toda existência. Restringir a essa leitura seria uma possibilidade de encaminhamento desse escrito, que se encerraria na articulação da clínica com a própria teoria psicanalítica. Entretanto, o percurso realizado anteriormente pelo perspectivismo ameríndio, impulsionou que essa dissertação se deslocasse por outra vereda. A aposta deu-se na possibilidade de abrir, nesse trabalho, um campo de diálogo entre a psicanálise e o perspectivismo, enquanto uma via de tensionar a disciplina e, conseqüentemente, a clínica psicanalítica.

A potência da presença do perspectivismo ameríndio está no princípio de sua abertura para o encontro, como o espaço da indeterminação e, conseqüentemente, da construção do novo. A proposta de Viveiros de Castro põe, no horizonte, a dimensão da diferença como inerente a qualquer encontro - tal concepção inscreve o constante desdobramento da multiplicidade. Isto é, por uma lógica que compreende o não apagamento dos equívocos, mas formas de dar contornos a esses. A particularidade do trabalho clínico escrito nas narrativas foi o que produziu em mim a insistência pela articulação da psicanálise com o perspectivismo ameríndio. Dito de outro modo, o reconhecimento da diferença substancial existente na clínica entre minha posição como analista e as crianças que têm uma recusa ao outro e uma fixação em determinados estímulos sensoriais instigou a hipótese quanto a necessidade de uma modificação em mim para estar disponível a esse encontro transferencial. Para tal, encontrei no perspectivismo a suposição de uma forma de produção de uma torção do modo a sustentar pela diferença a disponibilidade que passa pela corporeidade.

A proposta da manutenção de um trabalho clínico nessa diferença encontra, na teorização de Viveiros de Castro, um caminho de leitura pela via da produção de um estado de devir. Ou seja, a percepção de que o encontro que sustenta a multiplicidade provoca a inscrição de novos vínculos entre elementos diversos, o que não apaga as particularidades de cada um, mas os modifica. Tal proposição do perspectivismo ameríndio dialoga diretamente com a pergunta dessa dissertação, isto é, o que reverbera em meu corpo pelos encontros transferenciais modifica meus maneirismos e meus afetos nessa clínica. Em paralelo, coloca em cena o que eu modifico nas crianças dessas narrativas.

A intenção da proposta da articulação entre esses dois autores foi de entrelaçar de maneira a encontrar em Aulagnier a consistência metapsicológica do debate, ao passo que, o perspectivismo ameríndio proporcionou a sustentação da possibilidade da existência da multiplicidade no encontro. O encaminhamento de tal articulação pretendeu afastar-se de uma pura correspondência de destacar as similaridades entre ambas teorias. Apesar de também conter pontos de aproximação possíveis, o texto visou colocá-las a dialogar e suportar as contradições que essa conversa pôde produzir. Para tal, a pretensão foi propor um movimento de escrita trançado pela construção de camadas, utilizando as duas teorias e a minha experiência clínica. Isto é, em uma articulação de três fios: a metapsicologia de Aulagnier, o perspectivismo ameríndio e as narrativas, construídas pelos afetos produzidos no meu corpo nas transferências.

A solução metodológica encontrada para discutir as cenas foi também através de um trançado, pela construção de três categorias de análise. Trechos das narrativas decantaram em articulações para pensar o corpo na clínica. Nessa direção, a proposta da análise foi elencar diferentes conceitos provenientes do perspectivismo ameríndio. A seção sobre os maneirismos corporais articulou a forma como, nos escritos, é possível encontrar recortes que evidenciam os modos como cada ser assume um ponto de vista passa pelo corpo. Isso permitiu construir uma leitura metapsicológica sobre como o funcionamento dos processos psíquicos pode ser percebido nos trechos das cenas. Especialmente, discorrendo sobre o processo primário e a representação pictográfica como maneiras de operar os momentos de recusa ao outro e que fixam a busca por atividades autossensoriais. Na sequência do capítulo, o conceito de agenciamento foi posto à luz da transferência como a tentativa de afetar o outro na direção de cada um impor no encontro suas demandas. Tal tensionamento, presente em todo contato de duas perspectivas, encaminha o debate das análises para considerar o que é produzido nesse encontro. Para isso, a última categoria é o contorno da transversalidade, retirado de Viveiros de Castro como um modo de produzir o novo nas relações. Nesse sentido, o encontro transversal é sustentado na hipótese de que é necessário preservar a diferença entre os pontos de vista e, concomitantemente, permitir movimentos de agenciamento.

O enquadre entre maneirismos, agenciamentos e transversalidade foi uma tentativa de formalizar os trechos das narrativas em alguns traços de constructos teóricos - retirados, a princípio do perspectivismo ameríndio, mas que manteve uma proposta de aprofundamento metapsicológico pela obra de Aulagnier. Entretanto, ao longo da escrita, os recortes destacados em uma primeira releitura foram entrelaçando-se e formando, en-

tre as três categorias, um nó. Isto é, trechos que, no princípio, separei para um debate emaranharam-se nas outras discussões encaminhando a sequência da discussão à aproximações entre as diferentes categorias.

Essa situação ilustra a potência do texto, na medida em que, representa que esse não é uma simples transcrição de um pensamento, mas a própria construção de algo. A escrita enquanto ato é a colocação em cena, ao mesmo tempo, de pontos de afirmativa que fecham em uma materialização e da abertura para a multiplicidade; para a continuidade do enredamento de palavras e sentidos. Tal formulação dialoga com a hipótese dessa dissertação: que a clínica ocorre no intervalo entre a sustentação de uma posição e a abertura para o novo, o que pode ser transposto para o corpo como a disponibilidade para os afetos produzidos no encontro. O modo como pude dar forma a esse intervalo no texto, deu-se no movimento de trançar, o que por vezes sobrepôs cada aspecto aqui trabalhado: a psicanálise, o perspectivismo ameríndio e a clínica. Entretanto, essa sobreposição objetivou não produzir apagamentos. Foi uma tentativa de não igualar por correspondência, mas articular um diálogo capaz de apontar à multiplicidade do devir. Esse trançado ritmou o escrito em um vai e vem argumentativo e produtor de questionamentos, na pretensão de ter construído nesse enodamento alguns contornos à pergunta inicial.

Apesar da necessidade de amarrar um nó para que a trança não se desfaça, esse texto também se encerra advertido de seu fracasso em dar conta da complexidade do tema, tanto de pensar o que ocorre com o corpo do analista, e ainda mais da análise dos casos clínicos aqui narrados, afinal, “também sei que qualquer canto é menor do que a vida de qualquer pessoa”. A leitura desses foi um recorte temporal e, principalmente da minha transferência com esses sujeitos e da minha elaboração pelas narrativas construídas. Entretanto, o texto pretendeu ser um testemunho da possibilidade da construção de alianças entre elementos heterogêneos: entre o perspectivismo e a psicanálise; entre eu, enquanto analista, e as crianças das narrativas, enquanto analisandos; entre meu corpo e outros afetos.

Referências

- Aulagnier, P. ([1967]1990a). *Um intérprete em busca de sentido I*, chapter Sociedade de Psicanálise e Psicanálise de Sociedade. Escuta, São Paulo. Originalmente publicado em 1967.
- Aulagnier, P. (1975/2001). *La Violencia de la Interpretacion*. Biblioteca de Psicología y Psicoanalysis. Amorrortu Editores. Originalmente publicado em 1975.
- Aulagnier, P. ([1977-1978]2016). *Los destinos del placer*. Paidós, Buenos Aires. Originalmente publicado em 1977-1978.
- Aulagnier, P. ([1981]1990b). *Um intérprete em busca de sentido II*, chapter Da linguagem pictural à linguagem do intérprete. Escuta, São Paulo. Originalmente publicado em 1981.
- Aulagnier, P. (1986-1991b). Nacimiento de un cuerpo, origen de una historia. In Hornstein, L., editor, *Cuerpo, Historia, Interpretación. Piera Aulagnier: de lo originario al proyecto identificador*. Paidós, Buenos Aires. Originalmente publicado em 1986.
- Aulagnier, P. (1991a). El trabajo de la interpretación. la función del placer en el trabajo analítico. In Hornstein, L., editor, *Cuerpo, Historia, Interpretación. Piera Aulagnier: de lo originario al proyecto identificador*, pages 266–290. Paidós, Buenos Aires. Originalmente publicado em 1976.
- Aulagnier, P. e Hornstein, L. (1991). Dialogo con piera aulagnier. In Hornstein, L., editor, *Cuerpo, Historia, Interpretación. Piera Aulagnier: de lo originario al proyecto identificador*. Paidós, Buenos Aires. Originalmente publicado em 1986.
- Beividas, W. (1999). Pesquisa e transferência em psicanálise: Lugar sem excessos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 12(3):789–796.
- Brasil (2012). Portaria nº 793, de 24 de abril de 2012. dispõe sobre a estrutura em relação ao regime do ministério da saúde. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*.
- Caon, J. L. (1997). Serendipidade e situação psicanalítica de pesquisa no contexto da apresentação psicanalítica de pacientes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 10(1):105–123.

- Comerlato, L. P. (2018). O resto é silêncio?: sobre as possibilidades do trabalho clínico com o desenho (trabalho de conclusão de curso).
- Dunker, C. I. L. (2015). *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. Boitempo Editorial, São Paulo.
- Freud, S. (1895/2016). Estudos sobre a histeria. In Freud, S., editor, *Sigmund Freud Obras Completas - Volume 2. "Estudos sobre a Histeria" [1895]*. Companhia das Letras, São Paulo. Originalmente publicado em 1895.
- Freud, S. ([1901]1996b). A interpretação dos sonhos ii (1901). In Freud, S., editor, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume V, A Interpretação dos Sonhos (II) e Sobre os Sonhos*. Imago, Rio de Janeiro. Originalmente publicado em 1901.
- Freud, S. ([1910]1996a). As perspectivas futuras da terapêutica psicanalítica. In Freud, S., editor, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Volume VI, Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos (1910)*. Imago, Rio de Janeiro. Originalmente publicado em 1910.
- Freud, S. ([1910]2021f). Sobre psicanálise "selvagem" (1910). In Freud, S., editor, *Fundamentos da clínica psicanalítica. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileiro*. Autêntica, Belo Horizonte. Originalmente publicado em 1910.
- Freud, S. ([1912]2021d). Recomendações ao médico para o tratamento psicanalítico (1912). In Freud, S., editor, *Fundamentos da clínica psicanalítica. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileiro*. Autêntica, Belo Horizonte. Originalmente publicado em 1912.
- Freud, S. ([1913]2021e). Sobre o início do tratamento (1913). In Freud, S., editor, *Fundamentos da clínica psicanalítica. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileiro*. Autêntica, Belo Horizonte. Originalmente publicado em 1913.
- Freud, S. (1915/2010). O inconsciente. In Freud, S., editor, *Obras Completas – Volume 12. Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos*. Companhia das Letras, São Paulo. Originalmente publicado em 1915.

- Freud, S. (1926/2021c). A questão da análise leiga. conversas com uma pessoa imparcial (1926). In Freud, S., editor, *Fundamentos da clínica psicanalítica. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileir*. Autêntica, Belo Horizonte. Originalmente publicado em 1926.
- Freud, S. ([1937]2021a). A análise finita e a infinita (1937). In Freud, S., editor, *Fundamentos da clínica psicanalítica. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Autêntica, Belo Horizonte. Originalmente publicado em 1937.
- Freud, S. ([1937]2021b). Construções na análise (1937). In Freud, S., editor, *Fundamentos da clínica psicanalítica. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Autêntica, Belo Horizonte. Originalmente publicado em 1937.
- Freud, S. ([2019]). *As pulsões e seus destinos*. Autêntica, Belo Horizonte. Originalmente publicado em 1915.
- Iannini, G. (2019). Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência e mito. In Freud, S., editor, *As pulsões e seus destinos*. Autêntica, Belo Horizonte.
- Iribarry, I. (2003). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora*, 6(1):105–123.
- Lacan, J. ([1949]1998b). O estádio do espelho como formador da função do eu. In Lacan, J., editor, *Escritos*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. Originalmente publicado em 1949.
- Lacan, J. ([1958]1998a). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In Lacan, J., editor, *Escritos*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. Originalmente publicado em 1958.
- Lacan, J. (1964]2008). *O seminário. livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, RJ. Originalmente proferido em 1964.
- Lacan, J. ([1967]2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In Lacan, J., editor, *Outros Escritos*. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro. Originalmente publicado em 1967.
- Mannoni, M. (1985). *De un imposible al otro*. Paidós.
- Preciado, P. B. (2020). *Yo soy el monstruo que os habla: informe a una academia de psicoanalistas*. Anagrama, Editorial S.A, Barcelona, Spain.

- Rodulfo, M. (1992). *El Nino del dibujo*. Ediciones Paidos Iberica.
- Rodulfo, M. (2001). Os modos de representação característicos da patologia autista: um estudo psicanalítico. *Psicanálise e Universidade*, 15(15):69–98.
- Rosa, M. D. e Domingues, E. (2010). O método na pesquisa psicanalítica de fenômenos sociais e políticos: a utilização da entrevista e da observação. *Psicologia & Sociedade*, 22(1):180–188.
- Tustin, F. (1975). *Autismo e Psicose Infantil*. Imago, Rio de Janeiro.
- Van Haute, P. e Geyskens, T. (2017). *Psicanálise sem Édipo? uma antropologia clínica da histeria em Freud e Lacan*. Autêntica Editora, Belo Horizonte.
- Violante, M. L. V. (2001a). Contribuições de piera aulagnier à análise infantil. *Psicanálise e Universidade*, 15(15):43–52.
- Violante, M. L. V. (2001b). *Piera Aulagnier: Uma Contribuição Contemporânea à Obra De Freud*. Via Lettera Editora e Livrar.
- Violante, M. L. V. (2010). A indissociabilidade entre as dimensões psíquica e social na constituição psíquica do sujeito. *Psicologia Revista*, 19(15):59 / 3–77.
- Viveiros de Castro, E. (2018). *Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. Ubu Editora, São Paulo.
- Viveiros de Castro, E. (2021). *A Inconstancia Da Alma Selvagem*. Ubu Editora, São Paulo.
- Winnicott, D. ([1951]1982). *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*, chapter Objetos transicionais e fenômenos transicionais (1951). F. Alves, Rio de Janeiro. Originalmente publicado em 1951.